



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**POTENCIALIDADES FORMATIVAS DO SARAU EM UMA ESCOLA DA REDE
PÚBLICA ESTADUAL**

DANUBIA FERNANDA ZEVOLI PERES-TOMPES

**Rio Claro – SP
2025**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**POTENCIALIDADES FORMATIVAS DO SARAU EM UMA ESCOLA DA REDE
PÚBLICA ESTADUAL**

DANUBIA FERNANDA ZEVOLI PERES-TOMPES

Tese apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação.
Orientadora: Dra. Laura Noemi Chaluh.

**Rio Claro – SP
2025**

P437p

Peres-Tompes, Danubia Fernanda Zevoli

Potencialidades formativas do sarau em uma escola da rede pública estadual / Danubia Fernanda Zevoli Peres-Tompes. -- Rio Claro, 2025
185 p. : il., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Laura Noemi Chaluh

1. Educação humanizadora. 2. Sarau na escola. 3. Aula de língua portuguesa. 4. Dialogicidade. 5. Pesquisa narrativa. I. Título.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: POTENCIALIDADES FORMATIVAS DO SARAU EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL

AUTORA: DANUBIA FERNANDA ZEVOLI PERES TOMPES

ORIENTADORA: LAURA NOEMI CHALUH

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em Educação, pela Comissão Examinadora:

Documento assinado digitalmente
LAURA NOEMI CHALUH
Data: 29/11/2024 18:34:24 -0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. LAURA NOEMI CHALUH (Participação Virtual)
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Profa. Dra. ADRIANA JULIANO MENDES DE CAMPOS (Participação Virtual)
Departamento de Letras - Núcleo de Estudos Acadêmicos / UNIJALES - Centro Universitário de Jales

Profa. Dra. LUCIANA HARTMANN (Participação Virtual)
Departamento de Artes Cênicas / Universidade de Brasília - DF

Documento assinado digitalmente
LUCIANA HARTMANN
Data: 03/12/2024 16:56:08 -0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. MARISOL BARENCO CORRÊA DE MELLO (Participação Virtual)
Departamento de Fundamentos Pedagógicos / Universidade Federal Fluminense

Documento assinado digitalmente
MARISOL BARENCO CORRÊA DE MELLO
Data: 03/12/2024 21:15:05 -0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. MARIA CARLA CORROCHANO (Participação Virtual)
Centro de Ciências Humanas e Biológicas / UFSCar - Universidade Federal de São Carlos - SP

Documento assinado digitalmente
MARIA CARLA CORROCHANO
Data: 05/12/2024 08:37:55 -0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Rio Claro, 29 de novembro de 2024

Documento assinado digitalmente
ADRIANA JULIANO MENDES DE CAMPOS
Data: 03/12/2024 14:37:16 -0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Agradecimentos

Enfim, o final dessa tese!! Foi uma longa caminhada, com vários percalços, alguns momentos de sombra fresca, outros de correria. Agora é o momento de agradecer aqueles que estiveram comigo ao longo desse caminho.

Agradeço a Deus, pela vida, pelos amigos que me permitiu conhecer, pelas mudanças que tanto me ensinaram nesses últimos tempos.

Agradeço ao Fábio, meu esposo! Nas tantas vezes que eu te disse “hoje preciso estudar” tive certeza do seu companheirismo no nosso casamento. Tem sido lindo compartilhar a vida com você, sabendo que, além de te amar, também te gosto!

Agradeço aos meus pais – Ilza e Ismael! Por me permitirem a vida, por me proporcionarem o estudo, por apoiarem as minhas decisões e pelo colo sempre disponível.

Agradeço ao meu irmão Danilo, minha cunhada Luciana e minha sobrinha Mariana. Ser tia me fez enxergar um pouco mais do meu inacabamento humano.

Às amigas Amanda, Janaína, Paula e Francieli, pela longa amizade carregada de compreensão pelas mudanças pelas quais temos passado.

Agradeço ao Rafa, Alessandro, Luciane, Dona Cida, Seu Joaquim, Luiz Miguel, André e Andreia. Vocês permanecem tão próximos, mesmo com a minha distância de Rio Claro, que me fazem entender mais sobre amizade.

Agradeço à Claudineia e sua família, pelo acolhimento, pelas orientações, pela partilha das palavras de Deus!

Agradeço à Profa. Dra. Laura Chaluh, minha querida orientadora, pela paciência e compreensão das minhas mudanças desde o ingresso no doutorado e pela liberdade de ser uma autora-criadora nas minhas pesquisas.

Agradeço à Profa. Dra. Adriana Juliano Mendes Campos e à Profa. Dra. Luciana Hartmann, pelas contribuições na banca de qualificação e por acompanharem o desenvolvimento dessa pesquisa até a defesa.

Agradeço à Profa. Dra. Marisol Barenco e Profa. Dra. Maria Carla Corrochano, pela assertividade das colocações durante a defesa, centralizando alguns conceitos que aqui estão.

Agradeço, mais uma vez, à Escola Estadual Prof. Odilon Corrêa, principalmente aos alunos e professores e equipe gestora que estiveram comigo ao longo dos sete saraus. A professora iniciante que aí chegou tem se tornado uma professora das experiências quase-antigas por tudo que me ensinaram ao longo de dez anos!

Resumo

O presente estudo desenvolveu-se a partir da temática da formação humana, tendo como questão principal quais são as potencialidades formativas do sarau na escola. A perspectiva metodológica utilizada para responder a tal questão foi a pesquisa narrativa, já que, ao narrar sua experiência, a professora-pesquisadora intui que há lições a serem compreendidas. O objetivo geral da pesquisa narrativa aqui apresentada baseou-se em identificar e compreender quais as potencialidades formativas do Projeto Sarau desenvolvido numa escola pública da rede estadual de educação, localizada na cidade de Rio Claro/SP. Durante os sete anos em que o Projeto Sarau aconteceu na referida escola, a professora de língua portuguesa recebeu dos alunos cartas avaliativas ao final das atividades e as respondia por meio de uma carta coletiva para a turma. Feito o recorte dessas cartas, a professora-pesquisadora elaborou colchas de retalhos de cartas, as quais tornaram-se os dados da presente pesquisa, além das cartas-respostas enviadas aos alunos. A partir delas, do levantamento bibliográfico para reconhecer outras pesquisas que tratam da realização de saraus nas instituições de ensino e do cotejamento de textos de referencial teórico, identificou-se como potencialidades formativas do sarau na escola o trabalho com poesia e a escrita de poesias autorais, o desenvolvimento de atividades pedagógicas nos espaços fora da sala de aula, a presença de convidados da comunidade escolar, as relações de parceria entre os professores para que o Projeto Sarau acontecesse e a constituição docente da professora de língua portuguesa. Ao analisar as potencialidades acima descritas, compreendeu-se que a principal potencialidade formativa do sarau na escola é a educação humanizadora, porque o Projeto é um movimento instituinte que rompe com a educação bancária por meio dos saberes da juventude, já que os sujeitos são atores da construção e reconstrução do conhecimento. Ademais, a educação humanizadora é a principal potencialidade do Projeto Sarau que desenvolvemos porque, sendo sujeitos enquanto “estávamos sendo”, foi possível perceber o inacabamento e a responsabilidade responsiva diante do que acontecia ao longo do projeto.

Palavras-chave: Educação humanizadora. Sarau na escola. Aula de língua portuguesa. Dialogicidade. Pesquisa narrativa.

Abstract

This study was developed based on the theme of human development, with the guiding question being what are the formative potentials of the poetry reading in schools. The methodological perspective used to answer this question was narrative research, since, when narrating her experience, the teacher-researcher intuitively felt that there are lessons to be learned. The general objective of the narrative research presented here was to identify and understand the formative potentials of the Poetry Reading Project developed in a public school of the state education network, located in the city of Rio Claro/SP. During the seven years in which the Poetry Reading Project took place in the aforementioned school, the Portuguese language teacher received evaluation letters from the students at the end of the activities and responded to them through a collective letter to the class. After cutting out these letters, the teacher-researcher created patchworks of letters, which became the data for this research, in addition to the response letters sent to the students. Based on these findings, the bibliographical survey to identify other research studies that deal with the holding of poetry readings in educational institutions and the comparison of theoretical reference texts, the following were identified as formative potentialities of poetry readings in schools: the work with poetry and the writing of original poems, the development of pedagogical activities in spaces outside the classroom, the presence of guests from the school community, the partnerships between teachers so that the Poetry Reading Project could take place, and the teaching constitution of the Portuguese language teacher. When analyzing the potentialities described above, it was understood that the main formative potentiality of poetry readings in schools is humanizing education, because the Project is an institutional movement that breaks with banking education through the protagonism of youth, since the subjects are actors in the construction and reconstruction of knowledge. Furthermore, humanizing education is the main potentiality of the Poetry Reading Project developed because, being subjects while “we were being,” it was possible to perceive the incompleteness and the responsive responsibility in the face of what happened to us throughout the project.

Keywords: Humanizing education. School gathering. Portuguese language class. Dialogicity. Narrative research.

Lista de figuras

Figura 1 - Print do arquivo do Word com a digitação da 1ª colcha de retalhos de cartas	53
Figura 2 – Print do quadro com os pseudônimos de cada parágrafo da Colcha Sarau da 3ª1, de 2016	54
Figura 3 - Retalhos organizados nos assuntos principais e uma colcha alinhavada	56
Figura 4 - Esquema organizativo sobre “o que é sarau” nos artigos	119
Figura 5 - Esquema organizativo sobre “o que é sarau” nas teses e dissertações	124
Figura 6 - Nuvem de palavras com o resumo do que é sarau no levantamento bibliográfico	128

Lista de Quadros

Quadro 1 - Remetentes dos retalhos de cartas que compõem a Colcha “Sarau”	71
Quadro 2 - Remetentes dos retalhos de cartas que compõem a Colcha “Professora”	72
Quadro 3 - Remetentes dos retalhos de cartas que compõem a Colcha “Último ano”	73
Quadro 4 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9º1/2017	76
Quadro 5 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9º2/2017	78
Quadro 6 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9º3/2017	80
Quadro 7 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9º1/2018	83
Quadro 8 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9º2/2018	84
Quadro 9 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9º3/2018	85
Quadro 10 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9º4/2018	86
Quadro 11 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9ºA/2019	88
Quadro 12 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9ºB/2019	89
Quadro 13 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9ºC/2019	91
Quadro 14 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9ºD/2019	92
Quadro 15 - Levantamento de teses e dissertações sobre “sarau”	97
Quadro 16 - Levantamento de artigos sobre “sarau” publicados em periódicos	100
Quadro 17 - Teses e dissertações que tratam de “saraus realizados em instituições de ensino”	103
Quadro 18 - Artigos de periódicos que tratam de “saraus realizados em instituições de ensino”	103

Sumário

Aos leitores, um pouco do que está por ler	11
1. Um encontro na despedida.....	15
1.1 Primeiro e inesquecível.....	17
1.2 E de lá para cá?	24
1.3 Prática de escrita e apresentação de poesia autoral no Sarau Odilon Corrêa	27
1.4 Quem é “de fora” também é da escola	30
1.5 “Que foi também o último?”	32
2 Tecendo a três as colchas de retalhos de cartas.....	44
3 Uma boa conversa sobre os aspectos metodológicos da pesquisa narrativa.....	59
4 Colchas de retalhos de cartas e as cartas-resposta da professora Danubia.....	69
4.1 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas da 3ªA (2016)	70
4.2 Colcha “Professora”, com retalhos de cartas da 3ª série (2016)	71
4.3 Colcha “Último ano”, com retalhos de cartas da 3ª série (2016)	72
4.4 Carta-resposta da professora Danubia aos alunos da 3ª série A sobre o IV Sarau Odilon Corrêa (2016).....	74
4.5 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano 1 (2017).....	74
4.6 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano 2 (2017).....	76
4.7 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano 3 (2017).....	79
4.8 Carta-resposta da professora Danubia aos alunos dos 9º1, 9º2 e 9º3 sobre o V Sarau Odilon Corrêa (2017)	81
4.9 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano 1 (2018).....	81
4.10 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano 2 (2018).....	83
4.11 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano 3 (2018).....	84
4.12 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano 4 (2018).....	85
4.13 Carta-resposta da professora Danubia aos alunos dos 9º1, 9º2, 9º3 e 9º4 sobre o VI Sarau Odilon Corrêa (2018).....	87
4.14 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano A (2019).....	87
4.15 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano B (2019)	89
4.16 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano C (2019).....	90
4.17 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano D (2019).....	91
4.18 Carta-resposta da professora Danubia aos alunos dos 9ºA, 9ºB, 9ºC e 9ºD sobre o VII Sarau Odilon Corrêa (2019).....	93
5. Sobre sarau na escola: quem mais fala? O que pesquisa? O que conclui?	95
5.1 Sarau por sarau realizados em instituições de ensino	104
5.2 Para que se realiza um sarau? O que se pesquisa a partir de um sarau?.....	110
5.3 Nos artigos, nas teses e dissertações... O que é sarau?	118
5.4 O Sarau Odilon Corrêa para a professora-pesquisadora Danubia.....	128
6 Potencialidades formativas do sarau na escola	132
6.1 Poesia em sala de aula: atividades e o desafio da escrita autoral	133

6.2 “Lá fora”: a mesma escola, outros tempos/espços durante o Sarau	140
6.3 Eu, Rafa e outros professores: as diferentes relaões de parceria entre professores no Sarau Odilon Corrêa	144
6.4 A presença de convidados no Sarau Odilon Corrêa: situação de encontro da comunidade na escola	148
6.5 A “sora” Danubia: a constituição de si ao “estar sendo” no mundo humano da escola	153
7 Educação humanizadora: a potencialidade formativa do Projeto Sarau na escola	159
7.1 Por que educação humanizadora?.....	165
8. A última carta.....	169
8.1 O plano da autora-criadora	173
Referências.....	175
Anexos	179

Aos leitores, um pouco do que está por ler

Palmeira D'Oeste/SP, 15 de outubro de 2024.

Querido leitor,

Na maioria das situações em que me exigem a escrita de um texto estritamente objetivo, sinto uma imensa dificuldade de deixar o que, no GREEFA (Grupo de Estudos Escola Formação e Alteridade), grupo do qual me sinto integrante ainda por partilhar de boa parte das discussões e referenciais teóricos, temos chamado de “literaturização da ciência”. Ou seja, a preferência por uma escrita carregada de escolhas éticas e estéticas, de combinação de palavras, de criação, enfim. Por isso, nessa introdução não consegui ater-me à escrita objetiva e escolhi a carta para te apresentar esse estudo.

“Potencialidades formativas do sarau em uma escola pública da rede estadual” é o resultado de um longo processo de pesquisa. Mais do que só pesquisa, é resultado de um longo processo docente. Explico melhor para você!!

Cheguei à escola Odilon Corrêa, em Rio Claro/SP, no início de 2011, para assumir o cargo de professora de língua portuguesa. Vinha de uma cidade pequena, sem conhecer ninguém em Rio Claro, senti logo de cara as diferenças entre a realidade que tinha até então e a da atual escola.

Era uma escola pequena, dez turmas por período, mas com 30 alunos por sala em média. Naquele ano, atendia prioritariamente o Ensino Fundamental – Anos Finais durante o dia, e à noite, alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Isso foi se modificando ao longo dos anos, conforme você poderá deduzir durante a leitura desse estudo, mas a realidade de aprendizagem dos alunos, de relacionamento entre eles e a entre eles e a escola, de pertencimento a um contexto sociocultural periférico não se modificaram tanto.

Sabe, leitor, foi um ano difícil! Chorei muito, mas voltei das férias do ano seguinte disposta a “viver”, a compreender e fazer um pouco para mudar o que tinha até então. Encontrei colegas de trabalho que também tinham o objetivo de “olhar para o que encantava” e por isso nos fortalecemos como grupo docente.

Assim, em 2013, tendo todas as minhas aulas de língua portuguesa nas 8ª séries (era tempo de transição para o Ensino Fundamental de 9 anos!), fizemos o I Sarau Odilon Corrêa. Após uma reunião na Diretoria de Ensino de Limeira sobre práticas pedagógicas positivas, comentei com os alunos que algumas escolas apresentaram os

resultados dos saraus que realizaram. Então, vejam só, guardem bem essa informação: uma aluna sugeriu que fizéssemos na nossa escola também. E assim fizemos!

Foi uma manhã intensa para todos, sabe! Todos os alunos na quadra, assistindo apresentações de música, de dança, de teatro e, principalmente, de poesia. Esse era meu foco – conteúdos e habilidades relacionadas à poesia, a letras de música, a sentido figurado e às figuras de linguagem. Ao mesmo tempo, após as apresentações, senti que precisava de uma escrita em que os alunos pudessem materializar o que tinham sentido ao vivenciar aquele momento do I Sarau.

Foi então que propus a escrita de uma carta pessoal endereçada a mim, em que eles pudessem se colocar acerca do Sarau. Aí, querido leitor, os alunos começaram a perguntar se eu responderia, afinal, aprenderam que carta tem que ter resposta. Então fiz uma carta coletiva para todas as turmas daquele ano, escrita à mão, xerocada e com direito a envelope nominal.

Daquele 2013 até 2019, o Projeto Sarau tornou-se parte do Projeto Político Pedagógico da escola. Ainda tem mais detalhes, mudanças, confusões, sobre os sete saraus, porém, vou deixar que você os conheça no Capítulo 1 – **Um encontro na despedida.**

Nesse capítulo, você também conhecerá Bia e Núbia, duas professoras-pesquisadoras que conheci em 2021 no dia em que me despedi da escola Odilon Corrêa. Elas estiveram comigo ao longo de todo esse estudo. Hoje compreendo – e o leitor entenderá também – como elas sabiam com antecedência quais questões me acercavam sobre o sarau!! Por que o sarau se tornou tão importante para a escola? De que forma contribuía para a formação dos alunos? Para a dos outros professores? Para a minha formação docente??

Eu transpus essas indagações para o projeto que apresentei no ingresso do Doutorado. Lembra-se que eu contei que ao final de cada sarau, os alunos me escreviam uma carta pessoal e que eu as respondia? Pois bem, dessas cartas saíram os dados da pesquisa sobre a qual estou te escrevendo. Foi assim!

Reencontrei Bia e Núbia na cidade para a qual me mudei e estou morando atualmente. Quando lhes mostrei a quantidade de cartas do sarau que havia guardado ao longo dos anos, elas encantaram-se e eu me desesperei. Eram mais de 800!!! Por isso, juntas, fizemos os recortes necessários e costuramos as colchas de retalhos de cartas. Todo esse longo processo carregado de escolhas, está narrado no Capítulo 2 – **Tecendo a três as colchas de retalhos de cartas.**

Porém, amigo leitor, acreditando que você também seja um pesquisador, isso não aconteceu sem nenhum referencial teórico. No Capítulo 3 – **Uma boa conversa sobre os aspectos metodológicos da pesquisa narrativa**, Bia, Núbia e eu apresentamos uma longa conversa que tivemos sobre pesquisa narrativa, trazendo Bakhtin (2003), Geraldi (2012), Geraldi, Lima e Geraldi (2015), Benjamin (1994) e Ginzburg (1989). Espero que você apreenda que uma pesquisa que parte da narrativa da experiência é uma criação que traz lições.

É só no Capítulo 4 – **Colchas de retalhos de cartas** que Bia, Núbia e eu apresentamos as 14 colchas de retalhos de cartas que costuramos a partir das cartas dos alunos sobre o Projeto Sarau. Nele também estão as 4 cartas-respostas que escrevi aos alunos da 3ª série 1, de 2016, e aos 9º anos de 2017, 2018 e 2019. Antes de nos adentrarmos no objetivo principal desse estudo – identificar e compreender as potencialidades formativas do Projeto Sarau na escola Odilon Corrêa, Bia e Núbia perceberam a minha preocupação em realizar um levantamento bibliográfico sobre sarau na escola.

Por isso que no Capítulo 5, **Sobre sarau na escola: quem mais fala? O que pesquisa? O que conclui?** nos debruçamos sobre teses, dissertações e artigos de periódico que tratam de saraus realizados em instituições de ensino, isso porque – pasme com a boa notícia, leitor!!! – encontramos textos que divulgam a compreensão sobre saraus realizados até nas instituições de Ensino Superior. Bom saber que não estava sozinha!!!

Foi então que chegamos nos objetivos que falamos a pouco. No capítulo 6 – **Potencialidades formativas do sarau na escola**, Bia, Núbia e eu identificamos e discutimos o trabalho e a escrita de poesias autorais, o desenvolvimento de atividades pedagógicas nos espaços fora da sala de aula, a presença de convidados da comunidade escolar, as relações de parceria entre os professores para que o Projeto Sarau acontecesse e a minha constituição docente como professora de língua portuguesa.

Já no Capítulo 7 – **Educação humanizadora: “A” potencialidade formativa...** Bem, querido leitor, você entenderá por que defendemos que o Projeto Sarau na escola Odilon Corrêa tem como principal potencialidade formativa a educação humanizadora, já que também apresentamos as características dessa educação humanizadora.

Para finalizar, querido leitor, você encontrará outra carta: **“A última carta”**. Uma carta para a escola Odilon Corrêa, que, sim, eu poderia ter escrito lá em 2021, mas escrevendo-a ao final dessa pesquisa, compreendo que só agora tive condições de

compreender a dimensão das potencialidades formativas dos saraus que realizamos juntos por tantos anos!!

Deixo evidente a saudade que algumas vezes me acerca, mas, ao mesmo tempo, a expectativa que me leva a continuar acreditando na educação pública.

É por aqui que fico contigo também! Espero que a sua leitura atenta desse estudo não lhe seja agradável, pois não tenho pretensões de confortar corações docentes com a ilusão de um Projeto Sarau perfeito. A intenção é que essa pesquisa narrativa sobre as potencialidades formativas de um Projeto Sarau numa escola pública da rede estadual cause indagações, anseios, novos inícios – parafraseando Arendt (2007), onde quer que você “esteja sendo” professor-pesquisador.

Nos vemos nas próximas páginas!!

Até mais!!

Dan

1. Um encontro na despedida

Acordei muito cedo naquele 23 de dezembro de 2021. Antevéspera de Natal, último dia letivo do ano. Um ano de lentas despedidas...

Depois de ter ficado tanto tempo junto aos meus pais, na minha terra natal, devido à pandemia da Covid-19 em 2020, eu voltara para Rio Claro tendo a certeza de que precisava, na verdade, retornar para os meus. Apesar dos dois cargos – um na rede estadual, outro na municipal, apesar de estar na coordenação pedagógica da escola que se tornou “minha” ao longo daqueles dez anos, apesar da recente matrícula no Doutorado, apesar dos muitos amigos, eu tinha a certeza de que minhas raízes, que nunca deixaram meu coração, me chamavam inteira de volta.

Naquele período de pandemia, reencontrei um “enrosco” antigo, Fábio, dono dos olhos azuis mais lindos que eu conheço. Ele era aquela história inacabada de anos atrás, mas, que, ao me ouvir tão assertiva quanto ao meu retorno, também tomou uma decisão: *“Vamos tocar nossa história pra frente!”*, me disse quando começamos a namorar.

Pensava – e ainda penso – que foi só tomarmos decisões tão diretas que a própria vida se encaminhou de nos mostrar outras, porque, ainda em novembro de 2021, eu já tinha certeza da transferência do meu cargo para uma escola do Programa de Ensino Integral, em Palmeira D’Oeste/SP, onde eu e Fábio nos casaríamos, moraríamos e estaríamos há menos de dez quilômetros da casa de nossos pais.

Por mais que eu tivesse passado o ano me despedindo, aquele último dia letivo guardava um significado muito importante. Eu realmente fechava um ciclo de muito aprendizado, muito choro e, principalmente, muito trabalho com pessoas muito importantes.

Aproveitei que colocara as malas no carro na noite anterior e fui caminhando os dois pertíssimos quarteirões que separavam a minha casa em Rio Claro da minha escola. Ia devagar, tentando guardar mais um detalhe ou outro que, talvez, não tivesse percebido ao longo daqueles dez anos ali. Foi quando me aproximei da esquina da escola, com seu muro azul escuro, contrastando com as árvores que floriam o estacionamento que senti uma brisa leve movimentando-se em volta de mim.

Olhei ao redor, não vi nada de diferente e caminhei até o portão da escola. No jardim da entrada, ouvi vozes conversando. Aprumei os ouvidos para reconhecê-las, mas não consegui. Ao invés de entrar até a sala da coordenação, resolvi aproveitar que o

corredor das salas de aula, o pátio e a quadra estariam vazios para estar só com as minhas lembranças.

Sentei-me nas mesinhas de cimento, sombreadas pelas sete-copas, de forma que pudesse ver também a quadra. Céus! Quantas lembranças eu teria de uma escola tão pequena!! Ensimesmada com o tanto que eu mudara naqueles dez anos, demorei para perceber que aquelas vozes se aproximavam.

Pararam ao meu lado... Senti que fitaram o mesmo ponto distante da quadra que eu. Havia uma energia entre elas e eu que me levou a pensar de onde eu poderia conhecê-las. Dali mesmo, do Odilon, só podia ser, concluí.

Depois de um curto tempo sentindo a presença delas ao meu lado, me atrevi a realmente vê-las. Eram duas mulheres. Uma já demonstrava o passar dos anos nos cabelos cacheados, tingidos de um castanho dourado, cortados até a altura do pescoço, e nos arredores dos olhos, com rugas que apareciam principalmente quando ela sorria, tomando o lugar de onde, provavelmente, ela tivera delicadas covinhas.

A outra ainda tinha o viço da juventude. Os cabelos castanhos claros e compridos até o meio das costas estavam soltos, o batom discreto nos lábios favorecia o sorriso que parecia chegar fácil aos olhos dela e aos ouvidos de quem a acompanhava. Foi ela quem primeiro se dirigiu a mim.

“Eu gosto muito de escolas com jardim onde os alunos podem fazer lição fora da sala de aula!! E esse aqui é particularmente um dos mais bonitos que conheci!”

“É sim! Dependendo do horário, é uma disputa para saber qual a turma que chega primeiro aqui!”

“Você parece conhecer bem a escola...”

“É... Passei dez anos aqui! Muito do que sou hoje como professora aprendi aqui...”

“Entendo... Muitas lembranças, né!”

“Bia, onde você está querendo chegar?”

“Núbia, eu só quero ouvir algumas histórias daqui, ué!”

Bia e Núbia. Eram esses os nomes daquelas duas estranhas conhecidas então! Sorri para a curiosidade de Bia e para a ponderação de Núbia. Naquele dia de despedidas, histórias do Odilon Corrêa era o que eu mais tinha.

“Sabe, eu chorei muito quando mudei para cá! Senti demais a diferença entre a outra escola onde trabalhava e aqui, além da distância da casa dos meus pais. Mas hoje, hoje eu tenho minha carreira docente grata ao que pude fazer aqui...”

“Por que mudou tanto?”

“Acho que porque a gestão, os alunos, os outros professores me permitiram fazer algumas coisas, além de só dar aula!”

“Fazer o que, por exemplo?”

Percebi que com Bia não adiantava falas evasivas. Ela queria mesmo a história, a narrativa que me carregaria para além daquele último dia letivo.

“Fazer ‘Hoje é dia de...’, para trabalhar com música e poesia na sala de aula. Fazer atividades aqui fora, como você mesma disse; fazer sarau...”

“Nossa! Há quanto tempo não ouvia sobre sarau na escola!!”

“O que é sarau, Núbia?”

“Sarau, Bia, é uma apresentação de dança, música e poesia, que acontece nas escolas de algum tempo para cá! Você fazia sarau aqui, Dan?”

Dan? Era comum ser chamada de Dan ali na escola, mas por aqueles que eram, além de colega de trabalho, também meus amigos. O Rafa me chamava assim, o Alessandro, a Cristiane, a Adriana... Enfim, acho que a maioria me chama assim! Pensei em questionar de onde elas me conheciam, mas havia uma expectativa nos olhares delas sobre o sarau que me fizeram retomar o fio da meada.

“Sim! Sete no total! De 2013 a 2019... Cada um com um tema diferente, com tantas apresentações que, em alguns, chegamos a extrapolar o tempo de uma manhã de aula...”

Suspirei fundo e senti que os olhos se enchiam de lágrimas...

“O de 2013 foi...”

1.1 Primeiro e inesquecível

Eu era professora de Língua Portuguesa da escola Odilon Corrêa desde 2011. Passados os desafios dos primeiros anos, um caminho de trabalho pedagógico estava sendo construído. Em 2013, me atribuíram cinco turmas de 8ª série do Ensino Fundamental.

O conteúdo de Língua Portuguesa, de acordo com o Currículo do Estado de São Paulo (Vieira, 2011), começava com alguns textos expositivos para, depois, tratar de gêneros argumentativos, especialmente artigo de opinião. Minha preocupação era

conciliar a recuperação das habilidades defasadas das séries anteriores e aquelas próprias da série¹ final do ciclo.

Em meados do mês de agosto daquele ano, precisei faltar às aulas porque fora convocada para uma reunião na Diretoria de Ensino de Limeira, juntamente com a coordenadora Adriana, para tratar de práticas pedagógicas positivas na Educação.

Era costume meu justificar aos alunos o motivo da minha ausência e, quando estava fazendo isso na 8ª série 3, relatei que, na reunião, alguns professores comentaram que faziam sarau nas escolas onde trabalhavam. Era uma fala rápida, apenas para que soubessem o motivo da minha ausência na aula anterior e, logo na sequência, continuaria o conteúdo. Mas, a Eleonora levantou a mão e perguntou: *“O que é sarau?”*.

Uma explicação a mais, uma explicação a menos, não custa muito para quem está em sala de aula. *“É um evento que acontece na escola, com apresentações diversas: poesia, dança, música”*. E ela: *“Por que a gente não faz um aqui na escola?”*. E eu, pensando onde aquela menina queria chegar: *“Vocês apresentariam?”*. E ela: *“Ah! Eu gosto de ler poesias e tem algumas meninas que sabem dançar”*. *“Certo! Mas antes eu preciso conversar com a coordenadora e a diretora para saber se elas aprovam!”* e a razão desconfiando com um *“Claro que não! Imagine, se vão concordar em fazer alguma coisa tão diferente assim na escola!”*.

Fui conversar, então, com a coordenadora Adriana e a diretora Cecília, afinal também não podia fazer de conta que tinha esquecido aquele princípio de proposta que viera da turma da 8ª série 3. Elas concordaram e pediram para eu falar também com o pessoal do 1º ano do Ensino Médio. Aquela era a nossa primeira turma de Ensino Médio regular no período matutino e seria uma forma de fortalecer a continuidade da permanência dela na escola.

Ao final daquela manhã, falei com quem eu conhecia mais do 1º ano, justamente aqueles que foram meus alunos no ano anterior. A pergunta comum foi: *“Podemos fazer teatro?”*. E a minha preocupação foi: *“Vocês conseguem ensaiar? Porque... Sabe, vocês estão sem professor de Artes²...”*. E eles: *“A gente tem um texto pensado*

¹ Em 2013, ano do primeiro sarau, ainda havia séries na escola em que lecionava, já que a rede municipal de Rio Claro/SP demorou a se adequar ao Ensino Fundamental de 9 anos.

² O professor de Artes daquela turma estava prestes a se aposentar e decidiu gozar o tempo que tinha de licença prêmio aos poucos, tirando os blocos de quinze em quinze dias, o que dificultava a atribuição das aulas para um outro professor, tendo apenas substituições eventuais.

misturando a história do Hobin Hood com a do Pequeno Príncipe. Vamos fechar e te mostramos depois.” E eu: “Tá! A gente vê certinho depois”.

Escola pequena é como cidade pequena. A conversa começa numa sala e todas as outras também ficam sabendo. Quando entrei nas outras turmas nos dias seguintes, os alunos começaram a perguntar se faríamos mesmo um sarau, o que era sarau etc. Foi então que percebi que grande parte daqueles alunos, e provavelmente da escola, não sabia mesmo o que era um sarau, ainda que nos moldes que as instituições de ensino adaptaram para os dias atuais.

Por isso, preparei uma seleção de vídeos disponíveis no Youtube de saraus realizados dentro da sala de aula mesmo, uma apresentação de *slides* com a definição de sarau ao longo do tempo e pequenos trechos de textos literários descrevendo tal evento, além de vários livros de poesias para que lessem e escolhessem a que mais gostassem. Conforme expunha esse material para as turmas, ia direcionando as possibilidades de apresentação, enfatizando que as principais eram as poesias, já que eu precisava trabalhar sentido figurado e figuras de linguagem no conteúdo da 8ª série.

Nessas primeiras conversas, começaram a aparecer os olhares incomodados. Muitos alunos me olhavam torto quando eu falava em apresentar poesia, em apresentar dança, em apresentar música. E aquele incômodo quase geral ia me invadindo. “*O que fazer com aqueles alunos que não querem apresentar?*”, eu me perguntava, até que, no meio do falatório da 8ª série 4, saiu a sugestão: “*A gente pode fazer enfeite??*”. Ufa! Senti que fiquei cheia daquela sensação de alívio por saber que todos teriam algum tipo de afazer relacionado ao evento.

Começaram os ensaios. Em cada canto da escola tinha alguém fazendo algo para o sarau. Surgiram mais dúvidas. Onde fazer as apresentações? Como organizar as turmas para ensaiar nas aulas de outros professores? Poderiam fazer apresentação com alunos de outras turmas? Lá fui eu, novamente, conversar com a Adriana e a Cecília.

Naquela conversa, vieram sugestões, que viraram um baque nas minhas preocupações e, depois, um marco para o evento na escola. A Cecília: “*Danubia, por que a gente não faz as apresentações para todos os alunos da manhã?*”. Eu: “*Hã??? Todas as salas ao mesmo tempo? Onde?*”. A Cecília: “*Na quadra! Lá cabem todos os alunos da manhã*”. E eu: “*Mas não vai virar muita bagunça?? Sei lá...*”. Eu imaginava que faríamos no palco, uma sala de cada vez. A Cecília: “*Não! Dá certo sim, você vai ver! Conversa com o professor do 8º ano para ver se os alunos também querem apresentar*”.

Conversei com o Érison, professor dos 8º anos, que disse que os alunos fizeram a encenação de uma história de terror entre eles mesmos que ficara superengraçada. Poderiam ensaiar mais, apresenta-la com mais algumas poesias, quem quisesse. Foi ele também quem disse que conversaria com um conhecido para filmar todo o evento. Pensei: *“Ai, ai... Nem sei se vai dar certo e ainda vem uma pessoa de fora para filmar!”*.

Ainda considerando a conversa com a Cecília e a Adriana, fiz outros combinados, com professores e com alunos. Os professores, de qualquer turma, só autorizariam a saída de alunos para ensaiar caso eu fosse até a sala para chamar. Quem quisesse, poderia fazer apresentação com alunos de outras turmas do período da manhã. Quando os preparativos acontecessem fora da sala de aula, todos precisavam voltar para a sala assim que terminasse minha aula, antes da troca.

Conforme os dias de ensaio iam acontecendo, outras situações surgiam e pediam resolução. Naquela época, a cantora Anitta lançara a música “Show das poderosas” e dois grupos de meninas queriam dançá-la. Com jeitinho, com ponderação, conversei com elas, que aceitaram formar um grupo só.

Um dos lugares preferidos para os ensaios de dança era a quadra da escola. Foi, justamente, numa das minhas tantas idas à quadra para acompanhar os ensaios de dança, que parei para conversar com o Fernando, o nosso professor de Educação Física. Ele disse que lavaria a quadra dois dias antes das apresentações, para que pudéssemos enfeitá-la já limpa e perguntou como estavam as apresentações.

Contei quais estavam sendo ensaiadas, ele falou que “Show das poderosas” estava cheia de passos de jazz, porque uma das alunas fazia aulas há muito tempo, e questionou se eu já tinha visto o Ezequiel dançando “Billie Jean”, do Michael Jackson.

Meu queixo caiu!!! O Ezequiel era um aluno inteligente sim, mas supertímido, faltava muito às aulas e, quando estava presente, dormia. Ele dançava?!!! O Fernando riu gostoso ao ver meu espanto e disse que ia conversar com o Ezequiel para que se apresentasse no sarau. Guardei para mim a expectativa e a espera.

Ensaivamos no período da manhã, nas aulas de Língua Portuguesa. Ensaivamos a tarde, em aula nenhuma. Como o tempo para os ensaios era curto, comecei a combinar com alguns alunos, principalmente aqueles que apresentariam poesias, para que ficassem na escola no período da tarde e pudéssemos ensaiar com mais tranquilidade.

Lembro que nos sentávamos nessas mesinhas de cimento e aqui ficávamos por mais umas duas horas. Um aluno lia a poesia para que os outros ouvissem, fazíamos algumas intervenções, mas também conversávamos bastante e eles contavam sobre a vida, os amores, as dores.

Uma das lembranças mais queridas que tenho sobre esses ensaios é do aluno Robson. Foi um daqueles alunos que me fez aprender a ter jogo de cintura, a medir minhas palavras, para conseguir que ele fizesse alguma atividade em sala. Inteligente, porém negligenciado e desacreditado. Insistiu que queria apresentar a poesia “Lição do pinto”, do Patativa do Assaré. Ele compreendera o sentido da obra, mas era possível perceber que ele gostava do alvoroço que o título causava nos ouvintes.

Quando percebeu que a poesia tinha um ritmo determinado pelo refrão e pela métrica dos versos, o Robson ficou determinado a decorá-la. Por isso, em cada ensaio ele vivia uma montanha russa, vibrava com uma estrofe decorada, mas se mostrava frustrado quando engasgava alguma palavra.

Os alunos do 1º ano do Ensino Médio realmente “se viraram”. Fecharam a peça teatral – “O príncipe Hobin”, distribuíram os papéis, ensaiaram por conta – na escola ou na casa de algum deles, escolheram figurino, montaram um prático cenário. Eu pouco precisei ficar “rodeando” o que estavam fazendo. Quando passava próxima à mesa de *ping pong*, onde geralmente se reuniam para ensaiar, ouvia a Hermione e a Simone “dirigindo” a equipe, distribuindo pitos e pitacos.

A parte dos enfeites foi a mais difícil de organizar. Primeiro porque eram muitos alunos. Segundo porque alguns quiseram desenhar, outros escrever poesias em cartazes e outros optaram por fazer as tranças com fitas de papel crepom. Terceiro porque, mesmo divididos em pequenos grupos, alguns não aproveitaram o tempo das aulas de Língua Portuguesa e muitos cartazes de poesias e desenhos ficaram inacabados.

Fácil mesmo foi tomar decisões sobre o som: não fui eu quem resolvi. Desde que comecei a trabalhar no Odilon, o Alessandro, professor de Matemática, foi aquele ombro amigo, ou melhor, ombro irmão (como ele mesmo diz) que me acolheu. Deu força nos momentos em que, ainda me acostumando com a escola, chorei e me senti perdida, mas, principalmente, abraçou projetos que comecei a desenvolver.

Eu poderia dizer que ele é músico, mas sei que a humildade o fará dizer que é só um professor que também gosta de música. Por isso que, assim que a direção e a coordenação autorizaram o nosso sarau, ele veio até mim e perguntou em que eu precisava de ajuda. Eu olhei, com expressão de quem pede mesmo, e disse que não fazia

a menor ideia de como faríamos com o som, no dia do evento. Ele me olhou, de um jeito matuto, me chamou de *irmã* e disse que ele ficaria responsável por aquela parte.

E nesse turbilhão de novidades, de corre daqui, decide dali, dá um jeitinho acolá, a véspera do nosso primeiro sarau chegou. Uma das preocupações dos alunos era com o horário da merenda e, conversando com a equipe gestora, optamos por antecipar para que, depois que todos subissem, com as cadeiras, para a quadra, não houvesse interrupção das apresentações. Assim que decidimos isso, no período da manhã, passei sala por sala para explicar como seria na manhã seguinte.

À tarde, nós ficamos na escola para enfeitar a quadra. Lembro que foi extremamente cansativo, devido à quantidade reduzida de pessoas para realizar o trabalho. Os poucos alunos que ficaram foram embora no meio da tarde para não terem problemas com transporte. Ficamos eu, a Adriana e a Roade, na época coordenadora do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos – EJA, para terminar.

Em casa, à noite, peguei meu caderno com anotações de todas as apresentações e montei o cronograma. Foi difícil acertar uma sequência que não ficasse maçante e, ao mesmo tempo, que não interferisse na preparação daqueles alunos que fariam duas ou mais apresentações. Quando consegui terminar, contei: entre danças, músicas, poesias e teatro, tínhamos vinte e nove apresentações.

Quase não dormi naquela noite. Acordei na madrugada, cabeça fervilhando, coração apertado e, para não ficar rolando na cama, sentei-me para escrever. Passei o texto a limpo, coloquei no meu material da escola e pensei: *“Essa será a mensagem de encerramento”*.

12 de setembro de 2013. Uma manhã de sorte, de emoção.

Logo na primeira aula, enquanto acertávamos alguns detalhes, no pátio um som incomum para a nossa escola. Três alunos afinavam os saxofones ao som de “Garota de Ipanema”, de Tom Jobim. Quem passava, parava, olhava. A sensação de novidade pairava naquelas notas e na escola toda.

O Alessandro chegara bem cedo também para levar todos os nossos poucos equipamentos de som, afinar um ou outro violão e ajudar o amigo do Érisson que filmaria o evento. Depois da merenda, cada sala por vez foi subindo para a quadra, cada aluno levando uma cadeira, pois não temos uma arquibancada grande o suficiente. Estavam lá alunos, professores, coordenadoras, diretoras e alguns funcionários.

Acredito que narrar todas as apresentações que tivemos naquela manhã é fugir da lógica de um relato, pois não quero que se transforme numa listagem fria. Mas ainda lembro...

Das risadas do público quando o Robson declamou o título da poesia escolhida e da Patrícia, professora de Geografia, me olhando e dizendo: *“Ele decorou tu-do!!!”*.

Das expressões inconformadas pela ausência de “felizes para sempre” na encenação do poema “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade, com a Eleonora fazendo o papel de Lili.

Do alvoroço da plateia, subindo nas cadeiras, quando anunciei “O show das poderosas”.

Da minha expressão de êxtase vendo o Ezequiel dançar “Billie Jean”.

Do abraço coletivo dos alunos que apresentaram “O príncipe Hobbin”.

Do olhar tranquilizante dos professores que estavam na plateia, como a me dizer: *“Está tudo correndo bem”*.

Correu bem, correu a tempo. Ao final, li a mensagem que escrevera na madrugada... *“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”* e eu só conseguia agradecer por, naqueles tão intensos dias, terem cativado tanto de mim.

A saída foi um tanto apressada. Os alunos precisavam guardar as cadeiras nas respectivas salas e aguardar o sinal, que, na verdade, bateu assim que terminaram de se organizar. Alguns ainda ficaram para ajudar o Alessandro a guardar os equipamentos de som, a pegar um ou outro lixo que ficou na quadra. A decoração tirávamos no dia seguinte, com mais tempo.

Cheguei em casa exausta, mas transbordando de contentamento. Não passara pela minha imaginação que teria uma manhã como aquela no Odilon. Eu chorara tanto no primeiro ano, fizera tantas comparações, me desconstruíra em tantos aspectos docentes e, aí, em 2013, me via banhada de outras lágrimas, de emoção por ter vivido aquele sarau.

Mesmo cansada, descarreguei as fotos que a Gal, aluna do Ensino Médio, havia tirado com a minha máquina. Ela conseguira pelo menos uma de cada apresentação. Fiz um álbum público no Facebook para postá-las e, por algumas horas, li e respondi muitos comentários.

Porém algo ainda me incomodava. *“Será que os alunos também gostaram? Viram alguma coisa que eu não vi? Aquela sensação de ter feito algo legal era só minha?”* eram perguntas que rodeavam meus pensamentos. Eu precisava encontrar uma

forma de registrar, de materializar na escrita, o que os alunos tinham sentido sobre o nosso sarau, que eles se colocassem não apenas com um “*achei legal*”, e sim que apresentassem o que os tocara, de forma positiva ou não. Enfim, não queria uma escrita impessoal.

Foi então que pensei na carta pessoal. Sim, na aula seguinte ao sarau, eu pedi que cada aluno escrevesse uma carta para mim, contando o que acharam do evento, da organização, das apresentações, do som, das participações deles, o que e como melhorar algum aspecto.

Fizemos algumas considerações orais primeiro, montei um esquema da estrutura da carta na lousa, para que relembassem alguma característica, e eles começaram a escrever. Durante a escrita aconteceu algo que eu não antecipara. Os alunos começaram a me perguntar se eu iria responder. Carta pede resposta. “*Claro, assim que ler todas as cartas, eu respondo.*”

Muitas cartas ficaram pelo meio do caminho: esquecidas, incompletas, ou simplesmente, não entregues. Mesmo assim, na semana seguinte, tirei uma tarde só para ler cada carta que recebi. Conforme lia, anotava algumas considerações interessantes, já pensando em escrever a minha resposta.

Esse era outro aspecto a ser organizado. “*Como responder a tantas cartas?*” e, mais ainda, “*como atender à minha lembrança de cartas escritas à mão?*”. Escrevi, então, uma carta-resposta com a minha letra para toda a turma da 8ª série de 2013, pedi que a Roade digitalizasse, montei as imagens num arquivo do Word, imprimimos na escola e coloquei uma por uma no envelope, escrevendo o nome de cada destinatário também.

Demorei algumas semanas para fazer isso, percebendo que os alunos nem perguntavam mais sobre a carta-resposta. Quando todas estavam prontas, passei a entregá-las. Entrava numa sala, andava distribuindo, percebendo olhares indagativos e respondendo falas indagadoras – “*O que é isso? É para mim? Pode abrir?*”. Alguns abriram com pressa, outros esperaram os colegas lerem, a maioria guardou em meio ao material, um ou outro falou: “*Nossa! Eu nunca recebi carta de professor!*” ou “*Você escreve muito, ‘sora’!*”.

1.2 E de lá para cá?

Ao terminar de contar sobre o primeiro sarau para Bia e Núbia, me dei conta de que fazia muito tempo que não narrava aquele primeiro evento com tantos detalhes. O vídeo já estava guardado nas caixas da minha mudança, mas ali eu pude ter certeza de que não há caixa com tantas informações quanto a minha própria memória.

“E de lá para cá, Dan? Como o sarau foi acontecendo?”

“No ano seguinte, Bia, eu tinha aulas no período da manhã e da tarde. Então, desde o planejamento do início do ano, decidimos fazer o Sarau nos dois períodos. Mas aí, eu me antecipei, sabe!”

“Como assim?”

“Ao invés de deixar para trabalhar o conteúdo depois do sarau, fiz uma sequência de atividades sobre poesia, figuras de linguagem, sentido figurado e outros assuntos pertinentes, antes de começarmos os ensaios.”

“Provavelmente, você pensou que assim ficaria mais fácil de encaminhá-los.”

“Sim, Núbia! Os alunos se interessavam um pouco mais porque tinha uma intenção, um objetivo: as apresentações. Daí foi que começamos o Projeto Sarau Odilon Corrêa, porque o dia das apresentações era justamente o momento da culminância das atividades.”

“Mas e as cartas, Dan?”

“As cartas era o momento da avaliação do projeto, Bia. A escrita acontecia na primeira aula do dia seguinte a cada culminância. Nos dois anos que fizemos à tarde, os alunos também escreveram as cartas de avaliação e respondi-lhes.”

“Por que fizeram à tarde só durante dois anos, Dan?”

“Por dois motivos, Núbia. Primeiro porque, em 2014, quando fizemos a apresentação para todos os alunos da tarde, deu muita briga, sabe! Aí em 2015, adaptamos para trabalhar a sequência do Projeto e para assistir a culminância apenas as turmas para quem eu dava aula. Segundo porque tive aulas atribuídas no período da tarde só em 2014 e 2015 e deu certo que o Alessandro e o Rafa também...”

“Pééera! Quem é o Rafa?”

Em 2014, quando terminamos as atividades referentes às figuras de linguagem e começamos os ensaios, foi que ele apareceu. Se alguém me pedir para contar e-xa-ta-men-te como aconteceu, por melhor que seja minha memória, não saberei narrar toda a exatidão. O que consigo narrar é, sim, toda a amizade que começamos a compartilhar a partir do II Sarau Odilon Corrêa.

Rafael, ou, como eu me acostumei a chamá-lo, Rafa.

O Rafa começou dando aulas eventuais na nossa escola, porém, em meados de 2014, os professores efetivos de Arte se afastaram e ele estava como professor contratado na época do sarau, com aulas nas mesmas turmas que eu. É fácil estabelecer relação entre o sarau e a disciplina de Arte (há quem possa dizer que esse evento tem mais sentido com Arte do que com Língua Portuguesa), mas não é tão fácil imaginar alguém que venha disposto a realmente ajudar, realmente desenvolver as atividades “com”. E foi isso que o Rafa fez.

Como tínhamos turmas em comum, passamos a ficar juntos fora da sala para acompanhar os ensaios e a confecção das decorações. Se eu estava na quadra, ele estava no palco. Se eu estava numa sala, com uma turma de dança, ele estava nas mesinhas redondas. Se ele estava nas mesas do refeitório, eu estava na mesa de *ping pong*. E volta e meia, um parava o outro para resolver isso, resolver aquilo, contar sobre um aluno, contar sobre outro. Daquele ano em diante, encontrei um parceiro para desenvolver as atividades do sarau. Daquele ano em diante, passei a ter um amigo para a vida.

“Fiquei pensando aqui... E no noturno, Dan? Você chegou a fazer com as turmas do noturno?”

“Eu só tive aula à noite em 2017, Bia. No ano anterior, a professora de Filosofia organizou algumas apresentações no formato de sarau, mas a sequência de atividades do Projeto Sarau Odilon Corrêa com a culminância da forma como os alunos estavam acostumados aconteceu só no IV Sarau mesmo, porque aí eu tinha aula de Língua Portuguesa com um 3º ano do Ensino Médio e o Rafa, de Arte com os dois.”

“Então o Rafa e o Alessandro são os professores que mais te acompanharam nos saraus?”

“De perto, sim, Núbia! Mas os outros também apoiavam bastante, sabe! Vibravam muito com as apresentações, com a descoberta de novos talentos, com aqueles alunos que se destacavam no sarau. Alguns até atribuíam nota de participação para o aluno só por causa do Sarau, mesmo que a matéria dele nem estivesse tão envolvida assim.”

“Sabe, eu imagino esse espaço aqui com muitos alunos espalhados ensaiando...”

“Ensaio de tudo, Bia! O sarau deixava claro a diversidade da escola, sabe! Com as músicas então, nem se fala!”

Naqueles dias de ensaio, duas alunas passaram a tocar meu coração sobremaneira. Se por um lado, havia a preferência pelo gênero musical funk, por outro,

boa parte dos nossos alunos frequentavam religiões evangélicas e, conseqüentemente, desenvolveram gosto por música gospel. Lívia e Amanda eram duas alunas nascidas em berço evangélico e donas de vozes celestiais.

Em 2014, Lívia estava no 1º ano do Ensino Médio e cantava com a irmã, Célia, do 2º ano. Ensaíavam usando *playback*, em uma sala separada, pois eram tímidas e não gostavam de tantas pessoas ao redor.

Amanda era aluna da 8ª série 2, cantava e tocava violão. Preferia ensaiar nos bancos do jardim e, em volta, juntavam vários outros alunos, para cantar, para pedir que ela cantasse, ou, simplesmente, para ouvi-la. Na correria que eu e Rafa ficávamos durante aqueles dias, era um alento quando passávamos próximos à Amanda e a ouvíamos cantar, a voz cheia de sentimentos. Hoje, quando a reencontro, costumo dizer que ela foi quem mais falou de Deus para o meu coração durante os saraus que participou.

“Mas o teu foco era qual com o sarau, Dan?”

“Poesia, Núbia! A poesia sempre foi o carro chefe. Tanto que, a partir de 2016, as apresentações poéticas passaram a ser autorais.”

“Como assim?”

1.3 Prática de escrita e apresentação de poesia autoral no Sarau Odilon Corrêa

Um aspecto da minha prática que me despertava indagações, mais ainda diante do que pesquisava e tratava na escrita da dissertação do mestrado, eram as práticas de escrita autorais (ou a ausência delas) nas aulas de Língua Portuguesa.

Em 2014, desenvolvera a escrita de um diário coletivo com os alunos do 7º2 e 7º3, que demonstravam desagrado, descaso até, com uma escrita que não tinha cunho avaliativo. Fora essa aversão a uma escrita que eu considerava aberta que me levou a propor para as turmas de 8º anos, em 2015, a escrita de diários pessoais, a fim de perceber se, numa escrita em que os alunos pudessem se colocar, posicionarem-se como autores, seria possível desenvolver outros tipos de relação entre professora e alunos.

A interlocução por meio de *post-its* nos diários pessoais ao longo de 2015, então, foi a base da minha pesquisa de mestrado, que trouxe a compreensão da autoria e da intimidade, enquanto amizade, por meio da escrita de diários pessoais. Por isso, em 2016, embasando a minha dissertação com vários autores e com vários indícios, eu me

perguntava que outra proposta de escrita autoral eu poderia desenvolver na prática da aula de Língua Portuguesa.

Já havia a escrita da carta pessoal ao final de cada sarau, mas o tema era específico, ficava apenas para mim, guardadas com carinho no meu armário. Não estava tirando o mérito daquelas cartas serem uma escrita autoral, porém eu estava sentindo falta de uma escrita em que os alunos, nas peculiaridades da adolescência, da vida em comum, de um contexto sociocultural, se expressassem, se colocassem, assumissem os próprios dizeres ou os dizeres daquele grupo, ao qual eu também pertencia.

Guardei aquela inquietação por alguns meses. Volta e meia, ela se aninhava nos meus pensamentos, me deixava absorta. Então, eu a soprava, com delicadeza, para que se esvaísse e se guardasse por mais algum tempo.

Ao mesmo tempo, eu convivía – pouco, para falar a verdade – com a Fabiana Ventura, orientanda da Laura Chaluh, que estava finalizando a dissertação “Literatura infantil e juvenil na escola: encontros e encantos” (Ventura, 2016), sobre poesia na escola. Fabiana era poetisa e, ao se posicionar sobre o desenvolvimento de projetos de poesia numa escola de Ensino Fundamental – Anos Iniciais, ela demonstrava uma emoção, um encantamento, que começaram a conversar com a minha inquietação.

Ainda no primeiro semestre de 2016, o Levi e o Baruc, do 2º1, começaram a frequentar algumas batalhas de *rap*, realizadas, na maioria das vezes, em espaços próximos à estação ferroviária de Rio Claro. Participavam no final de semana, chegavam na segunda-feira cheios de novidades para contar e, conforme aumentaram a participação, passaram a me mostrar uma ou outra poesia que estavam escrevendo para batalharem também.

Ao escreverem, eles também me fizeram perceber que nós já tínhamos alguns “poetas” no Odilon. As declarações do George e da Joana e do Guilherme para a Carla nos saraus dos anos anteriores foram escritas por eles mesmos. Além deles, desde o primeiro sarau, o Akin escrevia e apresentava as próprias poesias. No caderno dele de Língua Portuguesa havia mais poesias que qualquer outro conteúdo.

Foi então que eu entendi que proposta de escrita autoral era aquela que eu queria desenvolver: a escrita de poesias! O sarau já era um projeto consolidado na escola, tanto que estávamos indo para o quarto, sem interrupções. A escrita de poesias autorais, dentro do próprio projeto do sarau, poderia se tornar um objetivo a mais e, quem sabe, um processo interessante dentro da aula de Língua Portuguesa e, conseqüentemente, da escola.

Depois de conversar com a Adriana e a Thelma, diretora do Odilon na época, para apresentar a proposta, fiquei pensando numa forma de torná-la interessante para os alunos, já que fácil não seria. Imaginei o quanto encontraria de resistência para escrever, para apresentar, de confusão para entender que apresentar a própria poesia no sarau não era obrigatório, por isso fechei o planejamento daquela escrita como Gincana de Poesias.

Cada aluno escreveria sua poesia e apresentaria para a turma, que votaria nas três melhores para representá-la, junto ao grupo de professores, que escolheria a melhor de cada sala. Tomando o Baruc como possível finalista e sabendo das desavenças dele com alguns professores, resolvi que, ao apresentar as poesias para os professores, eu diria quem era o autor só depois da votação encerrada, pois assim, quem era aquele aluno e o que fizera para determinados professores, não interferiria na escolha da melhor poesia da sala. A premiação aconteceria no dia do sarau, o que não impediria que as outras tantas poesias escritas pelos alunos também fossem apresentadas.

A dúvida maior era quanto a própria capacidade de escrever uma poesia. Ao longo das aulas em que fizemos isso, precisava conversar, dar ideias, palpites sobre o que escreviam e, principalmente, “quebrar” versos, porque algumas poesias tinham sentido, usavam algumas figuras de linguagem, mas eram escritas sem versificação e, então, lendo em voz alta, eu marcava o final de cada verso para que os alunos passassem a limpo.

Porém, antes de começarmos os ensaios das apresentações e de prepararmos a decoração, era preciso escolher as poesias para a nossa primeira gincana. Foi uma sequência de aulas com um misto de emoções.

Avisei com antecedência para todas as turmas o dia em que faríamos a votação, por isso, quando entrava na sala, passava por situações diferentes, ao ouvir alguns alunos dizendo que não fariam aquilo de modo nenhum, ou outros me procurando de última hora para acertar um verso ou outro aspecto da poesia que apresentaria.

Em todas as turmas também organizei a sala em círculo. Essa escolha ocupa uns dez minutos da aula – daí a escolha de fazer essa atividade sempre em dia com aula dupla –, pois é um arrasta-arrasta de cadeiras e mesas, um aperta daqui, joga a bolsa de outro dali, até que todos consigam se ajeitar.

Depois, foram mais uns dez minutos para convencer os alunos a apresentarem suas poesias. Naquele ano, insisti que cada um lesse sua própria poesia. Não costumo fazer com que alunos leiam em voz alta, mas considerei que cada autor, ao ler a sua,

conseguiria ter a entonação necessária para o sentido da escrita que fizera. Mas já naqueles dias percebi que não foi um bom caminho.

Alguns alunos ficaram tão travados que não queriam nem apresentar e eu sabia que havia boas produções poéticas veladas por aquela timidez. Então, fui cedendo aos poucos, quando um colega pedia para ler a poesia de alguém, ou até mesmo se pedissem para mim. Assim, as votações já não foram tão tensas, sendo que, desde o momento das apresentações, eu percebia que uma ou outra poesia tocava mais a turma e me antecipava convidando o autor a apresentar ou algum colega da sala se propunha de livre e espontânea vontade.

“Ai, meu Deus!! Que coisa maravilhosa de ouvir!! Poesias escritas por alunos!!”

“E apresentadas por alunos para alunos, Bia! Fico pensando na importância desse movimento aqui, uma escola pública com a diversidade característica do próprio termo.”

Respirei fundo ao ouvi o comentário daquela mulher que acabara de conhecer e parecia traduzir nas palavras ditas com ponderação e carinho aquilo que eu compreendia no íntimo da sala de aula daquela minha escola.

“Acho que isso começou a ter muita importância mesmo, Núbia. Veja, do que eu me lembro, sem números muito exatos, sabe, no último sarau que fizemos, em 2019, todas as apresentações de poesias foram autorais. Acho que os alunos começaram a se reconhecer mais ainda no projeto. Isso sem contar que passaram a ter a oportunidade de apresentar à comunidade, aos pais e outras pessoas de fora.”

“O Sarau Odilon Corrêa era aberto à comunidade?”

“Era, mas não era, Bia!”

1.4 Quem é “de fora” também é da escola

Em 2017, Thelma, a então diretora da escola, “jogou um tijolo” na minha ansiedade. Começou dizendo que o sarau era um projeto bem-organizado. E eu fiquei só esperando... Continuou, colocando que a escola precisava mostrar para a comunidade o que fazia de bom com os alunos. E eu fiquei esperando... Senti que ela chegou ao ponto que queria: *“Por que vocês não convidam os pais para assistirem ao sarau?”*. Pah! Senti a tijolada bem na testa!!

“Como organizar os pais? Melhor, será que os pais viriam? E se não viesse nenhum?? E o tanto de convite que teríamos que fazer?? Como selecionar? Não, sem seleção nenhuma? Para todos? TO-DOS???”

Todas essas perguntas e mais algumas me assolaram durante alguns segundos de espanto. Olhei atônita para a Adriana, esperando um posicionamento que me tirasse daquele torpor. Ela, acho que sentindo a mesma tensão, também não disse nada. Voltei os olhos para a Thelma, ainda tentando conectar as ideias. Respirei fundo e comecei a processar as decisões.

A primeira delas foi fechar com a gestão que faríamos convites apenas para os pais dos alunos do período da manhã. Seria a primeira vez que faríamos apresentações à noite, então, como era também a primeira vez que nos arriscaríamos a convidar os pais, seria mais seguro – parece estranho, mas esse é o termo mais adequado – que eles acompanhassem o sarau da manhã, que estava melhor consolidado.

Elaboraria o convite com os alunos do 1º1. Como eu lembrava que uma das habilidades do currículo de Língua Portuguesa tratava de convite, aquela turma ficaria responsável também pela entrega aos alunos, bem como orientações que os alunos precisassem repassar aos pais que se dispusessem a prestigiar o nosso sarau. Combinamos também que, assim que os convites estivessem prontos, os responsáveis do 1º1 levariam para a Thelma carimbar e rubricar, a fim de evitar clonagens de convite.

Minha preocupação no dia do sarau mesmo era quem apareceria usando o convite. Cada aluno recebera um, de forma que poderia chamar apenas uma pessoa, o que não garantia que essa fosse realmente um familiar. Se fosse amigo ou namorado, tudo bem! O que angustiava era a possibilidade de aparecer, por exemplo, um ex-aluno que fora transferido compulsoriamente por ter apresentado problemas na escola.

Era um risco que estávamos correndo, por isso, quem ficou responsável por receber os convidados foi um dos agentes de organização escolar que trabalha na secretaria da escola e conseguia ter pulso firme com quem tentava se impor sem conhecer as regras e combinados da escola.

Volta e meia, eu olhava para os bancos que tínhamos reservado para os convidados e percebia que alguns estavam chegando. Não estipulamos horário para chegar e sair, justamente porque sabíamos que, quem se dispusesse a comparecer, estava arrumando um tempinho na própria rotina para estar ali e, provavelmente, tentar assistir a apresentação de quem havia lhe convidado. Para isso, fui tentando conversar

com quem chegava para, caso fosse necessário, mudar o cronograma para que assistisse aquele que tinha dado o convite.

Lógico que, num determinado momento, aqueles convites nos trouxeram problemas. No VI Sarau, por exemplo, um dos convites foi entregue para um aluno que fora transferido para outra escola para não passar por um processo de transferência daqui por questões disciplinares, já que tinha várias situações de indisciplina e violência, inclusive o estouro de uma bomba.

O agente de organização escolar que ficou responsável pelos convites não autorizou a entrada do ex-aluno, a aluna que o convidara ficou superchateada, quase não participou das apresentações, mas, enfim, tudo se resolveu e fomos para o próximo sarau.

1.5 “Que foi também o último?”

A pergunta de Bia me deixou ainda mais saudosa naquela manhã de dezembro. O VII Sarau Odilon Corrêa foi também o nosso último na escola, sem que nem ao menos soubéssemos disso. Acho que hoje sou capaz até de entender a calma que foi aquele ano.

Começar um novo ano, inclusive o letivo é sempre um renovar de expectativas, independente do quanto o ano anterior tenha sido difícil. Alguns diriam que essa sensação deveria ser para todos os dias, mas, para mim, a entrada de um novo ano traz aquele friozinho na barriga do desconhecido, da novidade. Que alunos terei? Como reagirão ao nosso dia a dia? Que expectativas poderei ter para o final do ano? Enfim, como será o sarau desse ano?

Talvez seja por isso que, lá em 2014, 2015, mesmo com tudo o que aconteceu, não paramos de “fazer sarau”. Um ano nunca é igual ao outro. E foi pensando assim que, mesmo com os percalços de 2018, nós investimos no VII Sarau Odilon Corrêa.

E como valeu a pena!!

Fiquei, novamente, apenas com as quatro turmas de 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais, no período da manhã. Nos dias de planejamento, combinamos que faríamos o VII Sarau no final do mês de agosto, para que não coincidissem com a Casa Aberta da escola municipal, onde eu lecionava para uma turma de Educação Infantil à tarde.

Logo nos primeiros dias de aula, conversando com as minhas novas turmas daquele ano, percebi que valera muito a participação delas na Gincana de Poesias do ano anterior, pois, quando chegava nessa parte do projeto, a maioria dos alunos já compreendia sobre o que eu estava falando.

E foi justamente a fala do Frederico, Fred para a maioria, numa dessas primeiras conversas que me deu o clique para não determinar tema para as escritas autorais daquele ano. Fred é um futuro *rapper* da música nacional, um poeta do corredor da escola e das batalhas de rima, por enquanto.

Com movimentos e linguajar característicos do rap, Fred virou-se para mim e: *“Oh, sora! Tu não vai mandar a gente escrever sobre tempo de novo, né! Mó enjoativo um monte de poesia sobre a mesma coisa...”*. Ao ouvir aquilo, vindo de um aluno que poderia nem me conhecer, mas conhecia poesia, eu já tomei a decisão: escolheria um tema para definir as músicas, as poesias e a decoração, mas não faria questão que as escritas autorais fossem sobre ele. Fred tinha razão: tempo o tempo todo ficara chato.

Fiz algumas avaliações diagnósticas, comecei o conteúdo do 9º ano, estava começando a conhecer aquela turma e, volta e meia, me pegava dizendo para algum outro professor o quanto aqueles alunos pareciam render, pareciam aprender. Por que a escolha de “pareciam”? Porque eu costumo ter um pé atrás com a minha empolgação de começo de ano, para que, ao longo do segundo semestre principalmente, eu não tenha desilusões.

Estava nesse processo de conhecê-los quando, em março, chegou a notícia que minha primeira sobrinha estava prestes a nascer. Ah! Aquela sensação de renovação, de vida nova, de cheirinho e barulhinho de criança!! Peguei o caminho para minha terra natal para acompanhar aquele momento e, em plena estrada, naquela pasta quase nunca ouvida do *pen drive* do carro, começou uma música com um assovio cantarolado. Aumentei o volume do som e identifiquei qual era... *“Bola de meia, bola de gude/ O solidário não quer solidão/ Toda vez que a tristeza me alcança/ O menino me dá a mão”*, na linda e marcante voz do Milton Nascimento. Pensei: *“É esta a música do sarau desse ano...”*.

Passei alguns dias com a nossa pititica, voltei para a vida cotidiana e aquele sentimento de infância foi ganhando força nas minhas observações do dia a dia da escola. Conversei com o Rafa sobre essa ideia e ele logo já lembrou de uma outra música – “Era uma vez”, da Kell Smith – que poderia trabalhar nas aulas de Artes para ajudar os alunos a se inspirarem.

Terminamos o primeiro semestre com essa ideia já se formando entre nós, mas quietos para não exagerar nas expectativas. E percebemos o quanto foi bom sermos precavidos quando voltamos para os dias de replanejamento, pois ficamos sabendo que a SEDUC/SP³ determinara que a primeira quinzena de agosto seria de recuperação intensiva para todas as disciplinas e todas as séries, tendo inclusive material pré-determinado para tal objetivo.

Como deixar a data do sarau para o final de agosto com as duas primeiras semanas ocupadas com outras atividades? Como não fazer a recuperação intensiva se pertencemos a um sistema? Respiramos fundo e remarcamos o VII Sarau para a metade de setembro, o que me deixava bem preocupada com minha ansiedade, pois seria exatamente uma semana antes da Casa Aberta na escola municipal.

E foi ali, no momento de replanejarmos, que colocamos que o tema daquele ano seria infância e pedimos ajuda para escolhermos os objetos de decoração. Eu havia pensado em pirulitos bem coloridos, de vários tamanhos, distribuídos em toda a grade de fundo do nosso “palco”. A Inajara, professora de Ciências e cheia de habilidades manuais, fez uma busca na internet enquanto falávamos e veio me mostrar algumas decorações com cataventos. Ahhh! Encontramos outro elemento para a decoração e o Rafa ainda lembrou o tanto que nossos alunos gostam de pipas e fechamos nos pirulitos, cataventos e pipas.

Ainda naquele momento de replanejamento, quando conversávamos sobre o convite aos pais, a professora Mariana levantou a mão e pediu a palavra. Com a costumeira forma direta de falar de quem é da área de exatas, ela disse que tinha uma consideração a fazer. *“Olha, eu acho que a gente tinha que pensar mais nos alunos do noturno. Esses alunos participam dos saraus enquanto estão aqui, de manhã, aí, quando chega à noite, não tem nada para eles envolvendo essa parte. Então, já que estamos convidando os pais, por que não convidamos os alunos do noturno também?”*

Rafa e eu nos olhamos e, querendo entender melhor aquela colocação, fomos perguntando: *“Mas eles viriam para assistir ou para apresentar? Como organizaríamos ensaios do noturno também? E quantas apresentações teríamos entre noturno e matutino para não extrapolar o tempo? Os alunos do noturno também teriam direito aos convites?”*

³ Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Assim, chegamos aos seguintes acordos. Os alunos do noturno interessados em apresentarem no VII Sarau teriam até o final de agosto para “se inscreverem” com o Rafa ou com a Nathália, professora de Química, já sabendo que não teriam ensaios junto com os alunos da manhã. Além disso, o aluno do noturno que fosse se apresentar já seria considerado convidado, ou seja, não teria direito a outro acompanhante. Entre nós também decidimos observar como seria aquela abertura para a participação dos alunos do noturno para acertamos as arestas no ano seguinte.

Então, logo que terminamos as atividades de recuperação intensiva, um constante “era uma vez bola de meia, bola de gude” passou a ser ouvido pelos corredores da escola. Eu ainda apresentei “Meus oitos anos”, do Casimiro de Abreu para os alunos do 9º ano, junto com algumas figuras de linguagem. Rafa e eu conseguimos, naquele ano, combinar aulas para a escrita de poesias. Como eu ainda estava com conteúdo nas aulas de Língua Portuguesa, ele começou a escrita das poesias com os alunos dos 9º anos nas aulas de Arte e, quando eu cheguei nesse momento, foi mais fácil fazer a revisão, ajustar alguns versos, ou até conversar no pezinho do ouvido com algum aluno que estava com uma poesia entalada no coração, mas fugindo do papel.

Como era professor de todas as turmas do período da manhã, o Rafa também estava desenvolvendo a escrita de poesias com os 8º anos e com o 1º ano do Ensino Médio. Porém, aluno consegue ultrapassar as barreiras das disciplinas e, principalmente, os dos 8º anos passaram a perguntar mais para seus respectivos professores de Língua Portuguesa sobre a escrita de poesias e sobre a Gincana que acontecia no sarau. Assim, o Rafa conseguiu ajuda da professora Maraiana com aqueles alunos que estavam no período da manhã pela primeira vez.

Durante as aulas de votação das melhores poesias de cada turma, mantive o combinado do ano anterior de dar preferência para que o autor apresentasse a sua, mas abrindo para que colegas o fizessem caso houvesse excesso de timidez. A maioria acabou preferindo declamar a própria poesia e me encarreguei de ler aquelas cujos autores não estavam presentes.

Um dos aspectos desperta minha atenção quando se está há muito tempo numa escola e desenvolvendo um evento como o sarau é também a continuidade do trabalho. Lógico que surpresas como a da Késia, em 2018, uma aluna com muita dificuldade que venceu a Gincana, são marcantes. Porém perceber que alguns alunos progridem naquilo que já tinham um bom desenvolvimento é muito interessante.

Foi isso que percebi com as poesias autorais de 2019. A professora Lúcia havia desenvolvido a escrita de poesias autorais no ano anterior com aquela mesma turma, mas com tema definido, então eu lembrava de alguns poetas desde o dia da premiação das poesias do 8º ano no VI Sarau.

Ao fazermos a votação, eles reapareceram, mais fortes, mais intensos, mais autores, porque, naquele momento, o tema da poesia foi o que eles escolheram, o que eles sentiam, o que pensavam. O Fabrício, que fora um dos finalistas do 8º ano em 2018, sem nem conhecer, compreendeu Fernando Pessoa e seu “poeta fingidor que finge que é dor a dor que deveras sente”, e nos trouxe uma poesia sobre as dores adolescentes numa das mais clássicas formatações de rimas e divisão de estrofes.

O Lucca, o Fred, o Otoniel, a Claudiana, a Maísa, a Marta, a Gisele e o Martín... São alguns que, com versos livres ou metrificados, falaram de si e dos outros. Poucos foram aqueles que trouxeram a infância, e se assim o fizeram, era já com ares de saudade, de nostalgia. O que interessava mesmo era tratar do Brasil e seu racismo estrutural, das crises noturnas de ansiedade, das amizades que se fortalecem, da vida futura. Enfim, tema livre era sinônimo da compreensão do que aquele grupo pensava e podia escrever a partir do que pensa.

Ainda no começo das atividades em sala de aula, uma ideia começou a rodear meus pensamentos... Fui até a sala da direção para conversar com a diretora Márcia para apresentar a ideia e saber da possibilidade de colocá-la em prática. Considerando as aberturas para participações externas, fossem como convidados ou apresentações, pedi a ela autorização para convidar as crianças que frequentavam o Projeto Recriando da escola municipal em que eu lecionava à tarde.

O Projeto Recriando (PR) é parte da educação integral da rede municipal de Rio Claro e atende crianças em idade da Educação Infantil. No caso da escola onde trabalhava, as crianças ficavam o dia todo, sendo que, no período da manhã frequentavam uma turma multisseriada e, no período da tarde, a sala regular da Educação Infantil.

A diretora Márcia acatou a ideia e me deu aval para conversar com os professores das turmas do Projeto Recriando e com a direção da escola municipal. Quando eles também aceitaram, combinaram que, além de assistirem, as crianças também levariam apresentações para o nosso sarau. Então, fiquei pensando que, já que as crianças estariam no Odilon, ou melhor, no sarau, seria interessante que os alunos “grandes” fizessem algo específico para elas.

Com a necessidade de fazermos a recuperação intensiva na primeira quinzena de agosto, o Rafa deixou de lado a vontade de ensaiar uma peça teatral para o nosso VII Sarau. Então, conversando com ele sobre quem eram os alunos que demonstraram interesse em fazer teatro, pensamos em convidá-los para fazer uma pequena encenação para as crianças no dia do sarau.

Chamei de lado a Isabel, a Maísa, a Carolina, a Maristela e a Luna, pois vira também a reação de contentamento delas quando contei sobre a presença das crianças no dia do sarau. Falei sobre a possibilidade delas se encarregarem de ensaiar uma encenação de uma história infantil para o dia do sarau e percebi que meu sexto sentido não estava enganado. Elas toparam na hora!!

A dificuldade era escolher a história, porque, muitas vezes, a facilidade de opções da internet não significa qualidade. Sugeri então que procurassem histórias da Ruth Rocha, da Ana Maria Machado e outros autores infanto-juvenis, citando também algumas histórias desses autores conhecidas por elas quando eram crianças, mas com a intenção de que, ao procurarem as que eu comentei, escolhessem uma delas.

Escolheram mesmo! “Terezinha e Gabriela”, da Ruth Rocha. Acharam, inclusive, uma adaptação de texto e foram me mostrar, perguntando se poderiam chamar outros colegas para fazer a encenação. Poderiam sim, mas, antes, Rafa e eu passamos aquela conversa para que escolhessem quem realmente quisesse participar, pois elas é que realmente ficariam responsáveis por aquela apresentação.

Feito isso, era preciso pensar em algo “brincável” para que os alunos “grandes” fizessem para as crianças do PR, enquanto preparávamos também as decorações da quadra. Como já tínhamos começado a produção dos pirulitos, cataventos e pipas, passei a reparar naqueles alunos que eram caprichosos e poderiam cuidar dessa parte. Encontrei então a Thais.

Ela já era uma daquelas alunas inteligente, dedicada, cuidadosa com o dia a dia da escola, madura até para a idade dela. Mas, quando a víamos desenhando... Ah! Aí o encanto era maior. Por isso, conversei com ela para que chamasse outros colegas e ficassem responsáveis pela confecção de cataventos para as crianças do PR. Ela chamou a Esther, o Benjamim e a Sílvia para ajudá-la nessa parte e, ao longo das semanas de ensaio e confecção da decoração, era possível encontrá-los nas mesas redondas que colocaram no canto do palco, perto da tomada para que usassem as pistolas de cola quente.

Enquanto isso, só dava eu e o Rafa andando pra lá e pra cá na escola. Daqueles momentos de ensaio, lembro de uma conversa que eu e ele tivemos com o grupo da Luna e algumas amigas do 8º ano. A dança delas estava redondinha, bem ensaiada, sem exageros nas coreografias, seria, com quase toda a certeza, a nossa escolhida para fechar o evento daquele ano. Até que, faltando poucos dias para o sarau, elas começaram a se desentender porque uma chamara apenas uma delas para passear no final de semana, e não chamara as outras.

Rafa e eu aproveitamos exemplos da nossa própria amizade para mostrar que nem sempre é possível estar junto o tempo todo e que isso não nos torna menos amigos. Pelo contrário, são as diferenças que nos fazem respeitar mais ainda a amizade do outro. Falávamos e sentíamos nossos olhos cheios d'água. Não sei até que ponto elas entenderam esse aspecto de amizade e liberdade, mas sei que resolveram se entender e, realmente, foram escolhidas para fecharem o VII Sarau Odilon Corrêa.

Nos recreios, enquanto estávamos reunidos com outros professores, eles nos perguntavam como estava caminhando a preparação do sarau. Rafa e eu respirávamos fundo e respondíamos que estava tudo tão bem que até estávamos com medo. A Roseli, professora de Ciências e a “vovózona” dos professores, dizia *“Parem de ser besta! Os alunos já sabem como o sarau funciona, virou cultura da escola. Se não fizerem direito, não terão no próximo ano. Por isso, eles estão tão caprichosos!”*.

Nós entendíamos o posicionamento dela, mesmo assim era estranho aquela calma toda. Nem bronca com a voz alta, nem piti com algum aluno preguiçoso, nem preocupação com a coreografia de algum grupo de dança, nada acontecia para nos deixar com os nervos à flor da pele ou perdendo o sono na madrugada. Até os ensaios das poesias eu estava conseguindo fazer com calma, pois aproveitava que na segunda, na quarta e na sexta eu não tinha as duas últimas aulas do período da manhã e, ao invés de ir embora, chamava os alunos que fariam as declamações para ensaiar.

Na véspera do sarau, chamei a Priscila para saber como estava a entrega dos convites aos alunos que fariam as apresentações e todos já estavam com os seus. Conferi com o Rafa a lista de alunos que ficariam para nos ajudar à tarde, na decoração da quadra e a deixamos na secretaria para que, caso algum pai ou responsável ligasse perguntando sobre os filhos, os funcionários já avisassem que eles estavam mesmo ali na escola.

Assim que encerrou o período da manhã, o Bruno, o Romário, o Gilberto, a Thais, a Esther, o Rômulo, a Luna, a Carolina e a Thais ficaram conosco para

decorarmos a quadra. Até aquela parte foi muito tranquila. Tínhamos apenas os alunos do 9º ano, que se organizaram de forma tão eficiente que, antes mesmo do intervalo da tarde começar, já tínhamos terminado a decoração.

Naquele ano, a Adriana conseguiu T.N.T. branco suficiente para colocar em toda a grade que nos servia de fundo para o sarau. Por isso, visualmente, a decoração se destacou muito mais, a ponto de considerarmos aquela a mais bonita de todos os saraus.

Fui para casa com aquela imagem colorida, harmoniosa, infantil da nossa quadra decorada e com a expectativa do dia seguinte acontecer com as mesmas sensações. Copiei e coleí as poesias que os alunos haviam me enviado por *e-mail* e coloquei todas num só arquivo e com a mesma formatação.

Para fazer o cronograma daquele ano, eu não podia pensar só em conciliar apresentações diferentes com os mesmos alunos. Precisava escolher aquelas que fizessem sentido para as crianças do PR. Então, precisava, por exemplo, colocar “Negro drama”, composição dos Racionais com algumas expressões fortes, que seria apresentada pelo Fred e o Otoniel, para depois do intervalo, quando as crianças já teriam voltado para a escola municipal para o banho e o sono da manhã.

As músicas e poesias adequadas até que foram fáceis de escolher, porém entre as danças tive que colocar a única que eu sabia que as participantes do grupo optaram por usar calça, ao invés de short e meia arrastão. Deixei também a premiação das poesias para depois do recreio, pois temia que a encenação de “Terezinha e Gabriela” acabasse se estendendo mais que o planejado.

Imprimi tudo naquela mesma noite e ainda consegui dormir no meu horário de sempre. Acordei por volta das cinco horas da manhã e me sentei para escrever a mensagem final, pensando naquela conversa que Rafa e eu tivemos com o grupo de dança da Luna e das meninas do 8º ano e em tantas outras que meu sofá ou meu portão presenciaram. Coloquei tudo o que precisava no carro e subi para a escola.

Cheguei. O Rafa chegou. O Alessandro chegou. Os três “sores” do sarau, mais uma vez. O Alessandro aproveitou que o Tom, o Lael, o Arthur e o Romário estavam com os instrumentos a serem instalados e levou todos para a quadra para ajudá-lo. Enquanto isso, Rafa e eu conversamos com as turmas sobre o cronograma daquele ano, principalmente porque o recreio seria um pouco depois do horário comum, assim que as crianças do PR retornassem para a escola municipal. Porém, o que se ouvia nos corredores quando passávamos era a admiração porque estávamos vestidos iguais: macacão jeans, tipo jardineira, e camiseta branca por baixo.

Assim que terminamos de organizar todos na quadra, a diretora Márcia fez o pronunciamento oficial para abrir o evento, enquanto alguns convidados chegavam e se ajeitavam. Eram pais de alunos, namorados ou namoradas, mas eram também alguns ex-alunos que chegavam com aquele abraço gostoso de quem está de volta ao lugar de sempre. Mas ainda não eram as crianças.

Eu já havia chamado a primeira apresentação, quando a Adriana, esbaforida, avisou que as crianças estavam chegando. Pedi que os alunos que fariam a encenação descessem para recebê-las e, quando as quase quarenta crianças adentraram a quadra, os “grandes” soltaram um uníssono “owwnnnn!!!”, acompanhado de gestos de “cute cute”. Naquela hora eu pensei que decisão acertada fora convidar as crianças para estarem ali. Parecia que a presença delas trazia uma leveza e um cuidado ao nosso fazer daquele dia.

Estar lá na frente é tomar decisões e prestar atenção em muitos detalhes ao mesmo tempo que ficava com medo de não aproveitar as apresentações. Mas, quando o André, professor de uma das turmas de PR, ouviu a poesia do Otoniel declamada pausadinha, praticamente sem auxílio do papel, e me chamou para perguntar se todas as composições eram dos próprios alunos, eu fiquei pensando que não importava que eu não “assistisse” todas as apresentações, e sim que os demais aproveitassem o que fosse possível.

Sensação de orgulho também quando chamei o Tom e a Isadora para cantarem “Carinhoso”, do Pixinguinha. Desde quando combinamos que os alunos do noturno poderiam se apresentar no sarau daquele ano, eu sabia que os dois aproveitariam o máximo, mas vê-los interpretando um clássico da música brasileira aquecia-me de satisfação por observar a diversidade do que fazíamos naquele nosso evento. O Alessandro então, músico que é, observava atentamente o movimento dos dedos do Tom no violão clássico.

Assim também era a satisfação de ver a Alícia tocando para tantas pessoas. Menina mais quieta, de fala baixa, fora uma novela convencê-la a tocar violão para que a Isabel e a Thayssa cantassem. Mas, depois que se puseram a ensaiar, tive que voltar ao tão conhecido “não” que aprendera a falar para a Amanda, o Isaac e o Apolo há alguns anos, devido a tantas músicas que elas começaram a escolher para apresentarem.

Pouco depois da encenação de “Terezinha e Gabriela”, o André e a Ana Paula, professora da outra turma de PR, perguntaram como poderiam fazer para trocarem as crianças para a apresentação. Pedi que a turma que fizera a encenação os acompanhasse

para ajudar no que fosse necessário e, depois de prontas, assistimos uma apresentação de cada turma de PR.

A mesma aglomeração que os alunos faziam para assistir às danças, eles fizeram para assistir as crianças também. A primeira foi “Meu corpinho” e as crianças terminavam deitadas, como se estivessem pedalando uma bicicleta imaginária. A segunda... ah! Aí foi o sucesso da bruxa.

O André entregou o microfone na mão de uma das meninas mais velhas, já no Infantil II, para que ela puxasse a música e a coreografia. Mas, toda desenvolta, ela cumprimentou o público e pediu para que participassem também, pois, ao final da música da bruxa, todo mundo tinha que gritar “Aahhh!!!” para espantá-la. Foram gritos seguidos de risos!!!

Assim que terminaram, as crianças também agradeceram e se despediram. Os alunos que participaram da encenação entregaram os cataventos e acompanharam-nas para a saída da escola, enquanto os demais esperavam o sinal para o recreio ali na quadra mesmo.

Ao voltarmos, aquele clima leve das crianças ainda pairava na quadra. Percebi que, como tinha dado prioridade para a encenação de “Terezinha e Gabriela” antes do intervalo, a maior parte das poesias depois foram apresentadas pelos alunos que participaram. Uma delas, inclusive, rendeu vários “*hummmm!!*” da plateia. Eu sabia que o Bruno e a Carolina tinham um namorico mal resolvido desde o início do ano e a poesia dele fazia alusão justamente aos olhos esverdeados dela.

Assim que a Carolina terminou de fazer uma das tantas declamações de poesias, pois, além de duas autorais, ela também ficara com a da Maristela e a do Charles, eu chamei o Bruno para apresentar a dele. Ao final, com olhar de quem sabe da situação, perguntei a quem ele dedicava aquela poesia. Estourando de vergonha, ele só me dizia assim: “*Soraaa, faz isso não!!*”, enquanto a plateia murmurava “*hummmmm!!!*” e olhava para a Carolina, que escondia o rosto entre as mãos e essas entre as pernas.

Já estávamos praticamente no final das apresentações quando a Adriana pediu a palavra. Atrás dela estava a Tereza, uma das nossas agentes de organização escolar, segurando dois vasos de kalanchoê amarelo. A Adriana pediu que eu e o Rafa ficássemos perto dela e, enquanto a Tereza nos entregava as flores, nos fez chorar dizendo que aquela era a homenagem da escola para nós dois pela realização de tantos saraus.

Depois disso, a Luna e as meninas do 8º ano se posicionaram para encerrar o nosso VII Sarau. Dançaram tão sincronizadas que nem parecia que haviam se desentendido e se magoado durante os ensaios. Entretanto, enquanto eu fazia a mensagem final, elas se reconheceram, se abraçaram, se entenderam mais ainda e choramos um pouquinho.

Conseguimos terminar a tempo de descermos para as salas de aula, organizarmos boa parte do material nos devidos lugares, mas deixamos a decoração para ser tirada à noite, com a mesma tranquilidade que fora aqueles dias do VII Sarau. Fui direto para a escola municipal e, nos corredores, por vários dias, as crianças do PR chegavam para me contar que tinha me visto lá na escola “dos grandes” e eu me enchia de vontade de fazer tudo de novo só pra ver aquelas carinhas de contentamento.

“E não fez por que, Dan?”

“Porque no ano seguinte, veio a pandemia. Nem tive tempo de conhecer meus alunos presencialmente. Eu estava na casa dos meus pais, confortável, segura, mas não fazia a menor ideia de como eles estavam, não tinha coragem de pedir que participassem de sarau online. Isso sem contar que foi muito precária a participação deles durante as atividades online, praticamente sem acesso à internet.”

“Você tinha expectativa de fazer nesse ano de 2021?”

“Tinha sim, Núbia! Na verdade, guardei essa expectativa até o final do primeiro semestre, pensando até em fazer uma despedida. Mas tivemos alunos de volta às salas de aula somente em setembro, com toda a expectativa e a dificuldade de ‘estar’ na escola novamente. Aí acabei deixando quieto...”

“Hoje é sua despedida, não é?”

“É sim, Bia! Hoje me despeço de tudo o que contei para vocês e tantas outras coisas a mais aqui nessa escola.”

“Dan... Como foi que entrou o Doutorado em toda essa história?”

“Eu tenho todas as cartas de avaliação de todos os saraus guardadas nos meus armários, Núbia! Algumas estão em caixas, outras em envelopes, mas estão guardadas. Nunca tive coragem de jogá-las fora. Aí quando decidi fazer o Doutorado, pensei que seriam um bom material de pesquisa. Estão prontas, sabe, não foram produzidas com fins de pesquisa. Além disso, são documentos do meu acervo pessoal, que ajudarão a compreender as potencialidades formativas do sarau para mim, para os alunos e para a própria escola.”

Fomos atraídas por um burburinho que vinha do refeitório logo atrás de onde estávamos. Alguns professores e funcionários estavam começando a chegar e cumprimentavam alegremente aqueles que encontravam. De longe, ouvi a Adriana perguntando por mim para a Cris.

“Dan... Nós precisamos ir, até porque precisamos voltar para nossa casa daqui a pouco. Foi muito bom esse nosso encontro na sua despedida.”

“Obrigada, Bia! Sei que muitos que estão chegando aqui falaria até outros detalhes, mas esses que narrei para vocês são os que mais ‘falam’ à minha memória.”

“Dan, serão outras tantas mudanças depois da despedida de hoje. Outra casa, outra rotina, outra escola, outros afazeres. Bia e eu estivemos com você nessas lembranças de hoje, mas, ao mesmo tempo, estaremos...”

Ouvi de longe um longo *“Daaannnn!! Você está aqui!!”*. Eram a Adriana, a Cris e a Sheila chegando com um pacote de presente todo caprichado. Depois de abraçá-las, voltei-me para Núbia e Bia a fim de apresentá-las, mas percebi que elas haviam saído sem que eu percebesse. Tentei saber exatamente quem eram elas, perguntando para alguns funcionários, mas não consegui explicação de ninguém ali do Odilon naquele dia. Na verdade, o que nos movia naquele último dia letivo era a minha despedida e assim o fizemos, com longos abraços, muito choro e a imensa certeza da falta que me fariam.

2 Tecendo a três as colchas de retalhos de cartas

Organizei toda a minha mudança entre o Natal de 2021 e o Ano Novo. Em janeiro de 2022, principalmente, meus livros, cadernos, canetas, ou seja, todo meu material de trabalho já estava no cômodo próprio, um escritório bem na frente da nova casa. Foi onde fiz os trabalhos avaliativos das disciplinas do Doutorado que cursara ao longo do ano anterior para então começar a realmente me dedicar à pesquisa e à escrita da tese.

Ainda em janeiro comecei na escola nova. Em fevereiro eu e Fábio nos casamos oficialmente e fui, aos poucos, me acostumando com aquela nova rotina. Porém, volta e meia me vinha à lembrança a longa conversa que tivera com Bia e Núbia na manhã da minha despedida. De certa forma, sentia uma conexão naquela narrativa com as próximas partes a serem escritas.

Até que, numa manhã de abril, durante o recesso do ano letivo de 2022, ao me preparar para as escritas que tinha combinado de entregar para a Laura até o primeiro semestre, senti uma brisa leve a minha volta, refrescando o calor do interior paulista que já assolava aquele dia.

Olhei ao redor e não percebi nada de imediato, mas, alguns minutos depois, ouvi vozes alegres vindas da rua em frente à janela do escritório. Senti um arrepio ao reconhecê-las e estiquei o passo para alcançá-las antes de achar que estava ficando louca.

“Ahh láá, Núbia! Eu disse que era por aqui que encontraríamos a Dan!!”

“Céus! Que surpresa boa!!”

“Depois de tudo que nos contou, achamos um jeito de saber como está sua pesquisa, Dan!”

“Encontraram-me no dia certo, Núbia! Estou prestes a me debruçar pelas tantas cartas de avaliação do sarau que tenho! Venham, entrem!”

Naturalmente, elas adentraram o escritório e, assim que retirei do armário as várias caixas com aquela imensidão de cartas, Bia soltou um “*Nossa!*” acompanhado de uma expressão boquiaberta, enquanto Núbia sorriu com o canto da boca. Eram muitas cartas!!!

Sem combinarmos previamente, nos sentamos no chão, portas do armário escancaradas, e elas abrindo com curiosidade as caixas. Bia se encantava com cada envelope enfeitado de estrelinhas ou adesivos que encontrava, observava as letras

coloridas e exclamava um “Owwnn!!” de contentamento. Porém, minha atenção estava voltada para Núbia, para o olhar de satisfação que iluminava o rosto já marcado daquela professora-pesquisadora das experiências quase-antigas. Hesitei por um tempo, até encontrar a coragem (ou seria audácia?) de perguntar o que ela estava pensando.

“Papel tem vida, minha filha! Releia cada uma delas... Estou pensando no quanto de vida você vai encontrar...” Suavemente, Núbia me entregou uma carta.

Quando comecei a desdobrá-la, de relance, vi o olhar curioso de Beatriz acompanhar minhas mãos. A letra miúda, escrita a tinta preta, fez com que eu sentisse um leve tremor nas faces, que não passou despercebido por Bia, pois a garota tocou levemente meu cotovelo, como a dizer *“Continue! O caminho está só começando!”*.

Verifiquei o nome da remetente no verso da folha. *Lívia*. Um sussurro de lembrança trouxe uma canção à minha memória. Ouvia Lívia cantando *“Remove a minha pedra/Me chama pelo nome/Muda a minha história/Ressuscita os meus sonhos”*⁴. Sim! Havia vidas naquelas cartas que fizeram a minha própria vida de professora-pesquisadora. Acompanhada, então, de Núbia e Beatriz, comecei a abrir cada uma das cartas para organizá-las.

Percebi que sorria diante da empolgação de Beatriz para fazer aquilo, pois a menina comentava o tempo todo *“São muitas! São muitas!”*, até que Núbia se aproveitou de toda aquela emoção e mandou Bia pegar papeis, lápis e canetas para que fossem anotando alguns critérios de separação.

Lancei um olhar interrogativo, ao que Núbia simplesmente respondeu:

“Você precisa colocar ordem nisso tudo! Não tem como pesquisar tantas cartas, jogando-as para o alto como se fosse sorteio de televisão!”

Por um momento, me perguntei há quanto tempo Núbia não assistia televisão? Porém deixei os questionamentos sobre a idade de Núbia de lado, pois era melhor aproveitar a bem-vinda ajuda delas e me concentrar nas cartas.

Fomos abrindo carta por carta. Com isso, me abriam também vários sorrisos, ao me deparar com a espontaneidade de Bruno, com a sinceridade de Mariah, com a elegância de Benedito... Ao abrir a última, me surpreendi ao perceber o quanto as anotações de Bia já estavam extensas e que Núbia fizera vários montinhos de cartas.

“Essa é a última, Bia! Quantas você anotou aí?”

⁴ Ressuscita-me (Aline Barros)

“Oitocentas e setenta cartas!! Setenta e seis do I Sarau, em 2013. Cento e vinte e duas, em 2014; mais cento e cinquenta e quatro e cento e cinquenta e uma para os anos de 2015 e 2016; cen-to-e-ses-sen-ta-e-oi-to em 2017; cento e três em 2018; e, no último que teve, noventa e seis!!! São muitas! São muitas!!”

“Não dá pra ficar com todas... São muitas... Não conseguirei...”

“Que tal assim? Considere apenas os anos de 2016 a 2019. Eles foram importantes para o projeto, porque foi quando começou a escrita de poesias dos próprios alunos. Depois, considere cartas de alunos que estavam no 9º ano. Não me olhe assim espantada! Você sabe que foram as turmas que mais participaram do sarau, porque eram do período da manhã, horário em que você tinha a maioria das suas aulas. Mas, com um a parte... Escolha também as cartas da 3ª1!! Elas tocam o seu coração, marejam seus olhos, estendem seu sorriso. Para finalizar os critérios, dentre essas que lhe falei, fique apenas com cartas cujo remetente está assinado. Só sabendo o nome para saber o evento vivido que esse aluno compartilhou contigo.”

Olhei atentamente para Núbia. Diante dos argumentos que apresentou para a escolha daqueles critérios, soube que a professora-pesquisadora das experiências quase-antigas decifrara a minha alma enquanto me observava lendo as cartas. Percebendo meu assentimento, Bia riscou algumas anotações, escreveu outras e, com a vontade de quem está iniciando a vida docente ou uma pesquisa, afirmou:

“Duzentas e dezoito cartas!! Duzentos e dezoito alunos remetentes!! Mais Duzentos e dezoito vozes diferentes falando da potencialidade do sarau na escola!! Uaaaa!!”

Percebi que os montinhos que Núbia fizera enquanto abríamos as cartas seguiam justamente aqueles critérios. Eram 25 cartas da 3ª1 referentes ao IV Sarau, em 2016; 54 cartas dos 9º1, 9º2 e 9º3 sobre o V Sarau, em 2017; mais 68, dos quatro 9º anos de 2018, falando do VI Sarau; e, finalmente, 71 cartas de 2019, tratando sobre o VII e último Sarau.

Admiti que a expansividade de Beatriz e a lógica de Núbia naquelas horas em que passamos juntas facilitaram muito a escolha entre tantas cartas guardadas no meu armário. Pensando em como falar que agora precisava seguir o trabalho sozinha, lendo com maior atenção as cartas escolhidas, guardei em um fichário aquelas que não usaria para a atual pesquisa (não admitia dizer que eram as cartas excluídas) e coloquei os montinhos separados por ano e série que Núbia fizera em sacos plásticos. Talvez

precisasse digitalizar as cartas, caso fosse necessário usar uma imagem ou outra na escrita da tese, mas isso seria mais fácil do que perder a companhia de Beatriz e Núbia.

Imersa em tais pensamentos, demorei para sentir a mão leve de Bia pegando a minha.

“Você ainda não entendeu? Nós estamos juntas! Logo chegará a hora em que você vai perceber o que e o quanto isso significa.”

“Não é justo, Bia!! Vocês têm afazeres das suas próprias pesquisas, suas turmas de alunos...”

“Estarmos juntas, nesse momento, está além da sua compreensão. Só aceite, por enquanto.”

Tentei encontrar apoio em Núbia, mas ela estava posicionada atrás de Beatriz, com as mãos nos ombros da menina. Entendi, então, que não havia como contestar e senti uma expectativa crescer ao me imaginar na companhia de duas professoras-pesquisadoras tão diferentes do que via em mim naquele momento.

Para espantar as dúvidas que me cercavam a consciência, levei as mãos aos cabelos, tirei o lacinho, juntei alguns fios perdidos, puxando-os firmemente, e os amarrei num rabo de cavalo que pretendia ser mais apertado do que já estava. Estava pronta para o primeiro passo. Sem combinação prévia, pegamos os sacos plásticos nos quais agasalhara as cartas e os levamos para uma grande mesa que tinha na varanda da casa.

Aparentemente o cômodo estava na penumbra, porém Bia percebeu que a entrada de luz estava coberta por um toldo que ficava do lado de fora e se adiantou para levantá-lo, o que também fez com que Núbia percebesse algumas plantas que eu tinha na parte aberta do quintal e na janela da varanda. Devagar ela caminhou até as suculentas e parou longos segundos para analisá-las. Quando pareceu satisfeita, voltou-se para mim e disse:

“Você está movimentando algumas vidas para acontecerem aqui...”

Sentamo-nos à mesa e passamos algumas longas horas, lendo as cartas que foram escolhidas para compreender a potencialidade daqueles eventos culturais e artísticos que eu realizei durante sete anos na escola pública onde lecionei. Em alguns momentos, Bia e Núbia paravam para perguntar uma curiosidade ou outra que, talvez, eu ainda não tivesse narrado anteriormente, ao que respondia com detalhes, pois relembrar alunos, fatos, canções, poesias, enfim, o que quer que fosse relacionado ao sarau, era sempre um exercício de memória que fazia com facilidade.

Ouvi o barulho característico da moto do meu esposo vindo da rua e só então percebemos que o céu escuro e os barulhos noturnos tomavam o quintal da casa. Achemos melhor parar e, enquanto me despedia de Bia e Núbia e guardava as cartas, comecei a sentir um aperto apreensivo sobre aquela quantidade de cartas que tínhamos escolhido, que, ao contrário de Bia e Núbia, me acompanhou durante o jantar e o sono.

Acordei com o despertador das cinco da manhã avisando que já era hora de me levantar. Escovei os dentes e preparei o almoço na marmita do marido ainda pensativa. Como apresentaria tantas cartas na tese? Ainda que as digitalizasse como figura, só para imprimi-las já seriam mais de duzentas páginas!! Como mostrar aquele diálogo tão intenso que havia entre as cartas, diferentes autores, diferentes anos, mas considerações que me movimentavam para me dedicar ao ano seguinte...

Alimentada por um leite com bolacha, por um dedinho de prosa com o marido antes dele sair para roça e por uma ligação de vídeo para a minha mãe, comecei a levar as cartas escolhidas para a grande mesa na varanda e nem percebi quando Bia e Núbia chegaram.

Conversavam animadamente entre si e sorriram ao verem que as cartas já estavam na mesa. Porém nenhuma de nós pensava em esconder o jogo, ou em dar uma cartada final, expressões características de jogos de azar. Queríamos mesmo era compreender aquelas cartas pessoais, a fim de também compreender o quanto diziam sobre o meu trabalho e sobre a formação dentro da escola onde fora realizado. Apesar do novo dia começando, a angústia da noite anterior continuava a me afligir...

“Menina, volta um pouco ao que você fez no mestrado!!

Volta ao que o grupo de pesquisas do qual você faz parte tem arquitetado para apresentar as pesquisas que tem feito... O que há em comum?”

“Na dissertação do mestrado eu fui trazendo as memórias das minhas avós artesãs para tecer a escrita e ainda escrevi as crônicas de autoria e intimidade a partir dos diários pessoais que os alunos escreveram. No grupo, algumas pesquisadoras estão se dedicando a isso também. Cassão (2019), por exemplo, fez bricolagem na tese dela.”

“Bri o quê?”

“Bricolagem, Bia, é a produção de uma obra a partir de vários elementos. Cassão (2019) usou música, imagens, textos. ‘Amarrava’ esses elementos e, como ela sempre gostou muito de música, de escrever então, nem se fala, aí juntou tudo isso e compôs um caderno de partituras.”

“E você? Você gosta do que?”

“Eu gosto de tecer, Núbia! Mas não dá para fazer as mesmas analogias que eu fiz no mestrado...”

E foi então que ouvimos um carro de som passando para anunciar o Forró da 3ª Idade que aconteceria perto da minha casa, tocando uma daquelas modas de viola que faz parte dos gostos musicais de domingos depois do almoço. *“Aquele colcha de retalhos que tu fizeste/Juntando pedaço em pedaço foi costurada...”*⁵ Lembrei da minha mãe cantarolando, sem muito ritmo, aquela música, da minha avó Carmem estendendo as camas com colchas de retalhos caprichosamente costuradas por ela...

Enquanto eu mergulhava em memórias e o carro de som se afastava, Bia deu um salto, cheio de expectativa como ela mesma.

“É isso!! Uma colcha de retalhos de cartas!!! Uma não, várias colchas, de vários tamanhos, de vários retalhos!! É isso, Dan!”

“Acalme-se, Bia, ou não compreenderemos o que está nos propondo!”

“Vamos costurar os retalhos das cartas, Núbia! Assim, oh! A gente tira xérox das cartas de uma turma de um determinado ano, lemos e vamos cortando os “retalhos” que são sobre o mesmo assunto. Depois a gente pega um retalhinho de uma carta aqui, um retalhão de outra carta, porque assim, pensa, isso vai mostrando o quanto e como as cartas se conversam. A colcha de retalhos de cartas terá a voz desse monte de alunos-autores que escreveram as cartas pra Dan. Um pouquinho de cada, para formar o todo!”

“Hmmm... Boa, muito boa a ideia! Assim, Dan, você vai resolver o que estava te angustiando.”

Como Núbia soubera os pensamentos que me seguiram desde a noite anterior, eu não imaginava. Por outro lado, a ideia de Bia já começava a costurar alguns trechos na minha própria cabeça, lembrando do que vira na companhia delas até então. Era possível sim! O que precisava mesmo era saber por onde começar.

“Comece do começo, minha filha! Com a primeira turma, aquela que tem os critérios do seu coração!”

Precisava concordar com Núbia, mais uma vez. As cartas da 3ª1 de 2016 mexiam demais comigo. Reconheço os remetentes só pela letra, revejo os rostos que foram crescendo junto comigo lá na escola. Foram a primeira turma a organizar e a se apresentar no sarau, participavam com entusiasmo, principalmente das poesias e

⁵ Colcha de retalhos (Raul Torres).

músicas. Em 2015 e 2016, por exemplo, eu precisei colocar um freio no Apolo, porque ele queria cantar e tocar em mais de cinco apresentações.

Assim começamos a tecer as colchas de retalhos de cartas. Enquanto eu lia cada carta em voz alta, Núbia e Beatriz, próximas a mim, indicavam quais trechos achavam interessante. Bia, que sempre carregava uma variedade de materiais de papelaria, foi escolhendo cores diferentes para grifar assuntos diferentes indicados por Núbia. Ao final da leitura de todas as cartas da 3ª1, tínhamos três cores, pois encontramos nelas três assuntos que nos chamaram a atenção: a professora; o projeto Sarau; e o último ano deles na escola.

“Sabe, Dan, eu fiquei aqui pensando... Você não poderá usar o nome verdadeiro de cada autor-aluno das cartas, né? Então, e se nós fizéssemos uma lista de pseudônimos? Um nome para cada autor-aluno, sem repetir, para não causar confusão?”

“Acho que dá certo fazer isso sim, Bia! Mas também temos outro trabalho aqui: recortar esses trechos que você foi grifando com cores diferentes para montar cada colcha de retalhos de cartas.”

“Então faremos assim: enquanto formos recortando os retalhos para começarmos a costurar as colchas de retalhos de cartas, vamos também selecionando o pseudônimo para cada aluno.”

“Ok! Mas teremos também os professores com quem eu trabalhei, que estiveram comigo nos saraus, Rafa, Alessandro, Adriana... Para esses não precisamos de pseudônimo. Vou deixar o nome original e não vou usar esse mesmo nome para ser pseudônimo de nenhum aluno.”

“Mãos à obra, então, meninas!”

Senti a barra do vestido que estava usando esvoaçar com o pulo de alegria que Bia deu quando resolvemos tudo aquilo. Ela tinha um ar de festa, de encantamento, com cada passo que dávamos naquela tão iniciante pesquisa. Talvez porque também ela era professora-pesquisadora iniciante. Foi então que olhei para as cartas da 3ª1 e lembrei de mim mesma, lá em 2011, sendo professora deles ainda na 6ª série, no meu primeiro ano em Rio Claro. Quanto tempo já se passara desde então?! O que será que eu ainda guardo daquela professora novinha na escola?

Resolvi deixar as respostas para tais questionamentos para as considerações finais da tese. Tinha muito o que caminhar até lá. Ou melhor, muito o que costurar as colchas de retalhos de cartas. Fomos cortando os retalhos silenciosamente. De certa

forma, estávamos embebidas pelos dizeres e nos atentávamos a retalhos de diferentes remetentes-alunos que poderíamos coser coerentemente.

Recortar retalhos, retalhinhos, retalhões nos pareceu bem mais fácil no início, porém eram mínimos detalhes para os quais dávamos atenção que nos levaram a necessidade de parar para merendar o bolo de cenoura que eu deixara pronto para o lanche da tarde. Recompostas na dignidade alimentícia, passamos a costurar a primeira colcha de retalhos de carta, não sem antes sermos instigadas por alguns questionamentos de Núbia.

“Menina, tua avó costurava diretamente as roupas que estava a fazer?”

“Não, Núbia! Depois de fazer os moldes, tomar todas as medidas e cortar o tecido, ela montava a peça na cama do quarto de costura, alinhavando cuidadosamente cada parte.”

“O que é alinhavar?”

“Alinhavar, Bia, é unir as partes de um tecido com pontos largos feitos à mão, garantindo que cada parte combine com a outra, antes da costura final.”

“Então é isso que vamos fazer agora!! Alinhavar os retalhos das cartas para formar a nossa primeira colcha. Se cada retalho estiver na medida do outro, aí já podemos costurar!!”

Antes mesmo de finalizar a fala, ela pegou um retalho de Ana e outro de Apolo que falavam sobre o sarau do ano de 2016, aproximou um do outro, leu em voz alta “Para quem acompanha o sarau desde sua primeira edição, sabe como e quanto progrediu. É um grande projeto, muito bom e inovador, nele podemos ter um momento diferente dentro da escola e mostrar nossos talentos”⁶.

“Pronto! Fizemos o primeiro alinhavo!! Qual o próximo retalho?”

Bia então nos apresentou um retalho de Newton.

“Vejam, nesse retalho, Newton fala sobre o que teve no sarau. Aí dá para a gente costurar com esse aqui de Matias, em que ele diz, que teve muitas risadas e brincadeiras. Fica assim, ohh!”

O sarau deste ano foi bem legal. Teve muitas apresentações comparado aos outros, além de participantes externos, *muitas risadas, brincadeiras, para podermos nos divertir.*⁷

⁶ Primeiro parágrafo da Colcha sobre o Sarau (3^a1, 2016), formado por retalhos das cartas de Ana e Apolo, com fontes diferentes para assinalar o retalho da carta de cada um.

⁷ Segundo parágrafo da Colcha sobre o Sarau (3^a1, 2016), formado por retalhos das cartas de Newton e Apolo, com fontes diferentes para assinalar o retalho da carta de cada um.

“Aqui nesse terceiro parágrafo, podemos colocar retalhos de alunos que ainda não apareceram. Esses da Paula, do Moisés, da Eva e da Lana fazem sentidos juntos. Vejam!!”

Núbia então alinhavou os retalhos dos alunos que continuavam dizendo sobre a importância do sarau para a escola e para eles, além de já destacarem o quanto gostavam de ficar “lá fora” durante os preparativos.

As apresentações foram muito legais e a preparação muito interativa. *O sarau é um ótimo projeto, ele estimula os alunos a mostrarem seus dons, faz também com que os alunos ajudem na preparação do projeto, confeccionando todos os materiais presentes. Foi muito bom ficar várias aulas para fora da sala, apesar de ter que colocar o caderno em ordem. Ver todos os alunos se empenhando para realizar esse festival é inspirador.⁸*

Quem nos visse sem conhecer o paradigma indiciário do Ginzburg, diria que estávamos apenas juntando pedacinhos de papéis aleatoriamente. Porém era pensando nas minúcias, nos entrelaces, na coesão e coerência de tantos dizeres, que escolhíamos cada retalho a ser alinhavado na sequência de outro, escolhido também entre os entrelaces de minúcias, até chegarmos ao final daquela primeira colcha de retalhos de cartas.

Retalhos, retalhinhos e retalhões estavam dispostos à mesa da varanda da minha casa, sobrepostos, marcados por barras feitas a lápis para identificarmos o início ou o final do trecho que se alinhavou com tantos outros, quando uma leve brisa balançou o capim alto dos terrenos ainda vazios ao lado da casa e fez Núbia arregalar os olhos.

“Menina, vamos começar a digitação dessa carta logo, antes que essa brisa se torne um vendaval!”

“Digitar? Mas eu estava pensando em colarmos numa folha de papel A3 para formar uma colcha mesmo...”

“Como fará para reproduzir essa colcha na tese final? A imagem ficará distorcida. E como você fará o texto compreensível para quem vai ler a tese? Você conhece a letra dos seus alunos, seus futuros leitores não! Como fará...”

“Compreendi, Núbia! Melhor digitarmos mesmo...”

Precisei baixar a expectativa das minhas heranças de artesã. Colar cada retalho, retalhinho, retalhão seria muito demorado e, ao mesmo tempo, sem praticidade para as

⁸ Terceiro parágrafo da Colcha sobre o Sarau (3ª1, 2016), com retalhos das cartas de Paula, Moisés, Eva e Lana, com fontes diferentes para assinalar o retalho de cada um.

futuras leituras. Enquanto superava a frustração, Bia criou uma pasta – “Colchas” – na já conhecida pasta “Tese” do meu computador e abriu um documento do Word para fazermos a digitação. Ali ficamos o resto da tarde. Digitamos toda a primeira colcha de retalhos de cartas, formatamos com uma fonte diferente o retalho de cada aluno diferente e ainda elaboramos uma tabela bem simples com o pseudônimo escolhido para cada remetente-aluno em cada parágrafo.

Figura 1 - Print do arquivo do Word com a digitação da 1ª colcha de retalhos de cartas

Para quem acompanha o sarau desde sua primeira edição, sabe como e quanto progrediu. É um grande projeto, muito bom e inovador, nele podemos ter um momento diferente dentro da escola e mostrar nossos talentos.

O sarau deste ano foi bem legal. Teve muitas apresentações comparado aos outros, além de participantes externos, *muitas risadas, brincadeiras, para podermos nos divertir.*

As apresentações foram muito legais e a preparação muito interativa. *O sarau é um ótimo projeto, ele estimula os alunos a mostrar seus dons, faz também com que os alunos ajudem na preparação do projeto, confeccionando todos os materiais presentes.*

Foi muito bom ficar várias aulas para fora da sala, apesar de ter que colocar o caderno em ordem. *Ver todos os alunos se empenhando para realizar esse festival é inspirador.*

Gosto muito do que a escola pode oferecer. *As pessoas conseguem se expressar através de poesias e apresentações mostrando a todos talentos magníficos e inesperados. O que foi o “30” Alessandro cantando? Sem palavras! A apresentação das bailarinas também foi muito legal, ver aqueles meninos vestidos de leggings e tule foi muito engraçado.*

Eu gosto muito do sarau, porque é quando a pessoa mostra aquilo que sabe. Adorei as meninas cantando, gostei das poesias que leram lá na frente e *SONHOS foi um ótimo tema para esse ano* e assim cada evento sempre é uma surpresa com vários sentimentos.

Os teatros foram muito bem apresentados. *Quase morri de tanto rir! Foi uma peça que exigiu muito ensaio para que todos gostassem. Acho que tínhamos que ter um palco ou algum lugar mais apropriados para as apresentações.*

Claro que o foco no sarau são as poesias, mas, ao todo, estava tudo lindo! A decoração, a dança, as músicas e as poesias, principalmente as autais. A parte da escrita das poesias foi melhor do que o esperado. Quem diria que sairiam tantas poesias criativas e bem feitas! Foi até difícil escolher e confesso que fiz “uniduneté”. Teve uma novidade no IV Sarau, uma lembrança para os ganhadores da poesia.

Um aspecto negativo do sarau foi que nem todos os alunos se apresentaram. Quando a maioria participar, vai ficar ainda melhor. *Falando no sarau “como um todo”, não o vejo apenas como um dia para se apresentar, mas também um momento em que todos se unem e que fazemos novas amizades e reconhecemos que todos temos talento e potencial.*

Continuamos sempre organizando este movimento cultural, pois é muito importante. *Espero que cada vez mais tenha mais participação e que a qualidade só vá aumentando para trazer entretenimento para a escola. Um projeto do qual todos sentirão falta, quero que continue com seu trabalho maravilhoso.*

Fonte: Arquivos da professora-pesquisadora (2022).

Figura 2 – Print do quadro com os pseudônimos de cada parágrafo da Colcha Sarau da 3ª1, de 2016

Quadro 1 – Remetentes dos retalhos de cartas que compõem a Colcha “Sarau”

1º parágrafo	Ana - Apolo
2º parágrafo	Newton - <i>Matias</i>
3º parágrafo	Paula - <i>Moisés</i> - Eva - Lana
4º parágrafo	Jonas - Joana - Eva
5º parágrafo	Eloá - Louise - <i>Melisse</i> - Diana
6º parágrafo	Anahí - <i>Estela</i> - Elidia - Helena
7º parágrafo	<i>Melisse</i> - <i>Lívia</i> - Helena
8º parágrafo	Estevão - <i>Lívia</i>
9º parágrafo	Joana - Estevão - Jonas - <i>Carla</i> - Benício

Fonte: Arquivos da professora-pesquisadora (2022).

Ao tomarmos consciência da hora com o barulho da moto do meu esposo chegando do sítio, começamos a organizar as cartas que ainda estavam completas e os retalhos que recortamos anteriormente. O tom de cansaço na voz do meu marido ao me chamar enquanto entrava em casa, fez com que Núbia e Beatriz sentissem o quanto estavam assim também e partissem sem esperar para vê-lo. Quando voltei para pegar as últimas cartas que estavam em cima da mesa da varanda, não estavam mais em casa.

Depois do jantar, eu e meu esposo nos sentamos na calçada em frente da nossa casa para jogar conversa fora e, ao deitar-me, percebi o alívio que sentia por termos encontrado um caminho, uma forma, uma metodologia, enfim, de trazermos um pouquinho de cada carta para aquela iniciante pesquisa. Assim que o despertador tocou no dia seguinte, a vontade de terminar as colchas de retalhos de cartas da 3ª1 também me movimentou.

Núbia e Beatriz também sentiram o mesmo, pois chegaram assim que dispus os retalhos em cima da grande mesa. Ao longo de dois dias, fizemos outras duas colchas com os retalhos de cartas da 3ª1. Alguns apareceram mais – Lívia, Ana, Eva, Apolo, Estevão foram nomes frequentes; outros, nem tanto; porém o cuidado para que houvesse, pelo menos, um retalhinho de cada remetente-aluno foi alcançado.

A conexão entre Bia, Núbia e eu ficou afiadíssima enquanto costurávamos as colchas de retalhos da 3ª1, entretanto, quando começamos a nos adentrar nas cartas dos 9º anos, percebi um entrave em mim. A fluidez com que percebemos os temas a serem

tratados nas colchas de retalhos de cartas da 3ª1 não aconteceu da mesma forma com as dos 9º anos.

“Dan, por que essa cara de preocupada?”

“Achei que tínhamos encontrado uma lógica ao costurarmos as colchas da 3ª1, Núbia, mas agora parece que não está dando certo...”

“Lembra que a escolha da 3ª1 foi critério do seu coração, devido à importância deles no início do sarau? Os 9º anos já encontraram um projeto instituído, com características próprias que eles adequaram e melhoraram. Foi um processo diferente!”

“E, Dan, cada turma tem sua individualidade. Do mesmo jeito que a 3ª1 tinha um jeito de se relacionar com você, com a escola, entre eles mesmos, cada 9º também tem e isso vai interferir na costura das colchas de retalhos de cartas.”

“Então você acha, Bia, que uma colcha para cada turma, e não para cada ano de acordo com vários temas, será mais fácil?”

“Sim, e com a lógica que eles usavam para escrever mesmo. Você já percebeu que praticamente todos os alunos-remetentes falam sobre o sarau, como projeto e como apresentações, sobre as atividades na sala de aula, sobre a escrita das poesias, sobre os convites que vocês enviavam aos pais e sobre o seu trabalho?”

“É que eu fazia oralmente a retomada de cada um desses passos e anotava na lousa antes deles começarem a escrever.”

“Essa é a lógica, Dan! A Bia conseguiu selecionar os aspectos que podemos utilizar para costurar as colchas de retalhos de cartas. Quais outras compreensões cada colcha nos trará no movimento exotópico de nos aproximarmos delas depois é uma preocupação que podemos deixar lá pra frente. O que importa agora é a costura de cada colcha de cada turma, para, então, compreendermos as potencialidades de todo o projeto.”

E assim retomamos as costuras. Já que tínhamos terminado as colchas da 3ª1 de 2016, achamos prudente começarmos com as do 9º ano de 2017. Ali percebemos que coser de forma coesa e coerente os retalhos, retalhinhos e retalhões, com certeza, não era a parte mais demorada do nosso trabalho.

De início, o que nos tomava um bom tempo era separar os retalhos, de acordo com os aspectos que Bia elencara: o projeto Sarau, as apresentações do Sarau, as atividades dentro e o trabalho fora da sala de aula (ensaios e decoração), a escrita das poesias, os convites enviados aos pais e a avaliação que os alunos faziam de mim.

Relíamos as cartas, recortávamos os retalhos e os organizávamos em montinhos, com uma plaquinha feita de sulfite 60 mesmo, para não nos perdermos nos assuntos.

Figura 3 - Retalhos organizados nos assuntos principais e uma colcha alinhavada



Fonte: Arquivo professora-pesquisadora (2022).

Na sequência, escolhíamos retalhos que alinhavávamos coerentemente na própria mesa onde trabalhávamos naquelas horas. Enquanto Núbia e eu analisávamos a conexão entre os retalhos, o que era relativamente fácil porque, enquanto recortávamos já pensávamos qual poderia ser costurado com qual, Bia ficava responsável por acompanhar na tabela de pseudônimo a garantia de que, pelo menos um retalho, retalhinho ou retalhão de cada aluno estava sendo costurado naquela colcha.

Por último, fazíamos a parte mais trabalhosa: a digitação com fonte diferente para cada remetente-aluno. Escolher um tipo de letra específica para o retalho de cada aluno era uma verdadeira consulta à função “Fonte” do Word. Isso sem contar que, em muitos momentos, outro retalho, retalhinho, retalhão daquele mesmo aluno precisava ser costurado em um outro parágrafo e, então, precisávamos saber qual era a fonte exata que tínhamos usado anteriormente. Nessa dedicação toda, conseguimos escolher uma fonte diferente para cada remetente-aluno da mesma turma, mas, no mesmo ano, tivemos que ceder e repetir a maioria, pois, ainda que a variedade de tal função no Word seja satisfatória, nem todas eram legíveis quando pensávamos na impressão das colchas de retalhos de cartas.

Num certo momento, comecei a ficar incomodada com a maioria dos retalhos que estávamos escolhendo. Eles falavam muito sobre o sarau, porém, com um tom elogioso, buscando apresentar boas referências, bons aspectos, ou seja, eram pertinentes, mas não sabia até que ponto aquilo seria compreendido por quem não tivesse participado do sarau.

Ao perceber minha cara de dúvida, Bia e Núbia pararam um pouco para interrogarem o que eu tinha.

“Sabe o que é... Comecei a ficar pensativa sobre os retalhos que temos nas cartas. Parecem que só elogiam, elogiam, como se tudo fosse perfeito!!”

“Não é tanto assim, Dan!! Veja... Alguns alunos já apontaram que outros não aproveitavam o tempo lá e ficavam conversando, que a organização dos alunos na hora das apresentações de dança não colaborava para todos assistirem. Tem críticas sim, mas...”

“Mas... Mas eu não dava conta de resolver todas elas de um ano para o outro, Bia!! A quadra mesmo... Era o único lugar da escola que comportava todos os alunos do mesmo período, então eu só podia esperar que eles se reorganizassem para começar a apresentação de dança.”

“Outro ponto que você precisa lembrar sobre esse caráter elogioso, Dan, é que, talvez, para os alunos, era importante mostrar que eles gostavam do que acontecia e como acontecia nos dias de sarau, pois assim teriam no próximo ano. Eram dias diferentes para eles, para você e para a escola, sim!”

Aquieteí minhas dúvidas e continuamos a escolher os retalhos, a alinhavá-los na mesa do escritório e, depois, a costurar as colchas de retalhos de cartas.

Núbia e Bia perceberam com facilidade a rotina que eu estava estabelecendo para mim mesma para continuar costurando as colchas de retalhos de cartas, já pensando na sequência desta pesquisa, e, ao mesmo tempo, me dedicando aos afazeres de casa, à nova escola e ao início do casamento. Em alguns dias, elas pouco ficavam, porque sabiam que poucas horas eu tinha para estarmos juntas; em outros, chegavam logo que o sol apontava do outro lado da rua e saíam apenas ao ouvirem o barulho da moto do meu marido virando a esquina.

Com a presença, a ajuda, a orientação, a visão... Com a parceria, enfim, de Núbia e Bia costurei 14 colchas de retalhos de cartas sobre os saraus de 2016, 2017, 2018 e 2019. Tinha a sensação de que estava na metade do caminho, que já poderia começar as discussões teóricas para compreender o movimento formativo do sarau a

partir de cada uma das colchas de retalhos de cartas, quando, numa daquelas conversas de “final de expediente”, Núbia me chamou atenção para a necessidade de um passo que demandaria outros bons encontros com ela e Bia.

“Dan, lembra que alguns autores que fazem pesquisa em Ciências Humanas com base na heterocientificidade⁹ sempre enfatizam, no final dos capítulos, a necessidade de desenvolver e explicar de forma coerente a metodologia que utilizamos nas nossas pesquisas?”

“Sim, é uma das discussões que as pesquisas que fazemos no GREEFA também trazem, pois a Laura chama a atenção para isso. Ainda mais agora que temos nos aprofundado nas pesquisas narrativas.”

“Então, antes de você adentrar a discussão bibliográfica e a própria compreensão das potencialidades formativas do sarau, precisa apresentar as bases teóricas dessa metodologia de arquitetura dos dados que acabamos de fazer.”

“Como assim, Núbia?”

“Bia, a Dan precisa escrever agora, um capítulo dedicado à pesquisa narrativa, à metodologia de construção, ou melhor, de criação da costura dessas cartas que ela desenvolveu, assim como apresentar em que autores ela se referencia para, por exemplo, nos colocar na escrita dela.”

“É... Você tem razão, Núbia! Vai ser um longo trabalho...”

“Dan, não se preocupe! Núbia e eu estaremos aqui contigo enquanto for necessário. É juntas que estamos fazendo! Até logo!!”

⁹ Um dos textos que trazem essa discussão é o de Geraldi (2012).

3 Uma boa conversa sobre os aspectos metodológicos da pesquisa narrativa

Guardei na memória que Núbia falara sobre a heterocientificidade quando assinalou a necessidade da discussão teórica do processo metodológico que desenvolvemos para costurar as cartas e, também, sobre a presença dela e de Bia nessa escrita, além de mim – seja como autora, pesquisadora ou professora – e dos remetentes-alunos das cartas de avaliação do projeto Sarau.

Por isso, selecionei alguns textos que já conhecia devido às leituras realizadas para os encontros do GREEFA ou para a dissertação do mestrado e listei outros que leria pela primeira vez – alguns capítulos do nosso livro “Modos de fazer pesquisa narrativa: aproximando vida e cultura”¹⁰ e os capítulos sobre a metodologia das teses de Cassão (2019) e Brande (2021).

Em reunião online com a Laura Chaluh, relatei meus encontros e diálogos com Bia e Núbia para a costura das colchas de retalhos de cartas e a afirmação constante delas de que estariam comigo ao longo do processo de pesquisa. Também reafirmei, assim como na dissertação do mestrado, que a costura das colchas de retalhos de cartas se devia a necessidade que sentia de trazer o maior número de vozes, ou melhor, de sujeitos que estiveram comigo durante tantos saraus. Minha orientadora, então, para reafirmar uma proposta outra de escrita acadêmica, indicou-me também a tese de Moura (2021), orientada pela Profa. Dra. Marisol Correa Barenco de Mello, da Universidade Federal Fluminense.

Foi com esses textos empilhados na minha mesa do escritório que eu cheguei às férias de julho de 2022. Era um momento aguardado por mim, pois sabia que estar em casa para alguns dias de descanso da escola faria com que Núbia e Bia também ficassem mais tempo e a nossa escrita rendesse a fim de escrevermos o presente capítulo sobre o processo metodológico dessa tese.

Logo na primeira segunda-feira, elas chegaram conversando, o que estava se tornando um daqueles detalhes característicos das duas ao adentrarem a minha casa. Percebi que falavam sobre heterocientificidade, já que Núbia citou Bakhtin e Geraldi, enquanto me cumprimentava.

¹⁰ Chaluh, Brande, Aragão e Rosalen são as organizadoras do nosso livro, lançado em 2020, que contempla uma diversidade de gêneros cujo objetivo principal é apresentar o modo como temos desenvolvido a escrita de nossas pesquisas a partir da perspectiva narrativa.

“O objeto das ciências humanas, Bia, é o ser expressivo e falante.¹¹ Segundo Geraldi (2012)¹², o investigador em ciências humanas trabalha com o outro, sujeitos de sua pesquisa. Isso significa que todas as relações estabelecidas entre os sujeitos ao longo de uma pesquisa são importantes, inclusive se considerarmos o próprio pesquisador como um desses sujeitos... Olá, Dan!! Chegamos!!”

“Realmente, vocês vieram!! É bom tê-las aqui nesse novo momento!!”

“Daann!! Tudo bem por aqui? Núbia estava começando a me falar um pouco mais sobre a pesquisa narrativa como uma das formas de heterocientificidade...”

“Leia essa citação de Bakhtin, Bia!”

“[...] o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico [...]”¹³ (Bakhtin, 2011, p. 400).

“Acho que estou começando a entender melhor. Essa afirmação torna-se mais forte ainda quanto tratamos de pesquisas que envolvem a escola, né! Porque... porque já aconteceu na minha escola de pesquisadores chegarem com um questionário fechado, direcionando perguntas para os alunos e até para mim que queriam mostrar o meu fracasso e, por mais que eu tentasse explicar o contexto da escola, dos alunos que eu tinha e até mesmo o meu contexto, sabe, não tive voz.”

“Bia, também já vi isso acontecer na escola em que desenvolvi o projeto do Sarau. Às vezes, acho até que a minha escrita é exaustiva ao contextualizar os sujeitos e seus enunciados.”

“Não há que se preocupar com isso não, Dan. Afinal, Geraldi (2012)¹⁴ afirma que a profundidade de uma interpretação depende dos elementos que especificam o contexto e os com-textos com que o texto dialoga.”

“Eu gosto dessa construção do Geraldi sobre contextos e com-texto, Núbia, afinal, a compreensão de um contexto depende do diálogo que estabelecemos com os textos. Por exemplo, nós já temos as colchas de retalhos de cartas costuradas, certo? Então a compreensão que advirá delas depende da apresentação do contexto dos saraus, assim como dos textos com os quais já estamos dialogando para especificar o processo metodológico e com aqueles que nos trarão a identificação e a compreensão

¹¹ Bakhtin, 2011, p. 395.

¹² Geraldi, 2012, p. 36

¹³ O uso das aspas nas citações diretas aqui apresentadas se faz necessário para marcar que os trechos foram lidos em voz alta por uma das personagens.

¹⁴ Geraldi, 2012, p. 32.

das potencialidades formativas em si, que são os principais objetivos dessa tese. Isso sem contarmos que cada colcha também é um diálogo entre vários textos – as cartas, no caso. Acredito até que as próprias colchas se conversam...”

“Enquanto costurávamos as colchas de retalhos de cartas, a Dan comentou algumas vezes sobre o... como era que ela falava mesmo? Ah! Lembrei!! Paradigma indiciário de Ginzburg.”

“O paradigma indiciário, segundo a Dan e a Chaluh (2020), Bia, é um método interpretativo no qual detalhes, pistas e sinais, que se apresentam aparentemente como secundários e irrelevantes, são fundamentais para compreender uma determinada realidade.¹⁵”

“Os retalhos que usamos para costurar as colchas de retalhos de cartas não foram escolhidos por acaso. Precisavam se conectar coerentemente e fizemos questão que cada aluno tivesse, pelo menos, um retalho em cada carta, mas, nas entrelinhas das cartas originais eles traziam aspectos importantes do Sarau. Lembro do primeiro retalho da primeira colcha, da 3ª série A, sobre o Sarau. Quando Ana coloca assim: ‘pra quem acompanha o sarau desde a sua primeira edição sabe como e quanto progrediu’, ela está dizendo nas entrelinhas: eu (e minha turma) acompanhei, eu (e minha turma) sei, eu (e minha turma) estive junto. Daí a significância do retalho dela como o primeiro de todos os retalhos!”

Percebi que me emocionei ao fazer aquela afirmação. Eu estivera com Ana em vários outros momentos ao longo daqueles anos na escola Odilon Corrêa, vendo a tornar-se uma moça que foi deixando os sonhos de infância, para afirmar, por exemplo, que a ela não cabia faculdade assim que terminasse o Ensino Médio, pois precisava trabalhar primeiro para ajudar a sustentar a casa. Núbia me fez voltar à realidade.

“Importante destacar também, Dan, que, ao escolhermos esses retalhos a partir do paradigma indiciário de Ginzburg (1989) para compor as colchas, consideramos, conforme Chaluh (2008)¹⁶, baseada em Bakhtin (1999) e Amorim (2004), o caráter enunciativo das palavras dos alunos que enviaram as cartas a você, contrariando uma corrente de pesquisa em Ciências Humanas em que a palavra do outro é vista como comportamento, ao invés de enunciação.”

¹⁵ Peres; Chaluh, 2020, p. 58.

¹⁶ Chaluh, 2008, p. 5.

“E já que estamos falando em enunciados, é preciso lembrar que, nos baseamos sim no paradigma indiciário de Ginzburg (1989) para recortar, alinhar e costurar as colchas de retalhos de cartas, porém, na sequência da pesquisa, vamos nos dedicar ao cotejamento de textos.”

“Cotejo de textos, Dan? Acho que li em Geraldi (2012)!”

“Sim, Bia! Geraldi (2012) afirma que cotejar textos é a única forma de desvendar sentidos¹⁷. Segundo ele, ‘[...] ao ir cotejando os textos com outros textos, vai elaborando conceitos ou reutilizando conceitos produzidos em outros estudos com que se aprofunda a penetração na obra em estudo’¹⁸.”

“Assim, né, Núbia, é possível “desvendar a verdade-pravda do singular”¹⁹, ou seja, procurando as minúcias das entrelinhas dos retalhos das cartas para costurarmos as colchas, cotejando outros tantos textos para identificarmos e compreendermos as potencialidades formativas do sarau na escola, é que chegaremos a uma interpretação das singularidades do sarau realizado numa escola também singular. Depois, bem... Depois da tese finalizada, aí sim ela poderá ser cotejada com outros textos para que um outro pesquisador possa fazer uma outra compreensão profunda.”

“Então, Dan... Por isso que, se pensarmos bem, a forma mais viável, adequada, para a apresentação do contexto, dos sujeitos que estão conosco e daquilo que vamos conhecendo ao longo desse trajeto, é a própria narrativa. Vejam essa citação de Geraldi...”

“[...] o investigador que narra, narra precisamente porque intui que há aí, na experiência, algo que permite construir uma lição cujo sentido precisa ser aprofundado [...]” (Geraldi, 2012, p. 36).

“É por isso que fazemos pesquisa narrativa?”

“A pesquisa narrativa que temos desenvolvido, Bia, principalmente se considerarmos as produções do GREEFA, é assim considerada por abranger vários outros aspectos, além da apresentação do contexto pelo cotejamento de textos. Foram Lima, Geraldi e Geraldi²⁰ quem, em 2015, apresentaram um artigo com um mapa dos tipos de pesquisa narrativa que encontramos no país, a fim de demonstrar a necessidade de pesquisas no âmbito da escola em que os sujeitos da própria escola se reconheçam.”

¹⁷ Geraldi, 2012, pp.29-30.

¹⁸ Geraldi, 2012, p. 33.

¹⁹ Geraldi, 2012, p. 31.

²⁰ Lima; Geraldi; Geraldi, 2015.

“Eu também conheço esse artigo, Dan. Os autores trouxeram quatro tipos de pesquisa narrativa, porém se adentraram na pesquisa de narrativa do vivido, justamente por entenderem que havendo uma experiência significativa na vida do sujeito pesquisador, este a toma como objeto de compreensão²¹.”

“Então a Dan escolheu o Projeto Sarau como uma experiência significativa a ser compreendida a partir das colchas de retalhos de cartas... Podemos dizer que o contexto e a experiência desencadeada por esse contexto são dois aspectos-chave da pesquisa narrativa que estamos fazendo... Bom! Muito bom...”

“Nesse ponto, o que precisamos considerar também é o que entendemos por experiência...”

“Mas experiência não é aquilo que acontece com cada um de nós...”

“Veja, Bia, a experiência de que trata a pesquisa narrativa que fazemos é baseada em Benjamin (1994), quando ele demonstra que a experiência é aquele saber que se materializa pela narrativa. Por isso que, em Geraldi, Lima e Geraldi (2015), encontramos que ‘[...] a experiência sempre se renova, ela não morre, morrem os sujeitos da experiência. Estando sempre aberta, a cada situação a experiência é renovada’²².”

Então percebi que Bia tinha em mãos o livro do GREEFA e lia algumas páginas que eu marcara há alguns dias.

“Vejam que interessante... Acho que Dan marcou alguns trechos das Primeiras Palavras do livro pensando nisso que conversamos sobre a experiência e a pesquisa narrativa. Mas também aqui fala sobre a pesquisa narrativa como criação...”

“[...] legitima a pesquisa como criação, pesquisa que se cria no próprio movimento de se fazer, criando-se tanto o objeto que pesquisamos como nós mesmos enquanto pesquisadores [...]”
(Chaluh et. al., 2020, p. 14).

“Sim, Bia! Essa afirmação do nosso grupo é decorrente de uma afirmação do Bakhtin que diz que o objeto é criado no próprio processo e, ao mesmo tempo, se cria o poeta, a sua visão de mundo e os seus meios de expressão.²³”

“É isso que estamos fazendo aqui. A Dan tinha as cartas de avaliação dos saraus guardadas, porém, quando costuramos as colchas de retalhos de cartas nós criamos nosso objeto de pesquisa no processo da própria pesquisa. Nesse movimento, a

²¹ Lima, Geraldi, Geraldi, 2015, p. 26.

²² Geraldi; Lima; Geraldi, 2015, p. 7.

²³ Bakhtin, 2011, p. 326.

Dan, como autora-pesquisadora também está sendo criada. Uma personagem também...”

Foi então que senti um engasgo, um embargo na respiração, na verdade. Considerando a afirmativa de Bakhtin que eu mesma trouxera para a conversa, Bia e Núbia eram uma criação minha? Eram personagens advindas de qual contexto? Bia pareceu perceber a aflição que começava a me tomar.

“Então... Somos personagens também, né! Tanto quanto os remetentes-alunos que estiveram com você no sarau, tanto quanto você mesma, na época apenas professora, e agora personagem dessa narrativa sobre as potencialidades do sarau a partir das colchas de cartas.”

“Como já disse Bakhtin...”

[...] Quando tenho à minha frente uma figura simples, uma cor ou uma combinação de duas cores, um rochedo real ou uma ressaca do mar na praia e tento encontrar para eles uma abordagem estética, devo, antes e mais nada, animizá-los, transformá-los em personagens potenciais veiculadores de destinos, dotá-los de uma determinada diretriz volitivo-emocional, humanizá-los [...]” (Bakhtin, 2011, p. 61).

“E a forma que você encontrou para essa abordagem estética das tantas vozes, tantas personagens dos eventos saraus, que se tornaram experiência sua, Dan, foi a literaturização da ciência... Mais um aspecto da pesquisa narrativa da qual estamos tratando?”

“Sim, Bia! Literaturizar a ciência é uma prática outra de escrita acadêmica que nos permite estar intensamente no ciclo da escrita. Isso quer dizer que fazemos escolhas estéticas, artesanais no sentido de ‘fazer arte’ com as palavras, com os sujeitos dos eventos e seus diálogos, pois a literatura é capaz de confrontar, de aproximar, de entrelaçar tantas consciências.”

Li, então, um trecho do capítulo de Brande e Chaluh, no livro “Modos de fazer pesquisa narrativa”.

[...] O pesquisador que assume a responsabilidade de elaborar um texto que traga as palavras de outrem (e as palavras ditas por nós, como um outro), precisa comprometer-se com a busca de uma forma que faça jus ao conteúdo daquilo que se quer expressar, transmitir com ideias e palavras que são, ao mesmo tempo, ideias alheias e próprias [...]” (Brande; Chaluh, 2020, p. 21).

“E perceba, Dan, nesse movimento de literaturizar a ciência, além de alargar o gênero dissertativo-argumentativo com outros gêneros, como disse Moura (2021)²⁴, você está, nessa tese, até mesmo criando um outro gênero: as colchas de retalhos de cartas.”

Senti que fiquei boquiaberta ao ouvir a afirmação de Núbia. Criar um gênero textual? Eram passos muito além do que eu pretendia fazer...

“Isso me dá um certo medo, Núbia... Porque, ao longo dos estudos que vamos empreendendo, a fala do Bakhtin sobre gênero é muito clara, de que os campos de utilização da língua elaboram tipos relativamente estáveis de enunciados.²⁵ E tenho receio de que considerar as colchas de retalhos de cartas um gênero seja excessivo, já que não as encontramos num campo de utilização da língua... Tenho dúvidas ainda, entendem?”

“Mas... Espera aí, Dan! Não é o Bakhtin que mostra a diferença entre gêneros primário e secundário? Não é ele que afirma que, no processo de formação de um gênero secundário, é possível reelaborar gêneros primários²⁶? A tese é um gênero discursivo secundário e as colchas de retalhos de cartas são a reelaboração de um gênero primário, que são as cartas do sarau. Entendo também que as colchas de retalhos de cartas são um gênero porque têm uma temática característica – os saraus dos quais os remetentes-alunos participaram; uma linguagem própria – coloquial, leve, de amizade com você, Dan; e a estrutura – os retalhos, retalhinhos, retalhões que costuramos. Então é um gênero sim. O que você acha, Núbia?”

Enquanto Bia falava, eu a olhava admirada! Bakhtin é um daqueles autores que, geralmente, assustam professores-pesquisadores iniciantes como ela. Os termos, a linguagem, a lógica do raciocínio demandam repetidas e frequentes leituras, porém, ela conseguira compreender o conceito de gênero e ainda tratá-lo assertivamente nas colchas de retalhos de cartas.

“Acho que sua postura de professora-pesquisadora está amadurecendo, Bia! Muito bem! Quanto a sua dúvida sobre um campo de circulação do gênero colcha de retalhos de cartas, Dan, não se limite a um que diga respeito apenas ao aspecto ético, porque ele já existe e com as pesquisas narrativas estamos a alargá-lo. É o campo acadêmico. O gênero colcha de retalhos de cartas, porém, se efetiva, principalmente,

²⁴ Moura, 2021, p. 26

²⁵ Bakhtin, 2011, p. 262.

²⁶ Bakhtin, 2011, p. 263.

num outro campo, o campo estético, apresentado aqui por um cronótopo arquitetado pelas escolhas autorais que está realizando.”

“Cronótopo... É um termo do Bakhtin em ‘Estética da criação verbal’, certo?”

“É, no capítulo em que ele trata sobre o tempo e o espaço nas obras de Goethe... Você está, então, afirmando que na pesquisa narrativa, ao literaturizar a ciência, nós criamos cronótopos? É isso, Núbia?”

“Sim, Dan! Acompanhe a linha de raciocínio dos dizeres de Bakhtin e do que estamos a criar aqui... Segundo Bakhtin, tudo leva em si a marca do tempo, está saturado de tempo e **nele** ganha a sua forma e sentido e, em todos os seus momentos essenciais, esse tempo está localizado em um **espaço concreto**, marcado **nele**²⁷. Percebeu os termos que marquei com a minha entonação? Sendo assim, ao falar de um tempo-espaço dos eventos referentes seja aos saraus, seja às escritas das cartas, por mais verossímil que você o descreva, não será exatamente igual, já que você é outra, os remetentes-alunos já são outros... Até mesmo eu e Bia somos outras, diferentes daquela que você conheceu no início dessa escrita. Então é nesse cronótopo que está sendo criado agora – as nossas conversas, as colchas de retalhos de cartas etc. – que estamos compreendendo os sentidos daqueles eventos, a partir do diálogo carregado de significância que estamos fazendo.”

“E o diálogo é carregado de significância não apenas porque estamos aqui conversando e compreendendo os sentidos acerca do processo metodológico que estamos desenvolvendo. Leiam essa afirmação de Geraldi sobre o diálogo para Bakhtin.”

“[...] O diálogo é a maneira criativa e produtiva do eu me aproximar com suas palavras às palavras do outro, construindo uma compreensão que, por não ser de mero reconhecimento dos signos usados, é sempre uma proposta, uma oferta, uma resposta aberta a negociações e a novas construções [...]” (Geraldi, 2013, p. 15).

“Ou seja, ainda segundo Geraldi, né, Bia, não há diálogo efetivo sem os necessários deslocamentos de uma posição para compreender a outra posição²⁸. Lembrando, Dan, que, quando falamos de deslocamento para compreensão, estamos falando de olhar exotópico.”

“Ou de excedente de visão...”

²⁷ Bakhtin, 2011, p. 245.

²⁸ Geraldi, 2013, pp. 15-16.

“É! Estou articulando aqui o que vocês estão falando... O olhar exotópico, o excedente de visão, é o movimento que faço de afastar-me do outro para encontrar completudes provisórias diante do que estou narrando sobre tais personagens. Tanto é que Bakhtin já afirmou que uma das tarefas para uma efetiva compreensão é utilizar a distância temporal e cultural²⁹ para preencher minha incompletude. Acho que ele enfatiza tanto a provisoriedade desse preenchimento porque entende que as compreensões são próprias desse cronótopo que estou a criar agora. Num outro momento, poderão ser compreendidas de outra forma...”

“Outro aspecto importante é que, ao se tratar de pesquisa narrativa, esta é criada no movimento da própria escrita, então não há categorias elaboradas com antecipação, previamente à construção arquitetônica dos dados. Essas ‘categorias’ se emergem por meio do paradigma indiciário, afinal são os índices que nos apresentam, como disse Cassão (2019), as particularidades, as singularidades, a imprevisibilidade, a aproximação e o reconhecimento entre os sujeitos.³⁰”

*“Ah! Dan! Por isso que você e Chaluhal falam, naquele capítulo do livro do GREEFA, que ‘ao assumir a postura indiciária, é possível entrelaçar elementos dispersos e que parecem desconexos e, **posteriormente**, enquanto autor-criador, costurá-los esteticamente na obra’³¹. Agora sim!!”*

Assim que Bia concluiu aquela fala, senti uma certa aflição, pois percebi que tratamos de tantas considerações sobre a pesquisa narrativa que estávamos criando, porém não escrevera nenhuma linha específica e o dia já estava quase terminando. Logo, logo ouviríamos o barulho de moto que nos avisava sobre o final temporário do meu encontro com Bia e Núbia.

“Aff!! Que cabeça nossa... Na verdade, que falta de cabeça minha!!! Falamos, falamos, falamos... Chegamos a conclusões tão relevantes e lógicas sobre a pesquisa narrativa que estamos criando, mas não temos nada escrito até agora!! Hunfff!!”

“Dan, você ficou tão imersa na discussão que fazíamos que nem percebeu que a Bia praticamente transcreveu tudo o que falamos em tempo real. Mostre a ela, Bia!”

Com um gesto triunfante e um sorriso largo, a professora-pesquisadora iniciante mostrou-me o arquivo já na pasta “Tese” do meu notebook com as nossas falas, os trechos de textos que havíamos apontado durante a conversa, as devidas referências...

²⁹ Bakhtin, 2011, p. 381.

³⁰ Cassão, 2019, p. 22.

³¹ Peres; Chaluhal, 2020. p. 62, grifos para enfatizar a entonação da Bia.

Enfim, de um aparentemente simples dedo de prosa, tínhamos ali uma sólida conversa argumentativa sobre os aspectos metodológicos da pesquisa que criávamos a três. E confesso o quanto aquilo me acalmou. Era mais um trecho do longo caminho concluído com Núbia e Bia!!!

“Bem, agora que concluímos todo esse percurso metodológico, Dan, já podemos acrescentar um capítulo apenas com as colchas de retalhos de cartas! O que acha?”

“Núbia, estou aqui tão envolvida com o movimento metodológico e já pensando no levantamento bibliográfico, que estava me esquecendo de apresentar nossas colchas de retalhos de cartas!”

“Mesmo assim, isso será fácil, Dan! As colchas estão em arquivos diferentes, basta organizá-las num só, de acordo com a sequência dos anos. Vou fazer isso!!”

4 Colchas de retalhos de cartas e as cartas-resposta da professora Danubia

Com muita rapidez, Bia conseguiu unificar nesse capítulo as 14 colchas de retalhos de cartas que fizemos em 2022. Para facilitar, Núbia sugeriu um título padrão que indicasse também as turmas e o ano em que as cartas das quais recortamos os retalhos foram escritas.

Porém, enquanto Bia fazia isso, percebi que Núbia recostou a cabeça na parede, naquela posição em que ela se acostumou a ficar, enquanto ponderava algo que, já sabia de antemão, era importantíssimo para a escrita que estamos fazendo.

“Núbia... No que você está pensando ainda?”

Bia pausou o movimento que fazia em frente ao notebook e acompanhou com o olhar inquieto de professora-pesquisadora iniciante o que a das experiências quase-antigas estava prestes a pontuar.

“Dan... Está na hora de te apresentar mais entre essas cartas!”

“Como assim, Núbia?”

“Você se lembra, Bia, que a Dan respondia às cartas dos alunos? Era uma carta coletiva para todas as turmas daquele ano de sarau, mas era uma carta dela, em que ela se revelava, se mostrava como professora e como sujeito daquele sarau também. É preciso mostrar isso também!”

Com uma certa vergonha, assumi apenas para mim que estava até me esquecendo das minhas cartas-resposta.

“Você ainda tem essas cartas, Dan?”

“Tenho, Bia! As cartas-resposta dos 9º anos estavam digitalizadas nos meus arquivos. A que me deu um pouquinho de trabalho, foram as dos primeiros saraus. Porém, assim que fiz a matrícula para o Doutorado, postei uma mensagem no Facebook perguntando se algum aluno daquela época ainda tinha. Foi assim que consegui a minha carta-resposta do IV Sarau: a Livia tirou uma foto e me enviou!”

“Acho então que podemos organizar assim: primeiro ficarão as colchas de retalhos de cartas, como tínhamos pensado. Mas, na sequência de cada ano, estará a carta-resposta da Dan!”

“Melhor digitar minha carta-resposta, né, Bia! Para tornar a leitura mais fácil!”

“Coloque também numa caixa de texto, Bia, para facilitar a diferenciação entre as colchas e a carta-resposta!”

Seguem então, nesse capítulo, as colchas “Sarau”, “Professora” e “Último ano”, tecida com os retalhos de cartas da 3ª série 1, de 2016, e seguida da minha carta-resposta para a turma. Após, estarão: as colchas “Sarau” dos 9º1, 9º2 e 9º3, de 2017, assim como a carta-resposta para eles; as colchas “Sarau” dos 9º1, 9º2, 9º3 e 9º4, de 2018, e a minha carta-resposta; as colchas “Sarau”, dos 9ºA, 9ºB, 9ºC e 9ºD, de 2019, com a respectiva carta-resposta também.

4.1 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas da 3ªA (2016)

Para quem acompanha o sarau desde sua primeira edição, sabe como e quanto progrediu. É um grande projeto, muito bom e inovador, nele podemos ter um momento diferente dentro da escola e mostrar nossos talentos.

O sarau deste ano foi bem legal. Teve muitas apresentações comparado aos outros, além de participantes externos, *muitas risadas, brincadeiras, para podermos nos divertir.*

As apresentações foram muito legais e a preparação muito interativa. *O sarau é um ótimo projeto, ele estimula os alunos a mostrarem seus dons, faz também com que os alunos ajudem na preparação do projeto, confeccionando todos os materiais presentes. Foi muito bom ficar várias aulas para fora da sala, apesar de ter que colocar o caderno em ordem. Ver todos os alunos se empenhando para realizar esse festival é inspirador.*

Gosto muito do que a escola pode oferecer. *As pessoas conseguem se expressar através de poesias e apresentações mostrando a todos talentos magníficos e inesperados. O que foi o “sor” Alessandro cantando? Sem palavras! A apresentação das bailarinas também foi muito legal, ver aqueles meninos vestidos de legging e tule foi muito engraçado.*

Eu gosto muito do sarau, porque é quando a pessoa mostra aquilo que sabe. Adorei as meninas cantando, gostei das poesias que leram lá na frente e *SONHOS foi um ótimo tema para esse ano* e assim cada evento sempre é uma surpresa com vários sentimentos.

Os teatros foram muito bem apresentados. *Quase morri de tanto rir! Foi uma peça que exigiu muito ensaio para que todos gostassem. Acho que tínhamos que ter um palco ou algum lugar mais apropriado para as apresentações.*

Claro que o foco no sarau são as poesias, mas, ao todo, estava tudo lindo! A decoração, a dança, as músicas e as poesias, principalmente as autorais. A parte da escrita das poesias foi melhor do que o esperado. Quem diria que sairiam tantas poesias criativas e bem-feitas! Foi até difícil escolher e confesso que fiz “unidunitê”. Teve uma novidade no IV Sarau, uma lembrança para os ganhadores da poesia.

Um aspecto negativo do sarau foi que nem todos os alunos se apresentaram. Quando a maioria participar, vai ficar ainda melhor. *Falando no sarau “como um todo”, não o vejo apenas como um dia para se apresentar, mas também um momento em que todos se unem e que fazemos novas amizades e reconhecemos que todos temos talento e potencial.*

Continue sempre organizando este movimento cultural, pois é muito importante. Espero que cada vez mais tenha mais participações e que a qualidade só vá aumentando para trazer entretenimento para a escola. *Um projeto do qual todos sentirão falta, quero que continue com seu trabalho maravilhoso.*

Quadro 1 - Remetentes dos retalhos de cartas que compõem a Colcha “Sarau”

1º parágrafo	Ana – Apolo
2º parágrafo	Newton – Matias
3º parágrafo	Paula – Moisés – Eva – Lana
4º parágrafo	Jonas – Joana – Eva
5º parágrafo	Eloá – Louise – <i>Melissa</i> – Diana
6º parágrafo	Anahí – Estela – Elidia – Helena
7º parágrafo	<i>Melissa</i> – Lívía – Helena
8º parágrafo	Estevão – Lívía
9º parágrafo	Joana – Estevão – Jonas – Carla – Benício

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

4.2 Colcha “Professora”, com retalhos de cartas da 3ª série (2016)

Te agradeço por mais esse movimento cultural que interage todos. Gostamos muito do seu trabalho, pois propôs muitas oportunidades, cedeu seu tempo para que tudo ocorresse bem. Me orgulho também de você, de você ter trazido esse projeto maravilhoso para nossa escola. Sem você, nossa escola com certeza seria bem diferente.

Você, “sora” Danubia, fez como sempre um trabalho muito bem feito, como todas as vezes que faz as coisas, se pega algo pra fazer, faz direito. *Sabe como sua mente é bem criativa e organizada, também sabe o trabalho que dá toda essa sua criatividade. Nunca vi uma professora se esforçar tanto por um projeto, você organiza e pensa em tudo e cuida para que tudo saia o mais perfeito possível.*

Só mesmo uma professora cheia de ideias fabulosas como a Alice no seu mundo de maravilhas para fazer esse mundo de sonhos no mundo real. Esses sonhos loucos, essas ideias mirabolantes, tornam esse dia especial para todos os alunos. Mas, em minha opinião, a melhor parte é sempre a que você chora!

Continue sendo essa professora maravilhosa, amiga, conselheira, quase uma mãe para seus alunos. Você sabe o carinho que tenho por ti e o quanto quero continuar essa amizade e fortalecer esse laço, assim como está se fortalecendo com o Rafael! Parabenizo o seu trabalho para com a escola e, principalmente, com os alunos, não ensinando somente o português, e sim a viver, não só viver casualmente, e sim mentalmente.

Sei que você sentirá nossa falta, afinal estamos com você desde o primeiro sarau. Mas quer saber? Não quero e não vou me despedir de você! Te amo demais para isso! O que posso dizer com toda certeza do mundo é que vou sentir muito a tua falta quando terminar o ano. Vou sentir falta do seu riso e de suas lágrimas, de meus desabafos, de minhas confusões que só você consegue resolver, mesmo sem saber, com apenas algumas palavras. De suas aulas divertidas, das atividades com um objetivo relacionado à reflexão em tudo.

Obrigado, professora Danubia, por ter sido essa grande professora e amiga, e que nossa amizade não acabe com o final do terceiro ano. Espero que a professora não pare de fazer e preparar com tanto carinho outros e outros saraus! Obrigado por se importar e organizar esse movimento cultural tão importante para a nossa escola, por ser tão persistente e até por estar na escola fora do horário de aula.

Putz! Já escrevi demais, mas (porém, entretanto, todavia, contudo) não é nem metade do que realmente foi tudo isso e do que você é... A “sora” vai ficar guardada no meu <3. Te adoro...

Quadro 2 - Remetentes dos retalhos de cartas que compõem a Colcha “Professora”

1º parágrafo	Eloá – Joana – Diana – Eva
2º parágrafo	Estevão – Ana – Moisés
3º parágrafo	Lana – Eva
4º parágrafo	Melissa – Ana – Benício
5º parágrafo	Carla – Eva – Lívía
6º parágrafo	Apolo – Estela – Newton – Paula – Carla
7º parágrafo	Lívía – Carla – Lívía – Louise

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

4.3 Colcha “Último ano”, com retalhos de cartas da 3ª série (2016)

O que posso dizer do meu último sarau!? Nem sei por onde começar... Só de pensar que essa será a última carta auto avaliativa sobre o sarau já me dá um enorme aperto no coração.

Apesar de não ter tido a nossa homenagem com direito a textão, *aquele que faz qualquer um chorar, foi um grande ano!!* Houve alguns problemas com o som e a

homenagem aos professores não saiu como esperávamos, mas imprevistos acontecem.

Por ser meu último ano, não vou mais ter essa sensação boa de cultura na escola. Vou sentir falta do sarau e de todos os processos que ele engloba.

Dá uma tristeza saber que nos próximos meses de agosto e setembro não teremos nada programado, nem preocupações com decorações e apresentações. Pois é... Vou sentir muita falta de você e de todos os seus projetos. As risadas, as brincadeiras, serão experiências que vão nos acompanhar ao longo da vida.

É uma pena que a turma do 3º1 não irá mais participar, mas os alunos menores vão estar e tomara que seja melhor ainda. Que pena também que é o último ano que temos aula com você, depois é faculdade e trabalhar.

Chegou a temida hora da despedida... Deixo o terceiro no Odilon com muitos amigos, tanto professores, quanto alunos e funcionários. **Ano que vem mandarei recado pela minha irmã pra te lembrar de nós.**

Quadro 3 - Remetentes dos retalhos de cartas que compõem a Colcha “Último ano”

1º parágrafo	Eva – Ana
2º parágrafo	Ana – Carla – Melissa – Newton
3º parágrafo	Benício – Joana
4º parágrafo	Carla – Lívia – Elídia
5º parágrafo	Elídia – Anahí
6º parágrafo	Lívia – Estevão – Eva

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

4.4 Carta-resposta da professora Danubia aos alunos da 3ª série A sobre o IV Sarau Odilon Corrêa (2016)

Rio Claro, 31 de outubro de 2016.

Queridos alunos da 3ª1,

Sei que demorei para escrever essa resposta. Tive dois motivos fortes: o primeiro é a correria característica da minha vida nesse ano de 2016. O segundo é que estava tentando adiar a escrita da última carta para a primeira turma a quem escrevi uma carta como essa.

Lembro que, em 2013, comentei com vocês que tinha ido numa reunião em Limeira, onde falaram sobre sarau e vocês falaram que topariam fazer um aqui na escola também. Com um bom tanto de receio, dissemos que sim e, de lá para cá, não paramos mais.

Por isso, vocês se tornaram um marco na minha vida de professora. Permitiram-se ser melhores, mesmo depois de terem levado tantas broncas. Mostraram que podiam aprender de outras formas e que conteúdo de escola é bom quando a gente carrega pra vida.

E, nesse ano, comprovaram o quanto me farão falta nos próximos anos. Sei que há desigualdade na intensidade da participação de cada um, pois alguns dedicaram-se mais do que outros. Mesmo assim, estiveram presentes, estavam juntos e me proporcionaram boas surpresas, desde as poesias apresentadas em sala, até as apresentações de teatro, dança, música e poesias.

Imaginar o “ano que vem” é sempre imaginar outro ano e, nos nossos casos, será mesmo um ano diferente. Seguiremos caminhos nos quais não nos veremos todas as manhãs, logo no começo do corredor. Serão caminhos onde a lembrança dos “bom dia”, dos “psiiiiuuu” e dos abraços fortalecerão cada novo passo.

Só gostaria de pedir que, diante de alguns obstáculos, lembrem-se do tema desse último Sarau Odilon Corrêa – sonhos – e guardem a certeza de poder realizá-los, tanto quanto ajudaram a realizar os meus.

Obrigada por tudo, sempre!!

Danubia

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.5 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano 1 (2017)

Há quatro anos, você começou com essa ideia de “Sarau na Escola Odilon Corrêa” e viu que deu certo, então dessa vez o 9º ano 1 ajudou a montá-lo. Tivemos a grande honra de participar de algo extraordinário.

Antes de começarmos a escrever nossas poesias sozinhos, você teve a ideia de mostrar como funciona as poesias e como devem ser feitas. Fizemos um trabalho na sala de aula com a música “O homem que não tinha nada”, escrita pelo cantor Projota. Você nos fez entender que um poema pode virar uma música e que uma música pode virar um poema. Penso que interessou porque é uma letra de música e, ainda melhor, uma música que amo demais. Ainda em relação às atividades de sala de

aula, trabalhamos o poema "Navio Negreiro". Achei que a música e o poema foram bem interessantes.

Depois, aprendemos a fazer a como fazer um poema com nossas palavras, uma coisa que vinha de nós mesmos. Eu verdadeiramente gostei de fazer um poema por mim mesma, pude colocar meu cérebro para funcionar um pouco. **A professora Danubia ajudou muito com suas dicas e sua paciência com os alunos**, mas, em alguns momentos, ela ficou brava com alguns alunos. A roda de apresentação dos poemas foi muito boa também, assim pude ouvir as poesias feitas pelos colegas. Você entregou as poesias sortidas e todos leram poemas diferentes e ninguém ficou com vergonha de ler.

A partir do dia 18/09/2017 começamos as atividades fora da sala de aula para fazer a parte da decoração e todos tiveram um cargo. Como você mesma tinha dito, "no começo parece legal, mas depois vocês não vão mais querer fazer", dito e feito. *Foi um pouco difícil fazer os canudos e foi um "inferno" colar aquilo no papelão.* **Mas conseguimos!!** Os ensaios foram bem corridos e cansativos.

Não penso que gastei tempo, mas que me diverti bastante. Todos se envolveram muito com o sarau e ralamos e suamos muito para que no dia saísse perfeito. A quadra foi arrumada com as coisas que os alunos fizeram, todos juntos e reunidos, só que na noite de quinta-feira veio uma chuva e molhou tudo, ainda assim você conseguiu dar seu jeitinho.

No dia do sarau, fomos para a quadra com cadeiras para nos sentarmos e vermos as apresentações diversas. Apesar de ter demorado um pouco para a gente subir, foi organizado. Começou com alguns poemas e foi para a primeira dança, que foi a do grupo da Liz. Foi legal, só que a hora que todos estavam esperando era a apresentação da dança do grupo da Isadora que, na minha opinião, foi muito organizado e ensaiado. Eu achei muito empolgante e bem a cara do que o povo da escola gosta: funk.

Deu para perceber que muitos se emocionaram ao ver os colegas cantando músicas, até o professor Fernando cantou. Foi legal ver os meninos do Grêmio retribuindo o que os professores fizeram por eles. Nessa hora, deu até orgulho de ser do Odilon Corrêa. Depois de todas as apresentações teve a entrega das lembranças dos poemas vencedores de cada sala.

O convite para os pais foi muito bom para as pessoas que apresentaram, porque, além da escola toda ver, os pais podiam ver também e se divertir junto. Acho que foi uma das formas deles verem que a escola pode fazer algo de diferente e não deixar de aprender algo. Não só aprendemos, mas apreciamos os talentos de outros alunos. *Nós mesmos fizemos e os convites ficaram realmente muito fofos. Com certeza, os convidados voltarão ano que vem!*

Muito bom esse projeto porque é uma maneira legal de estudar, diferente e divertido por ter várias coisas. Eu gostei bastante de como ele é feito, pois muita gente tem oportunidade de participar, de apresentar algo e ganhar nota, porque

isso não é brincadeira, é uma maneira da nossa professora analisar nós de um jeito diferenciado.

O processo conjunto do sarau foi muito bom, pois distraímos bastante a cabeça, fizemos coisas diferentes do dia a dia. Pois é, foi um mês bem corrido, mas valeu o resultado. **Espero que nos outros anos só venha a melhorar.**

Como eu posso falar da professora Danubia? Ela é uma professora que se preocupa com todos e com tudo, se organiza muito bem, uma das pessoas que, quando quer, faz acontecer. Os trabalhos que você faz com a gente, professora, é um trabalho de motivação e sei que deu o seu melhor para que esse sarau fosse perfeito e super valorizo o amor que você tem por essa escola. Eu agradeço de todo coração por esse dia, por sempre querer algo novo e bom para nossa escola.

Quadro 4 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9º/1/2017

1º parágrafo	Dandara
2º parágrafo	Penina – Micaela – Lorena- Dandara – Manuêla – Liz - Alessandra
3º parágrafo	Manuêla – Iago – Alessandra – Alice – Dandara
4º parágrafo	Dandara – Manuêla – William – Penina - Liz
5º parágrafo	Manuêla – William – Dandara – Beatriz - Penina
6º parágrafo	Lorena – Alessandra – Penina – Manuêla
7º parágrafo	Dandara – Beatriz - Dandara – Alessandra
8º parágrafo	Lorena – Alice – Aristeu – Dandara – William
9º parágrafo	Iago – Beatriz - Iago
10º parágrafo	Noah – Micaela – Liz - Dandara
11º parágrafo	Alessandra – Alice – Beatriz - Dandara - Manuêla

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

4.6 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano 2 (2017)

Nesse projeto, gostei da música “O homem que não tinha nada”. Eu nunca tinha ouvido essa música antes daquele dia **e agora é uma das minhas músicas favoritas.** Ela é bonita e tem muito a ver com a situação em que vivemos nesse “cruel mundão”, **mostra uma história bem real na vida de muitas pessoas,** incentiva a todos a saber o que quer para sua vida de melhor. Para mim, a sora soube escolher bem o artista.

Depois lemos o poema e nisso a professora pediu para cada aluno escolher uma estrofe para ler para sala e ganhar um ponto. Você ainda nos apresentou e explicou as figuras de linguagem, **porém um pouco chato.** Foi a parte que mais me entediou.

Sobre a escrita e a apresentação das poesias, no começo também achei chato, não vou mentir, mas depois que entendi mais sobre isso até que achei interessante, **estimula a mente a trabalhar, usa bastante a imaginação**, junta milhões de ideia em uma só e escrever em um papel.

Gostei da forma que você trabalhou com a sala nas montagens da nossa própria poesia, com cada aluno ajudando um ao outro. Isso é bom porque, às vezes, a gente fala o que está sentindo.

Também gostei bastante da forma que você organizou a sala e a votação no dia da apresentação de nossas poesias. A sala fez um grande círculo com as carteiras e cada um começou a ler sua poesia, quer dizer, nem todos, alguns tiveram vergonha. Vi quase todo mundo lendo, mesmo não gostando muito de ler. *Cada um da sala votou na poesia que mais achou da hora. Eu não acho que foi justa, porque teve muita gente que quis favorecer o amigo, eu acharia bem melhor se você mesma tivesse selecionado elas.*

O trabalho fora da sala, na minha opinião, foi mais legal do que dentro da sala, acho que só pelo fato de não ser na sala de aula (kkk). Fomos para fora da sala para começar ajudar nos preparativos, sinceramente, eu gostei muito de ajudar a fazer. Senti um grande trabalho em equipe, sem haver brigas e desentendimentos, e agora todos estão mais próximos.

A escola inteira ajudou a fazer os canudos e os rolinhos e só as meninas pintaram as placas, pois, segundo você, elas são mais competentes para isso. Os ensaios foram muito organizados para dois professores. As pessoas que ensaiaram fizeram tudo organizado e sem tumulto, nem brigas. Eu gostei muito quando tinha que ficar na escola para ensaiar.

No dia do Sarau eu gostei bastante, foi muito legal e um dos mais emocionantes. As apresentações foram legais, organizadas, tirando a parte da aglomeração das danças que me deixou irritada porque ficavam entrando na minha frente (Afsss!!), me deu vontade de xingar todo mundo! ☹ Mas o resto foi tudo bem!

Foi muito bom porque não fizemos lição (hihihi), teve muitas alegrias e emoção. Nesse dia eu vi muita gente chorando, da diretora até os pais convidados. A Isadora, mesmo chorando, terminou a música dela até o fim. Por favor, fala para ela que eu achei a participação dela incrível, porque tem que ter muita coragem de ir lá na frente e apresentar para a escola toda.

Como todo mundo fala, as poesias são as mais chatas, mas algumas delas eu gostei bastante. Eu nunca iria esperar aquele lindo poema no final.

Nesse V Sarau Odilon Corrêa, ocorreu algo que não aconteceu nos saraus anteriores, o convite aos pais. Com esse convite, os alunos poderiam convidar os pais, os amigos e parentes. *Isso de convidar os pais foi legal para que eles participem mais*, porque os pais podem ver o que o (a) filho (a) está fazendo na escola, como a escola está se desenvolvendo. O que acho que pode ser

melhorado nessa parte é que o convite: poderia valer para um casal e não um convite por pessoa. *Acho que deveria ser obrigatório ou em um sábado por causa do serviço deles.*

Tá nervosa ainda depois de tudo? (kkk) Danubia, desde o começo você foi bem rígida e toda certinha. Também devo confessar que a “sora” ficou meio nervosa em algumas partes, mas deu para aguentar (kkk). “A “sora” teve muita paciência para fazer tudo isso e ainda olhar os alunos que não ajudaram e nem colaboraram.

Quero agradecer a sua preocupação em organizar o V Sarau Odilon Corrêa. Embora você tenha se estressado bastante com algumas coisas (kkk), você soube organizar as pessoas que iam dançar na hora de ensaiar e de se apresentarem no dia do sarau e isso foi bom. Também percebo que, quando tudo ocorre do jeito esperado, você fica aliviada e se sentindo realizada por mais um trabalho feito.

Você é uma das professoras que abre mais a mente dos alunos, que tem paciência para tanta coisa. Você é brincalhona, mas na hora que você estiver falando, você não gosta que ninguém fala junto.

Esse projeto que a professora fez com a escola é muito bacana, muito legal, divertido, particularmente eu gosto bastante, pois tem muitos momentos engraçados.

Você fez um ótimo trabalho em criar o sarau e a cada ano ele vai melhorando + e +, pois todos os alunos aprenderam um pouco mais. Esse projeto foi bom para o desenvolvimento escolar, pois fizemos muitas atividades de envolvimento. **Os alunos colaboraram muito para ser o que foi, gostei muito. Parabéns pela organização!**

Quadro 5 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9º/2017

1º parágrafo	Gael – Rênia – Erick – Afonso – Selena – Thaine – Jean – Sophia
2º parágrafo	Anita – Joaquim – Thaine – Rafaela
3º parágrafo	Sophia – Thaine – Valquíria
4º parágrafo	Rafaela – Cristiano – Jean
5º parágrafo	Rafaela – Afonso – Rênia – <i>Dafila</i> – Afonso
6º parágrafo	Sophia – Edgar – Afonso – Valquíria – Rafaela – Valquíria
7º parágrafo	Joaquim – Jean – Amália – Selena
8º parágrafo	Sophia – Rafaela
9º parágrafo	Amália – Joaquim – Valquíria – Rênia
10º parágrafo	Anita – Valquíria
11º parágrafo	Joaquim – <i>Hosana</i> – Cristiano – Edgar – <i>Dafila</i>
12º parágrafo	Aurora – Amália – Aurora – Rênia
13º parágrafo	Valquíria – Rafaela – Sophia
14º parágrafo	Jean – Aurora
15º parágrafo	Thaine – Erick
16º parágrafo	Rafaela – Joaquim – Cristiano – João

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

4.7 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano 3 (2017)

Estou lhe escrevendo esta carta pois... você mandou, óbvio! Então vou contar um pouco sobre o que eu senti no V Sarau da escola. Gostei muito da música do Projota, “O homem que não tinha nada”, que você trouxe para a sala escutar. Quando cheguei em casa, fui logo procurar pra ficar escutando, confesso que no começo não tinha gostado, mas depois que eu ouvi direito, comecei a gostar.

Adorei a poesia do “Navio Negreiro”, porque ela retrata sobre o nosso país e conta uma história bem triste. ***Confesso que fiquei bem nervosa a hora que você disse “Vocês vão ter que ler incorporando como se vocês estivessem no navio”. Deu ruim! Aí me deu um puta frio na barriga. Eu li como um passarinho dentro da gaiola.*** Sobre as matérias, sempre foram bem explicadas, com muita paciência. Achei muito interessante e tirei muito proveito.

Na parte de fazer sua própria poesia eu achei que ia ser difícil. Confesso que ia até faltar, só que minha mãe não deixou. Ela me obrigou, mas, quando sentei para escrever, vi que não era nenhum bicho de sete cabeças. Eu fiz minha poesia porque você sempre está do lado da gente.

A sala decidiu que quem ia ler o poema era você, a gente queria que fosse anônimo e ajudou a gente, pois anulou as panelinhas que tem na sala. Achei que o esquema das apresentações funcionou muito bem, já que, enquanto você lia as poesias, todos estavam atentos e quietos (eu, pelo menos, estava).

Apesar de esse ser o meu primeiro ano participando do sarau, gostei muito de ajudar. No começo, ficou muito confuso, pois, quando a “sora” chegou falando que teríamos que ajudar a fazer as coisas para o sarau, eu já pensei que ia ser muito difícil. Mas lá fora foi muito maneiro, ajudando a fazer as decorações, eu e meus colegas nos divertimos. ***Você dividiu as pessoas para ficarem cada um em um lugar e não dar confusão, mesmo assim, estava meio desorganizado, pois tinha pessoas que não estavam fazendo nada ou pessoas de outras salas atrapalhando as que estavam fazendo.***

No dia do teatro, eu ri muito e no dia do sarau foi bem legal, com todas aquelas apresentações, poemas e homenagens, vi bastante gente emocionada. A quadra estava linda, os professores arrumados, os alunos arrumados, ***mas na hora das danças, o tumulto era muito grande, pois todos queriam ver e gravar (principalmente os meninos) e acabavam meio que atropelando as pessoas das fileiras da frente.***

Eu queria muito que meus pais viessem no sarau ver as apresentações, mas não sabia que eles poderiam, porque não me entregaram convites. ***Eu acho que por conta do tempo em que ficamos de aula vaga, mas achei bom poder convidar os parentes e amigos para estar aqui para dar uma força e um apoio.***

O sarau, assim como os outros que só assisti, se renova e inova a cada ano, pois tem várias atividades diferentes e deu para se divertir e sair um pouco da rotina de sempre. Gostei muito de ver as pessoas se empenhando para que tudo desse certo, vários

professores deixaram sua vergonha para se apresentar e os alunos que se dedicaram tanto. No dia, as pessoas podem expor sua criatividade e é bem bacana. **Então, parabéns!**

Também queria te dizer que sua dedicação e responsabilidade com o projeto é elogiável. **Sinceramente, eu não iria conseguir metade do que você faz por nossa escola. Se fosse eu, jogava tudo para cima.** Eu achei que a “sora” estava muito sem tempo, pois, às vezes, a gente chamava você e você nem vinha, pois estava com muitos afazeres. É difícil avaliar você, professora. Acho você muito esforçada, explica muito bem, você faz a aula chata ficar legal. Te amo e obrigada por tudo!

Quadro 6 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9º/3/2017

1º parágrafo	Lilian - Vivian - Mafalda - Leila
2º parágrafo	Jade - Vivian - Thalia - Verônica - Clarice
3º parágrafo	Lara - Júlia
4º parágrafo	Fais - Emanuel - Lilian
5º parágrafo	Leila - Renata - André - Jade - Lilian
6º parágrafo	Clara - Flávio - Ariadne - Lilian
7º parágrafo	Camila - Akemi - Vivian
8º parágrafo	Akemi - Verônica - Emanuel - Flavio - Benedito - Ariela
9º parágrafo	Clarice - Thalia - Renata - Clara - Mafalda - Vivian

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

4.8 Carta-resposta da professora Danubia aos alunos dos 9º1, 9º2 e 9º3 sobre o V Sarau Odilon Corrêa (2017)

Rio Claro, 06 de novembro de 2017.

Queridos 9º1, 9º2 e 9º3,

É, eu sei que demorei para escrever esta resposta. Vocês, do 9º ano, nem devem ter percebido, mas o pessoal do Ensino Médio, que sabe que eu respondo mesmo, está me cobrando desde a última semana de outubro.

Então, já que é para escrever, vamos escrever. Primeiro vou falar de um aspecto que me incomodou bastante, mas que quase ninguém relatou nas cartas: dinheiro. Nossa! Nunca uma crise foi tão feia a ponto de pedir colaboração, mas foi muito bom ver que a maioria, com uma moeda daqui, outra dali, ajudou a comprar o material.

Agora, um fato que vocês perceberam fácil foi a minha ansiedade durante o período de preparação. Parece que esse ano teve de tudo bem nos dias do Sarau: feriado prolongado, palestra, teatro de fora, cinema na escola. Aff! Chegou uma hora que eu e o Rafael só fazíamos repetir: “Vai dar certo! Vai dar certo!”

Ah! E detalhe, né! Teve uma chuva bem forte na noite anterior, quando a quadra já estava enfeitada. Ainda bem que foi possível refazer alguns cartazes, já que o dia mesmo das apresentações amanheceu super lindo.

Mais lindo ainda pela presença de alguns pais! Confesso que não tinha muita expectativa de ter a presença deles, nem nos teatros, nem nas demais apresentações, mas foi bom “quebrar a cara” e ver alguns acompanharem – pouco ou muito – aquilo que foi feito por vocês.

Falando nisso, já vou adiantando que, para o próximo ano, nós continuaremos escrevendo nossas próprias poesias. Acho que está sendo um trabalho de formiguinhas, mas vela a pena ver vocês ocupando com palavras de vocês esse espaço (a escola) que é de vocês!

Ano que vem será outro ano! Ooohhh! Óbvio, né! O que quero dizer é que eu espero que estejamos juntos, mais uma vez, para fazermos o VI Sarau melhor ainda!

Até mais, então!!

Profa. Danubia

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.9 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano 1 (2018)

Primeiramente, quero dizer que esse tipo de projeto que ocorre todos os anos na escola, para mim e eu acho que pra maioria dos alunos também, é o momento mais esperado. É se matar de trabalhar para fazer as coisas para darem certo no dia. É uma sensação maravilhosa!

O conteúdo que a professora vem desenvolvendo com o passar dos anos é demais! No dia que você disse que ia passar uma música e o nome dela era “Canção pro tempo”, achei meio estranho, por conta de nunca ter escutado, mas confesso que depois que escutei, **quando chegava em casa, ficava com a música na cabeça e passava praticamente a tarde toda cantando. É**

uma canção bem incentivadora a buscar o sucesso. E aquele versículo da bíblia é muito bom porque falava sobre o tempo de tudo.

Sobre as poesias, para mim foi muito difícil tentar criar uma pelo simples fato de eu não saber rimar nem um parágrafo. *Cada um fez sua própria poesia* e podíamos expressar os nossos sentimentos, o que cada um estava sentindo naquele momento. Já a parte de sentar em círculo na sala e discutir sobre as poesias, eu gostei porque nós, alunos, pudemos opinar, e não só os professores. As poesias que fizemos ficaram 'dahora', mas foi muito difícil escolher.

Também gostei da parte da decoração. Confesso que, no início, eu não queria ajudar não, mas vi que seria legal ajudar com os meus colegas de sala. Não foram nada fáceis de fazer, mas espero que tenham saído tudo do jeito que você imaginou. Os ensaios foram bem divertidos, organizados, mas foi bem corrido. No final, deu tudo certo e alguns alunos foram chamados para decorar a quadra.

No dia 29/08, a nossa escola assistiu o teatro que foram duas comédias bem legais, e no dia 31/08 foi o sarau. O teatro foi engraçado, me diverti muito, principalmente com aquele dos três marinheiros, porque achei os personagens bem mais à vontade, consegui escutar tudo certinho e estava bem ensaiado.

Os poemas têm uma visão muito boa e, quando eu apresentei, fiquei nervoso, mas consegui. *As poesias ficaram todas bem criativas, mas, ao longo do tempo do sarau, tinha tantas que ficou um pouco enjoativo.* Na hora da minha dança, fiquei desesperada porque não estava preparada, mas depois foi de boa. Só fiquei decepcionada com a última dança, quando as meninas tiraram a blusa da cintura. Por que elas podiam e as outras não? Se fosse assim, tinha que ser direitos iguais para todos.

Algumas pessoas vieram assistir as apresentações, até mesmo da Diretoria de Ensino. Porém, não vi tantos pais, deveriam vir mais para participar desse momento da vida dos filhos, mesmo que já estejam grandinhos, porque o legal de tudo isso é que os pais e as pessoas de fora podem conhecer um pouco da nossa escola, professores, direção e do nosso talento também, né!! Achei legal e pude compartilhar um pouco da minha vibração com meus amigos. *Eu convidei dois "patetas" para me assistir e rever a escola, porque eles já estudaram aqui e puderam ver mais um grande trabalho.*

Sobre o sarau em geral, gostei muito e poderia acontecer mais e mais anos, pois os alunos se comportam bastante e *fica um pedacinho de trabalho diferente.* Parece que a cada ano vai melhorando cada vez mais!

No sarau do ano passado, a senhora não era minha professora e eu nem sabia da sua existência até o sarau. Hoje vi que, mesmo sendo muito corrido, você foi uma das pessoas que mais se esforçou. Você ficou doidinha porque tinha que ver a decoração e as danças. Ali você já estava ficando até estressada e *você fica vermelha quando se irrita. É "bem loko"!!*

Você é uma pessoa que gosta de ensinar os seus alunos e todo ano é emocionante! Dá até vontade de chorar com você, Danubia. Para finalizar, quero agradecer você por dar essa oportunidade para nós e o professor Rafael por sempre estar apoiando em tudo. *Continue sendo essa pessoa boa que você é, mas muda de time! (kkkk).*

Quadro 7 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9º/2018

1º parágrafo	Virgínia
2º parágrafo	Régis - Pâmela - Mila - Arthur - Mirela
3º parágrafo	Laila - Pâmela - Fabiane - Analu - Julieta - Hernandez - Luiza
4º parágrafo	Ronaldo - Pâmela - Laila - Rúbia - Régis
5º parágrafo	Laila - Miguel - Julieta - Áurea
6º parágrafo	Vicente - Bárbara - Marília - Bryan
7º parágrafo	Otávio - Bárbara - Virgínia - Cassandra
8º parágrafo	Analu - Fabiane - Marília
9º parágrafo	Dulce - Laila - Mila - Cassandra
10º parágrafo	Carlos - Marília - Luiza - Otávio

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

4.10 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano 2 (2018)

Eu gosto muito do sarau e de participar da construção e organização do sarau. O projeto do sarau foi ótimo pelo quanto isso importa para os alunos, o quanto poder se expressar faz bem. *É um momento do ano que muitas pessoas mostram mais ainda do que são capazes, talentos que tem, ou simplesmente, se abrem através de uma poesia* mesmo com a timidez em sala de aula.

Deveria deixar claro que houve um pouco de bagunça durante o projeto, pois era aluno entrando e saindo da sala o tempo todo, sem educação alguma, e muitos alunos atrapalhando o pessoal que estava ajudando nas decorações.

O texto de “Eclesiastes” e a música “Canção pro tempo”, do Projota, que trabalhamos na sala de aula, inspiraram muitos para fazer a poesia. *Aliás, o tema foi muito bem escolhido para também, falar do tempo me fez sentir mais segura para me abrir na poesia.* Na hora de criar uma poesia foi muito complicado, mas consegui fazê-la em meio desse tempo. Escrevi o que tinha em mente e o que sentia. Ouvi também as poesias dos colegas de classe, reparei na leitura deles, senti que eram os sentimentos deles. Foi bacana e legal ao mesmo tempo.

As aulas em que fizemos a votação, as poesias e as atividades com a música do Projota foram as que os alunos ficaram mais suportáveis, já que foram aulas mais interessantes.

A decoração, sinceramente, eu amei fazer, tive que consertar os erros dos outros, mas sei que dei o meu melhor. Uma hora, a “sora” ficava brava com a gente, porque brincava demais!! Por conta dos ensaios, reatei amizades, convivi com pessoas que já conhecia há bastante tempo, mas nunca tive

oportunidade de me aproximar. Ensaíamos bastante, quase desistimos (kkk), mas, no fim, deu tudo certo!

Gostei bastante do teatro e achei muito divertido, mas tinha que melhorar, decorar mais as falas, e melhorar o palco. Enfim, chegou o dia do Sarau, quando todos iriam se apresentar. Ocorreu tudo bem, graças a Deus! Todos mandaram muito bem, todos estão de parabéns, apesar de quase ter chorado com final da “sora”, com aquela poesia. (Só ficamos sem Educação Física por causa do sarau, né!)

Se a “sora” não chorar em um sarau, aconteceu algum milagre (kkk)... Acho lindo a emoção da “sora” ... A forma como tu vê seus alunos... O amor que sente por cada um, é evidente! Toda vez que você chora, eu choro junto...

Eu achei muito legal o seu esforço para que tudo nesse projeto desse certo! Sei que você preparou com muito carinho para a gente, por isto gostaria de te parabenizar por ter contribuído com este grande evento.

Ah! Já estava me esquecendo, acho extremamente importante a presença dos pais no sarau, porque temos que mostrar os talentos da nossa escola para o mundo. Espero que ano que vem tenha novamente, porque é muito importante, o sarau não é só uma apresentação, e sim cultura!

Quadro 8 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9º/2018

1º parágrafo	Pablo - Thomás - Luara - <i>Ayla</i> - Luara
2º parágrafo	Ágatha
3º parágrafo	Enrico - <i>Ayla</i> - Heitor
4º parágrafo	Ágatha
5º parágrafo	<i>Valentina</i> - Sávio - Marina
6º parágrafo	Brígite - Sávio - Marina - Danilo
7º parágrafo	Tom
8º parágrafo	Aparecido - Romeu - Jaime
9º parágrafo	<i>Valentina</i> - Enrico

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

4.11 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano 3 (2018)

Vou te falar um pouco do sarau que é um evento legal que acontece todo ano. Eu gosto muito do sarau porque ele sai um pouco da rotina e algumas pessoas revelam os seus dons que a gente nem imaginava. Primeiro trabalhamos na sala de aula a música do Projota para nos aprofundarmos no assunto do tempo. Aliás, foi a primeira atividade com música que eu gostei.

Depois fomos para fora e fizemos a poesia. Não foi nem um pouco fácil, nem sei rimar e “tals”, mas tentei e consegui fazer alguma coisinha. Nossa! Fiquei impressionada com algumas poesias! Estavam muito boas! Gostei bastante de poder votar e escolher as poesias que seriam apresentadas no dia do sarau.

Começamos a decoração para que aquele dia fosse um dia especial. Muitos alunos se dedicaram bastante a todo o processo do sarau, mas teve alguns que não se esforçaram nada para ajudar.

No dia 29/08, teve teatros, muito bons e criativos. Eu acho que deveria ter mais!! E no dia 31, teve o sarau. Gostei das poesias e das danças, porque não foi tão escandaloso. Também gostei do jeito que você falou para as pessoas ficarem em silêncio durante as apresentações. Sei lá... parece que esse ano teve mais apresentações do que ano passado!

Agora, eu achei bem legal a sua ideia de convidar os pais e pessoas de fora, pois aproxima a escola em relação aos pais e alunos, e os antigos alunos podem matar um pouco da saudade e relembrar alguns momentos.

Não sei como expressar a emoção de ter uma professora assim, como você, que se importa com a gente, e que quer dar uma mudada no nosso dia a dia. Você e o professor Rafael se dedicaram bastante para que acontecesse o melhor possível e conseguem passar as atividades para nós, alunos, e fazer com que o sarau aconteça. Ao mesmo tempo que isso é muito bonito, eu acho que eu não daria conta!

Só tenho a agradecer por aqueles dias terem sido especiais e inesquecíveis para todos, principalmente para mim. *Espero que no próximo ano, tenhamos outro sarau!*

Quadro 9 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9º/3/2018

1º parágrafo	<i>Allanis</i> – Lavínia – Milena – Kauê
2º parágrafo	<i>Allanis</i> – Pietra – Igor
3º parágrafo	Enzo – Isabela
4º parágrafo	Maya – Oliver – Maya – Igor – Yasmim – Pietra
5º parágrafo	Margot – Isabela
6º parágrafo	Isaque – Isabela – Lavínia
7º parágrafo	Enzo – Luis

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

4.12 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano 4 (2018)

Eu participo do Sarau já faz três anos. No primeiro não conhecia ninguém, já no segundo conheci bastante pessoas e amigos que outros amigos me apresentaram. **Mas vamos falar sobre o sarau desse ano, de tudo o que aconteceu e que estava muito organizado.** Fizemos diversas atividades envolvendo o Sarau. **Gostei muito de estudar a música do Projota (Adoro isso!!) e o texto de Ecclesiastes que ajudou bastante na preparação das poesias.**

A professora Danubia (você, né!) obrigou todos a fazer poesias (brincadeira, tá, não leve a mal!) e, vou te confessar algo, nunca pensei que fosse capaz de criar uma poesia tão linda! Mas fui sim e só esse ano percebi

que a maioria das poesias são sobre amores falsos e corações quebrados. Oh, povo sofrência, viu! *Sobre a votação, eu acharia melhor se todos da sala estivessem presentes para participar, para ficar mais justo para todos.*

Depois, vieram os ensaios para as danças, músicas, poesias e teatros. Daí virou uma nova rotina para quem participava, dando o melhor de si sempre. Ensaio vai, ensaio vem, todos os dias da semana, com pessoas da minha sala participando, cada um com uma apresentação diferente. No dia mesmo estava tudo bem-feito, a quadra toda decorada com relógios e flores representando as diversas estações do ano. Tudo tão lindo, tão perfeito!

No sarau, havia um convite para os pais ou outra pessoa que a pessoa que iria apresentar quisesse chamar. *Minha irmã ficou morrendo de raiva porque ela não pode assistir e falou que a culpa era minha porque não fiz nenhuma apresentação. Por isso acho que o sarau deveria ser aberto para todos.*

Eu super adorei esse sarau que você, professora, se dedica tanto para que saia tudo perfeito, lindo, organizado! Eu sei que o sarau significa muito para você e valeu o esforço de todos os professores, porque se não fossem vocês não seríamos nada.

Gosto muito do Sarau, apesar de falar mais sobre poesias, é como se fosse um “show de talentos” e, por mais que não pareça, no sarau conseguimos ver o melhor de cada aluno nas apresentações. É um dos momentos que mais marcam o ano! Já virou tradição, 6 anos seguidos! Sensacional!

Quadro 10 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9º/4/2018

1º parágrafo	Peter – Mirian – Rodrigo – Karen – Mariah – Karen
2º parágrafo	Márcia – Antonella – Heloísa – Karen
3º parágrafo	Gíanne – Mirian – Mariah
4º parágrafo	Agnes – Karen
5º parágrafo	Antonella – Gíanne
6º parágrafo	Karen – Gíanne – Heloísa

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

4.13 Carta-resposta da professora Danubia aos alunos dos 9º1, 9º2, 9º3 e 9º4 sobre o VI Sarau Odilon Corrêa (2018)

Rio Claro, 15 de outubro de 2018.

Queridos alunos do 9º ano,

Nossa! Como foi demorado encontrar um tempo para escrever essa carta! E, preciso admitir, ainda vai demorar mais uns dias para organizar todos os envelopes para entregar-lhes antes do ano acabar, né! Rsr

Por outro lado, é até bom parar para escrever sobre o Sarau tanto tempo depois dele ter acontecido, porque eu sempre me sinto renovada ao lembrar de toda a movimentação, de toda a ansiedade e expectativa daqueles dias. E, reparem vocês também, o quanto escrevi sobre “tempo”, mesmo sem tocar no tema do sarau desse ano.

As cartas de vocês me trouxeram alguns aspectos a serem comentado nessa resposta. O primeiro deles foi a roupa da dança. Desde o primeiro Sarau, eu fiz questão de falar para ser o mais discreto possível e não gostei mesmo da diferença que um grupo fez no final da dança. Já anotei que para mim que ano que vem vou ser ainda mais chata sobre isso.

Outro aspecto foi a escrita de poesias. Vocês trataram da dificuldade de escrevê-las em várias cartas, mas eu penso que, talvez, seja uma questão de autoconfiança.

Explico: escrever poesia não faz parte da vida diária de vocês, e, aí, quando chega esse momento no sarau, vocês acham que não são capazes, sendo que, na verdade, conseguem fazer de forma simples, trazendo à tona seus próprios sentimentos.

E, vejam vocês, reparando nas cartas desse ano, de 2017 e de 2016, que foi quando passamos a fazer e apresentar as poesias autorais, foram diminuindo as críticas ao “excesso” de poesias no dia do Sarau.

Entendo, então, que é mais prazeroso para vocês ouvir poesias escritas pelos próprios colegas, do que aquelas escritas por pessoas que não são próximas ao nosso dia a dia.

Bom, acho que preciso parar, ou vocês vão fazer um meme meu dizendo que escrevo tanto quanto choro (rsrs). Mas, antes quero agradecer-lhes por esse ano, por toparem dar continuidade a um dos poucos projetos fixos da escola, por terem feito o melhor da melhor forma possível.

É por acreditar em uma educação que forme pessoas com sentimentos e poesias nos olhos que eu continuo sendo professora.

Abraços bem fortes!

Danubia

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

4.14 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano A (2019)

O VII Sarau do Odilon Corrêa foi uma ótima experiência, para os alunos e para os professores. A gente pode mostrar que, além de estudar, sabemos fazer outras coisas. **Eu achei as atividades em sala de aula legais, difíceis, mas legais. Começou com duas**

atividades, a música “Bola de meia, bola de gude”, você ensinou sobre a estrutura da música, e o poema “Meus oito anos” e a gente aprendeu a diferenciar versos de estrofes.

Tivemos que fazer a poesia para o sarau na sala e fizemos a escolha das poesias e quem ganhasse, iria ler no sarau. Durante o tempo que tivemos para escrever a nossa poesia, eu utilizei alguns fatores, tal como o estado emocional em que me encontrava e transmissão dele para o eu-lírico.

Já as decorações foram muito divertidas de fazer, porque ficamos fora da sala, divididos em grupos. Foi algo extremamente empolgante, mas cansativo. **Apesar de preferir as atividades do lado de fora, mas já estava com vontade de voltar para a sala.** Nos ensaios, fiz novas amizades e consegui conhecer melhor elas.

Partindo para o grande dia, **no total, tivemos 62 apresentações** lindas e as que eu mais gostei foram as danças e as músicas apresentadas com violão. Foi legal a participação da turma da noite, pois assim interagimos mais com o outro período, *além deles terem colaborado com a atenção deles nas outras apresentações e trouxeram uma rima que traz a realidade.* E como não lembrar da presença das crianças que, ao trazerem alegria para o ambiente, nos presentearam com belas danças e coreografias.

Também vieram familiares assistir às apresentações, alguns tinham muitas coisas para fazer, mas tiraram um tempo para vir assistir seus filhos, irmãos e primos.

Você e o professor Rafael pareciam bastante nervosos, mas **no final, foi emocionante ver os melhores professores, chorando de emoção. Foi muito lindo!** Não sei o que se passa na cabeça da senhorita e do professor Rafael, para ter a determinação e a coragem de fazer um evento tão detalhado e caprichado quanto este, mas agradeço muito.

Achei que tanto você, quanto o “sor” Rafael fizeram um belo trabalho! Este projeto é muito além de apenas um evento, *pelas aulas divertidas que você nos passa com poesia, música e a decoração.*

Espero que tenha mais saraus como este. Eu acho que este tipo de atividade escolar, *que distraiu um pouco, mas para isso os alunos também precisam colaborar.* Espero que você e o professor Rafael descansem bastante!!

Quadro 11 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9ºA/2019

1º parágrafo	Luna – Bianca – Plínio
2º parágrafo	Eugênio – Fabrício
3º parágrafo	Kiara – Jamal – Samuel – Luna
4º parágrafo	Thales – Rosana – Charlotte – Thales – Naomi – Hélio – Fabrício
5º parágrafo	Bella – Maitê
6º parágrafo	Samuel – Rosana – Jamal
7º parágrafo	Bianca – Jamal – Bernardo
8º parágrafo	Charlotte – Ícaro – Bella – Betina

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

4.15 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano B (2019)

Começamos o sarau fazendo atividades na sala de aula: a música “Bola de meia, bola de gude” e a poesia “Meus oito anos”. Eu gostei muito da música, ela é a típica música chiclete, que grudado na cabeça. A poesia, no entanto, era um pouco deprimente, um tanto dramática também. O professor Rafael apresentou uma música para nós também, que nos mostrava o tema da decoração do Sarau, que seria infância.

Então, as atividades na sala de aula foram uma boa ajuda na hora da escrita das poesias que tinha tema livre, **mas eu mesma tinha muita dificuldade em fazer, como você viu, né!**

Depois que todos escreveram, teve a votação, quando sentamos em roda e lemos a poesia para todo mundo da sala em voz alta, o que foi muito vergonhoso. Eu acho que não deu muito certo as votações na sala de aula, pois muitos não levaram em consideração as poesias escritas, e sim escolheram as pessoas com mais amizade.

Então começamos com a decoração, que, para mim, é a parte mais demorada e eu gostei muito de ajudar você e o professor Rafael. Me senti muito importante quando você me deixou responsável pelo teatro, muito obrigada, de verdade, estou muito agradecida por você ter confiado em mim, mas admito que, às vezes, era difícil concentrar na lição das outras aulas com a música dos ensaios nas salas do lado.

No dia das apresentações, a quadra estava toda enfeitada e os alunos esperando começar, e, como previsto, todos nervosos com a vergonha. **Sobre as apresentações, olha, vou te dizer, que fiquei bem emocionado! Eu gostei de ouvir as poesias** e fiquei com muita vergonha que a professora Mariana leu minha poesia e chamou eu lá na frente.

Eu só não gostei que, na hora das apresentações, eu não conseguia ver quase nada, porque todo mundo se levantava, parecia a muralha da China. *Adorei quando chegaram as crianças, lindas, algumas com vergonha, já outras brincando, cantando, e a apresentação delas!! Meu Deus!! Eu amei vendo elas sem vergonha!*

Gostei da participação do noturno, mas eram sempre as mesmas pessoas, a Isadora e o Tom. Mas deveria continuar a participação do noturno, até porque não é justo ter uma atividade diferente só para o período da manhã. Já os alunos que apresentaram, alguns levaram amigos, namorados, pai, mãe etc. e **parece que gostaram, porque teve apresentações bem legais.**

Com a sua liderança e do professor Rafael, fizemos mais um evento incrível, **bem legal e diferente. Isso sim é uma amizade verdadeira, um ajudando o outro!**

Quadro 12 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9ºB/2019

1º parágrafo	Rubens – Priscila – Carolina – Lucca
2º parágrafo	Esther – Ismael – Raiane

3º parágrafo	<i>Cíntia</i> – Esther
4º parágrafo	<i>Vanessa</i> – Celso – Carolina – Priscila
5º parágrafo	Ismael – Alexandre – Haruo – Luan – Tadeu
6º parágrafo	Priscila – <i>Cíntia</i>
7º parágrafo	Carolina – Priscila – Alexandre – <i>Vanessa</i>
8º parágrafo	Lucca – <i>Vanessa</i> – <i>Cíntia</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

4.16 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano C (2019)

Este ano o sarau tinha um tema que é muito marcante na vida de cada um: a infância. Fizemos várias atividades em sala de aula, trabalhamos com a música “Bola de meia, bola de gude”, de Milton Nascimento/Fernando Brandt, e com a poesia “Meus oito anos”, de Casimiro de Abreu. *Me lembro ainda das atividades, a música relacionada à infância, como foi bom me recordar de quando era menor... das brincadeiras!*

A poesia foi mais difícil, porque precisava pensar num texto, **foi um processo meio lento!** O tema era livre e **a inspiração para fazer a poesia dentro da sala demorou um pouco, mas veio, ficou até que boa!** Isso despertou uma proximidade e carinho maior por uma pessoa especial para quem eu dediquei minha poesia.

A decoração foi uma junção de criatividade com loucura! Não é para qualquer um fazer tantos pirulitos, tantas pipas e tantos cataventos!! **Ficou linda e o melhor é que foi feita por nós** e a gente fugiu um pouco da rotina. Com os ensaios, a escola ficou bem agitada e teve bastante união e cooperação de todos, **mas eu acho que devíamos ter ensaiado bem mais no microfone.** A turma até leva jeito, mas se o povo que fica olhando tivesse mais respeito, ia ser bem melhor. A organização exige muita paciência, então não era difícil ver você e o professor Rafael estressados lá fora.

E por fim chegou o tão esperado dia das apresentações. Era notável ver alguns alunos nervosos. As apresentações em geral foram excelentes, mas foi uma experiência muito marcante para mim, pois era uma mistura de sentimentos que iam do medo a uma felicidade **grande!** Foi uma experiência boa essa minha apresentação, mas uma coisa eu te afirmo: Nunca mais!”

Cada aluno que se apresentou teve direito a um convite para chamar um amigo ou um parente para poder assistir as apresentações. Minha tia e meu avô vieram, fiquei muito feliz que eles vieram e eles gostaram muito também. A presença de alunos do noturno foi legal, pois eles tiveram até o direito de se apresentarem, o que deve ter feito eles se sentirem mais envolvidos. **A espontaneidade e a iniciativa que eles tiveram em querer expressar seus talentos nos mostra que a escola está se tornando um lugar melhor para conviver.**

Também tivemos a participação das crianças da escola “Clara Freire” que apresentaram danças muito fofas. *Quando as crianças chegaram, elas eram muito fofas e eu, então, fui brincar com uma delas e todas as crianças*

foram brincar comigo. Foi bem engraçado! Ao apresentar o teatro para as crianças, me emocionei muito ao ver aquela inocência, aquela curiosidade, toda aquela mágica no olhar delas!

Amei a mensagem que você e a Adriana passaram no sarau, confesso que me emocionei e foi um momento muito marcante. O sarau foi bom, relaxante e divertido e floresceu várias amizades maiores do que as brigas e mostrou o quão importante é um amigo.

Desejo muito que você tenha aproveitado o sarau tanto quanto eu aproveitei cada pequeno detalhe que tinha, uma participação única e essencial. *Agradeço por sua força, paciência, esperança, carinho, disponibilidade, cuidado, ânimo, alegria etc. para ter feito esse trabalho lindo, e agradeço também o professor Rafael, por te ajudar com toda a organização.* Vocês fizeram do sarau um dos momentos mais importantes para mim e me mostraram que não são só meus professores, são também meus amigos!

Quadro 13 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9ºC/2019

1º parágrafo	Maísa – Tatiana – Deborah
2º parágrafo	Timóteo – Ísis – Talita – Bruno – Frederico
3º parágrafo	Ricardo – Ísis – Deborah – Talita – Otoniel – Ricardo – Hadassa
4º parágrafo	Hadassa – Otoniel – Alícia
5º parágrafo	Tatiana – Alícia – Matteo – Bruno
6º parágrafo	Marcela – Michel – Maísa
7º parágrafo	Ísis – Matteo – Frederico
8º parágrafo	Maísa – Giovanni – Maísa

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

4.17 Colcha “Sarau”, com retalhos de cartas do 9º ano D (2019)

Eu achei o sarau maravilhoso desde o início. Começamos com atividades em sala de aula, trabalhamos com música e poesia. Foram uma bela oportunidade para aprender e rever coisas importantes para nosso desenvolvimento intelectual, *com uma aula diferenciada e interessante.*

Na hora de escrevermos as nossas poesias, foi complicado! Eu estava sem ideias e sem inspiração para escrever, daí fiquei pensando, pensando e me inspirei no momento político e social do nosso país. Além disso, pude ver meus companheiros da sala expressando um ótimo sentimento nostálgico sobre suas infâncias. Eu não fazia ideia de que nossa mente fosse capaz de trabalhar de forma tão profunda! Primeiro, apresentamos nossas poesias em sala de aula, mas os alunos tiveram dificuldade para apresentar as suas poesias, devido à vergonha e às “gracinhas” paralelas.

Em seguida, fomos para as atividades fora da sala, o que todos mais estavam esperando, porque aliviou um pouco aquele clima de sala de aula que apenas tem que escrever. Por causa do seu estresse e do professor Rafael, que dá para

entender o motivo, vocês acabaram não percebendo que tinha algumas pessoas atrapalhando outras. O ensaio de dança foi muito bom, teve alguns desentendimentos e muitas alegrias, também fiz muitas amizades. *A gente ensaiava com o “sor” Rafael, ele deu risada com a gente, elogiou o nosso ensaio.*

Eu também gostei da opção de chamar uma pessoa como convidada para assistir as apresentações. *Havia muitos convidados amigos e familiares dos alunos, que tiveram um lugar especial para assistirem a tudo, sem problemas. A presença dos convidados foi importante para a confiança de quem estava apresentando.*

No caso das apresentações, eu gostei bastante, pois foram muitas e não ficou chato de assistir. **Amei de coração as apresentações, principalmente das criancinhas, pelo fato delas terem se dedicado para participar do sarau e pela inocência delas.** Eu não participei dos outros saraus, mas tenho certeza que foram tão especiais e lindos quanto esse! *As apresentações das músicas, poesias, teatro e danças foi o momento em que percebemos como todo o esforço dos professores e alunos valeu a pena!*

E foi muito interessante a harmonia e a paciência com que você e o Rafael trabalharam com a gente. No primeiro sarau, você começou o trabalho sozinha, mas ao longo do tempo, encontrou um companheiro – Rafael –, que te ajudou com todo o trabalho e desde então selaram uma amizade que se estende até hoje. Como disse a Adriana, não existiria sarau sem Danubia e Rafael! São dois professores para quem eu tiro o chapéu! Mas ainda acho que deveria ter alguma coisa no sarau que envolvesse mais as relações entre alunos e professores.

É muito top ter sarau, pois é uma coisa que descontraí, diferente de sentar naquela cadeira e só escrever. *Esse projeto foi incrível, com tudo bem feito, várias participações mostrando também o esforço de cada um para que desse certo. Para mim, a presença dos convidados apenas mostrou como o sarau é importante não apenas para nós da escola, assim como a participação dos alunos do noturno mostra que ainda é importante para eles também.* Tomara que sempre tenha mais sarau!

Quadro 14 - Remetentes da colcha de retalhos de cartas do 9ºD/2019

1º parágrafo	<i>Francieli – Martin – Janaína</i>
2º parágrafo	Marta – Martin – Claudiana – Renato – Maurício
3º parágrafo	<i>Francieli – Gisele</i> – Thiago – Adrian – Luciano
4º parágrafo	Jaqueline – Nathieli – Márcio – Martin
5º parágrafo	Jaqueline – Thássia – Jeniffer – Marta – Janaína
6º parágrafo	Samara – Marta – Martin – Olivia – Maiara
7º parágrafo	Olivia – <i>Gisele</i> – Janaína – Andressa

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

4.18 Carta-resposta da professora Danubia aos alunos dos 9ºA, 9ºB, 9ºC e 9ºD sobre o VII Sarau Odilon Corrêa (2019)

Rio Claro, 30 de outubro de 2019.
Queridos alunos,

Demorei para responder, eu sei. A correria pós-Sarau está maior do que eu imaginava e parece que, quanto mais nos aproximamos do final do ano letivo, mais apertados ficamos no tempo. Bom, mas eu não estou aqui para falar de final de ano, e sim dos dias que vocês mais lembrarão desse ano.

Eu e o Rafael comentamos várias vezes que até estranhamos os dias de preparação do Sarau desse ano. Isso porque, apesar do cansaço e da correria, nós não chegamos a surtar tanto. Os outros professores, ao nos ouvirem, comentavam que o que está acontecendo é que o Sarau virou costume da escola e, por isso, eu, o Rafael e os alunos já sabemos como encaminhar a organização.

Acho que eles têm razão. Mas, nem por isso deixaram de acontecer situações que me marcaram esse ano. Enquanto lia as cartas de vocês, marquei para mim mesma o quanto vocês disseram que as crianças da escola municipal eram “fofas” (sim, foi esse o termo mais usado, rsrs). E, acreditem, até hoje, muitas delas falam de quando vieram aqui na escola dos grandes.

Falando nisso, os professores de lá me pediram para ver a possibilidade de nós irmos até lá para que as crianças possam nos receber. Se vocês se interessarem, podemos conversar com a direção depois do Saresp.

Voltando ao que me marcou esse ano, lembro das DR nos ensaios de dança. Juntou a pressão natural por boas apresentações com as tretas de vocês e, aí, eu e o Rafa precisamos ter jogo de cintura para que a apresentação e, principalmente, as amizades não desandassem! Valeu a pena, porque, acho eu, que isso fortaleceu o que já era bom e afastou o que estava sem sentido.

Outro aspecto que me marcou muito foram as poesias desse ano. Eu sei que vocês sofreram para escrever. Sempre fico angustiada com essa parte, porque vocês esperam tanto a minha ajuda e eu tento interferir o mínimo possível. E assim as poesias saem, brotam, nascem e me marcam profundamente.

Por isso, só poderia encerrar essa carta agradecendo pelo “sopro de vida escolar” que vocês trouxeram esse ano. São em dias como os dos Sarau que eu tenho a certeza que o que nos aproxima, na escola, é a amizade.

Forte abraço para cada um!
Danubia

Fonte: Arquivo pessoais (2022).

“Prontinho, Dan! Já temos todas as colchas juntas e seguidas das cartas-respostas!”

“É, então, chegamos ao momento do levantamento bibliográfico. Estou bem pensativa sobre o que encontraremos sobre sarau...”

Enquanto Bia e Núbia percebiam minha expressão preocupada, o barulho costumeiro da moto do meu marido foi ganhando nossos ouvidos. Sinal de que o dia fora muito produtivo e todas precisávamos descansar.

“Dan, nós já vamos, tá! Dê nosso abraço em Laura quando encontrá-la para tratarem do que fizemos até agora e logo, logo, estaremos aqui novamente para o próximo passo! Como a Bia sempre diz: Vamos juntas!!! Até!!”

5. Sobre sarau na escola: quem mais fala? O que pesquisa? O que conclui?

O segundo semestre de 2022 não foi tão produtivo para a escrita dessa tese quanto eu achei que seria. Ainda que a presença de Bia e Núbia fosse muito forte, elas perceberam que outras preocupações ocupavam minha cabeça e meu coração. A proximidade dos 40 anos de idade somou-se a ansiedade de ser mãe ainda no primeiro ano de casamento e, ao fazer alguns exames mais aprofundados, meu marido e eu compreendemos por que, até então, não tínhamos nem suspeita de gravidez.

As tentativas de engravidar por meio de inseminação artificial desviaram meu foco da escrita e da pesquisa propriamente dita. Medicamentos, injeções, hormônios, idas e voltas para São José do Rio Preto exigiram um tempo com o qual eu percebi que não sabia lidar e precisei até mesmo pedir prorrogação de prazo para a qualificação e defesa. Foram três procedimentos infrutíferos...

O próximo passo seria a fertilização *in vitro*, porém eu travei diante da possibilidade de implantações que, talvez, como diria minhas avós, “não vingassem”, de... pelo menos no meu entendimento, de gravidez(es) interrompida(s). Respirei fundo por várias noites, orei a Deus para me fortalecer, conversei com frequência com meu marido, até decidir: “*Vou terminar o doutorado, primeiro! Depois...*” Bem, depois decidirei se serei mãe... ou não!

Nesse ínterim, Bia e Núbia apareceram algumas vezes para combinarmos como faríamos o próximo passo: o levantamento bibliográfico. Teses, dissertações, artigos, enfim, outros textos e outros autores que já falaram sobre sarau e, principalmente, sobre sarau na escola.

Em uma orientação, Laura e eu conversamos que, além do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, seria interessante uma busca no Google Acadêmico, especialmente na plataforma *Scielo*, por artigos de periódicos, já que, provavelmente, o número de teses e dissertações fosse reduzido diante do assunto pesquisado.

Nos poucos dias de recesso que tive em outubro de 2022, Núbia, Bia e eu confirmamos a suspeita de Laura sobre a quantidade de teses e dissertações que tratassem sobre sarau na escola no Catálogo da Capes, haja vista que, ao utilizar especificamente esses termos no filtro, pouquíssimos foram os resultados. Decidimos então reduzir os termos para “sarau” preferencialmente no título, porém abrindo para as palavras-chave e para o resumo.

Tal busca contabilizou 47 teses e dissertações armazenadas no Catálogo, sendo o trabalho mais antigo datado de 2001, quando ainda não existia a Plataforma Sucupira, o que nos levou a pensar em um filtro que restringisse os anos de publicação.

“Dan... Estabelecer um filtro tem que ter relação estreita com o que está sendo pesquisado. Filtros são coerentes com aquilo que consideramos compreender!”

“Sim, Núbia! Também penso assim! Tanto que tenho firmeza de todos os filtros e recortes que fizemos para tecer as colchas de retalhos de cartas... Mas tenho um certo receio quando se trata da importância de um levantamento bibliográfico da Capes, sabe!”

“Mas isso pode ser resolvido de uma forma mais simples do que estamos imaginando, gente! Vamos selecionar artigos, teses e dissertações publicados nos mesmos anos que os saraus das cartas que fizemos as colchas: 2016, 2017, 2018 e 2019.”

“É uma boa opção, Bia, até porque será possível fazer uma associação de conceitos referentes ao sarau e, se possível, ao sarau na escola.”

Sendo assim, restringimos o levantamento a 14 dissertações e teses advindas do Catálogo da Capes/Plataforma Sucupira referentes aos anos de 2016 a 2019. Ao nos voltarmos para a biblioteca digital *SciELO*, percebemos que teríamos um trabalho razoavelmente extenso diante do número de publicações para os filtros que combinamos.

Encontramos 44 trabalhos publicados e/ou veiculados pela *SciELO* entre os anos de 2016 e 2019 sobre “sarau”. Curiosamente, dentre eles, estavam teses ou dissertações que não constavam no Catálogo da Capes/Plataforma Sucupira, sendo que, para ter acesso aos mesmos, precisamos fazer a busca diretamente no repositório das universidades às quais estavam vinculados.

Com a agilidade costumeira para organizar informações em tabelas, quadros etc., Bia nos apresentou os seguintes quadros sobre esses levantamentos iniciais, já considerando as teses e dissertações que encontramos também na *SciELO*.

Quadro 15 - Levantamento de teses e dissertações sobre “sarau”

Referência completa	SARAU		
	No título	No resumo	Nas palavras-chave
ABREU, P. G. O mundo dos livros entre ruas e vielas: a nova cena de saraus, festas e eventos literários das periferias urbanas do Rio de Janeiro. 2018. 93f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2018.	X	X	X
AMARO FONTOURA, P. Sarar-Sopapar-Aquilombar: o sarau como experiência educativa da comunidade negra em Porto Alegre. 2019. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.	X	X	X
ANDRADE, A. L. Entre o impresso e o digital: as experiências de escrita dos jovens do grupo Sarau da Onça. 2017. 125f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2017.	X	x	
ARAÚJO, J. M. P. O desafio pedagógico de formar leitores: análise do Projeto “Sarau Literário”. 2017. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2017.	X	X	
BAHIA, S. H. G. “Quem bate cartão também faz poesia”: o Sarau do Escritório, as disputas e os encontros nas esquinas da Lapa. 2016. 103f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.	X	X	X
BELLO, L. Possibilidade de resiliência no estar-sendo negra: “é preciso ter coragem para ter na pele a cor da noite”. 2017. 229f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.		X	
CHAMONE, A. M. M. Um estudo sobre os saraus da periferia de São Paulo: espaços para “aprender na amizade e na liberdade”. 2016. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.	X	X	X
CRUZ FILHA, F. Sarau: um ritual da voz. 2018. 123f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.	X	X	X
DUARTE, D. E. S. Sarau do Binho VIVE! Identidades alteradas e o sarau como processo de identificação periférica. 2016	X	X	X

(versão corrigida). 237f. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.			
FIALHO, A. D. Ensino-aprendizagem de dança na escola: construindo significados e espaços. 2016. 89f.:il. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.		X	
GOMES, R. L. O relevo da voz: um grito cartográfico dos saraus em São Paulo. 2019, 191p: il., tabs., fotos, mapas. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2019.	X	X	X
GRILO, J. F. A. Percursos de grupos populares na escolarização: conflitos, resistências, perspectivas decoloniais em escolas públicas. 2019. 122f. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2019.		X	
GUNUTZMANN, P. Espaços de existência: identidade, poesia e emancipação em um sarau periférico. 2017. 282f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2017.	X	X	X
JÚNIOR OLIVEIRA, O. Entre a luta, a voz e a palavra: partilhas de sentido em torno de um sarau de periferia. 2016. 261f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.	X	X	não constam palavras-chave
LACERDA, N. A. R. O sarau como experiência de diálogo entre comunidade escola: fazendo arte, clube da leitura e quintal de brincadeiras. 2016. 90f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNISAL, São Paulo, 2009.	X	X	X
MARQUES, I. C. O sarau como tecnologia social de empreendedorismo cultural: a força da identidade cultural local. 2016. 178f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.	X	X	
MENDONÇA, P. M. Funk carioca, política, gênero e ancestralidade no Sarau Divergente: uma pesquisa-ação participativa. 2018. 322f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.	X	X	não constam palavras-chave
NUNES DE OLIVEIRA, M. A. Sarau Palavra Encantada no Cantinho Girassol: um espaço cultural na periferia da cidade de Sorocaba. 2018. 166f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São	X	X	X

Carlos, Sorocaba, 2018.			
OLIVEIRA, L. A. Experiências estéticas em movimento: produção literária nas periferias paulistas. 2018. 347f. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.		X	
PEREIRA PERES, C. Geo-grafias dxs sujeito: gênero e ação cultural em Nova Iguaçu. 2017. 92f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2017.		X	
SEPÚLVEDA, L. O. A palavra é sua: os jovens e os saraus marginais em BH. 2017. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.	X	X	X
SILVA, E. T. Letramento literário, EJA e poetas na escola: fruição e conhecimento que ultrapassam os limites da sala de aula. 2017. 168f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural de Pernambuco, Garanhuns, 2017.		X	
SILVA, J. S. Margens: formas de resistência e reexistência. 2018. 104f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2018.		X	X
SILVA, L. L. A literatura fora do lugar: a constituição de poetas e escritores nos saraus das periferias de São Paulo. 2017 (versão corrigida). 180f:il. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.	X	X	X
SILVA, M. W. Ciência e poesia: uma abordagem na formação inicial de professores de física. 2018. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.		X	X
SURIAN, T. “Sou imenso quando escrevo”. Práticas de escrita literária de professores: entre saraus e concursos literários. 2019. 394f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.	X	X	
TAVANTI, R. M. A rebelião das andorinhas: saraus como manifestação político-cultural na zona sul de São Paulo. 2018. 170f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2018.	X	X	X
VILANOVA, M. S. A experiência estética literária no Ensino Fundamental pela prática do Sarau Literário. 2018. 104f.	X	X	X

Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2018.			
WEINHEIMER, G. Rastros de governamentalidade e contraconduta neoliberais na escola pública contemporânea. 2019. 176f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.		X	
XAVIER, R. S. S. Sarau poético: caminhos para uma experiência teatral. 2018. 130f.:il. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.	X	X	X

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Quadro 16 - Levantamento de artigos sobre “sarau” publicados em periódicos

Referência completa	SARAU		
	No título	No resumo	Nas palavras-chave
ARAÚJO, J. M. P; TASSONI, E. C. M. Os desafios para a formação de alunos leitores: a análise de uma experiência na escola. Leitura: Teoria & Prática , Campinas, São Paulo, v. 36, n. 73, p. 155-171, 2018.		X	
BEZERRA, M. D; GOMES, R. H. S. F. Sarau do João Cabral: abordando identidade e diferença através das artes na escola. LAV – Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais , Santa Maria, vol. 12, n. 2, p. 231 – 250, mai./ago, 2019.	X	X	
CAMPOS, I. M; DAVEL, E. Identidade, arte e gestão em prol do empreendedorismo cultural: sarau empreendedor como tecnologia social. RACE , Joaçaba, v. 16, n. 2, p. 783-808, maio/ago, 2017.	X	X	X
FERNANDES, R. Poesia em movimento: ocupação da cidade via literatura em saraus na região metropolitana do Rio de Janeiro. Revista três [...] pontos , Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 36-44, 2018.	X	X	X
FERREIRA, L. H. Saraus: uma valsa pelas imagens de infância, memória e modernidade na obra de Walter Benjamin. Revista IBFE: Tendência e Inovação em Educação , Campinas, SP, v.1, n.1, p.44-57, jan./jun, 2017.	X		
FONTOURA, P. A; SALOM, J.S;	X		

TETTAMANZY, A. L. L. Sopapo poético: sarau de poesia negra no extremo sul do Brasil. Estudos de literatura brasileira contemporânea , n. 49, p. 153-181, set./dez, 2016.			
FRAZÃO, I. O sarau como estratégia de resistência poética e reflexão sobre novos territórios culturais. pragMATIZES - Revista Latino Americana de Estudos em Cultura, a. 7, n. 12, p. 26-34, out/2016 a mar/2017.	X	X	
MARINHO, J. J. C. O caráter educador dos saraus poéticos: literatura marginal em foco. Revista Igarapé , Porto Velho (RO), v. 5, n. 2, p. 250-264, 2018.	X	X	X
MOURÃO, C. H. N; BRANCO, B. S. Sarau Arte de Sinalizar: narrativa, humor e poesia. Revista Ecos , vol. 24, Ano 15, n. 01, p. 104-136, 2018.	X	X	
NETO, L. G. S; CORREIO, A. W. S. L; OLIVEIRA, M. G; NEVES, R. F. Estágio curricular interprofissional: uma proposta de sequência didática na educação em saúde. Interfaces - Revista de Extensão da UFMG, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 421-433, jan./jun, 2019.		X	
OLIVEIRA, R. P; PELLIZARO, T. Literatura e sarau: implicações políticas. Abriu , n. 6, p.65-83, 2016.	X	X	X
PESSOA, L. G; TEIXEIRA, G. L. B; MUNIZ, A. D. A. Sarau: a arte como processo da construção identitária do adolescente. Brazilian Journal of Development , Curitiba, v. 5, n. 4, p. 4066-4077, apr, 2019.	X	X	
RIBEIRO, E. L. L; OLIVEIRA, S. F. P. Pedagogia de projetos no ensino interdisciplinar de linguagens e arte: o caso do Sarau do Curso de Letras do Uni-FACEF. Revista Eletrônica de Letras (Online) , v.10 , n.1, edição 10, jan-dez, 2017.	X	X	X
ROSA, A. S. F. O; PINZOH, J. M. A construção de novas narrativas de letramento: análise de um evento do projeto Ser tão poeta. Revista ComSertões , Juazeiro-BA, v.7, n.1, p. 119-132, julho-dezembro de 2019.		X	
SILVA, F.G; RADIC, L.M; SILVA, M.G; FONSECA, P.MO. Saraus contemporâneos: a importância dos saraus como espaço político de socialização. Cadernos CESPUC , Belo Horizonte, n. 29, 2016.	X	X	X

SOARES, L. F; CANDIA, C. N; OLIVEIRA, O. A. M. Arte, interdisciplinaridade e infância: experiências estéticas, artísticas e brincantes no sarau Toda Criança é um Poema. Revista entreideias , Salvador, v. 8, n. 2, p.211-232, maio/ago, 2019.	X	X	
--	---	---	--

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

“É! Temos um longo caminho de leituras para fazer a partir de agora. São 21 dissertações, 9 teses e 16 artigos...”

“Temos tempo e temos umas às outras, Dan! Não se preocupe!”

“Estou aqui pensando... Ainda é necessário mais algum tipo de recorte, ou melhor, de organização dessas informações? Já vi trabalhos de pesquisa que pontuam quantas publicações dentro de cada universidade, quantas localizadas em determinadas regiões...”

“Bia, não acho tanta necessidade dessas determinações, afinal o que nos importa é o que foi publicado sobre os saraus!”

“Verdade, Núbia! O único filtro que devemos considerar ao longo das nossas leituras é reconhecer as publicações que tratam de saraus realizados na escola.”

E foi assim que começamos a parte mais densa, ou extensa, ou tensa, desse levantamento bibliográfico. Em algumas publicações era fácil reconhecer desde o início se a discussão giraria ou não em torno de saraus realizados na escola. Em outros, recoríamos ao texto integral para fazer tal distinção. O que começou a nos surpreender foram aqueles que tratavam sobre saraus em instituições de Ensino Superior, o que, no início de 2023, levou Núbia a fazer a seguinte ponderação.

“Precisaremos reorganizar o nosso atual filtro de seleção de publicações sobre sarau. ‘Sarau na escola’ levará o leitor a inferir que tratamos apenas daqueles realizados em unidades da Educação Básica. Porém, considerando que há saraus que acontecem no Ensino Superior, podemos nos ater aos termos ‘sarau nas instituições de ensino’.”

As leituras nos trouxeram outras considerações que serão apresentadas ainda nesse capítulo, porém, por enquanto, logo abaixo estão os quadros que Bia organizou considerando os trabalhos que tratam de “saraus realizados em instituições de ensino”: 8 (oito) dissertações ou teses (Quadro 17) e 6 (seis) artigos de periódicos (Quadro 18).

Quadro 17 - Teses e dissertações que tratam de “saraus realizados em instituições de ensino”

Referência completa
ARAÚJO, J. M. P. O desafio pedagógico de formar leitores: análise do Projeto “Sarau Literário”. 2017. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2017.
FIALHO, A. D. Ensino-aprendizagem de dança na escola: construindo significados e espaços. 2016. 89f.:il. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
LACERDA, N. A. R. O sarau como experiência de diálogo entre comunidade escola: fazendo arte, clube da leitura e quintal de brincadeiras. 2016. 90f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNISAL, São Paulo, 2009.
SILVA, E. T. Letramento literário, EJA e poetas na escola: fruição e conhecimento que ultrapassam os limites da sala de aula. 2017. 168f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural de Pernambuco, Garanhuns, 2017.
SILVA, M. W. Ciência e poesia: uma abordagem na formação inicial de professores de física. 2018. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.
VILANOVA, M. S. A experiência estética literária no Ensino Fundamental pela prática do Sarau Literário. 2018. 104f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2018.
WEINHEIMER, G. Rastros de governamentalidade e contraconduta neoliberais na escola pública contemporânea. 2019. 176f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
XAVIER, R. S. S. Sarau poético: caminhos para uma experiência teatral. 2018. 130f.:il. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Quadro 18 - Artigos de periódicos que tratam de “saraus realizados em instituições de ensino”

Referência completa
ARAÚJO, J. M. P; TASSONI, E. C. M. Os desafios para a formação de alunos leitores: a análise de uma experiência na escola. Leitura: Teoria & Prática , Campinas, São Paulo, v. 36, n. 73, p. 155-171, 2018.
BEZERRA, M. D; GOMES, R. H. S. F. Sarau do João Cabral: abordando identidade e diferença através das artes na escola. LAV – Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais , Santa Maria, vol. 12, n. 2, p. 231 – 250, mai./ago, 2019.
NETO, L. G. S; CORREIO, A. W. S. L; OLIVEIRA, M. G; NEVES, R. F. Estágio curricular interprofissional: uma proposta de sequência didática na educação em saúde. Interfaces - Revista de Extensão da UFMG, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 421-433, jan./jun, 2019.
PESSOA, L. G; TEIXEIRA, G. L. B; MUNIZ, A. D. A. Sarau: a arte como processo da construção identitária do adolescente. Brazilian Journal of Development , Curitiba, v. 5, n. 4, p. 4066-4077, apr, 2019.
RIBEIRO, E. L. L; OLIVEIRA, S. F. P. Pedagogia de projetos no ensino interdisciplinar de linguagens e arte: o caso do Sarau do Curso de Letras do Uni-FACEF. Revista Eletrônica de Letras (Online) , v.10 , n.1, edição 10, jan-dez, 2017.
SOARES, L. F; CANDA, C. N; OLIVEIRA, O. A. M. Arte, interdisciplinaridade e infância: experiências estéticas, artísticas e brincantes no sarau Toda Criança é um Poema. Revista entreideias , Salvador, v. 8, n. 2, p.211-232, maio/ago, 2019.

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

5.1 Sarau por sarau realizados em instituições de ensino

Com as leituras realizadas e as tabelas organizadas, chegamos – finalmente! Diga-se de passagem – às minhas férias de julho de 2023. Sabíamos que seriam poucos dias para descansar das preocupações e afazeres da escola, por isso a prioridade que Núbia, Bia e eu combinamos foi terminar a escrita sobre o levantamento bibliográfico, pois, assim, seria mais coerente discutirmos os dados posteriormente.

Naquela primeira segunda-feira de férias, recuperamos os fichamentos sobre as publicações que fizemos ao longo das leituras, já considerando as dificuldades que teríamos para lembrar as informações sobre os saraus relatados depois do espaço de tempo de alguns meses entre a leitura e a escrita propriamente dita desse capítulo.

“Nossa! Vejam quantos excertos eu fichei sobre a dissertação de Araújo (2017)!!”

“Bia, é necessário cuidado para não nos perdermos nessa seção. Nossa intenção é ‘contar’, de forma breve, os contextos dos saraus retratados nessas publicações...”

“Sim, Dan! Mas já adianto o seguinte: algumas informações e conclusões sobre esse levantamento serão direcionadores da sua própria análise, porque... por exemplo, esse trabalho de Araújo (2017), por mais que trate de um sarau realizado na escola, distancia-se dessa nossa pesquisa, pois o pesquisador é externo à escola, não tem o vínculo que você tinha com a escola Odilon Corrêa.”

A fala de Núbia trouxe para aquele dia de inverno quente no Noroeste Paulista tantas lembranças dos dez anos no Odilon que elas perceberam de imediato o meu semblante melancólico. Provavelmente para desanuviar, Bia ainda acrescentou:

“Sabem o que lembrei: o artigo de Araújo e Tassoni (2018) é um recorte da dissertação de Araújo (2017), então o sarau é o mesmo e a descrição poderá ser a mesma. O que acham?”

“Acho que a ideia da Bia é bem viável, por tratar-se do mesmo evento, da mesma pesquisa e até dos mesmos objetivos. Pronta para escrever, Dan?”

“Sim... Temos assim.”

Araújo (2017) e Araújo e Tassoni (2018) tratam em suas publicações do Projeto Sarau Literário desenvolvido, desde 2011, pela professora de Artes, em uma escola pública do interior do estado de São Paulo com uma série de atividades ligadas ao

universo literário. As atividades foram propostas para os alunos de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental – Anos Finais que apresentaram para os alunos do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais da mesma instituição.

Já Bezerra e Gomes (2019) afirmam que o Sarau do João Cabral recebe o nome do bairro onde a escola pública municipal no qual é realizado se localiza, na região do Cariri/CE. Os autores ainda ressaltam que a escola fica, fisicamente falando, num “bairro nobre” que faz divisa com o João Cabral, estigmatizado por uma fama de miséria e violência. Como foi a única escola construída ali, os moradores do João Cabral a consideram deles, daí o sarau que se realiza na unidade receber o mesmo nome do bairro.

Assim que terminei de escrever, respirei fundo e apertei os olhos para desfazer algumas lágrimas. Senti a mão quente de Núbia no meu ombro.

“Uma escola que fica num bairro de classe média alta, mas recebe alunos da periferia, que convivem com o estereótipo da marginalidade...Tem muito de Odilon nessa descrição, não é, Dan!”

Fiz que sim levantando levemente as sobrancelhas...

“Núbia... Dan... Acho que nessa descrição do Sarau do João Cabral... Eu gosto da sonoridade desse nome! Nessa descrição tem que constar que o Sarau do João Cabral é parte de uma pesquisa maior de mestrado.”

“E que pelo artigo não dá pra perceber o vínculo que os pesquisadores têm com a instituição escolar.”

Reescrevi o parágrafo sobre o Sarau do João Cabral com as considerações de Bia e Núbia, enquanto a primeira folheava os fichamentos separados no meu fichário.

“Bem... Já que a Núbia comentou sobre não sabermos o vínculo dos pesquisadores com a escola do João Cabral, lembrei desses artigos aqui – Neto et al. (2019) e Pessoa, Teixeira e Muniz (2019) – que falam de saraus organizados por profissionais de áreas diferentes da educação.”

Neto et al. (2019) destacam que o I Sarau de Identidade, Cultura, Gênero e Sexualidade foi desenvolvido numa instituição de ensino localizada no município de Vitória de Santo Antão, Zona da Mata de Pernambuco, como parte de um projeto de estágio curricular de diferentes graduações da área da saúde, com encontros entre setembro e dezembro de 2017, com turmas de 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental – Anos Finais do período vespertino.

Já Pessoa, Teixeira e Muniz (2019) tratam do Sarau Paulo Freire – um local para existir. A proposta foi desenvolvida junto a 30 estudantes, com cerca de 14 anos, do 9º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais de uma escola de referência de Recife/PE, campo de prática da Faculdade Pernambucana de Saúde, por graduandos do curso de Psicologia da referida instituição de Ensino Superior.

Assim que terminei de escrever, Núbia já me esperava com os dois últimos artigos que apresentam saraus em instituições de ensino.

“Aqui estão... Dois artigos sobre saraus que acontecem em instituições de Ensino Superior, com suas devidas diferenças, é claro!”

Segundo Ribeiro e Oliveira (2017), o Sarau do Curso de Letras do Uni-FACEF (Centro Universitário Municipal de Franca/SP) estava em sua terceira edição à época da pesquisa, tendo como organizadores e público-alvo os futuros docentes. Já o Sarau Infantil Toda Criança é um Poema, conforme Soares, Canda e Oliveira (2019), é parte do Projeto de Extensão Universitária Balaio de Sensibilidades, vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, tendo como público-alvo crianças de 4 a 8 anos que usufruíram, na própria instituição de Ensino Superior, de atividades em quatro diferentes espaços (visualidades, musicalidades, brincadeiras e interações e poemas e histórias).

“Resumidamente... Temos seis artigos, temos seis saraus...”

“Isso mesmo, Dan! Agora vamos para as teses e dissertações. Esse número de saraus vai subir.”

“Como já contamos sobre a dissertação de Araújo (2017), Dan, o que você acha de já partirmos para Fialho (2016)?”

“Sim, Bia! Vamos ao Sarau Literário!”

Fialho (2016) relata que o Sarau Literário acontece há mais de 10 anos em uma escola pública com turmas do Ensino Fundamental – Anos Finais da cidade de Ipatinga/MG. As apresentações do evento são aos sábados, sendo que a cada edição os professores da escola definem o tema e todas as turmas devem realizar suas respectivas apresentações baseadas no que foi definido pelos adultos. Aline Dutra Fialho era professora de Artes das turmas de 6º ano do Ensino Fundamental da instituição na qual o Sarau Literário se realizou durante o período da pesquisa.

“Dan, a saudade está batendo, né! Quando você escreveu professora de Artes aí em cima, deu para ouvir o seu suspiro... Aposto que lembrou do Rafa ‘fazendo o sarau’ junto com você!”

“Eu sinto muita falta do trabalho com ele, Bia, principalmente porque era ele por mim e eu por ele naqueles dias...”

“Acho que não é só a questão da saudade do Rafa que te permeia nessa simples descrição, Dan! Observe que, dos saraus que descrevemos até agora, esse foi o primeiro organizado por uma professora em efetivo exercício junto à escola em que o evento acontece. Ela é a que mais se aproxima de você: uma professora que pesquisa sua própria prática no sarau da escola em que é docente.”

Deixando a saudade do Rafa no cantinho do coração, voltei-me para a veracidade das considerações de Núbia, afinal, já havia comentado com a Laura que uma das implicações que me afetava era justamente que muitos dos saraus “pesquisados” não foram desenvolvidos por professores da escola onde se realizou.

“Você acha que isso pode ser ruim, Núbia?”

“Não, Bia, não estamos trabalhando com categorias de bom ou ruim. Cada sarau – a sua maneira – tem sua importância no processo educativo. É que o caso de Fialho (2016), até agora, é o que mais se aproxima do que acontecia com a Dan!”

“O próximo trabalho de pesquisa também é de uma educadora sobre o sarau da escola dela...”

Era isso mesmo! Apesar de não definir o cargo que exerce na instituição, Lacerda (2016) também trata de um Sarau – ela o denomina apenas assim, sem outros termos adicionais – realizado onde ela trabalha, um colégio particular na cidade de Americana/SP, que atende alunos do Ensino Fundamental – Anos Iniciais e Finais – e do Ensino Médio. As descrições realizadas pela autora mostram que as atividades do Sarau foram preparadas para serem desenvolvidas pelos alunos e suas famílias, em uma data em que a escola foi aberta à comunidade.

O sarau apresentado por Silva (2017) também não recebeu um nome próprio. Segunda a autora, foi realizado com alunos da IV Fase da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em uma Escola Municipal de Garanhuns/PE como parte final de uma sequência básica.

“Estou procurando aqui nos fichamentos, mas não há certeza sobre a função dela junto à turma de EJA...”

“Vamos pelos índices, Bia! O programa de mestrado ao qual Silva (2017) está vinculada é o ProfLetras, ou seja, mestrado profissional. A proposta que ela descreve é de leitura literária em voz alta...”

“O que a Núbia quer dizer, Bia, é que provavelmente Silva (2017) é professora de Língua Portuguesa daquela turma naquela escola onde se realizou o sarau.”

“Ah! Entendi! Já que vocês estão focando em saraus realizados por iniciativa dos próprios professores da instituição escolar, então podemos descrever o Sarau do Couto, da Weinheimer (2019), e o Sarau Poético, da Vilanova (2018).”

O Sarau do Couto apresentado na dissertação de Mestrado de Weinheimer (2019) acontece em uma escola pública estadual da cidade de Arroio dos Ratos/RS desde 2015, sendo que as duas primeiras edições ficaram restritas ao Ensino Médio. As apresentações, de acordo com as inscrições feitas previamente pelos alunos, acontecem fora do horário regular das aulas. A autora era professora de Filosofia da instituição, porém, durante a realização da pesquisa, afastou-se da função para dedicar-se à investigação.

Já o Sarau Poético foi a última parte de uma sequência de atividades que visava a leitura de poesias numa sala de aula de 7º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais de uma escola municipal na cidade de Guaratiba/RJ. Máisa Sales Vilanova era, em 2017, professora de Língua Portuguesa da turma, ministrando seis aulas semanais. Ela relata que, como a turma ainda não conhecia a “movimentação” característica da organização de um sarau, preferiu realizá-lo como evento cotidiano das aulas de Língua Portuguesa, a fim de que as turmas se familiarizassem com aquela dinâmica.

“Sabe um aspecto que me lembrou a aproximação entre o Sarau Poético, de Vilanova (2018), e o Sarau Odilon Corrêa, Dan? Ela é uma das poucas autoras que pontua os descritores do Currículo de Língua Portuguesa dentro da elaboração de um projeto como esse!”

“Também pensei nisso quando estávamos lendo, Núbia! Como o Sarau Odilon Corrêa integrava o Projeto Político Pedagógico da escola, a Adriana, minha coordenadora na época, sempre pedia que eu encaminhasse um documento com as habilidades a serem trabalhadas ao longo do projeto, assim como as propostas de atividades para os textos poéticos.”

“Achei que você decidia isso mais perto da data de realização, Dan...”

“Não, Bia! Fica muito em cima e as documentações da escola precisam ser organizadas com antecedência, geralmente, no início do ano letivo. Vamos lá, acho que estamos quase acabando!”

“Sim... Falta falarmos do Sarau Poético do IFPB, de Xavier (2018), e do Sarau Ciência & Arte, de Silva (2018). Ah! Falei Sarau Poético do IFPB apenas para diferenciar do Sarau Poético, de Vilanova (2018).”

O Sarau Poético do IFPB (Instituto Federal da Paraíba), campus de Picuí/PB, era realizado com os alunos do 1º ano do Ensino Médio dos cursos de Edificações, Geologia e Informática, nas aulas de Artes, já que Xavier (2018) atuava como professora de tal disciplina na instituição. O Sarau Poético do IFPB acontecia desde 2013, com temáticas que giravam em torno da cultura nordestina – tais como apresentações baseadas em Ariano Suassuna, ou peças que representassem o povo nordestino.

Já Silva (2018) relata sobre o Sarau Ciência & Arte, iniciado em 2015, por iniciativa de uma professora doutora da Universidade Federal do Paraná, para finalizar a Semana Acadêmica de Química. As apresentações, apesar de não serem restritas aos licenciandos dos cursos da área de Ciências da Natureza, buscam sempre englobar a temática título do sarau: a Arte e a Ciência.

Quando finalizei o parágrafo acima, estiquei-me na cadeira do escritório, sentindo a exaustão do dia longo de escrita. Logo, logo, ouviríamos o barulho costumeiro da moto do meu marido virando a esquina, então sabia que já era hora de Núbia e Bia me deixarem com outros afazeres rotineiros dos quais elas não participavam.

“Nooooosaaaa!! O dia hoje foi muuitoouo produtivo! Que satisfação ter terminado essas descrições!!”

“Sim, Bia! Muito satisfatório!! Porém... Ainda temos outra tarefa referente a esse levantamento bibliográfico.”

Confesso que olhei para Núbia com “cara de ué!” e, ao perceber minha expressão, ela prontamente trouxe a seguinte consideração.

“Dan... Dentre esses artigos, dissertações e teses, ou seja, dentre esses saraus que descrevemos, nós precisamos pontuar aqueles que realmente foram a temática principal da pesquisa e aqueles que foram apenas ‘cenário’ para compreensão de outros objetivos que não o próprio sarau.”

“Núbia... Não tinha pensado nisso! Então significa que ainda há outros distanciamentos e aproximações a serem feitos entre esses 14 textos e a pesquisa da Dan sobre o Sarau Odilon Corrêa.”

“No próximo encontro vamos nos adentrar nisso, sim, Núbia! Vários foram os saraus realizados como projeto da instituição de ensino, mas nem todos tiveram como objetivo de pesquisa o próprio evento, e sim ações específicas relacionadas a ele.”

“Então já temos o próximo subtítulo desse capítulo! Vamos, Núbia! Vamos descansar e deixar a Dan descansar!! Até amanhã, Dan!!”

“Até, meninas!! Obrigada por tudo!!”

5.2 Para que se realiza um sarau? O que se pesquisa a partir de um sarau?

No dia seguinte, eu mal terminara de “dar uma geral” na casa após a saída do meu marido para a roça, quando ouvi a conversa alegre de Bia e Núbia. Sarau daqui, sarau dali... Sarau... Sarau... Sarau! Era esse o “*top trend*”, como diriam meus alunos atuais, das nossas conversas.

A mesa do escritório estava exatamente como eu deixara quando Bia e Núbia saíram na tarde do dia anterior. Bia foi reorganizando os fichamentos, enquanto eu ligava o notebook. Núbia sentou-se no lugar de costume. Pensei comigo o quanto elas se encaixavam naquele espaço que, durante o mestrado, tinha sido tão solitário lá em Rio Claro.

Sem muitas cerimônias, Núbia encontrara aquela poltrona perto da parede em que, às vezes, ela se recostava para pensar, ponderar, considerar. Bia não... Ela já preferia o chão, quer dizer, o tapete de barbante que minha mãe fizera para meu enxoval. Ali ela espalhava as canetas coloridas, papéis etc. e, volta e meia, mudava as almofadas para mudar a própria posição.

“Continuando, né, Dan!! Bia, seleciona, por favor, a dissertação de Araújo (2017) e o artigo de Araújo e Tassoni (2018) para traçarmos os objetivos da pesquisa com o Sarau Literário.”

“Já no resumo da dissertação, Araújo (2017) aponta que o objetivo foi ‘[...] investigar o Projeto Sarau Literário, identificando os fatores que contribuem e/ou dificultam a formação de alunos leitores [...]’³², e, no artigo, Araújo e Tassoni (2017) usam e-xa-ta-men-te as mesmas palavras.”³³

“Bia... Núbia... Acho importante também colocarmos de forma sucinta quais foram as conclusões a que chegaram com a pesquisa.”

³² Araújo, 2017, s.n.

³³ Araújo; Tassoni, 2018, p. 157.

“Sim, Dan! Complemente o resumo sobre a pesquisa do Sarau Literário assim, então...”

Tanto Araújo (2017), quanto Araújo e Tassoni (2018), afirmam, ao final da investigação sobre o Sarau Literário que ele “[...] constitui proposta promissora para formação de alunos leitores [...]” (Araújo; Tassoni, 2017, p. 155), sendo que as questões de afetividade nos processos de mediação pedagógica ao longo do Sarau Literário “[...] se constituíram em aspectos bastante significativos no processo de formação de leitores [...]” (Araújo, 2017, s.n).

“Vamos continuar pelos artigos, assim como fizemos na seção anterior. Bia, se não me engano, agora falaremos do Sarau do João Cabral, certo?!”

“De acordo com Bezerra e Gomes (2019), o objetivo da pesquisa era ‘[...] partilhar e fundamentar as experiências pedagógicas vivenciadas durante a preparação e realização do Sarau do João Cabral [...]’.³⁴”

“E as autoras chegaram à seguinte conclusão:

“[...] Pela via do sarau [...] os estudantes puderam, simultaneamente, apresentar, trocar e acercar-se criticamente de suas identidades fluídas e de como elas se relacionam com espaços, mídias, pessoas e outras identidades/diferenças [...]”³⁵
(Barros; Gomes, 2019, p. 247).

Após trazer as conclusões do artigo de Bezerra e Gomes (2019), notei que Bia começara a anotar algumas palavras, enquanto folheava os fichamentos do levantamento bibliográfico. Interroguei Núbia com o olhar, mas fui aconselhada silenciosamente a deixar para lá. Aparentemente, Núbia entendera o que Bia já estava fazendo e resolveu não me preocupar naquele momento. Continuamos.

O I Sarau de Identidade, Cultura, Gênero e Sexualidade, de acordo com Neto *et al.* (2019) foi a culminância de uma sequência didática sobre temas transversais. Segundo os autores “[...] a apresentação de um sarau buscou estimular o senso crítico dos alunos acerca de problemas do âmbito social e escolar, no que tange ao preconceito e à sexualidade [...]” (Neto *et al.*, 2019, p. 421), o que “[...] permitiu significativa sinergia entre os envolvidos, estimulando o desenvolvimento de habilidades investigativas, comunicacionais e socioculturais, compartilhamento de ideias e fortalecimento da autoestima [...]” (Neto *et al.*, 2019, p. 432).

³⁴ Bezerra; Gomes, 2019, p. 231.

³⁵ Só relembrando, leitores, o uso de aspas nas citações diretas reforça que tais trechos foram lidos em voz alta pelas personagens.

“Se não me falha a memória de pesquisadora dessas tão antigas, o sarau investigado por Neto et. al (2019), foi proposto por pesquisadores da área da saúde à instituição escolar, certo?”

“Esse mesmo, Núbia! O próprio título traz os termos ‘estágio curricular’, demonstrando que a proposta de desenvolvimento do sarau foi feita por agentes externos à escola.”

“Mesmo assim, é muito interessante perceber o quanto há de potencialidades formativas num evento em que os alunos podem se posicionar, se colocarem diante de temas tão polêmicos. Bia, qual foi o objetivo da investigação no próximo sarau?”

“O próximo também fala um pouco sobre a formação da identidade daqueles participaram do Sarau Paulo Freire – um local para existir. Pessoa, Teixeira e Muniz (2019) afirmam que...”

“[...] o intuito do grupo [de graduandos em Psicologia] ao propor o sarau aos estudantes foi o de possibilitar um ambiente onde a criatividade pudesse emergir como forma de expressão do ser e, com isso, fazer com que o adolescente se afirme em seu grupo de iguais [...]” (Pessoa; Teixeira; Muniz, 2019, p. 4070).

Os autores ainda concluem que “[...] o sarau [...] não diz da importância de promover a arte no ambiente escolar, mas de dar ouvidos aqueles que, muitas vezes, só ouvem [...]” (Pessoa; Teixeira; Muniz, 2019, p. 4076).

“Núbia, acho que o dar ouvidos que eles falam aqui tem uma certa relação com a escrita de poesias autorais que inclui no sarau a partir de 2016...”

“Veja que interessante, Dan! Até mesmo aqueles que não estão na escola o tempo todo conseguem entender a necessidade de oportunizar momentos em que os alunos se exponham, usem a própria voz para expressar aquilo que entendem, seja sobre os conteúdos, seja sobre a vida em si!”

“E não podemos esquecer de outro detalhe, meninas. As cartas avaliativas dos alunos para a Dan ao final de cada sarau Odilon Corrêa também são ‘instrumentos’ para ‘dar voz’ aos alunos.”

“Verdade, Bia! Afinal, ali eles se posicionavam sobre o que viveram e esperavam a minha interlocução nas cartas-respostas, a partir do que eles escreveram... Dialogismo, diria Bakhtin, né!”

“Acho que logo, logo, retomaremos Bakhtin! Por hora, quem temos agora, Bia?”

Ribeiro e Oliveira (2017) deixam claro que o problema da pesquisa realizada é compreender “[...] quais os efeitos produzidos pelo ensino interdisciplinar, junto aos futuros docentes, por meio do Projeto Sarau do curso de Letras da UNI-FACEF [...]” (p. 1), considerando que se encaixa na Pedagogia de Projetos.

Concluem que “[...] a realização desta pesquisa permitiu compreender melhor como se trabalha com projetos de aprendizagem, valorizando aquilo que realmente é importante e significativo para o estudante, sem deixar de ampliar e aprofundar os assuntos trabalhados [...]” (Ribeiro; Oliveira, 2017, p. 37).

“De certa forma, afirmamos isso ontem, quando falamos sobre a seleção de habilidades que você fazia para o Projeto do Sarau Odilon Corrêa ser incluído na Proposta Político Pedagógica da escola, né, Dan!”

“Guarde bem isso, Bia: só conhecendo bem o Currículo com o qual se trabalha para desenvolver atividades que o abarquem e, ao mesmo tempo, sejam significativas para os alunos.”

Ao final da colocação de Núbia, esfreguei ansiosamente as mãos, ao que Bia respondeu:

“Último artigo... Soares, Canda e Oliveira (2019): Sarau Toda Criança é um Poema!”

[...] Será analisado como possibilidade de contribuir para a produção de novas formas de interações entre crianças e adultos em ambientes estéticos planejados para garantir a livre-ação e interação dos sujeitos participantes desta experiência de cunho artístico [...]” (Soares; Canda; Oliveira, 2019, p. 239).

“Vou tentar resumir a conclusão das pesquisadoras...”

De forma geral, Soares, Canda e Oliveira (2019, p. 251) pontuam que o Sarau Toda Criança é um Poema, ao ser realizado dentro de uma instituição de Ensino Superior, articula a universidade à Educação Básica, ampliando a formação lúdica dos educadores. Para as crianças, o sarau proporciona liberdade do brincar e do interagir e a ausência de fronteiras entre as experiências artísticas, mediante a simultaneidade das atividades.

“Agora, vamos para as teses e dissertações. Como já tratamos da dissertação de Araújo (2017), temos Fialho (2016) que diz que seu trabalho é um ‘relato’ da pesquisa que foi realizada no Sarau Literário.”

Fialho (2016) investigou quais os desafios de desenvolver apresentações de dança na escola onde já se realizava o Sarau Literário. Para tanto, desenvolveu um projeto de intervenção em que os alunos realizaram dois processos de composição coreográfica – um sob as decisões e supervisão dela, outro em que eles mesmos fizeram todo o processo de criação –, sendo que ambos foram apresentados no Sarau Literário, o que permitiu que os alunos vivenciassem “[...] de maneira intensa e reflexiva a dança como subcomponente curricular [...]” (Fialho, 2016, p. s/n.).

“Apesar do distanciamento com a pesquisa da Dan, é importante considerar que Fialho (2016) ‘aproveitou-se’ de um evento que já fazia parte do Projeto Político Pedagógico e do calendário da escola para realizar essa pesquisa.”

“Por que diz isso, Núbia?”

“Acho que entendo o que a Núbia está querendo dizer, Bia. Alguns pesquisadores entendem que para desenvolverem uma pesquisa dentro da escola precisam trazer novidades, algo diferente. A Fialho (2016) fez o inverso: buscou compreender algo – a dança – que já era parte do que a escola tinha – o Sarau Literário.”

“Vejam que interessante! A escola de Fialho (2016) já tinha o Sarau como parte de suas atividades. A de Lacerda (2019) passa a ter a fim de...”

“[...] Realizar por meio do Sarau, um exercício prático de Educação Sociocomunitária na escola [...]” (Lacerda, 2019, s/n).

Como o evento foi aberto à comunidade, principalmente com atividades voltadas às famílias, Lacerda (2019) considera que “[...] os saraus possibilitam verdadeiramente a construção do sentido de comunidade no universo escolar [...]” (p. 65), além de se colocar “[...] em potencial, na posição de edificador das possibilidades que as vivências da transdisciplinaridade permitem [...]” (p. 64).

Já a dissertação de Silva (2017) traz os resultados de uma pesquisa-ação que analisou “[...] crítico e descritivamente a leitura de poemas de poetas locais sob efeito da performance de voz como prática efetiva de letramento literário na escola [...]” (Silva, 2019, s/n.). Segundo a autora, é necessário considerar a importância deste estudo para os alunos da EJA, pois nos momentos da proposta de intervenção eles puderam ouvir e se fazer ouvir (Silva, 2019, p. 78).

“Aqui nos deparamos com a necessidade de compreendermos quais pesquisas tiveram o sarau como objeto principal, quais o consideraram ‘pano de fundo’.”

“De acordo com Silva (2019), Núbia, o sarau foi um dos procedimentos de intervenção para contribuir com a proficiência leitora dos alunos da EJA, pois possibilitou a fruição da leitura a partir da vocalização dos poemas.”³⁶

“Ou seja, o interesse principal da pesquisa era a proficiência leitora. Se não me engano, Bia, a próxima pesquisa da qual vamos trazer os objetivos e a conclusão é da Weinheimer (2019), com o Sarau do Couto, e de Vilanova (2018), certo?”

“Pela lógica da sequência das descrições que já fizemos, Dan, é isso mesmo! Aqui estão os fichamentos!”

Weinheimer (2019) esclarece que o objetivo de sua pesquisa é examinar movimentos de governamentalidade neoliberal e as ações de contraconduta a eles vinculados ao analisar enunciações de alunos sobre a escola e o Novo Ensino Médio. A partir do Sarau do Couto, a pesquisadora verifica “[...] a possibilidade de haver movimentos de contraconduta frente à lógica neoliberal presente na escola [...]” (Weinheimer, 2019, s/n.).

Ao final da pesquisa, a autora conclui que a governamentalidade neoliberal é fator de condução das condutas escolares na atualidade – daí a implantação do Novo Ensino Médio. Porém, ainda que o Sarau do Couto não seja de todo um movimento de contraconduta neoliberal, Weinheimer (2019) defende que há sim esses movimentos na última etapa da Educação Básica.

Vilanova (2018, s/n.) afirma que a pesquisa que realizou com o Sarau Poético surgiu com o aproveitamento da rica presença de saraus na cidade do Rio de Janeiro para a prática da sala de aula, com o objetivo de facilitar a experiência estética literária dos alunos do Ensino Fundamental – Anos Finais.

“Ah! Lembrei... Foi sobre Vilanova (2018) que comentamos que, dentre os textos do levantamento bibliográfico, ela foi a única que retomou os saraus dos quais participou fora da escola, não foi?”

“Também lembrei disso, Bia! Uma das seções da dissertação, inclusive, chama-se ‘A inspiração nos Saraus’. Esse comentário é relevante, já que os chamados ‘sarau marginal’ tem sido fonte de muitas outras pesquisas, aliás, de mais pesquisas do que os saraus realizados nas instituições de ensino, como já vimos até agora. Continue, Dan!”

³⁶ Silva, 2019, p. 17.

Com o desenvolvimento do Sarau Poético, Vilanova (2018) reafirma “[...] a importância pedagógica e educativa que sarau pode alcançar quando realizado de forma a buscar a identificação do aluno com o discurso literário [...]” (Vilanova, 2018, p. 70).

“Apesar das diferenças de espaço usado para o Sarau Odilon Corrêa e o Sarau Poético, o de Vilanova (2018) se aproxima do que nós conhecemos mais pelo seu caráter autoral.”

“Você fala isso, Núbia, por que a professora e pesquisadora também deu preferência para os textos autorais, não é? Isso sem contar algumas apresentações de música gospel, assim como acontecia no Odilon, né! Bom, estamos quase acabando essa parte! Xavier (2018) e Silva (2018) para finalizar!! São todas suas, Dan!!”

A primeira dissertação comentada por Bia na fala acima “[...] reúne reflexões sobre a experiência de estudantes com a prática teatral no projeto Sarau Poético [...]” (2018, s/n.). O Sarau Poético já era parte do Projeto Político Pedagógico do Instituto Federal da Paraíba, campus de Picuí/PB, o que contribuiu para a realização da pesquisa sobre o processo criativo do teatro pela professora de Arte, evidenciando a importância da vivência desse processo, da mesma forma que o “[...] Sarau Poético tem tentado mudar o sentido da disciplina Arte e função do teatro na instituição estudada [...]” (Xavier, 2018, p. 97), por ser uma experiência artística compartilhada entre os diferentes sujeitos que nela convivem.

Já Silva (2018, s/n.) analisa os “[...] aspectos didáticos e formativos de uma abordagem entre Ciência e Poesia na formação de licenciandos em Física [...]” durante o planejamento e a elaboração de uma performance artística-científica para o Sarau Ciência & Arte. Assim, a autora considera que a investigação junto ao Sarau Ciência & Arte, “[...] além de contribuir para a formação cultural e profissional dos licenciandos, possibilitou questionar a rigidez que faz presente nas perspectivas tradicionais de formação de professores e as inovações que podem ser levadas à formação [...]” (Silva, 2018, 106).

Assim que terminei de escrever, coloquei as mãos na cabeça e massageei levemente o couro cabeludo. Olhei para Bia e Núbia que também aparentavam o mesmo cansaço pela escrita dos parágrafos acima. Percebi que Núbia estava de olhos fechados, com a cabeça encostada na parede e comecei a me perguntar o que ela poderia estar pensando ainda sobre esse levantamento bibliográfico.

“Pronto, meninas! Finalizamos a escrita dos objetivos e conclusões de cada trabalho sobre saraus nas instituições escolares!”

“Estava aqui pensando, Dan! Ainda precisamos pontuar mais um aspecto sobre cada um dos saraus que descrevemos até agora... Ou melhor, precisamos apresentar o que é sarau para cada um desses autores...”

“Núbia, não sei se o que fiz é isso que você está pensando, mas talvez ajude... Vejam o que fiz no Canva³⁷!”

Lembrei então das anotações que a vi fazendo logo que começamos essa parte da escrita. Enquanto conversávamos e escrevíamos sobre os objetivos e conclusões de cada artigo, tese e dissertação, Bia, a partir dos fichamentos que tinha em mãos, também foi organizando dois esquemas sobre o que é sarau para cada texto do levantamento bibliográfico que tínhamos ali.

“Biiaaaa!! Isso é o máximo!! Referenciarmos como cada trabalho trata ‘o que é sarau’ é um passo importante para pensarmos ‘o que é sarau’ para a nossa própria tese!”

“Na maioria dos trabalhos que falavam sobre os saraus marginais, aqueles que não se realizam em instituições escolares, nós encontramos a definição do mesmo, a partir de Tennina (2013)³⁸, lembrem-se?! Sarau deriva do termo grego ‘serum’, ou seja, ‘tarde’, o horário em que geralmente aconteciam os encontros. Porém, o ‘sarau’ terá sentidos diferentes nas instituições de ensino.”

“Pedagogização... Transposição didática... Didatização... Poderíamos usar diferentes termos para esse processo, não é, Núbia! Mas acho mais fácil, já que a Bia também já facilitou para a gente, detalharmos ‘o que é sarau’ para os autores que pesquisaram o próprio sarau ou algum aspecto relativo a ele. Bia, como você fez os esquemas organizativos?”

“Fiz dois, Dan! Um com ‘o que é sarau’ para os autores dos artigos e outro para os das teses e dissertações, mas usando apenas palavras-chave, tipo: evento, projeto etc.”

“É possível articular essas palavras que a Bia já destacou com os dizeres do próprio texto...”

“Sim, Núbia, porque fiz esse levantamento a partir dos fichamentos que já temos!”

³⁷ Ferramenta gratuita de design gráfico usada para criar diversos gêneros textuais que articulam linguagem verbal e não-verbal.

³⁸ Tennina, 2013, p. 11.

“Vamos traçar ‘o que é sarau’ em cada trabalho de acordo com a lógica atual: primeiro, os artigos; depois, as teses e dissertações.”

“Dan, você só não percebeu um detalhe ainda, né!”

“O que, Bia?”

Ao invés de Bia, Núbia apontou com a cabeça o relógio que ficava na parede oposta a que ela se recostava. Era hora de parar, dos outros afazeres, da outra rotina. Assim que nos despedimos, abri o celular para ver os esquemas que Bia fizera. Percebi que sorria ao ver os detalhes que ela escolhera para organizar de forma tão simples tantas informações. Fui encontrar meu marido que chegava da roça com um sorriso de alívio e satisfação.

5.3 Nos artigos, nas teses e dissertações... O que é sarau?

No dia seguinte, quando Bia e Núbia chegaram, eu já estava preparada, com o notebook aberto e os fichamentos espalhados pela mesa do escritório, pois assim seria mais fácil detalharmos as anotações sobre “o que é sarau” que Bia fizera em cada um dos esquemas organizativos.

“Dann! Cá estamos, juntas, novamente!!”

Era difícil não se contagiar com a vivacidade da Bia. Ela tinha aquele ar de que tudo era novo, era bem-vindo e poderia ser melhor ainda durante a compreensão ocasionada por uma pesquisa. Por outro lado, Núbia já tinha um sorriso mais discreto, mas os olhos eram vivazes, atentos, acompanhados de uma expressão constante de questionamento. Elas foram se acomodando nos lugares cativos de cada uma no meu escritório, enquanto eu sentava-me à mesa, com o notebook já aberto nesse capítulo.

“Bia, consigo baixar para o notebook os esquemas organizativos que você montou?”

“Sim, Dan! Só logar pelo navegador de internet que você tem na sua conta institucional e baixar os arquivos normalmente.”

“Dan, coloque primeiro o esquema organizativo a partir do ‘que é sarau’ nos artigos. Faremos os apontamentos e, na sequência, insira o das teses e dissertações e, com as definições, fecharemos essa parte.”

“Excelente, Núbia!”

Figura 4 - Esquema organizativo sobre “o que é sarau” nos artigos



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

“Estou aqui lendo nossos fichamentos e, de certa forma, estamos usando o paradigma indiciário de Ginzburg para encontrar ‘o que é sarau’ para cada um desses autores também, não é?”

“Por que você lembrou do paradigma indiciário, Bia?”

Causava-me admiração perceber o quanto ela foi se apropriando dos aspectos característicos da perspectiva de pesquisa narrativa que desenvolvíamos então.

“Veja, Dan, o título do artigo de Araújo e Tassoni (2018) é: ‘Os desafios para a formação de alunos leitores: a análise de uma experiência na escola’. Isso mostra que, logo no título, eles já consideram o sarau uma ‘experiência’...”

“É... Por isso privilegiamos ‘o que é sarau’ para os autores...”

“Se fôssemos nos ater apenas à ideia de conceituação do sarau, talvez não encontrássemos os significados de forma tão clara, já que não teríamos expressões como ‘sarau é...’. E você tem razão, Bia, usamos o paradigma indiciário para encontrar essas outras expressões que demonstram o que cada autor entende sobre o sarau na instituição escolar.”

No resumo do artigo, Araújo e Tassoni (2018, p. 155, grifos nossos) retomam essa ideia ao pontuarem que analisam “[...] uma **experiência** em uma escola pública [...] denominada Projeto Sarau Literário [...]”, desdobrando-a ao afirmarem que “[...] o **Projeto** Sarau Literário constitui proposta promissora para a formação de alunos leitores [...]” (p. 155, grifos nossos). Porém, ao longo do texto, utilizam com maior frequência a colocação “Projeto Sarau Literário”.

“E na dissertação de Araújo (2017), Dan, o que a Bia destacou sobre ‘o que é sarau’?”

*“Os dizeres do resumo são exatamente iguais, Núbia! Mas, predominantemente, Projeto Sarau Literário! Veja só, o título da dissertação é: O desafio pedagógico de formar leitores: análise do **Projeto Sarau Literário**!”*

Araújo (2017) explica que “[...] o **projeto** denominado SARAU LITERÁRIO foi idealizado por uma professora de Arte [...]” (p. 12, grifos nossos) e que “[...] o **Projeto** Sarau Literário concorre para que crianças e adolescentes [...] encontrem outros referenciais, como a literatura e a leitura literária [...]” (p. 73, grifos nossos).

“E quanto aos próximos artigos?”

Bezerra e Gomes (2019, p. 231, grifos nossos) destacam que “[...] o sarau é apresentado como uma **atividade** capaz de fomentar uma aproximação com a localização social dos discentes [...]”; e que “[...] o sarau [...] mostra-se um bom **instrumento** [...]” (p. 237; grifos nossos), sendo tratado também “enquanto **experiência formativa**”, em um subtítulo. Ademais, as autoras também compreendem o sarau como uma **metodologia de sentido**, devido ao conjunto de ações pedagógicas planejadas e realizadas em colaboração com os alunos (p. 240, grifos nossos).

“Quatro especificações diferentes para o mesmo sarau...”

“Mas veja, Bia, que, no corpo do artigo, Bezerra e Gomes se atêm ao sarau como uma metodologia de sentido. Vejam essa afirmação:”

“[...] Na **metodologia de sentido** aqui relatada, ao passo que repetimos várias faces do que se normatiza, que um professor faça, abrimos, ao mesmo tempo, caminho para que os alunos dissessem de suas localizações, de seus desejos, de suas vivências [...]” (Bezerra; Gomes, 2019, p. 241).

“Considerando essas colocações, Núbia, podemos considerar que, para Bezerra e Gomes (2019), o sarau é uma metodologia de sentido, enquanto, para Araújo (2017) e Araújo e Tassoni (2018), o sarau é um projeto.”

“Agora entendi... Vamos conseguir ‘afunilar’ ainda mais ‘o que é sarau’ para cada autor!”

“Sim, Bia!! Essa é nossa intenção, a fim de chegarmos a nossa própria compreensão sobre sarau.”

“Vou começar a mexer nos esquemas organizativos então, enquanto vamos fazendo esse ‘afunilamento’. Agora temos o artigo de Neto et al. (2019)!”

Há apenas uma caracterização de sarau no artigo de Neto et al. (2019), ao apresentarem o objetivo do texto: “[...] relatar a aplicação de uma sequência didática sobre temas transversais no Ensino Fundamental por meio da construção e apresentação de um **evento** intitulado I Sarau de Identidade, Cultura, Gênero e Sexualidade [...]” (p. 423, grifos nossos).

“Vejam, aqui no esquema organizativo da Figura 4, é possível perceber que para Ribeiro e Oliveira (2017), também há só um termo que condiz com ‘o que é sarau’: projeto.”

“Porém, se não me engano, Bia, ao contrário de Neto et al. (2019), esse termo aparece em diversos momentos no texto.”

“Sim, Núbia. Aqui as considerações.”

Desde a apresentação do problema da pesquisa no resumo do artigo, Ribeiro e Oliveira (2017) já utilizam a expressão “**projeto** do Curso de Letras da UNI-FACEF”. Além disso, citam autores, como John Dewey (1952), para especificamente definirem o que são os projetos e pontuam as fases para a elaboração do mesmo – definição; planejamento; execução; depuração; apresentação; e avaliação, de acordo com Hernandez e Ventura (1998).

“Acho que a nossa dificuldade para esse ‘afunilamento’ serão os artigos de Pessoa, Teixeira e Muniz (2019) e Soares, Canda e Oliveira (2019), afinal são aqueles com maior número de termos para dizer ‘o que é sarau’.”

Logo no resumo do artigo de Pessoa, Teixeira e Muniz (2019) há dois termos que demonstram o que os autores entendem por sarau. Primeiramente, dizem que o sarau foi uma **intervenção** e, na sequência, ao apresentarem o nome Sarau Paulo Freire – um **local** para existir, há o termo “local” como identificação dele. Os autores ainda pontuam que o sarau foi um “[...] **encontro** no qual os participantes compartilharam suas manifestações artísticas, independente do formato [...]” (p. 4066, grifos nossos).

Ainda pontuam que “[...] o sarau se tornou um **ambiente facilitador** para que a criatividade inerente a toda pessoa fosse explorada [...]” (Pessoa; Teixeira; Muniz, 2019,

p. 4072, grifos nossos) e que “[...] o sarau se mostrou uma **ferramenta efetiva**, visto que cumpriu com maestria os objetivos traçados para o trabalho [...]” (p. 4072, grifos nossos).

Ao traçar as considerações finais, Pessoa, Teixeira e Muniz (2019) consideram o sarau como **estratégia** para promover a criatividade, o que, conseqüentemente, apoia a construção da identidade do adolescente (p. 4076, grifos nossos).

Já Soares, Canda e Oliveira (2019) pontuam, no início do trabalho, que o Sarau Infantil Toda Criança é um Poema “pode ser considerado uma **experiência estética**” (p. 233, grifos nossos), sendo que, mais adiante, também afirmam que o referido sarau é “[...] uma **experiência pluricultural** originada no campo da extensão universitária e oferecida às crianças [...]” (p. 234, grifos nossos).

Por outro lado, são muitos os momentos em que os autores se utilizam do termo “espaço” para se referir ao Sarau Toda Criança é um poema. Afirmam que o Sarau é “[...] entendido como **espaço/tempo** de integração [...]” (p. 235, grifos nossos); que “[...] o sarau é compreendido como um **conjunto de espaços** coletivos de fruição e experimentação simultânea [...]” (p. 240, grifos nossos); ou que “[...] Sarau Infantil se configura em um **espaço de brincar** livre, fluido, de complexidade, de convergência das diversas artes [...]” (p. 241, grifos nossos); e também que o sarau é um **espaço educativo** bastante flexível (p. 242, grifos nossos).

“Realmente, são muitas afirmações sobre o mesmo assunto, né, Dan!”

“Sobre o artigo de Pessoa, Teixeira e Muniz (2019), podemos nos ater ao que os autores pontuam nas considerações finais, já que a função de tal seção de um artigo é estabelecer uma conclusão.”

“É viável sua consideração, Núbia. Mas e quanto ao artigo de Soares, Canda e Oliveira (2019)?”

“Nesse caso... Bem, vamos considerar a expressão ‘experiência estética’, já que os espaços a que os autores associam o Sarau Toda Criança é um Poema são organizados em temáticas artísticas.”

“Ah, Núbia! Acho que te entendo! Como todo o sarau era organizado em espaços dedicados às artes – visualidades; musicalidades; brincadeiras e interações; poemas e histórias³⁹ –, no final das contas, todos eles tinham por finalidade a experiência estética das crianças.”

³⁹ Canda; Soares; Oliveira, 2019, p. 242.

“Essa parte final do que você falou, Bia, é o resumo do que Soares, Canda e Oliveira (2019) entendiam sobre ‘o que é o sarau’ Toda Criança é um Poema: uma experiência estética”.

“Certo, Dan! Assim finalizamos ‘o que é sarau’ para os autores dos artigos do nosso levantamento bibliográfico. Alguma mudança nos esquemas organizativos, Bia?”

“Sim, Núbia! Mas pensei em esperar nossas considerações sobre as teses e dissertações também.”

“Boa ideia, Bia. Assim teremos um único esquema para todo o levantamento bibliográfico.”

“Até porque, Dan, já está na nossa hora. Amanhã continuamos com as teses e dissertações, ok?”

“Vixxi!! Nem nos demos conta do tempo tão concentradas que estávamos nas nossas análises. Obrigada, meninas!! Tem sido um trabalho e tanto o nosso!!”

“Até amanhã, Dan!!”

No dia seguinte, nem bem abrira as cortinas do escritório para deixar a luz do sol entrar, Bia e Núbia chegaram. Pensei comigo mesma o quanto aqueles encontros diurnos me traziam a sensação de satisfação. Eu tinha a parceria inusitada de duas pesquisadoras que, além de companhia para essas longas páginas de escritas, significavam também muitas compreensões. Diante de tal constatação, voltei-me para elas, a fim de começarmos a acabar esse capítulo e ouvir atentamente o que Bia dizia, olhando para o esquema organizativo abaixo.

Figura 5 - Esquema organizativo sobre “o que é sarau” nas teses e dissertações



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

“Bem, meninas, estou aqui observando o esquema organizativo do que é sarau para os autores das teses e dissertações e percebi que Fialho (2016), Silva (2018) e Silva (2019) usaram um único termo para se referir ao sarau, mas não o mesmo.”

“Bia, se não me falha a memória, tem um desses trabalhos que a explicação do que é sarau estava apenas em uma nota de rodapé, não tinha?”

“Sim, Núbia! Era de Fialho (2016). Vejam o que ela coloca na 12ª nota de rodapé...”

“[...] O Sarau Literário é uma festa tradicional da escola que envolve todos os funcionários e alunos do turno da manhã e da tarde. Apresentações de dança, música, teatro, recital de poemas são atividades típicas do Sarau [...]” (Fialho, 2016, p. 31; nota de rodapé).

“E as outras que a Bia comentou, o que dizem exatamente, Dan?”

Silva (2018, p. 67) destaca que o Sarau Ciência & Arte é “[...] um **evento** cultural-artístico-literário-musical-científico, anual, onde Poesia, Música, Dança, Teatro, Circo, Ilustração e diferentes manifestações artísticas interagem com a Ciência

[...]”. Já Silva (2019) considera o sarau um dos “**procedimentos de intervenção**” desenvolvidos a partir da proposta da sequência básica de Cossan (2014).

“Então, temos até agora que sarau é: projeto, para Araújo (2017); festa tradicional da escola, para Fialho (2016); evento cultural-artístico-literário-musical-científico, para Silva (2018); e procedimentos de intervenção, para Silva (2019). Isso sem contar as teses e dissertações que ainda vamos tratar.”

“Vamos para Vilanova (2018), Núbia, pois ela usa três termos muito próximo para dizer o que é sarau: prática, evento cotidiano e projeto.”

“Como está na dissertação, Bia?”

Vilanova (2018), logo no primeiro parágrafo da introdução de seu trabalho, afirma que o sarau “[...] é uma **prática** que consiste em uma reunião social para compartilhar experiências artísticas, que envolvem declamações de textos poéticos, música, esquetes teatrais, entre outras manifestações [...]” (p. 9, grifos nossos). No desenvolvimento do texto, a autora considera o sarau “[...] como um **evento cotidiano** nas aulas de Língua Portuguesa [...]” (p. 48, grifos nossos), porém, em suas considerações finais, pontua que o que desenvolveu ao longo da pesquisa foi um “**projeto** prático, possível e realista” (p. 71, grifos nossos).

“Nesse caso, cabe uma análise nossa. Lembrem-se que Vilanova era professora de língua portuguesa das turmas com as quais realizou o sarau e pretendia uma prática de sala de aula voltada à leitura literária.”

“Sabe o que observei também aqui nos fichamentos, Núbia?! O termo prática que ela usa é para se referir a todos os saraus, explicar o que é de forma geral, sabe?!”

“E, pensando também na rotina, na frequência, ela usa a expressão evento cotidiano.”

“O que nos leva a concluir, Dan, que o sarau do qual ela trata é um projeto, já que tem vários momentos diferentes até chegar à apresentação, que ela, provavelmente, colocará em prática com frequência nas aulas de língua portuguesa.”

“Então, pensando nessa fala da Núbia, resumidamente, o sarau de Vilanova (2018), é um projeto.”

“‘Fechô, Bia!’, como diriam meus alunos! Quem temos agora?”

Lacerda (2019) utiliza diversos termos para dizer “o que é sarau”. Primeiramente, afirma que o sarau é “[...] um **encontro** recreativo-cultural que permite o cortejo da poesia, música e dança [...]” (p. 11, grifos nossos). Na sequência, considera o sarau “[...] como **ferramenta** capaz de diagnosticar possíveis intervenções na

condição psicomotora das crianças [...]” (p. 12, grifos nossos), assim como “**estratégia de trabalho**” (p. 12, grifos nossos).

Ainda analisa que “[...] o sarau, sendo caracterizado como um **evento** em que expressões artísticas se encontram [...]” (Lacerda, 2019, p. 38, grifos nossos), porém, a autora dedica um capítulo de sua dissertação à Educação Sociocomunitária e considera que “[...] o sarau busca ser uma **práxis da Educação Sociocomunitária** em nossa escola, além da simples produção da identidade própria e privada [...]” (p. 42, grifos nossos).

“Sendo assim, podemos considerar que, para Lacerda (2019), o sarau é uma práxis de Educação Sociocomunitária.”

“Certo, então! ‘Afunilamos’ mais um o que é sarau para mais um autor das teses e dissertações do nosso levantamento bibliográfico. Qual é o próximo, Bia?”

“Temos apenas mais dois trabalhos, Dan... Weinheimer (2019) e Xavier (2018).”

No resumo de seu trabalho, Weinheimer (2019) apresenta o sarau como uma “**experiência artístico-filosófica**”. Na sequência, considera o sarau como “[...] uma **atividade escolar** da área da Filosofia [...]” (p. 29, grifos nossos) e, depois, afirma que “[...] o sarau foi inicialmente foi pensado para ser um **espaço de compartilhamento**, em que a comunidade escolar pudesse expressar seus modos de ser, seus gostos, sua cultura [...]” (p. 61, grifos nossos).

Xavier (2018) considera o “[...] sarau como um **espaço de trocas**, partilha e difusão da cultura e da arte, seja na rua, na comunidade, seja na instituição educacional [...]” (p. 21, grifos nossos) ou simplesmente “[...] um **espaço** para que as pessoas possam se expressar mais livremente, que seja um espaço democrático e de diversidade [...]” (p. 31, grifos nossos). Ao mesmo tempo, Xavier (2018) percebe que “[...] esta **prática** [o Sarau] foi muito significativa para todos [...]” (p. 39, grifos nossos).

Como o objetivo principal de pesquisa de Xavier (2018) girava em torno das práticas teatrais, em dois momentos a autora relaciona o que é sarau com tal assunto: a utilização do “[...] sarau como **meio para a teatralidade** com crianças, jovens ou adultos no campus Picuí [...]” (p. 22, grifos nossos); e “na verdade, o sarau é apenas um **mote para se chegar à teatralidade** de modo mais diversificado e apresentar às pessoas seus aspectos próprios [...]” (p. 51, grifos nossos).

Entretanto, a autora também mostra que o sarau é um projeto. No resumo afirma que o trabalho “[...] reúne reflexões sobre a experiência de estudantes com a prática

teatral no **projeto** Sarau Poético [...]” (Xavier, 2018, s/n, grifos nossos) e, no desenvolvimento do texto, retoma com os seguintes dizeres: “[...] na culminância do **projeto** Sarau Poético configuram-se todas as sensações sofridas e as compreensões a que os estudantes chegaram [...]” (Xavier, 2018, p. 59-60, grifos nossos).

“Ufa! Ainda bem que são os últimos trabalhos, porque serão bem trabalhosos!”

“Nem tanto, Bia! Vamos começar por Weinheimer (2019). Quando diz ‘espaço de compartilhamento’, a autora está se referindo aos saraus de forma geral, aqueles realizados fora ou dentro da escola, em qualquer que seja a época. Quando utiliza ‘atividade escolar’ refere-se especificamente ao realizado pela escola, já que ele era parte das aulas de Filosofia, ministradas fosse por ela, fosse por outro professor.”

“Estou acompanhando seu raciocínio, Dan! Mas aí precisamos pensar que tantas outras atividades podem ser consideradas ‘atividade escolar’, não apenas o sarau. Por isso que é importante nos atentarmos para a expressão ‘experiência artística-filosófica’, porque aí sim a autora está se referindo com especificidade ao sarau.”

“Certo, Weinheimer (2019) considera que o sarau é uma ‘experiência artística-filosófica’! E Xavier (2018)???”

“Para ela, assim como para alguns outros autores que já analisamos, o sarau também é projeto.”

“Por que você diz isso com essa naturalidade, Núbia?”

“Porque, Bia, por mais que Xavier (2018) se utilize dos vários termos que a Dan já trouxe os recortes anteriormente, o Sarau Poético sobre o qual a autora trata é um projeto frequente da instituição de ensino, com atividades específicas no início, no meio e na culminância, com as apresentações. A teatralidade é parte desse projeto maior que é o Sarau.”

“Bom, então acho que tenho o último termo para nossa nuvem de palavras que resume o que é sarau para os autores deste levantamento bibliográfico. Vejam o que acham...”

Bia virou então meu celular para onde Núbia estava e vi um leve sorriso se abrir no rosto dela. Havia um ar de satisfação pairando ao redor daquela pesquisadora das experiências quase-antigas. Quando virou a tela para mim, percebi que ela havia

utilizado o Mentimeter⁴⁰ para criar a nuvem de palavras com os termos que fomos compreendendo como aqueles que melhor conceituamos o que era sarau para os autores.

Figura 6 - Nuvem de palavras com o resumo do que é sarau no levantamento bibliográfico



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

“A palavra maior é que apareceu com maior frequência, Bia?”

“Sim, Dan! Considerando o total de 14 trabalhos – 6 artigos e 8 teses e dissertações –, compreendemos que 5 deles – Tassoni e Araújo (2018); Ribeiro e Oliveira (2017); Araújo (2017); Vilanova (2018); e Xavier (2018) – se utilizaram do termo ‘projeto’ para se referir ao sarau que foi objeto ou plano de fundo da pesquisa deles.”

“Esse foi um trabalho muito interessante de fazermos, Dan!”

“Sim, Núbia! E sobre ele, nesse momento, minha pergunta é: o que é sarau para a professora-pesquisadora Danubia?”

5.4 O Sarau Odilon Corrêa para a professora-pesquisadora Danubia

“Por que essa pergunta, Dan?”

⁴⁰ Mentimeter é uma ferramenta que cria apresentações em tempo real. O usuário, ao cadastrar-se, elabora uma pergunta, compartilha o link com os participantes, cujas respostas aparecem numa “nuvem” instantaneamente. No caso da nuvem criada por Bia, ela aproveitou-se das nossas conversas para ir fazendo as respostas. Há um número máximo de caracteres, por isso algumas expressões estão abreviadas.

“Acho importante, Bia, traçar, ainda que brevemente, o que entendo por sarau, a fim de compreender as potencialidades dele na escola em que trabalhava a partir das colchas de retalhos de cartas. Veja... Se eu entendo o Sarau Odilon Corrêa como uma prática de sala de aula é diferente de entendê-lo como experiência estética na escola.”

“Dan... Desde o início das nossas conversas e, provavelmente, desde o início dos saraus, você já tinha uma definição para isso. Observe as cartas que os alunos te escreviam, ou melhor, observe o que você pedia para os alunos pontuarem nas cartas: o que eles achavam do PRO-JE-TO-SA-RAU-O-DI-LON-COR-RÊ-A!”

Naquele momento, olhei para Núbia e compreendi o quanto ela sabia me analisar, me compreender também.

“Núbia, você tem razão! O próprio nome que traçava no início do ano ao encaminhar a documentação para o Projeto Político Pedagógico da escola dizia ‘Projeto Sarau Odilon Corrêa.’

“Pelo que me lembro da nossa primeira conversa, Dan, o primeiro sarau foi realizado sem a associação com a ideia de projeto. Porém, a partir do segundo, você desenvolveu uma série de atividades relacionadas às habilidades que contemplavam sentido figurado, uso de figuras de linguagem, elementos constitutivos do gênero poema etc., antes das apresentações acontecerem.”

“Isso sem contar que, ao pedir que os alunos avaliassem o Projeto Sarau Odilon Corrêa, conforme você disse, eu pontuava que, diante das colocações deles nas cartas, seria mais fácil decidir pela continuidade, ou não, do projeto no ano seguinte.”

Enquanto Núbia e eu chegávamos a essas conclusões, percebi que Bia procurava algo no meu armário. Até que...

“Ufa! Encontrei finalmente!”

“O que é isso, Bia?”

“Naqueles dias em que estávamos tecendo as colchas de retalhos de cartas, abri sem querer uma pasta sua com vários textos guardados! Aí, agora, lembrei desse aqui: ‘Projetos Pedagógicos na educação infantil’. Sei que o título é sobre educação infantil, mas deve ter algo interessante nele para compreender por que você considera o sarau um Projeto, Dan!”

De forma alternada, fomos lendo em voz alta os primeiros capítulos do livro de Silveira e Horn⁴¹, até chegarmos no capítulo 3: “Mas o que é projetar”.

⁴¹ Silveira; Horn (2008).

“Ouçam esses excertos...

“[...] É um plano de trabalho ordenado e particularizado para seguir uma ideia ou um propósito [...] Um projeto é um plano com características e possibilidades de concretização [...] que potencializa a capacidade de avaliar o futuro a quem o propõe ou o vive [...]

Um projeto é uma abertura para possibilidades mais amplas de encaminhamento e de resolução, envolvendo uma vasta gama de variáveis, de percursos imprevisíveis, imaginativos, criativos, ativos e inteligentes, acompanhados de uma grande flexibilidade de organização [...]” (Silveira; Horn, 2008, p. 31).

“O desenvolvimento das atividades do Sarau Odilon Corrêa, Dan, caminhava dessa forma. Você tinha um objetivo, a aprendizagem de conteúdos e habilidades referentes ao texto poético, e para isso planejava uma sequência variável de atividades, em diversos espaços da escola. Ao mesmo tempo, perceba, havia uma flexibilidade de organização, de percursos imprevisíveis, os quais você não tinha planejado, mas, partindo dos alunos, contribuíam para o desenvolvimento do projeto.”

“Ainda sobre o que a Núbia acabou de dizer, Silveira e Horn (2008) defendem que nos projetos ‘[...] há sempre um momento de decisão inicial e de avaliação final [...]’⁴².”

“Um dos aspectos que eu acho que complica essa parte da definição do problema, ou seja, da decisão inicial, é que os conteúdos e as temáticas dos saraus não partiam dos alunos, sabe...”

“Dan, não veja isso como um problema, e sim como uma etapa do seu processo de formação docente. Você tinha uma necessidade inicial, sim, que era o desenvolvimento de habilidades que envolviam sentido figurado, figuras de linguagem etc. Se não houvesse uma decisão inicial sua de fazer isso por meio do Projeto Sarau, outras tantas potencialidades desse sarau na escola não seriam possíveis também.”

“Outro trecho da Silveira e Horn (2008) que corrobora com isso que a Núbia falou, Dan: ‘[...] os projetos são um dos muitos modos de organizar as práticas educativas. Eles indicam uma ação intencional, planejada [...] que tenha alto valor educativo, com uma estratégia concreta e consciente, visando à obtenção de determinado alvo’.⁴³”

⁴² Silveira; Horn, 2008, p. 33.

⁴³ Silveira; Horn, 2008, p. 33-34.

“É... acho que vocês conseguiram ajustar minhas compreensões de porque o Sarau Odilon Corrêa é, assim como para a maioria dos autores do nosso levantamento bibliográfico, um projeto.”

*“Mas ainda tem um trequinho aqui, Dan, que vai falar mais ainda para essa compreensão... Segundo Silveira e Horn (2008), projetos ‘são elaborados e executados **com** as crianças e não **para** as crianças’⁴⁴.”*

Apesar das expressões “com” e “para” já estarem destacadas no próprio texto, Bia enfatizou-as mais ainda na leitura que fez em voz alta. Lembrei-me das diversas vezes que li e ouvi essa diferença de “fazer com” e “fazer para” com a Laura e, ao mesmo tempo, da importância que dei ao momento em que, logo no primeiro sarau, os alunos me perguntaram se podiam fazer enfeites, já que as apresentações não deixavam todos confortáveis. Foi dali que inicialmente eu, e depois o Rafa, começamos a definir uma decoração para o sarau, a fim de abarcar a diversidade de habilidades e de envolver o maior número de alunos nas preparações para o dia da culminância, o que foi tornando-se tão característico da escola e do nosso trabalho.

Ainda que tenha feito essas considerações em silêncio, ao voltar-me para Núbia e Bia, percebi que elas me olhavam fixamente, provavelmente lendo tudo o que eu havia pensado. Quando lhes externei tais pensamentos, elas sorriram e, com ares de gracejos, Núbia disse:

“Agora sim, encerramos o nosso levantamento bibliográfico. Vamos indo, né, Bia, porque é hora de descansarmos. Até logo, Dan!!”

⁴⁴ Silveira; Horn, 2008, p. 34 (grifos das autoras).

6 Potencialidades formativas do sarau na escola

Como o final do ano se aproximava, Bia e Núbia se afastaram por uns dias para que eu pudesse, como diz minha mãe, “deixar a casa em ordem”. Enquanto arrumava armários, organizava gavetas, lavava paredes, fui percebendo uma certa urgência em me aprofundar em algumas leituras, mas não queria fazê-las sem a presença delas, afinal, as discussões eram muito proveitosas quando estávamos juntas.

Acho que Bia e Núbia também sentiram isso, pois, numa das primeiras manhãs das férias de janeiro de 2024, quando eu lia o que já tínhamos escrito (costume que tenho antes de começar a próxima discussão de um trabalho acadêmico), ouvi a risada alegre de Bia, acompanhada pelo olhar tranquilo, mas sempre observador, de Núbia.

Assim que se acomodaram nos lugares costumeiros do meu escritório, Bia me olhou atentamente e perguntou:

“Quais são as potencialidades formativas do sarau na escola a partir das colchas de retalhos de cartas, Dan?”

Achei que titubearia diante dessa pergunta, principalmente se fosse respondê-la diante de Núbia, pois sentia os olhos inquiridores dela desde quando terminamos a escrita do levantamento bibliográfico. Porém, ao ouvi-la, senti um alívio por perceber que também ela já delineara esses aspectos (ou potencialidades), e respondi prontamente:

“O desenvolvimento de atividades com poesia em sala de aula, inclusive a de escrita autoral; a importância para os alunos de ‘estar lá fora’, na escola, mas fora da sala de aula; as parcerias com o Rafa, o Alessandro e outros professores para desenvolver o Sarau Odilon Corrêa; a presença de convidados; e o que os retalhos que estão nas colchas dizem sobre meu trabalho docente.”

“Nossa!! Tudo isso, Dan?”

“Sim, Bia!! Conforme paro para pensar, enquanto costurávamos as colchas de retalhos de cartas, enquanto discutíamos os artigos, dissertações e teses do levantamento bibliográfico, esses aspectos já chamavam minha atenção. Acho que os via como potencialidades do Sarau Odilon Corrêa desde que realizava o projeto, mas parei para me atentar a isso só agora, durante a pesquisa.”

“E o que fazemos a partir de agora, então?”

“Bia, agora chegamos no momento de realmente compreendermos essas potencialidades, de nos aprofundarmos em outras leituras que tratem desses aspectos...”

“Então, Núbia, mas também precisamos trazer os indícios dessas potencialidades que se apresentaram nas colchas de retalhos de cartas, não é?”

“Sim, Bia! Vamos fazer uma leitura atenta das colchas de retalhos de cartas e buscar retalhos que tratam diretamente, ou não, desses aspectos para apresentá-los na discussão dos dados. Porém...”

“Pode falar, Dan! Eu imagino o que você está pensando já...”

“Porém, não acho viável ficarmos apenas assim: De acordo com o retalho que diz assim; considerando os dizeres do aluno tal, no retalho tal, de tal colcha... Sei lá! Queria que ficasse mais dinâmica essa apresentação dos retalhos com a discussão propriamente dita.”

“Ué, mas isso é fácil, Dan!! É só selecionarmos os retalhos que queremos e apresentá-los assim mesmo, como retalhos que já são. Nem precisaremos identificar quais foram os alunos remetentes agora, porque não nos interessa a fala de um único aluno, mas os retalhos das colchas que falam sobre o Projeto Sarau to-di-nho!! Deixa comigo essa parte, ok!”

Foi assim que fizemos uma leitura conjunta, cuidadosa e pausada para identificar quais eram os retalhos das quatorze colchas que tínhamos, além dos trechos das minhas cartas-respostas que nos ajudassem a compreender as potencialidades formativas que mexiam tanto comigo ao realizar sarau na escola.

Assim que terminamos, achamos que apresentar essa discussão de acordo com as potencialidades que levantamos ficaria mais coerente, por isso, esse capítulo busca compreender o desenvolvimento de atividades com poesia em sala de aula, inclusive a de escrita autoral; a importância para os alunos de ‘estar lá fora’, na escola, mas fora da sala de aula; as parcerias com o Rafa, o Alessandro e outros professores para desenvolver o Sarau Odilon Corrêa; a presença de convidados; e o que os retalhos que estão nas colchas dizem sobre meu trabalho docente; sendo que os retalhos selecionados sobre cada potencialidades serão apresentados justapostos à discussão abaixo.

6.1 Poesia em sala de aula: atividades e o desafio da escrita autoral

Ao finalizarmos os fichamentos das colchas de retalhos de cartas e das cartas-respostas que enviei aos alunos sobre os saraus, tínhamos dezessete retalhos sobre as atividades desenvolvidas com poesia e música em sala de aula e sobre a escrita de poesias autorais durante os saraus.

“Sempre que nos colocamos a procura dos indícios que esses retalhos de cartas revelam, eu me surpreendo ao compreender que essas informações não dependem do ano em que o sarau foi realizado na sua antiga escola, Dan!”

“Como assim, Núbia?! Acho que não te entendi...”

“A Núbia está dizendo, Bia, que, independentemente do sarau, os retalhos das cartas dizem do Projeto como um todo. São retalhos que não tratam da visão restrita de uma turma ou outra que vivenciou a realização do sarau, e sim tornaram-se a ‘voz’ de uma comunidade escolar sobre um Projeto maior.”

Percebi que Bia ficou pensativa e, ao mesmo tempo, anotou algo em um cantinho de papel. Ao mesmo tempo, também me toquei que aquela consideração feita em voz alta após a observação de Núbia teria muito significado nas considerações finais, mas deixei-a anotada apenas na minha memória.

Antes mesmo de começar a me questionar como apresentar os retalhos, Bia mostrou que tinha digitado todos em caixas de texto que, realmente, pareciam retalhos de papel, conservando a mesma fonte que escolhemos nas colchas de retalhos costuradas em capítulo anterior. Ao notar que ela, ao invés de colocar o nome do remetente da carta original de onde o retalho fora retirado, apenas apresentou a colcha de retalho a qual o retalho pertencia e o ano, entendi que, apesar de pensativa, ela também já estava compreendendo as considerações feitas por mim e por Núbia anteriormente.

“Aqui está como ficarão os retalhos das colchas que falam sobre música, poesia e escrita de poesias autorais ao longo do Projeto Sarau Odilon Corrêa!!”

As pessoas conseguem se expressar através de poesias e apresentações mostrando a todos talentos magníficos e inesperados (Retalho da Colcha “Sarau”, 3ªA, 2016)

Ao observar os retalhos fichados por nós e apresentados por Bia, percebi que ela utilizara dois fundos diferentes: um liso e outro texturizado. Lendo com mais atenção aquela diferenciação, percebi que os retalhos com fundo liso falavam apenas das

atividades com poesia ou letra de música que fizemos em sala de aula, enquanto aqueles com fundo texturizados, traziam os dizeres sobre a escrita de poesias autorais.

“De certa forma, por essa diferenciação do fundo dos retalhos, já podemos perceber uma evolução nas atividades que foram sendo desenvolvidas no Sarau, né, Dan!”

“Sim, Bia!! Primeiro fazíamos as atividades em sala, depois passávamos à escrita das poesias...”

o foco no sárau são as poesias (Retalho da Colcha “Sarau”, 3ªA, 2016).

“Mas não é só isso, Dan!! Conforme diz Lajolo (2005), para o bem e para o mal, a história de leitura de cada um de nós – educadores de hoje –, se faz presente nas atividades de leitura que desenvolvemos nas classes.”⁴⁵

Ao ouvir Núbia citar Marisa Lajolo, uma daquelas autoras que ficaram na minha memória desde as primeiras leituras na primeira graduação, percebi que as escolhas que tenho feito em sala de aula, principalmente aquelas relacionadas ao trabalho com literatura, advém do contato que tive com os livros desde a alfabetização e com várias professoras.

“Sim, Núbia! Vivi intensamente o direito à literatura, como diria Antônio Cândido (1995)⁴⁶. Ainda como

Gostei muito de estudar a música do Projota (Adoro isso!!) e o texto de Ecclesiastes que ajudou bastante na preparação das poesias. (Retalhos da Colcha “Sarau”, 9ª4, 2018).

ele, acredito nela como fator de humanização, ao desenvolver em nós a compreensão e a abertura para a natureza, a sociedade, a humanidade do outro, enfim⁴⁷. ”

Você nos fez entender que um poema pode virar uma música e que uma música pode virar um poema (Retalho da Colcha “Sarau”, 9º1, 2017).

“Mas, a forma como você desenvolvia as atividades com poesia em sala de aula está relacionada ao que alguns especialistas chamam de

escolarização da literatura, não é, Dan?”

Percebi que Bia fez a pergunta com muito cuidado, como se tentasse não me ofender. Fui até um dos meus armários de livro e peguei um exemplar de Evangelista, Brandão e Machado (2006), para mostrar à Bia.

⁴⁵ Lajolo, 2005, p. 6.

⁴⁶ Cândido, 1995, p. 174.

⁴⁷ Cândido, 1995, p. 180.

“Esse é um livro que trata justamente da escolarização da leitura literária, Bia! Diante do aumento da oferta de educação pública e das intensas campanhas

Foram uma bela oportunidade para aprender e rever coisas importantes para nosso desenvolvimento intelectual, **com uma aula diferenciada e interessante.** (Retalhos da Colcha “Sarau”, 9ºD, 2019).

de obrigatoriedade da permanência das crianças na escola, é inevitável a escolarização da literatura, até porque é nessa instituição que, atualmente, a maior parte da população tem acesso à literatura, conforme Cândido (1995), ‘[...] como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos [...]’⁴⁸.”

“Aqui pensando, Dan, na dissertação de Ventura (2016), que tinha como um dos objetivos analisar as práticas de leitura literária numa turma de 5º ano. Ela afirma que há formas adequadas e inadequadas de apresentar a literatura às crianças.⁴⁹”

você ensinou sobre a estrutura da música e a gente aprendeu a diferenciar versos de estrofes (Retalho da Colcha “Sarau”, 9ºA, 2019).

“Núbia, Ventura (2016) faz algumas afirmações que, desde as primeiras atividades desenvolvidas em sala de aula

com poesias ou letras de música, e principalmente no sarau, confirmavam minhas escolhas pela escolarização da literatura. Segundo ela:

“[...] não há problema em utilizar obras [literárias] para temáticas específicas, no entanto, a primeira leitura deve sempre contemplar a dimensão estética [...] para que não se perca a especificidade da literatura [...]” (Ventura, 2016, p. 78).

“Considerando Freire (1996) e Pennac (2011), Ventura (2016) destaca que

“[...] o professor é fundamental na formação de leitores, por isso deve buscar articular seus saberes profissionais, formação inicial e continuada, às suas experiências de leitura, a fim de promover com os educandos, momentos significativos de prazer e fruição literária [...]” (Ventura, 2016, p. 50).

Quando terminei de ler a citação de Ventura (2016), percebi que um sorriso de satisfação preencheu o rosto de Bia.

“Então é isso!! Resumidamente, Dan, as suas experiências com literatura somadas aos conhecimentos da área de docência – a disciplina de Língua Portuguesa – impulsionaram o desenvolvimento das atividades com poesia e letra de música ao longo

⁴⁸ Cândido, 1995, p. 174-175.

⁴⁹ Ventura, 2016, p. 47.

do Projeto Sarau Odilon Corrêa. Ao realizar essas atividades você tinha que prezar alguns aspectos: a fruição das obras literárias nas primeiras leituras; as atividades de conhecimento específico sobre o gênero poético; e inclusive, a ‘proximidade’ desses textos com a realidade dos alunos, pois assim eles se reconheceriam como leitores.”

me proporcionaram boas surpresas, desde as poesias apresentadas em sala (Carta-resposta a professora Danúbia para a 3ªA, 2016).

“Além de se reconhecerem leitores, Bia, passaram a se reconhecer ‘poetas’, ‘autores’”.

Ao ouvir aquela afirmação de Núbia, recorri, quase que sem pensar, aos retalhos com fundo texturizados do início dessa discussão. Os retalhos me lembravam o quanto “se reconhecer autores”, como disse Núbia, foi um processo difícil, cheio de percalços e dúvidas aos meus alunos durante aqueles anos de Sarau Odilon Corrêa. Parecendo que estava lendo meus pensamentos, Bia perguntou:

as atividades na sala de aula foram uma boa ajuda na hora da escrita das poesias (Retalho da Colcha “Sarau, 9ºB, 2019).

“Dan... Como foi mesmo que surgiu a escrita de poesias autorais dentro do Projeto Sarau?”

Núbia me olhou pausadamente após ouvirmos a pergunta de Bia. Aquele olhar me interrogava muito mais que a pergunta de Bia, porque, de certa forma, conseguia me ajudava a trazer à tona a materialização do que tenho compreendido e tentado colocar em prática ao longo do trabalho docente.

“Sabe, Bia, antes de traçar as compreensões sobre a constituição da autoria e da intimidade na dissertação do

Eu verdadeiramente gostei de fazer um poema por mim mesma, pude colocar meu cérebro para funcionar um pouco. (Retalho da Colcha “Sarau”, 9º1, 2017).

Mestrado, eu resumia para mim mesma que, ser autor é ser dono de seus próprios dizeres. Porém, adentrando nos estudos de Bakhtin ao longo desses anos, compreendo que “[...] o autor é um produtor semiótico, criador de si, dos outros e da sua própria vida, a partir do vivido único e irrepetível que se materializa na escrita [...]”⁵⁰.

quando sentei para escrever, vi que não era nenhum bicho de sete cabeças (Retalho da Colcha “Sarau, 9º3, 2017).

“O que me lembra os dizeres de Kramer (2003), ao afirmar que “[...] ser autor significa dizer a própria palavra,

⁵⁰ Peres, 2017, p. 76.

cunhar nela sua marca pessoal e marcar-se a si e aos outros pela palavra dita, gritada, sonhada, grafada [...] Ser autor significa produzir com e para o outro [...] ⁵¹. Continue seu raciocínio, Dan...”

“Juntando o que eu disse com a afirmação de Kramer (2003) que a Núbia trouxe agora, a escrita

Isso é bom porque, às vezes, a gente fala o que está sentindo (Retalho da Colcha “Sarau”, 9º2, 2017).

de poesias autorais no Projeto Sarau Odilon Corrêa conciliava a necessidade de desenvolver uma atividade de escrita autoral nas aulas de língua portuguesa, com a possibilidade que os alunos, ou melhor, que os autores, naquele momento, escrevessem sobre o mundo e, ao mesmo tempo, se inscrevessem no mundo.”

Não foi nem um pouco fácil, nem sei rimar e “tals”, mas tentei e consegui fazer alguma coisinha (Retalho da Colcha “Sarau”, 9º3, 2018).

“Algo importante a ser destacado também, Bia, considerando o que a Dan falou agora é que, primeiro o Projeto Sarau, se

consolidou na unidade escolar, ou seja, os alunos já conheciam o formato, como funcionava, quais objetivos tinha. Depois disso, é que passaram à consciência crítica, como dizia Freire (2008), de que poderiam ‘estar’ no Sarau, não apenas declamando os dizeres dos poetas – muitas vezes conhecidos por eles pela atividade docente da Dan –, e sim por suas próprias palavras no seu próprio mundo – a escola.”

“Mas, sabe, Núbia... Estou aqui pensando... Será que os alunos realmente tinham essa consciência?”

Senti um frio percorrer minha barriga e percebi que fiquei boquiaberta com a pergunta de Bia. Pensei comigo que, até então, em muitos momentos, quem me deixou desconcertada fora Núbia, porém, Bia passou a assumir uma postura tão questionadora que, lá no fundo, me fazia admirá-la mais.

A poesia foi mais difícil, porque precisava pensar num texto, **foi um processo meio lento!** (Retalho da Colcha “Sarau”, 9ºC, 2019).

“Bia... Então... Acredito que, infelizmente, no momento da escrita das poesias, os alunos não compreendiam a dimensão dessa

‘consciência crítica’, pontuada por Freire (2008). Quando nos atentamos para os retalhos das colchas que apresentamos no início dessa seção, percebemos que,

⁵¹ Kramer, 2003, p. 83.

infelizmente, eles enxergavam a dificuldade de se posicionarem poeticamente, no momento da escrita.”

“Ainda assim, Dan, consigo enxergar nos mesmos retalhos que você falou que, ao apresentarem os poemas

Já a parte de sentarmos em círculo na sala e discutir sobre as poesias, eu gostei porque nós, alunos, pudemos opinar, e não só os professores (Retalho da Colcha “Sarau”, 9º1, 2018)

para os colegas é que os alunos começavam a se enxergarem como ‘autores’, afinal, passavam a sentir a liberdade pela palavra enunciada, conforme Miotello (2012)⁵².”

Eu sei que vocês sofreram para escrever. Sempre fico angustiada com essa parte, porque vocês esperam tanto a minha ajuda e eu tento interferir o mínimo possível. E assim as poesias saem, brotam, nascem e me marcam profundamente (Carta-resposta da professora Danubia aos alunos dos 9º anos A, B, C e D, 2019).

Ao ouvir Miotello (2012) na voz de Núbia, recordei a continuação da mesma citação do estudioso bakhtiniano:

“[...] Enunciar. Falar. Libertar a palavra. Liberdade que a palavra comporta por estar entre um homem que fala com outro homem que fala [...]” (Miotello, p. 2012, p.143).

A palavra libertadora materializada na escrita de poesias, proposta do Projeto Sarau a partir de 2016, consolidava-se quando os alunos apresentavam suas produções escritas aos demais

para o próximo ano, nós continuaremos escrevendo nossas próprias poesias. Acho que está sendo um trabalho de formiguinhas, mas vale a pena ver vocês ocupando com palavras de vocês esse espaço (a escola) que é de vocês! (Carta-resposta da professora Danubia para os alunos dos 9º anos 1, 2 e 3, 2017).

colegas. Naquele momento, importava que eram adolescentes enunciando para outros adolescentes, assumindo o lugar de onde falavam, o público a quem falavam e os assuntos sobre os quais falavam. A professora Danubia tornava-se mediadora daquele contato, quase uma expectadora da autoria de seus alunos.

⁵² Miotello, 2012, p. 146.

6.2 “Lá fora”: a mesma escola, outros tempos/espços durante o Sarau

Ao tecer as últimas considerações sobre as atividades e a escrita de poesias autorais, percebi que Núbia e Bia me olhavam pausadamente. Tentei desviar o olhar, mas senti que elas, assim como em ocasiões anteriores, não facilitariam uma fuga.

“Está tentando desviar do que, Dan? Se tornar mediadora, expectadora, do que os alunos faziam ao longo do Projeto Sarau foi um movimento constituído aos poucos, Dan. Não foi de uma hora para outra!”

“Isso que a Núbia está afirmando é tão verdade, Dan, que, quando observamos atentamente os retalhos das colchas de cartas sobre o ‘estar lá fora’, percebemos que, por mais que você e o Rafa organizassem os alunos, eles ‘tomavam’ a escola durante o Sarau, conforme as necessidades deles.”

Dá uma tristeza saber que nos próximos meses de agosto e setembro não teremos nada programado, nem preocupações com decorações e apresentações (Retalho da colcha “Último ano”, 3ºA, 2016).

Ouvindo as afirmações de Bia, lembrei as duas que, apesar da potencialidade formativa “estar lá fora” ter se apresentado com significativa frequência enquanto tecíamos as colchas de retalhos de cartas, essa foi a potencialidade para a qual tivemos

difficuldade de encontrar referencial teórico para discutir aqui.

“Primeiro tivemos Carvalho (2008), cujo título da dissertação – ‘Adolescência(s): apropriação e uso de espaços/tempos escolares externos aos espaços/tempos de sala de aula’ – aparentemente nos traria muuuuito o que pensar sobre o ‘estar lá fora’. Porém percebemos que, ela não apresenta considerações sobre o uso pedagógico do ‘estar lá fora’ da sala de aula que enxergamos nas colchas de retalhos de cartas.”

“Ainda assim, Bia, a discussão feita por Carvalho se tornou válida para nós, porque ela

Não penso que gastei tempo, mas que me diverti bastante (Retalho da colcha “Sarau”, 9º1, 2017).

trata especificamente da adolescência, ou adolescência(s), como afirma em vários momentos da dissertação. Precisamos sempre considerar que o Projeto Sarau Odilon Corrêa se tornou um tempo/espço significativo devido à presença dos adolescentes, que eram os alunos da Dan. Veja... Segundo Carvalho (2008), o espaço escolar comporta diferentes culturas trazidas da sociedade e reconstituídas dentro do contexto

escolar, tomando contornos próprios, isso porque os adolescentes são sujeitos culturais.”⁵³

O trabalho fora da sala, na minha opinião, foi mais legal do que dentro da sala, acho que só pelo fato de não ser na sala de aula (kkk) (Retalho da colcha “Sarau”, 9º2, 2017).

“Quando vocês levantam essas colocações, Bia e Núbia, e faço comparações com alguns retalhos das colchas de retalhos de cartas que separamos sobre

‘estar lá fora’, passo a compreender que o Projeto Sarau Odilon Corrêa possibilitava o rompimento com a dicotomia ‘dentro x fora’ da sala de aula, ainda que na mesma escola.”

“Sim, Dan! Tanto a sala de aula propriamente dita, quanto os demais tempos/espços da escola, ganhavam diferentes significados para os sujeitos culturais, adolescentes, que eram os alunos que participavam naquele ano.”

Eu gostei muito quando tinha que ficar na escola para ensaiar (Retalho da colcha “Sarau”, 9º2, 2017).

“Ouçam essas afirmações ainda de Carvalho (2008) e mais um retalho:”

“[...] Ao apropriarem-se deste espaço/tempo, os adolescentes deixam transparecer suas relações com a escola e com seus pares de idade [...]” (Carvalho, 2008, p. 189).

“[...] Os adolescentes se identificam com estes espaços de acordo com sua subjetividade e suas relações [...]” (Carvalho, 2008, p. 196).

Confesso que, no início, eu não queria ajudar não, mas vi que seria legal ajudar com os meus colegas de sala (Retalho da colcha “Sarau”, 9º1, 2018).

“Va

mos voltar nossa atenção a Gonçalves (2006), que também nos traz ainda algumas contribuições sobre ‘estar lá fora’”.

começamos as atividades fora da sala de aula para fazer a parte da decoração e todos tiveram um cargo (Retalho da colcha “Sarau”, 9º1, 2017).

“Verdade, Núbia! Lembro de várias partes que destacamos quando lemos Gonçalves (2006). Uma delas é que ‘[...] devemos ressaltar o caráter educativo do espaço-tempo escolar

⁵³ Carvalho, 2008, p. 54.

[...]’⁵⁴. Ou seja, todos os espaços-tempos de uma unidade escolar são educativos.”

“Bia... Núbia... Sobre isso, ouçam o que Gonçalves (2006) ainda afirma sobre os espaços-tempos da escola, enfim, o ‘estar lá fora’:

“[...] Cabe ainda ressaltar que uma situação de aprendizagem que extrapola os espaços da sala de aula oferece inúmeras oportunidades educativas [...]” (Gonçalves, 2006, p. 134).

“[...] Uma aula-atividade em um ambiente diferente propicia um novo olhar sobre as relações [...]” (Gonçalves, 2006, p. 134).

“Daí que, ao longo do Projeto Sarau, estar na sala de aula, ou ‘lá fora’ indicava que eu, o Rafa e a escola, de forma geral, repensávamos o uso dos espaços e tempos, ao criarmos uma oportunidade e uma situação – o Projeto Sarau Odilon Corrêa – para oportunizar o desenvolvimento dos alunos e nosso, enquanto professores.”

“Mas eu ainda me pergunto, Bia, será que ‘estar lá fora’ durante o Projeto Sarau Odilon Corrêa tornou-se tão relevante para os alunos apenas

Por conta dos ensaios, reatei amizades, convivi com pessoas que já conhecia há bastante tempo, mas nunca tive oportunidade de me aproximar (Retalho da colcha “Sarau”, 9º2, 2018).

por estarem entre os pares, entre tantos outros adolescentes?”

fiz muitas amizades (Retalho da colcha “Sarau”, 9ºD, 2019).

“A pergunta, na verdade, é outra, Dan. ‘Estar lá fora’ importava aos alunos apenas por ser um tempo/espço de constituição da subjetividade?”

Enquanto enfatizava aquela questão, Núbia olhou firmemente para mim e estendeu a mão para que Bia lhe entregasse um livro. Era “Pedagogia do oprimido”, de Paulo Freire, e eu senti um frio percorrer meu cérebro ao supor que Núbia o traria para tratar da “educação bancária” (Freire, 1987).

“Exatamente isso, Dan! Não há como responder a essa última pergunta sem Paulo Freire. ‘Estar lá fora’ importava aos alunos – e já deixo claro, importava para você como professora também – porque rompia com um ensino bancário de Língua Portuguesa e, conseqüentemente, de educação.”

⁵⁴ Gonçalves, 2006, p. 131.

“Como assim, Núbia?”

“Considerando que Paulo Freire (1987) afirmava que, na concepção de educação bancária, ‘[...] não há criatividade, não há transformação, não há saber [...]’⁵⁵, haja vista que ‘[...] o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber [...]’⁵⁶, o que Núbia quer dizer, Bia, é que ‘estar lá fora’ durante as atividades do Projeto Sarau

Odilon Corrêa permitia que os alunos exercitassem sua criatividade, transformassem o conteúdo de Língua Portuguesa diante de seu próprio contexto

Ficou linda e o melhor é que foi feita por nós e a gente fugiu um pouco da rotina. Com os ensaios, a escola ficou bem agitada (Retalho da colcha “Sarau”, 9ºC, 2019).

e construíssem saberes, fossem relacionais, fossem linguísticos.”

eu sempre me sinto renovada ao lembrar de toda a movimentação, de toda a ansiedade e expectativa daqueles dias (Carta-resposta da professora Danúbia aos 9º anos 1, 2, 3 e 4, 2018).

Percebi que, se continuássemos com Freire, enveredaríamos a compreensão da potencialidade formativa

‘estar lá fora’ para algo mais profundo, a própria educação libertadora proposta por Freire (1987, 1996, 2008). Revelando mais uma vez o olhar atento para meus pensamentos, Núbia afirmou, deixando de lado “Pedagogia do oprimido”:

“Nessa mesma obra, Freire (1987) também falará sobre a educação libertadora, oposto da educação bancária, e objetivo claro da educação, porém, acho que a Dan quer guardar para outro momento esse aprofundamento de que tipo de educação o Projeto Sarau significa. Certo?”

Assenti com um movimento da cabeça, olhando para Núbia. Naquele momento, ouvimos a moto do meu esposo virando a esquina e percebemos que a noite chegava. Nos despedimos rapidamente, mas já combinando quais seriam as próximas potencialidades a serem discutidas no dia seguinte.

⁵⁵ Freire, 1987, p. 33.

⁵⁶ Freire, 1987, p. 33.

6.3 Eu, Rafa e outros professores: as diferentes relações de parceria entre professores no Sarau Odilon Corrêa

No dia seguinte, logo pela manhã, enquanto tentava dar um pouco de dignidade à organização do escritório, percebi Bia e Núbia chegando e que elas falavam algo referente às parcerias entre professores, citando a mim e ao Rafa. Intimamente, tive a certeza de que a discussão daquele dia mexeria muito comigo.

Assim que elas se aconchegaram nos lugares de costume, Bia questionou se eu estava pronta para aquele momento de discussão. Senti que os olhos de Núbia se fixaram em mim, esperando a minha resposta.

“Sei que você pergunta, Bia, porque falaremos sobre a relação de trabalho – e, consequentemente, de amizade – que se estabeleceu entre mim e o Rafa ao longo do Projeto Sarau Odilon Corrêa. Ao mesmo tempo, compreender essa relação de parceria é possibilitar reflexões a outros professores sobre aquilo que estão desenvolvendo nas suas escolas.”

Deixo o terceiro no Odilon com muitos amigos, tanto professores, quanto alunos e funcionários. (Retalho da colcha “Último ano”, 3ºA, 2016).

Chegou uma hora que eu e o Rafael só fazíamos repetir: “Vai dar certo! Vai dar certo!” (Carta-resposta da professora Danubia aos alunos dos 9º anos 1, 2 e 3, 2017).

“Quando se trata de relações entre professores no contexto de trabalho, ou seja, a escola, recordo Varani (2005), Bia, ao afirmar que ‘[...] nas relações cotidianas, os parceiros se encontram em razão da empatia que nasce entre eles e do

projeto em comum que estes professores carregam [...]’⁵⁷.”

“Lembrem-se, Bia e Dan, que Varani (2005) também enfatiza que ‘[...] é na relação com o outro que se constitui o grupo, que as pessoas se encontram e produzem seu trabalho [...]’⁵⁸. As duas afirmações de Varani estreitam as compreensões da potencialidade formativa do Sarau a que estamos nos propondo agora.

valeu o esforço de todos os professores, porque se não fossem vocês não seríamos nada. (Retalho da colcha “Sarau”, 9º4, 2018).

⁵⁷ Varani, 2005, p. 202.

⁵⁸ Varani, 2005, p. 204.

“Sim, Núbia!! Se não me engano, o primeiro professor a estar junto com a Dan nos primeiros saraus foi o Alessandro, de Matemática. Ele e a Dan eram professores das mesmas turmas, portanto, constituíam-se como professores nessa relação de proximidade, de responsabilidade pelos mesmos alunos.”

E foi muito interessante a harmonia e a paciência com que você e o Rafael trabalharam com a gente. (Retalho da colcha “Sarau”, 9ºD, 2019).

“Sei o que você está tentando dizer, Bia... É quando o Rafa chega que as relações de empatia e de projeto em comum se instituem entre mim e ele, que produzimos um trabalho comum – o Projeto Sarau Odilon Corrêa, que

a parceria acontece.”

“Mas, Dan, pela sua fala agora... Qual a diferença entre a parceria com o Rafa e a parceria com o Alessandro ou outros professores que também se envolviam com o Projeto Sarau?”

Deu pra perceber que muitos se emocionaram ao ver os colegas cantando músicas, até o professor Fernando cantou. (Retalho da colcha “Sarau, 9º1, 2017).

“Nesse caso, Bia, precisaremos nos adentrar nas discussões feitas por Cassão (2019), já que ela estabelece a diferença entre parceria de trabalho e trabalho de parceria.”

“Como assim, Dan?”

“De acordo com Cassão (2019), Bia, parceria de trabalho [...] se esgota em ceder o espaço ao outro, estar à disposição e trocar atividades [...]”⁵⁹.

às vezes, era difícil concentrar na lição das outras aulas com a música dos ensaios nas salas do lado (Retalho da colcha “Sarau”, 9ºB, 2019).

“Então, Núbia, a relação que existia entre a Dan, o Alessandro e a maioria dos professores do Odilon Corrêa era uma parceria de trabalho porque

eles acreditavam sim no Projeto Sarau, compreendiam a importância dele para a escola e para os alunos, porém não se envolviam. Cediam suas aulas e conviviam com os vários dias de ensaios, davam notas para alunos que participassem, até mesmo se apresentavam, mas não se... se...”

⁵⁹ Cassão, 2019, p. 94.

“Não se responsabilizavam, Bia! Porque, segundo Cassão (2019), né, Núbia, ‘[...] o trabalho de parceria requer envolvimento, dedicação, entrega, diálogo, responsabilidade [...]’⁶⁰.”

Você e o professor Rafael se dedicaram bastante para que acontecesse o melhor (Retalho da colcha “Sarau”, 9º3, 2018).

Percebi que Bia estava atônita com aquela diferenciação. Lembrei de mim mesma, por tanto tempo, tentando me convencer que todos aceitavam e entendiam o Sarau Odilon Corrêa como eu. Percebi que Núbia me olhava atentamente.

“Lima, Geraldi e Geraldi (2015), Dan, dizem que ‘[...] são os outros que nos constituem como sujeitos sociais e portadores de histórias singulares [...]’, de forma que ‘revelar-se a si é desvelar também os outros [...]’⁶¹. Dan, não se sinta culpada por agora, durante uma pesquisa narrativa, compreender que o tamanho da singularidade do que foi o Projeto Sarau Odilon Corrêa para você não era o mesmo para tantos outros professores do Odilon na época.”

“Eu ainda quero entender melhor por que com o Rafa era trabalho de parceria.”

“Ouça esses trechos de Cassão (2019), Bia:

“[...] Trabalho de parceria: é envolvimento, entrega, corresponsabilidade sobre todo o processo que se pretende realizar em conjunto [...]” (Cassão, 2019, p. 58).

“[...] corresponsabilidade sobre o ato de educar. A partilha dos objetivos e das ações. A reflexão compartilhada. A ação conjunta [...]” (Cassão, 2019, p. 60).

“[...] envolvimento que o trabalho de parceria traz: a entrega, o pertencimento, a corresponsabilidade [...]” (Cassão, 2019, p. 62).

Com a sua liderança e do professor Rafael, fizemos mais um evento incrível, **bem legal e diferente. Isso sim é uma amizade verdadeira, um ajudando o outro!** (Retalho da colcha “Sarau”, 9ºB, 2019).

“Agora entendo, Núbia! Ao estabelecerem um trabalho de parceria, a Dan e o Rafa partilhavam objetivos comuns, com ações estabelecidas entre eles

– por exemplo, quando o Rafa ficava responsável pelo acompanhamento dos ensaios de dança e a Dan dos ensaios de poesia.”

⁶⁰ Cassão, 2019, p. 94.

⁶¹ Lima, Geraldi, Geraldi, 2015, p. 14.

“Além disso, Bia, todo o Projeto Sarau Odilon Corrêa era pensado por nós dois!”

“Então, Dan, ainda considere Cassão (2019), quando ela afirma que [...] trabalhar em conjunto te movimenta e encoraja a arriscar práticas que, possivelmente, de modo individual, não seria viável [...]”⁶².

conseguem passar as atividades para nós, alunos, e fazer com que o sarau aconteça. Ao mesmo tempo que isso é muito bonito, eu acho que eu não daria conta! (Retalho da colcha “Sarau”, 9º3, 2018).

Ao ouvir o trecho citado por Núbia, foi inevitável pensar nos tantos momentos em que Rafa e eu nos movimentamos juntos, “inventando”, “arriscando”, “recriando” o que já fazíamos.

Eu e o Rafael comentamos várias vezes que até estranhamos os dias de preparação do Sarau desse ano. Isso porque, apesar do cansaço e da correria, nós não chegamos a surtar tanto. Os outros professores, ao nos ouvirem, comentavam que o que está acontecendo é que o Sarau virou costume da escola e, por isso, eu, o Rafael e os alunos já sabemos como encaminhar a organização. (Carta-respostas da professora Danubia aos alunos dos 9º anos A, B, C e D, 2019)

“Sabe, Núbia... Bia... Estabelecendo essa diferença entre trabalho de parceria e parceria de trabalho, compreendo que o Projeto Sarau Odilon Corrêa precisava de ambas as situações. Vejam comigo... a parceria de trabalho entre mim e o Rafa disparava e estruturava as

atividades dentro do projeto, porém, a minha parceria de trabalho, assim como a do Rafa, com os outros professores é que dava condições para que Projeto realmente se efetivasse. Afinal, por exemplo, o que seria da produção e apresentação de poesias autorais, se os professores não cedessem suas aulas para que pudéssemos ensaiar os alunos? O que seria da própria estrutura de som no dia do Sarau mesmo, se não fosse a parceria de trabalho com o Alessandro?”

Antes mesmo de finalizar minha fala, senti os olhos de Núbia pousarem em meu rosto. Ela me contemplava com um leve sorriso no rosto e eu, lendo-a, percebi que ela pensava em Chaluh (2008).

“Veja, Dan... Chaluh (2008) já afirmava que [...] o outro se me apresenta como uma possibilidade para eu começar a refletir sobre mim e sobre o que eu pretendi fazer na escola [...]”⁶³. Isso porque:”

⁶² Cassão, 2019, p. 63.

⁶³ Chaluh, 2008, p. 191.

“[...] O outro me interpela, o outro me faz entrar em um processo de reflexão, é o outro que me faz entrar em processo para voltar a mim mesma [...]” (Chaluh, 2008, p. 191).

“O que fizestes agora, nessa última fala, na verdade, Dan, precisa ser considerado em duas instâncias. A primeira, considerando a sua constituição docente, Dan, que percebe a necessidade de parcerias de trabalho e de trabalhos de parceria para que o Projeto Sarau se instituísse como apresentado nas colchas de retalhos de cartas. A segunda, referente à constituição de tantos outros docentes, sendo relevante a valorização do trabalho conjunto, seja a nível de trabalhos de parceria, seja de parcerias de trabalho, já que o primeiro pode desencadear ou estruturar o segundo.”

Assim que Núbia concluiu a fala acima, percebi que ela e Bia me olhavam. Precisei assumir para ambas as companheiras de discussões e compreensões das potencialidades formativas do sarau na escola que eu, naquele momento, pensava em quais tipos de parceria poderia ou conseguiria estabelecer para onde estava prestes a ir. Não era novidade para Bia e Núbia que eu, logo, logo, assumiria o cargo de diretora de uma escola municipal na minha cidade natal. Foi Bia quem me trouxe à realidade.

“Ouçam, meninas!! O esposo da Dan já está chegando!! Não se preocupe tanto com um trabalho de gestora que você ainda não começou, Dan! Esse é só o início da sua constituição gestora. Por hora, nós já vamos indo, né, Núbia!! Amanhã teremos mais?”

“Sim, Bia! Amanhã trataremos da presença de convidados no Sarau. Vejo vocês aqui mesmo, certo?!”

“Sempre e sem dúvida, Dan! Estamos contigo mais do que você imagina!”

Guardei aquela fala de Núbia para lhe perguntar sobre em outro momento, pois elas já se despediam.

6.4 A presença de convidados no Sarau Odilon Corrêa: situação de encontro da comunidade na escola

Bia e Núbia encontraram-me no dia seguinte com sinais de cansaço pela movimentação de tantas leituras e escritas. Dentre as potencialidades que havíamos “enxergado” a partir das colchas de retalhos de carta, já tínhamos nos debruçado sobre três. A presença de convidados no Sarau Odilon Corrêa seria nosso interesse daquele

dia, a partir de onze retalhos de colchas de cartas, e a próxima... Bem, a próxima exigiria um olhar de mim (e delas) sobre mim mesma.

“Mais uma vez ansiosa com o que nem chegou ainda, não é, Dan?”

Em muitos momentos dos encontros “acadêmicos” que eu tinha com Bia e Núbia, eu me perguntava de onde vinha a sagacidade delas para me reconhecer daquela maneira.

o legal de tudo isso é que os pais e as pessoas de fora podem conhecer um pouco da nossa escola, professores, direção e do nosso talento também, né!! (Retalho da colcha “Sarau”, 9º1, 2018).

“Sim, Bia! Estou me perguntando o que vou compreender de mim mesma, na próxima potencialidade. Porém, também entendo a necessidade de trazermos

à discussão os outros, como diria Bakhtin, ou os não-eus, como diria Paulo Freire.”

“Ainda que você já tenha afirmado que os convidados que presenciavam as apresentações do Sarau Odilon Corrêa eram “o outro” ou o “não-eu”, Dan, de início precisamos considerar que, de forma geral, eles representam uma parte da comunidade escolar.”

“Como assim, Núbia?”

“Assim, Bia... O que a Núbia quer dizer é que uma comunidade escolar é formada por seus vários seguimentos: alunos, professores, funcionários, equipe gestora etc. Nessa potencialidade que vamos compreender, por pais e

eu achei bem legal a sua ideia de convidar os pais e pessoas de fora, pois aproxima a escola em relação aos pais e alunos, e os antigos alunos podem matar um pouco da saudade e relembrar alguns momentos. (Retalho da colcha “Sarau”, 9º3, 2018).

outras pessoas que, mesmo não frequentando a escola cotidianamente, fazem parte dela porque ela faz parte delas.”

“Você está afirmando então, Dan, que comumente os pais são lembrados como parte da comunidade, mas no caso dos convidados do Sarau Odilon

Eu convidei dois “patetas” para me assistir e rever a escola, porque eles já estudaram aqui e puderam ver mais um grande trabalho. (Retalho da colcha “Sarau”, 9º1, 2018).

Corrêa, nós temos os alunos egressos também, pois ajudaram a constituir o Projeto Sarau, enquanto eram alunos, e, depois, enquanto expectadores, demonstrando a importância do projeto para eles e para a escola.”

Mais lindo ainda pela presença de alguns pais! Confesso que não tinha muita expectativa de ter a presença deles, nem nos teatros, nem nas demais apresentações, mas foi bom “quebrar a cara” e ver alguns acompanharem – pouco ou muito – aquilo que foi feito por vocês. (Retalho da carta-resposta da professora Danubia aos alunos dos 9º1, 2 e 3. 2017).

“E é dessa afirmação que vocês fizeram, Bia e Dan, que lançamos a principal pergunta da discussão dessa

seção: *por que importa ter a comunidade presente no dia das apresentações do Sarau Odilon Corrêa?*”

A pergunta de Núbia foi feita de forma tão enfática, com os olhos dela firmemente fixos nos meus, que senti uma certa insegurança de não conseguir respondê-la de forma tão convincente.

“A primeira consideração que precisamos fazer quando se trata dessa presença da comunidade, digamos

Também vieram familiares assistir às apresentações, alguns tinham muitas coisas para fazer, mas tiraram um tempo para vir assistir seus filhos, irmãos e primos. (Retalho da colcha “Sarau”, 9ºA, 2019).

assim, é que, a maioria das pesquisas indicam aquilo que vemos na escola realmente: a não-presença.”

Enquanto afirmava aquela realidade ausente vivida por tantos docentes e gestores, inclusive nós, Bia buscava organizar alguns artigos impressos que tínhamos separados para tratar sobre o tema.

“Foi o artigo ‘Comunidade e escola: reflexões sobre uma integração necessária’, de Bezerra et al. (2010), que nos interessou, não foi, Bia?”

“Sim, Dan! Os autores afirmam que é ‘[...] imprescindível que ocorra integração entre a escola e a comunidade atendida, com reconhecimento e valoração dos saberes extracurriculares e efetivação de parcerias no trabalho educativo [...]’⁶⁴ e, para tanto, ‘[...] a escola deve oportunizar situações de encontro [...]’⁶⁵.

“Interessante a expressão ‘situações de encontro’ usadas por Bezerra et al. (2010)! Geralmente, a situação de encontro mais

Com esse convite, os alunos poderiam convidar os pais, os amigos e parentes. Isso de convidar os pais foi legal pra que eles participem mais, porque os pais podem ver o que o (a) filho (a) está fazendo na escola, como a escola está se desenvolvendo (Retalho da colcha “Sarau”, 9º2, 2017).

⁶⁴ Bezerra et al., 2010, p. 282.

⁶⁵ Idem.

comum entre escola e comunidade é a reunião de pais e mestres que acontece ao final dos bimestres letivos, em que a maioria das famílias lá estão para ‘pegar o boletim’, desperdiçando, digamos assim, a oportunidade de conversar com os professores, juntamente com os estudantes.”

acho extremamente importante a presença dos pais no sarau, porque temos que mostrar os talentos da nossa escola para o mundo. (Retalho da colcha “Sarau”, 9º2, 2018).

“Então, Núbia... Lá no Odilon, assim como na maioria das escolas, nós tínhamos muita dificuldade de ter a presença dos pais até mesmo nas reuniões

bimestrais. Isso sem contar as inúmeras vezes que precisávamos da presença da família para tratarmos de atitudes de desrespeito, violência ou vandalismo dos alunos. Até hoje, entendo que convidar a comunidade para assistir as apresentações do Sarau era uma proposta arriscada.”

“Por que arriscada, Dan?”

“Porque, Bia, a mobilização que acontecia para preparar os convites, para organizar a presença da comunidade, não era simples.

Minha irmã ficou morrendo de raiva porque ela não pode assistir e falou que a culpa era minha porque não fiz nenhuma apresentação. Por isso acho que o sarau deveria ser aberto para todos. (Retalho da colcha “Sarau”, 9º4, 2018).

Era preciso, por exemplo, deslocar um funcionário para receber os convidados que, devido à rotina de um dia de trabalho, podiam chegar a qualquer momento das apresentações. Mesmo assim, a partir do momento que começamos, no Sarau de 2016, passamos a nos planejar para ter esses convidados nos saraus seguintes.”

“O que vai de encontro com Bezerra et al. (2010) quando dizem que ‘[...] é de extrema importância que a escola, ao planejar e programar suas ações pedagógicas

O convite para os pais foi muito bom para as pessoas que apresentaram, porque, além da escola toda ver, os pais podiam ver também e se divertir junto. Acho que foi uma das formas deles verem que a escola pode fazer algo de diferente e não deixar de aprender algo (Retalho da colcha “Sarau”, 9º1, 2017).

procure envolver a comunidade na construção do conhecimento [...]’⁶⁶.”

⁶⁶ Bezerra et al., p. 287, 2010.

Já os alunos que apresentaram, alguns levaram amigos, namorados, pai, mãe etc. e parece que gostaram, porque teve apresentações bem legais (Retalho da colcha “Sarau”, 9ºB, 2019).

“Nessa mesma linha, Dan e Bia, podemos retomar a dissertação de Lacerda (2019), que lemos no

levantamento bibliográfico. Apesar de se distanciar do que estamos discutindo aqui ao especificar o sarau como exercício prático da Educação Sociocomunitária na escola, Lacerda (2019) deixa muito claro que sua intenção pedagógica com a realização do sarau é que seja [...] capaz de propiciar a integração da comunidade escolar de forma mais sensível a outros sentidos, criativa e mais envolvente [...]”⁶⁷.

“Ouçam essas afirmações de Lacerda (2019):”

“[...] Em um sarau, a arte, o movimento, as linguagens, representam os meios pelos quais os indivíduos comunicam-se e podem transformar o ambiente ou a comunidade em que vivem [...]” (Lacerda, p. 12, 2019).

“[...] [por meio do sarau] A escola transpõe seus muros potencialmente [...] se fortalece como referência do ‘fazimento’ (fazer com as mãos) cultural da localidade [...]” (Lacerda, p. 11, 2019).

“Fazimento cultural da localidade” ... Ao ouvir aquela expressão, voltei mentalmente à pergunta inicial de Núbia: por que importa ter a comunidade externa presente no dia das apresentações do Sarau Odilon Corrêa?

“É isso, Núbia!! Essa é a resposta da sua pergunta inicial! A presença dos convidados no dia das apresentações tornou-se uma potencialidade do Sarau Odilon Corrêa porque era uma situação de encontro da comunidade com a escola por meio do ‘fazimento’ cultural da própria escola.”

“Dan, isso significa que??”

“Significa, Bia, que os convidados, ao

achei bom poder convidar os parentes e amigos para estar aqui para dar uma força e um apoio (Retalho da colcha “Sarau”, 9º3, 2017).

assistirem as apresentações do Sarau Odilon Corrêa, presenciavam uma parte do processo pedagógico da instituição escolar realizada pelos próprios estudantes – a decoração, a escolha das músicas, as poesias escritas. Por isso, a Dan afirma o ‘fazimento’, porque traz a ideia do feito à mão, da produção artesanal, uma produção

⁶⁷ Lacerda, p. 11, 2019.

própria da escola, um sarau de singularidades da instituição, aberto a uma comunidade capaz de reconhecer essas singularidades porque é parte dela.”

“Por hora, Dan, temos o suficiente! Essa consideração sobre o ‘outro não-eu’ importará muito mais em outro momento. Fique tranquila!”

Então ouvimos o barulho da moto do meu marido se aproximando, o que significava que o momento da despedida daquele dia chegara.

6.5 A “sora” Danubia: a constituição de si ao “estar sendo” no mundo humano da escola

Naquele dia, acordei com a sensação que algo diferente pairava no ar. Acabei me convencendo que poderia ser pelo final das férias se aproximando e me deixei envolver pelos afazeres das primeiras horas da manhã, antes que Bia e Núbia chegassem.

Quando elas entraram pela porta do escritório e foram se acomodando nos lugares de costume, percebi que Bia carregava um livro razoavelmente grosso, com a imagem de uma mulher na contracapa. Perguntei-lhe que obra era aquela.

“Ah! É “A condição humana”, da Hannah Arendt. A Núbia me emprestou para ler. Disse que poderia ser interessante para o meu conhecimento e, ao mesmo tempo, para nossa discussão. Vou ler depois que finalizarmos a compreensão da potencialidade formativa de hoje. E adivinhe só qual é?”

Sem esperar que eu fizesse outra pergunta, Núbia se adiantou e respondeu:

Vou sentir muita falta de você e de todos os seus projetos (Retalho da colcha “Último sarau”, 3ª série A, 2016).

“A própria Dan. A bem da verdade, a ‘sora’ Danubia, né! Apesar da Bia ainda não ter lido “A condição humana”, da Hannah Arendt, podemos até pensar numa citação dela para começar a

parte de hoje, não é, Dan?”

Entendi que Núbia sabia que Hannah Arendt tinha sido uma importante teórica para a escrita que fiz no Mestrado. Trazê-la para essa discussão sobre mim mesma, enquanto professora, parecia-me justo, já que poderíamos ampliar a compreensão da “sora Danubia”.

“Em qual afirmação de Arendt você está pensando, Núbia?”

Gostamos muito do seu trabalho, pois propôs muitas oportunidades, cedeu seu tempo para que tudo ocorresse bem. A “sora” vai ficar guardada no meu <3. Te adoro... (Retalhos da colcha “Professora”, 3ª série A, 2016).

“Quando ela diz que ‘[...] é com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano [...]’⁶⁸. Afinal, Dan, a ‘sora’ Danubia inseriu-se no mundo humano da escola Odilon Corrêa por meio de seus atos e de suas palavras.”

Fechei brevemente os olhos ao ouvir aquela afirmação de Núbia, mas vi um filme dos sete saraus passar pela minha memória em cores intensamente vivas.

“Quando você fala sobre inserir-se no mundo por meio de atos e palavras, Núbia, você quer dizer que as escolhas que a ‘sora’ Danubia fez sobre o Projeto Sarau Odilon Corrêa, nesse caso específico que discutimos, é que a ‘enraizaram’, digamos assim, no mundo humano da escola Odilon Corrêa?”

Se a “sora” não chorar em um sarau, aconteceu algum milagre (kkk)... Acho linda a emoção da “sora” ... A forma como tu vê seus alunos... O amor que sente por cada um, é evidente! Toda vez que você chora, eu choro junto... (Retalho da colcha “Sarau”, 9º ano 2, 2018).

“Ou, como diria Chaluh (2011), Bia, quando eu traçava as atividades do Projeto Sarau, quando desenvolvia a escrita de poesias autorais, quando ficava estressada ou brava diante de tantos afazeres nos dias de ensaio e da decoração, quando chorava na

mensagem que escrevia para finalizar o Sarau, quando respondia as cartas dos alunos... Todos esses momentos, eram ‘um exercício vivo da palavra e da ação’⁶⁹!”

“Isso me lembra também uma colocação de Geraldi (2003), quando afirma que estamos expostos e quem nos vê tem uma experiência de nós que nós mesmos não temos.”

“Sim, Bia. É importante entender que as afirmações de Arendt (2007), Chaluh (2011) e Geraldi (2003)

você se tornaram um marco na minha vida de professora (Retalho da carta-resposta da professora Danubia aos alunos da 3ª série A, 2016).

pontuam que, durante todo o Projeto Sarau Odilon Corrêa, não era apenas eu que me revelava aos alunos, aos meus colegas professores ou à comunidade que nos assistia. Eram eles que me revelavam a mim mesma.”

Núbia sorriu com ares de quem muito já tivera de revelações de si por intermédio dos outros, ao ver a reação de surpresa de Bia.

“Bia, Bakhtin (2003) já dizia que só é possível dizer quem somos pela participação ativa do outro em nossa constituição.”

⁶⁸ Arendt, 2007, p. 189.

⁶⁹ Chaluh, 2011, p. 165.

Você é uma das professoras que abre mais a mente dos alunos, que tem paciência para tanta coisa (Retalho da colcha “Sarau”, 9º ano 2, 2017).

“É que eu, Núbia... Eu achava que quando fôssemos tratar da atuação docente da Dan exposta nos retalhos das colchas que selecionamos aqui, perceberíamos o quanto a ‘sora’ Danubia, ao revelar-se aos alunos, tornava-se elemento constitutivo da

formação deles.”

“Bia, nosso aprofundamento aqui é que o Projeto Sarau Odilon Corrêa se tornou uma potencialidade formativa, pois, fosse nas atividades, mas principalmente agora, para nós, nas colchas de retalhos, é possível perceber o quanto eu sei de mim, professora Danubia, a partir dos outros do Sarau.”

Eu super adorei esse sarau que você, professora, se dedica tanto para que saia tudo perfeito, lindo, organizado! Eu sei que o sarau significa muito para você (Retalho da colcha “Sarau”, 9º ano 4, 2018)

“É esse o olhar exotópico que Bakhtin (2011) defende, ou seja, tomar distância para compreender?”

“Considerando Bakhtin (2011) também, Bia, a exotopia e o excedente de visão do outro sobre mim possibilitam que ele me complete⁷⁰, ainda que provisoriamente, ou, como explica também Geraldi (2013), ‘[...] na relação com o outro, este sempre me vê

Você é uma pessoa que gosta de ensinar os seus alunos e todo ano é emocionante! Dá até vontade de chorar com você, Danubia. Para finalizar, quero agradecer você por dar essa oportunidade para nós e o professor Rafael por sempre estar apoiando em tudo. Continue sendo essa pessoa boa que você é, mas muda de time! (kkkkk). (Retalho da colcha “Sarau”, 9º ano 1, 2018).

na paisagem em que estou, com um pano de fundo em que me é inacessível [...]’⁷¹, afinal eram os outros, os alunos que partilhavam o Projeto comigo e escreviam sobre meu trabalho, que tinham de mim um olhar ampliado, que eu mesma não tinha naquele momento.”

“Ademais, Dan, Arendt (2007) afirma que ‘[...] nenhuma vida humana é possível sem um mundo que, diretamente ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos [...]’⁷². Sendo assim, entendemos a colocação de Geraldi (2005),

⁷⁰ Bakhtin, 2011, p. 23.

⁷¹ Geraldi, 2013, p. 18.

⁷² Arendt, 2007, p. 31.

de que nos fazemos o que somos nas relações dialógicas que mantemos com a alteridade⁷³.”

“Essa ideia de alteridade, do outro, na constituição da nossa consciência, ou seja, de nós mesmos, é de Bakhtin (2011), certo?”

“Sim, Bia. Bakhtin e Geraldi trazem a importância do outro para nossa constituição enquanto sujeitos, afinal, considerando nosso inacabamento, pontuado por Freire (1987, 1996), só conseguimos nos perceber a partir das relações alteritárias, ou seja, a partir das relações que estabelecemos com os outros.”

Me senti muito importante quando você me deixou responsável pelo teatro, muito obrigada, de verdade, estou muito agradecida por você ter confiado em mim (Retalho da colcha “Sarau”, 9º ano B, 2019).

Você é uma professora que se preocupa com todos e com tudo, se organiza muito bem, uma das pessoas que, quando quer, faz acontecer. Os trabalhos que você faz com a gente, professora, é um trabalho de motivação e sei que deu o seu melhor para que esse sarau fosse perfeito e super valorizo o amor que você tem por essa escola (Retalho da colcha “Sarau”, 9º ano 1, 2017).

“Certo, Núbia... Isso quer dizer que nas relações com os outros do Sarau Odilon Corrêa, a Dan constituía-se sujeito e, principalmente, sujeito docente. O que os alunos mostram nos retalhos das colchas de cartas que selecionamos é a visão

‘acabada’ deles sobre a ‘sora’ Danubia e, a partir disso, ela tem consciência do quanto ‘está sendo’ no mundo, segundo Paulo Freire (1996). É isso?

Ouvir as colocações de Núbia e de Bia sobre meu “estar sendo” docente no mundo, me fizeram pensar nas noites de sono que volta e meia perco, pensando na escola, na sala de aula. Naquele tempo de sarau, então, era inevitável que, na última semana, antes das apresentações, eu dormisse pouco e rolasse muito na cama.

Também queria te dizer que sua dedicação e responsabilidade com o projeto é elogiável. Acho você muito esforçada, explica muito bem, você faz a aula chata ficar legal. Te amo e obrigada por tudo! (Retalho da colcha “Sarau”, 9º ano 3, 2017)

“Parece que tem alguém precisando falar um pouco sobre responsividade e não-álibi...”

⁷³ Geraldi, 2005, p. 17.

Não sei como expressar a emoção de ter uma professora assim, como você, que se importa com a gente, e que quer dar uma mudada no nosso dia a dia. (Retalho da colcha “Sarau”, 9º ano 3, 2018)

“É, Núbia, lembrei-me de Bakhtin (2003), quando ele diz que há um não-álibi em todo ato – de formação de si e do outro. Isso também é ser responsivo e hoje entendo que boa parte das minhas ações ao longo dos anos do Projeto Sarau

Odilon Corrêa era no sentido de responder ao que os alunos e a própria escola me apresentavam sobre o projeto. Importava para tantos, conseqüentemente, importava para mim.”

“Sim, Dan, concordo com você. Ainda assim, precisamos lembrar que seus atos também demonstravam responsabilidade, afinal como afirma Freire (1987), ‘[...] dizer uma coisa e fazer outra, não levando a palavra a sério, não pode ser estímulo à confiança [...]’⁷⁴.”

“Isso é muito profundo, Dan! Quer dizer, é assumir que nossas ações, mais especificamente, as suas ações como professora, estão imbuídas daquilo que os outros te apontam, porque esses outros ‘são’ porque você ‘está sendo’ e você ‘é’ porque eles ‘estão sendo.’”

Parabenizo o seu trabalho para com a escola e, principalmente, com os alunos, não ensinando somente o português, e sim a viver, não só viver casualmente, se sim mentalmente (Retalhos da colcha “Professora”, 3ª série A, 2016).

Sorri ao ouvir as últimas palavras de Bia e, ao mesmo tempo, senti que precisávamos chegar a uma conclusão sobre a potencialidade formativa da ‘sora’ Danubia do Sarau Odilon Corrêa.

“Materialize seus pensamentos, Dan! Compartilhe conosco as suas palavras desse momento para que, dialogando, possamos estar mais conscientes ainda.”

É por acreditar em uma educação que forme pessoas com sentimentos e poesias nos olhos que eu continuo sendo professora (Retalho da carta-resposta da professora Danubia aos alunos dos 9º anos 1, 2, 3 e 4, 2018).

“Cada vez mais compreendo, Bia e Núbia, que a constituição docente da ‘sora’ Danubia é uma

⁷⁴ Freire, 1987, p. 46.

potencialidade formativa do Projeto Sarau Odilon Corrêa porque, à medida que o diálogo e os atos ali desenvolvidos estavam intrínsecos de coerência, ou seja, o que eu falava era o que eu fazia e o que fazia era o que eu falava, eu estava assumindo o compromisso entre tantos ‘outros não-eu’, meus alunos, principalmente, de ser responsiva e responsável, tanto pelas minhas palavras, quanto pelos meus atos.”

Ao terminar, olhei para Núbia e Bia e percebi a respiração delas levemente suspensa. Elas sorriram para mim e, quando Bia estava prestes a me dizer algo, meu telefone tocou. Desliguei atônita, entendendo por que havia acordado com a sensação de algo prestes a acontecer naquele dia. Era do departamento de recursos humanos da prefeitura de Marinópolis, minha terra natal. Eu estava sendo convocada para assumir a direção da escola municipal, já que o primeiro colocado no concurso desistira do cargo.

Bia e Núbia me olharam com a serenidade que desejei ter para tomar uma decisão. Eu precisava pensar, considerar, orar, antes de agir.

“Começamos nossa conversar com a Hannah Arendt, terminamos com ela também, Dan... Independente da sua decisão, vem aí uma ‘ação’, ou seja, um início⁷⁵.”

“Conte ao seu esposo, Dan, ele chegará em breve. Núbia e eu já vamos indo! Mas também nos veremos logo! Até mais!”

⁷⁵ Arendt, 2007.

7 Educação humanizadora: a potencialidade formativa do Projeto Sarau na escola

Enquanto tomava uma decisão, nem percebi que Bia e Núbia passaram alguns dias afastadas. Foi no sábado, após a primeira semana de atuação como diretora da escola municipal da minha terra natal, quando eu estava terminando de guardar nos armários alguns livros de língua portuguesa do Ensino Fundamental – Anos Finais que usara até então, que as ouvi se aproximando.

Bia estava efusiva – como sempre! –, mas percebi Núbia com sinais de cansaço, com um sorriso que não chegava aos olhos. Enquanto me cumprimentavam, perguntavam também sobre a nova escola, o novo cargo, as novidades de forma geral. E era justamente isso que eu respondia: é tudo novidade. Outra rede, outras articulações, outro currículo, então só me restava aprender muito a ser gestora de uma escola pequena, mas com desafios que saltavam aos meus olhos, ainda que iniciantes.

“Mas vamos ao que nos interessa!! Sei que muitas serão as demandas como diretora de escola agora, mas, enquanto esse novo início se instaura na minha rotina e na minha carreira docente, ainda temos uma tese a finalizar, uma escrita a ser arquitetada e acabada.”

“Bom, Dan, se você está falando de arquitetônica e acabamento dentro de uma escrita, significa que a pesquisadora bakhtiniana está na ativa, certo?”

Ao ouvir a afirmação de Bia, voltei os olhos para Núbia e a encontrei me encarando. Abriu levemente um sorriso antes de dizer:

“Você tem razão, Bia. Porém, ainda não é hora de fazermos nossas considerações finais. E você sabe por que, não é, Dan?”

Apesar das intensas novidades com a minha ida para a direção da escola municipal, em muitos momentos me peguei pensando se as discussões que levantamos sobre as potencialidades anteriores eram suficientes para compreender por que o Projeto Sarau Odilon Corrêa propriamente dito era o que era: uma potencialidade em si mesmo.

Por mais que tivéssemos nos debruçado nas atividades com poesia e letra de música na sala de aula e a proposta de escrita autoral, na relevância do “estar lá fora” para os alunos, nos tipos de parceria que eu, Rafa e outros professores desenvolvemos ao longo daqueles anos, na presença da comunidade externa para acompanhar as apresentações e na minha constituição docente a partir do que fazíamos no Sarau... Por mais que já tivéssemos tratado dessas potencialidades, eu sentia que faltava algo ainda.

“Porque ainda precisamos nos debruçar no próprio Projeto Sarau, compreendendo-o como uma potencialidade completa, constituída pelo entrelace das outras potencialidades, já que as que discutimos só existem porque o Pro-je-to-Sa-rau existe.”

Materializar aquele sentimento com toda a ponderação que o passo de conclusão da tese merece foi libertador e, ao mesmo tempo, carregou-me de expectativas e interesses para aquela compreensão.

“Acho que estou entendendo o fio da meada que você e a Núbia estão propondo agora, Dan. Quando analisamos as potencialidades formativas anteriores, tratamo-las de forma, digamos assim, fragmentada, como se cada uma fosse separada de todo o Projeto. Agora é necessário enxergá-las dentro do Projeto em si.”

“Para além disso, Bia! É relevante agora que entrelacemos as compreensões daquelas potencialidades formativas ao Projeto Sarau, a fim de defender que o sarau na escola é uma prática de educação humanizadora!”

Senti a respiração suspensa por alguns segundos com a afirmação de Núbia. Ela falara firmemente, sem titubear a voz, nem vacilar o olhar para mim. Estava lançando ali a conceituação da potencialidade maior de um projeto de sarau na escola.

“Educação humanizadora! É... É isso que o desenvolvimento de um sarau que contemple a escrita de poesias autorais, o trabalho nos outros espaços além da sala de aula, as relações de parceria entre professores, a presença da comunidade externa e a constituição docente da Dan... É isso que o sarau é?”

“Veja, Bia... Quando você faz novamente essa sequência das potencialidades que tratamos no capítulo anterior, está apenas pensando nelas de forma separada ainda. A potencialidade de educação humanizadora que compreenderemos no sarau precisa de um olhar mais expansivo, para além...”

“Precisa entender, por exemplo, Bia, que o sarau na escola é um movimento instituinte, contrário ao instituído...”

“Espere... Nós encontramos essa discussão em Varani (2005) ...”

Entendi o que Bia queria trazer à tona. Varani (2005) trata de uma dicotomia perceptível no ambiente educacional, ao afirmar que “[...] há um conflito entre o que nos é possível nas lutas cotidianas e o plano político de encaminhamento deste cotidiano [...]” (p. 207) e afirma, então, considerando Lorau (1975), que “[...] o instituído é a ordem estabelecida, estado de fato, enquanto o instituinte são as condutas efervescentes,

revolucionárias dentro da instituição que levam a um novo modo do instituído [...]” (apud Varani, 2005, p. 209).

“O que a Bia quer destacar com essas afirmações, Dan, é que...”

“Espere, Núbia... Eu quero ir escrevendo enquanto discutimos...”

Sendo assim, o sarau na escola é um movimento instituinte, pois, dentro do cotidiano da escola, tornou-se resistência ao instituído, ou seja, às determinações das políticas públicas daquele período, materializadas, por exemplo, na simplificação ou ausência de conteúdos e habilidades relacionados à poesia nos Caderno do Professor e Caderno do Aluno⁷⁶ utilizados na época.

É necessário lembrar que Varani (2005) afirma que “[...] pensar num currículo em ação é pensar em um tempo não rigorosamente determinado e acreditar que há outros tempos e espaços, além dos institucionalizados/oficiais [...]” (p. 267).

Respirei fundo para tentar disfarçar meu receio com aquelas afirmações. Minha memória fora invadida com as lembranças da Gincana de Poesias, ou melhor, pelos motivos pelos quais eu escolhi organizar uma Gincana entre os alunos para eleger a melhor poesia. Percebendo minhas dúvidas – mais uma vez!! – Núbia analisou em voz alta.

“Realmente, Dan, a competitividade inerente à Gincana de Poesias dentro do Projeto Sarau Odilon Corrêa corrobora com as concepções neoliberais da avaliação, já que, segundo Bertagna (2006), é uma ‘prática que produz seletividade e controle’⁷⁷. Porém, vale lembrar também, que os envolvidos no Projeto, principalmente os alunos, romperam até com essa seletividade, a partir do momento em que, apesar da Gincana, apesar da premiação, todas as poesias apresentadas eram autorais. Então, continuemos a análise...”

Assim o Projeto Sarau realizado a cada ano foi exemplo de movimento instituinte resistente ao instituído, pois a continuidade do Projeto ao longo de sete anos, quatro deles apresentados nas colchas de retalhos de cartas nessa tese, faz com que ele se consolide como movimento de resistência, ao estriar o engessamento das práticas educacionais na escola em que foi realizado, inserindo-se no cotidiano da mesma e

⁷⁶ No período em que o Projeto Sarau foi desenvolvido, o currículo da rede estadual de educação era organizado em competências e habilidades distribuídas por bimestre para cada ano/série. O Caderno do Aluno e o Caderno do Professor, distribuídos para toda as escolas da rede, eram recortes mínimos desse currículo.

⁷⁷ Bertagna, 2006, p. 75.

fortalecendo-se a partir da consolidação das outras potencialidades apresentadas anteriormente.

“Então, também podemos argumentar que, sendo a educação humanizadora a potencialidade principal do sarau na escola, ao ser movimento instituinte, esse tipo de projeto também rompe com a concepção de educação bancária?”

Ao ouvir a pergunta de Bia, lembrei-me que no capítulo anterior já tínhamos começado a traçar a discussão sobre educação bancária, segundo Freire (1987). Ao mesmo tempo em que mexi na minha mesa para encontrar o exemplar de Pedagogia do Oprimido (Freire, 1987), vi que Núbia entregou à Bia o de Pedagogia da Autonomia (Freire, 1996).

“Veja bem, Dan... Se já quiser ir escrevendo...”

Em Pedagogia do Oprimido (1987), Freire caracteriza a educação bancária como aquela que “[...] em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos recebem pacientemente, memorizam e repetem [...]” (p. 33), de forma que “[...] não há criatividade, não há transformação, não há saber [...]” (p. 33).

De forma complementar, em Pedagogia da Autonomia (1996), o mesmo autor afirma que “[...] ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção [...]” (p. 24, grifos do autor) e que “[...] nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo [...]” (p. 29).

Sendo assim, a educação humanizadora é a principal potencialidade do sarau na escola, pois possibilita a construção de conhecimentos – sejam conceituais, ou relacionais – pelos sujeitos envolvidos, ou seja, alunos e professores, inclusive a própria professora de língua portuguesa.

“Aqui então, Dan, precisamos pensar nos saberes da juventude que se apresentam na constituição do Projeto Sarau!!”

“Você está compreendendo bem, Bia! Isso porque podemos perceber que a educação humanizadora entendida como potencialidade do sarau na escola, além de se caracterizar como movimento instituinte que rompe com a educação bancária, também se caracteriza pela participação ativa da juventude.”

“Importante lembrar que, segundo Silva (2022), ‘[...] as juventudes são construções marcadas por diferentes épocas e contextos históricos, das quais se obtém sentidos diversos, seja por atravessamentos de classe, raça, gênero etc. [...]’⁷⁸. ”

“Ademais, Dan, Dayrell (2003) também afirma que

“[...] Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimentos mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social [...]” (p. 40).

A escola onde o sarau se desenvolveu ao longo dos sete anos era constituída por uma juventude peculiar, pois esta era um conjunto de adolescentes que, conforme a afirmação anterior de Silva (2022), era marcado por uma época e por um contexto histórico comum, o bairro onde a maioria dos alunos moravam, a própria escola que frequentavam e os sete anos de sarau. Dentro do Projeto Sarau Odilon Corrêa, aquele agrupamento específico de juventude encontrou oportunidades de potencializar seus saberes, por meio da possibilidade de participação no desenvolvimento do Projeto.

“Quando Freire (1999) fala sobre participação, afirma que ‘[...] participar é bem mais do que, em certos finais de semana, oferecer a oportunidade de [...] fazer as obrigações do próprio Estado. Participar é discutir, é ter voz [...]’⁷⁹. ”

Sendo a educação humanizadora a potencialidade maior do sarau na escola, a participação da juventude que constituía especificamente a escola onde o mesmo se realizava encontrou no projeto as condições de ter voz ativa, de construir conhecimento a partir das várias atividades, ou melhor, das várias potencialidades compreendidas anteriormente.

Assim, os saberes da juventude, característicos da educação humanizadora no desenvolvimento do sarau na escola, estão intrinsecamente ligados às ideias de ator, de Hannah Arendt.

Arendt (2007, p. 191) afirma que “[...] sem o discurso, a ação deixaria de ser ação, pois não haveria ator; e o ator, o agente do ato, só é possível se for, ao mesmo tempo, o autor das palavras [...]”.

Concordando com Arendt (2007) que o ato é a ação, ou seja, o movimento novo, espontâneo, que recomeça, que renova, cada sarau era uma nova ação; cada poesia a ser

⁷⁸ Silva, 2022, p. 3.

⁷⁹ Freire, 1999, p. 127.

apresentada era uma nova ação; cada convidado que participasse era uma nova ação; etc. Em cada nova ação, os alunos, principalmente, ao encontrarem o espaço/tempo da escola aberto para a participação deles, assumiam-se sujeitos atores e autores do projeto sarau, porque assumiam-se agentes de cada ato relacionado ao sarau e, ao mesmo tempo, a autoria dele, ou seja, atuavam e escreviam o sarau “com a cara da juventude” daquele ano.

“Eu sei o que você está pensando, Dan, depois de escrever o que está acima... Está pensando até que ponto isso é verdade, se, muitas vezes, você, o Rafa e os outros professores, ou melhor, se a escola ‘dava’ muita coisa pronta para os alunos...”

“Se a dúvida da Dan é essa, Núbia, precisamos retomar Freire (2005), em que ele destaca que”

“[...] é preciso que a educação esteja [...] adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...]” (p. 45).

“Temos também Paro (2011), Bia, que, ao falar sobre a construção da autonomia na escola, pontua que a restrição desmedida nega a subjetividade dos sujeitos, o espontaneísmo das ações pedagógicas abandona o estudante à própria sorte, por isso a autonomia não nasce do nada, exige a mediação do educador, ao buscar a medida adequada de interferência sendo o educador o adulto⁸⁰. Então, Dan, diante da sua dúvida, pode escrever aí...”

Sendo assim, os professores e a escola, propriamente dita, durante o projeto sarau, exerciam o papel de mediadores da construção do conhecimento. Ao trazer o projeto sarau em seu projeto político pedagógico, a escola apresentava a predisposição a um movimento diferente ao longo daqueles dias, pois mudava a dinâmica de toda a instituição. Alunos fora da sala, pátio, quadra, refeitório e mesinhas ocupadas com decoração ou ensaios, músicas e poesias ainda desconhecidas dos adultos que ali estavam, comunidade externa chegando sem horário estipulado, eram situações que tornavam a mediação da instituição imprescindíveis.

Da mesma forma, apesar da “sora” Danubia, do “sor” Rafael e dos demais professores instituírem alguns combinados entre eles e entre os alunos – onde iam fazer, com quem iam fazer, que salas sairiam, quem ficaria sem chamar –, compreendiam que

⁸⁰ Paro, 2011, p. 200.

a escolha e a execução das atividades caberiam aos alunos. Apropriavam-se do papel de mediação, porque entendiam que, mesmo sem perceberem, os alunos não eram apenas o público do sarau, eram, principalmente, os atores e autores.

Portanto a potencialidade principal do projeto sarau na escola é a educação humanizadora porque se caracteriza como movimento instituinte que rompe com a educação bancária por meio do protagonismo da juventude, já que os sujeitos são atores e autores da construção e da reconstrução do conhecimento.

“Certo, até aqui, entendi... Mas, Dan e Núbia, enquanto conversávamos e escrevíamos, fiquei pensando... Por que educação humanizadora?”

7.1 Por que educação humanizadora?

Ajeitei melhor o corpo na cadeira da mesa do escritório e trouxe o notebook mais perto assim que ouvi a pergunta de Bia. Como em vários outros momentos, ela nos instigava a pensar mais sobre o que já parecia tão bem explicado. Ela continuou.

“Podemos dizer que, nesse momento, nossa principal referência teórica foi Paulo Freire, mas ele traz afirmações sobre ‘educação libertadora’, ‘educação emancipatória’... Por isso me pergunto: por que estamos construindo a concepção de educação humanizadora como a potencialidade principal do sarau na escola?”

“Sabe, Bia, Freire (1996) já afirmava que ‘[...] me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente [...]’⁸¹, acreditando na educabilidade do ser humano a partir do inacabamento, de forma que ‘[...] educar é substantivamente formar [...]’⁸². Sendo assim...

Tratamos aqui de educação humanizadora como potencialidade principal do sarau na escola, justamente, porque é um projeto que, para além dos conceitos de poesia e poema, de uma atividade ou outra fora da sala de aula, nos movia como gente, ao compreender que a escola, professores e alunos estavam ali num processo de formação humana.

Severino (2006), ao traçar um histórico das dimensões da educabilidade humana, aponta que, atualmente, “[...] a formação humana visada pela educação compreende-se como formação cultural [...]” (p. 619). Porém, quando destacamos a educação humanizadora como potencialidade formativa do sarau na escola, defendemos que a

⁸¹ Freire, 1996, p. 106.

⁸² Freire, 1996, p. 37.

dialogicidade e o inacabamento estruturam a formação humana no desenvolvimento de tal projeto.

“Achei aqui uma citação de Freire (1996), sobre o dialogicidade. Ouçam: ‘[...] a dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos [...] O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora, e não apassivada [...]’⁸³. Sendo assim...”

É possível compreender que a educação humanizadora que é potencialidade do sarau na escola constitui-se dialogicamente, haja vista que professora e alunos se abriam curiosamente ao que poderia acontecer a cada ano no desenrolar do projeto. A relação dialógica constituída no projeto sarau na escola, perceptível nas colchas de retalhos de cartas apresentadas em capítulo anterior, trazia consigo a consequente relação de interlocução entre professores e alunos, alunos e alunos e professores e professores, afetando-se pela palavra e pela ação, transformando, criando e recriando o mundo da escola em que o projeto se desenvolvia.

“E a educação é humanizadora porque, ainda conforme Freire (1996), ‘[...] onde há vida, há inacabamento. Mas só entre homens e mulheres o inacabamento se tornou consciente [...]’⁸⁴, e ‘[...] consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele [...]’⁸⁵.”

Quando traça as considerações sobre inacabamento, Freire (1996) também defende que, termos consciência da nossa presença no mundo implica a construção processual dessa presença. Ou seja, ao nos reconhecermos inacabados, inconclusos, “estamos sendo” presença no mundo do qual somos parte.

“Além de Freire, então, também podemos trazer Bakhtin, aqui, Dan!”

“Como assim, Núbia!”

Bakhtin (2010) afirma que é “[...] necessário assumir o ato não como fato contemplado ou teoricamente pensado do exterior, mas assumido do interior de sua responsabilidade [...]” (p. 65), de forma que é possível destacarmos a importância do sujeito responsável, sem alibis, para o desenvolvimento do Projeto Sarau.

“[...] Não tenho alibi na existência: ser na vida significa agir – eu não posso não agir, eu não posso não ser participante da vida real. E essa obrigação decorre de eu ser único e ocupar um lugar

⁸³ Freire, 1996, p. 96

⁸⁴ Freire, 1996, p. 55.

⁸⁵ Freire, 1996, p. 53.

único [...] tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca [...]" (Bakhtin, 2010, p. 154).

Sendo assim, e considerando as colchas de retalhos de cartas sobre o Projeto Sarau Odilon Corrêa, percebe-se que os sujeitos envolvidos com a realização dele assumiam, cada um a sua maneira, a responsabilidade pelo ato – evento único que eram as ações que culminavam com as apresentações, até porque, segundo Geraldi (2010), “[...] a responsabilidade se funde no *pensamento participativo* [...]” (p. 137, grifos do autor) e a participação de cada um no Projeto Sarau era singular e insubstituível.

Ao constituir sujeitos responsáveis, a educação humanizadora como potencialidade maior do Projeto Sarau na escola, também constitui sujeitos respondentes. Geraldi (2010), a partir de Bakhtin, defende que “[...] toda ação do sujeito é sempre uma resposta a uma compreensão de outra ação que provocará, por seu turno, novamente uma compreensão que sobre ela for construída pelo outro [...]” (p. 140).

Ao retomarmos as ações que faziam parte do Projeto Sarau, é possível perceber a complexa lógica de responsividade que os sujeitos compreenderam ao longo daqueles sete anos. Uma aluna sugere um sarau na escola; a professora de Língua Portuguesa responde procurando a direção; a direção responde confirmando a possibilidade de realização; o grupo de alunos responde participando ativamente; os professores respondem se envolvendo com diferentes tipos de parceria; a professora responde procurando uma forma de registro – as cartas; os alunos respondem escrevendo e questionando sobre a resposta; a professora responde respondendo as cartas; no ano seguinte, a escola responde ao oferecer nova oportunidade de realização do sarau; até que essa escrita também se torne respostas a tantas compreensões. Ou seja, “[...] o encadeamento infinito dá um sentido novo à unicidade do evento: único, mas não isolado [...]” (Geraldi, 2010, p. 140).

“Mas, Dan, isso não é muito complexo para os alunos compreenderem naquele momento do sarau?”

“Sim, Bia... Até para nós aqui nesse momento de discussão sobre a educação humanizadora como potencialidade principal do sarau na escola. Porém, vale lembrar que estamos fazendo essa análise distanciadas exotopicamente daquele tempo/espço, de forma que...”

Apesar de naquele tempo/espço de desenvolvimento do projeto sarau na escola a consciência do inacabamento da professora e dos alunos e da constituição de sujeitos

responsáveis e responsivos não fossem tão iminentes quanto agora, compreende-se que isso movimentava a instituição do projeto a cada ano, por dois motivos.

Primeiro porque, por mais que o cerne do projeto fosse o mesmo – e foi possível constatar isso pela lógica da escolha de retalhos de cartas para a elaboração das colchas apresentadas em capítulo anterior –, havia uma permanente busca dos alunos e dos professores por aquilo que seria diferente, não no sentido de espetacularização, e sim com a intenção de marcar a atuação, a responsabilidade e a responsividade de cada agrupamento protagonista daquele ano.

Segundo porque, ao propor a escrita de cartas de avaliação ao final do projeto, buscava-se materializar a compreensão do inacabamento, da responsabilidade e da responsividade dos sujeitos que estiveram envolvidos no sarau. Nelas, pontuava-se a visão crítica – ainda que tendenciosamente elogiosa – para defender a permanência daquele projeto que, no desenrolar de um mês ou menos, ajudava a traçar a continuidade das relações humanas e da educabilidade de alunos, professores e da própria escola.

“Portanto, a educação apresentada como potencialidade formativa principal do projeto na escola é humanizadora, porque, parafraseando Freire (1996), o que nos movia no sarau era gostarmos de gente, sendo gente.”

Enquanto escrevia a conclusão acima, também a li em voz alta, com entonação de quem estava realmente finalizando uma escrita. Ao levantar os olhos procurando Bia e Núbia, percebi que elas sorriam levemente com o canto dos lábios, mas os olhos estavam fechados, como um sinal de exaustão mental.

Quando me olharam, suspiraram profundamente...

“Dan... A tese está quase finalizada... Nos veremos em breve, mas esse é o começo da nossa despedida... Até logo!”

8. A última carta

A fala de Núbia ecoou em minha mente por algumas semanas, principalmente nos momentos em que tentei escrever sem a presença delas. Se elas estavam dispostas a se despedirem, eu precisava me esforçar para terminar a tese sem que elas estivessem juntas a mim. Foram várias tentativas em vão, até que num sábado de intenso calor, em que me encontrava em frente ao notebook com a cabeça entre as mãos e os braços apoiados na mesa, senti uma brisa leve trazendo vozes já tão minhas conhecidas.

Respirei aliviada ao vê-las entrando no escritório.

“Achei que não as veria mais!”

“Não iríamos embora sem nos despedirmos, Dan!”

Bia disse aquelas palavras com a voz melancolicamente desolada que até estranhei a ausência do riso fácil que dominava aquele rosto.

“Não se preocupe, Dan! Bia só está amadurecendo. Não há nada demais com ela. Vamos lá? Viemos aqui para nos despedirmos, mas antes você precisa finalizar a tese. É hora das lições aprendidas por você ao longo dessa escrita sobre as potencialidades formativas do sarau na escola.”

“Do sarau na escola Odilon Corrêa, não é, Núbia!”

“Sim, Dan... Daí a importância, conforme Lima, Geraldi e Lima (2015), das [...] lições que valham como conhecimentos produzidos a posteriori, resultando do embate entre a experiência e os estudos teóricos realizados após a experiência narrada [...]”⁸⁶. Agora é o momento de você apontar o que você aprendeu sobre o que você viveu.

“Sabem, quando li “O narrador”, de Benjamim, entre os dois tipos de narradores que ele destacava, sempre me vi na figura do narrador campesino, aquele que conta as experiências do lugar que vive, que tem os pés no chão e fala de si mesmo e daquele lugar porque conhece seus detalhes, seu dia a dia... Hoje, sendo gestora de uma escola municipal, não sei mais se sou camponesa ou marinheira...”

“Na verdade, Dan, ou melhor... Na verdade pravda das compreensões apresentadas aqui, você é uma pesquisadora-narradora artesã.”

“E, sendo você uma pesquisadora-narradora artesã que hoje assumi uma outra função na escola – a de gestora –, os conselhos que tecerá após as compreensões sobre as potencialidades formativas aqui apresentadas sobre a substância viva da

⁸⁶ Lima; Geraldi; Lima, 2015, p. 27.

s experiências que viveu nos saraus da escola Odilon Corrêa, ganharão contornos de sabedoria.⁸⁷”

“Só me preocupa agora como fazer a narrativa dessas lições, Bia...”

“Tem certeza que não sabe como fazer isso, Dan?”

Ao ouvir a pergunta de Núbia, percebi que mais uma vez ela parecia saber mais sobre mim do que eu mesma. Núbia antecipava o que eu mesma poderia fazer na escrita da tese.

“Uma carta... Uma carta para a escola Odilon Corrêa. A carta que não escrevi na despedida!”

“Comece, Dan! Apenas comece! Bia e eu estaremos por aqui enquanto for

Palmeira D'Oeste - SP, 30 de março de 2024.

Querida escola Odilon Corrêa,

Aqui é a “sora” Danubia. Ou melhor, aí eu fui a “sora” Danubia, professora de língua portuguesa. Talvez você não se lembre tanto de mim, pois já são três anos de distância. Foram muitas as minhas mudanças desde que saí daí, por isso acredito que você tenha passado por outras tantas também. Escrevo hoje para dizer que estou prestes a finalizar a minha tese sobre as potencialidades formativas do sarau que desenvolvemos aí ao longo de sete anos.

Sabe, foi um processo longo e intenso!

Inicialmente, pelo complexo exercício de memória. Foram sete anos de sarau, todos eles vívidos em minhas lembranças, tão vívidos que ao narrá-los me deparei com a primeira dificuldade: selecionar os fatos e as experiências que realmente importavam materializar aqui. Por isso optei por contar como fizemos o primeiro, desde a sugestão, feita por uma aluna, de realizarmos um sarau aí na escola, até a escolha da escrita de carta pessoal que os alunos me escreveriam para pontuar as impressões deles sobre o sarau. Na sequência, apesar de lembrar exatamente sobre cada um dos saraus seguintes, fui apresentando as mudanças mais significativas: a opção de realizar as atividades do Projeto Sarau com os alunos do período da manhã; a escrita de poesias autorais; os convites para os pais assistirem as apresentações; os parceiros de trabalho no Projeto Sarau; e o último deles, em 2019, no ano anterior à pandemia da Covid-19.

Depois, pela seleção de dados! Eram muitas cartas!! De 2013 a 2019, eu guardei todas as cartas que nossos alunos me mandaram ao final de cada sarau. Para essa tese, reli as 870 cartas, separei aquelas que apresentavam remetentes e, dentre essas, selecionei aquelas da 3ª série A e dos 9º anos dos anos de 2016 a 2019 para compreender quais as potencialidades formativas do Projeto Sarau. Ficaram 218 cartas e, então, veio a pergunta: como apresentá-las?

Se você ainda tem alguma lembrança de mim, Odilon Corrêa, talvez seja uma versão da minha dissertação de mestrado que deixei na sala de leitura em 2017. Nela eu discuto a constituição da intimidade e da autoria na escrita de diários pessoais na aula de língua portuguesa por meio das minhas memórias com as minhas avós artesãs. E foi esse o caminho que encontrei aqui na tese também: costurar colchas de retalhos de cartas, com retalhos, retalhinhos, retalhões alinhavados de forma coerente e coesa, de forma que cada colcha de retalho de carta se tornava um texto com diversas vozes de alunos falando sobre o mesmo contexto: o Projeto Sarau. Ah! Além das 14 colchas de retalhos de cartas, apresento também 4 cartas-resposta da “sora” Danubia que entreguei aos alunos em resposta às cartas deles para mim.

necessário...”

⁸⁷ Benjamin, 1994, p. 200.

Talvez você esteja se perguntando por que estou sendo tão detalhista nessa carta. Acredite, isso é só um pouco do que aprendi ao longo dessa escrita tendo como perspectiva a pesquisa narrativa. É que a busca da profundidade do contexto com textos é elemento essencial para uma pesquisa narrativa, afinal eu tenho sido uma pesquisadora que narra porque acredito que, na experiência dos saraus e da própria narrativa como criação que faço dessa pesquisa, existem lições a serem aprendidas por mim, sujeito da experiência.

É, Odilon Corrêa!! Eu cheguei finalmente ao meu objetivo principal quando comecei a escrever essa carta para você. Quero compartilhar contigo as potencialidades formativas do sarau na escola. Se aprendi o que aprendi, se compreendi o que compreendi sobre essa temática, foi porque fizemos juntos. Você merece saber as compreensões que o Projeto Sarau que compartilhamos me trouxe. Quem sabe, quando ler essa carta, essas compreensões digam muito sobre você, tanto quanto diz sobre mim, como professora-pesquisadora.

A primeira potencialidade trata da importância de propor e desenvolver atividades de escrita autoral. Ao longo dos meus anos como professora de língua portuguesa, uma das dificuldades mais evidentes que percebia nos alunos era a de escrever com palavras próprias, ou seja, tornarem-se donos de seus dizeres, autores, enfim, como diz Bakhtin (2011)! Na escrita de poesias autorais apresentadas nos saraus, os alunos escreviam sobre o mundo, ao mesmo tempo em que aprendiam a se inscrever nele de forma consciente.

Hoje percebo que, naquele movimento de escrita de poesias e apresentação das mesmas que fazíamos nos saraus daí, a “sora” Danubia tornava-se mediadora da escrita – revisava, apontava a quebra de um verso para outro, fazendo o possível para que a escrita fosse do aluno-autor. E, no dia das apresentações, adotava uma postura de espectadora, afinal, chegamos a um ponto que todas as poesias declamadas no Sarau eram dos nossos alunos. Que barreira vencemos com escrita autoral no sarau!!!

A segunda potencialidade está relacionada a um espaço que sempre me marcou aí. Lembro tão bem das nossas mesinhas de cimento, embaixo de pés de sete-copas e sibipurunas, onde os alunos se reuniam durante o sarau para ensaiar, para fazer as decorações. Na verdade, nós ocupávamos muitos espaços externos às salas de aula, de uma forma que esses tempos/espacos ganhavam significados diferentes para eles e nos ajudavam a perceber as relações que eles – adolescentes – estabeleciam com a própria escola. Hoje compreendo que “estar lá fora”, tanto para os alunos, quanto para mim, era sinônimo de rompimento com a “educação bancária” (Freire, 1987, 1996) das aulas de língua portuguesa e estabelecimento de vínculos de amizade, criatividade e liberdade entre eles e a “sora” Danubia.

E já que falei de vínculos de amizade... Ah! Odilon Corrêa!! Quantos amigos eu fiz aí!! Entretanto, sei que muito mais que amigos, tive parceiros. Preciso dizer que ao tratar das parcerias, foi difícil não me atentar às relações de amizade, e sim às parcerias de trabalho e aos trabalhos de parceria. Cassão (2019) foi quem me ajudou a compreender a diferença entre as duas concepções, e eu, só agora, assumindo o papel de pesquisadora, assenti que, para que o Projeto Sarau acontecesse, nós precisávamos dos dois tipos – daqueles que se envolviam, se corresponsabilizavam, como era minha relação de parceria com o Rafa, “sor” de Arte; e daqueles que estavam ali para ceder uma aula para o ensaio, para fazer uma apresentação com um aluno mais tímido, ou outro pequeno gesto de aceitação do Projeto.

Eu espero, Odilon Corrêa, que você não tenha entendido as minhas últimas colocações com tristeza e pesar por não termos estabelecido uma ampla corrente de parceiros de trabalho aí, porque não era essa minha intenção, afinal, tenho entendido – com muito custo, assumo! – que o Projeto Sarau, apesar da importância que tinha para nós e para os alunos, não abarcava todos os professores.

Da mesma forma, não chegava a todos os pais, ou melhor, a toda a comunidade externa. Quando apresento as considerações sobre os convites que enviávamos à comunidade da escola, afirmo que dela fazem parte pais, ou outros membros da família dos alunos que apresentariam no dia do Sarau, e alunos egressos ou do período noturno, que já tinham vivido “o Projeto Sarau”. Apesar da pouca presença, nós oportunizávamos uma situação de encontro (Bezerra *et al.*, 2010) entre a comunidade e a escola para que estivessem juntos no “fazimento cultural da localidade” (Lacerda, 2019), característico do Projeto Sarau.

Sei que a carta está ficando longa, Odilon Corrêa, mas, por favor, tenha paciência comigo agora, tanto quanto tivestes no primeiro ano em que cheguei aí, quando era uma professora quase-iniciante, vinda de uma cidade pequena para lidar com seus “lobos”, muito mais sedentos de atenção, do que de sangue! Falarei agora de mim mesma, da “sora” Danubia, aquela que se inseriu no seu mundo, Odilon Corrêa, por meio de palavras e atos.

Estar aí, desenvolvendo o Projeto Sarau por tantos anos, fez com que “estar sendo” (Freire, 1996) junto aos alunos, me ajudasse a compreender a relevância e a permanência deles na minha constituição de sujeito docente. Foi “sendo” docente junto a ti, que percebi e aceitei o meu inacabamento (Freire, 1996) a partir da relação que estabeleci com tantos outros, ou seja, com a alteridade (Bakhtin, 2003).

Outro aspecto que ressalto para mim é a intensa necessidade de responder a quem estava comigo que me movia ao longo das atividades do Projeto Sarau, ou de qualquer que fosse minha ação docente, sem alibis, sem desculpas, porque sempre concordei com Freire (1987) quando afirma que não se pode dizer uma coisa e fazer outra, para que não se quebre os vínculos de confiança.

E todas essas potencialidades, Odilon Corrêa, me levaram a uma maior. A principal potencialidade formativa do sarau na escola é a educação humanizadora, porque se caracteriza como movimento instituinte (Varani, 2005) que rompe com a educação bancária (Freire, 1987; 1996) por meio dos saberes da juventude, já que os sujeitos são atores da construção e da reconstrução do conhecimento. Ademais, a educação humanizadora é a principal potencialidade do Projeto Sarau que desenvolvemos aí porque, sendo sujeitos enquanto “estávamos sendo”, percebíamos o nosso inacabamento e a nossa responsabilidade responsiva diante do que nos acontecia ao longo do projeto.

Talvez você não se lembre, mas eu era a “sora” chorona da escola. E é exatamente assim que estou nesse momento. Ao mesmo tempo, consigo raciocinar o suficiente para compreender que os motivos desse choro: saudades e expectativa.

Lembro que quando me reuni pela primeira vez com a minha orientadora após o ingresso no doutorado, eu comentei com ela que tivesse um pouco de paciência comigo, pois eu tinha a intuição de que finalizaria a tese distante do tempo/espço em que o Projeto Sarau se desenvolvera. Era começo de 2020 e eu já sabia que algumas mudanças estavam prestes a acontecer na minha vida. Estar longe de você durante a maior parte dessa escrita foi um intenso movimento exotópico.

Ao mesmo tempo que, em muitas situações, eu parava para reler algumas cartas, que buscava ouvir algumas músicas que me lembravam o Sarau, ou que simplesmente mandava ou recebia mensagens do Rafa dizendo “que saudades de trabalhar com você”, ou seja, retomava as minhas memórias de passado (Benjamin, 2003), eu precisava me encontrar como sujeito docente que acredita no inacabamento, na alteridade, na responsabilidade responsiva, enfim, que acredita na educação humanizadora, estando numa escola muito diferente do que você era quando eu estava aí.

Enquanto estive numa escola do Programa de Ensino Integral - PEI, postulado pelo atual governo do Estado de São Paulo, me agarrei à responsividade dos meus alunos quanto ao meu trabalho, principalmente daqueles que escolheram seguir a carreira docente porque “tiveram aula com a professora Danubia”. Durante a institucionalização de tantas plataformas digitais, fui achando brechas fronteiriças para desenvolver a escrita de diários com meus tutorandos, para propor um festival de teatro a partir dos contos de Machado de Assis, para até mesmo “fazer um sarau” com os demais professores da área de Linguagens.

Ainda que, todo domingo, enquanto preparava minhas aulas, tentasse avivar em mim a memória de futuro (Bakhtin, 2010) para o meu fazer docente daquela semana, sentia-me esgotada diante das adversidades que encontrei nos dois últimos anos no Programa de Ensino Integral. Foi por isso que, ao ser chamada para ingressar como diretora da escola municipal da minha cidade natal, escolhi me constituir gestora a partir desse ano.

Agora, vivo outros conflitos que me causam muitas expectativas. Constantemente, converso comigo mesma para acalmar minhas angústias sobre “estar sendo” diretora iniciante. Quais vínculos vou estabelecer? Que relações de parceria os professores já têm instituídas? De que forma posso contribuir com o que tenho pesquisado? Que propostas de escritas autorais são desenvolvidas nessa escola? Ainda são muitas as perguntas e poucas as respostas. Por enquanto!

Admito que preciso pesquisar para “conhecer o que ainda não conheço”, como diria Freire (1996, p. 32), afinal estive muito mais tempo na rede estadual como professora e, sem alibis, pretendo que a educação humanizadora, que aqui defendo como potencialidade formativa do sarau na escola, possa ser potencialidade da gestão escolar numa escola de Ensino Fundamental – Anos Iniciais de uma cidade pequena onde, atualmente, “estou sendo” diretora.

Algumas vezes cheguei a pensar que eu deveria ter escrito essa carta quando nos despedimos, no final do ano de 2021. Porém, ao revisá-la antes de me despedir, compreendo que, naquela época, eu teria as potencialidades razoavelmente traçadas, mas sem o aprofundamento necessário para compreendê-las.

Fico por aqui, Odilon Corrêa! Obrigada pela nossa relação alteritária! Obrigada pelas diferentes parcerias! Obrigada por me dar oportunidades de autoria! Obrigada por me compreender inacabada! Obrigada pelo meu mover no mundo de gente!!

Forte abraço,

Danubia

8.1 O plano da autora-criadora

Assim que terminei de escrever a carta à escola Odilon Corrêa, levantei os olhos para Núbia e Bia e percebi que elas se entreolhavam significativamente. Tinham perto de si, alguns textos impressos de Geraldi (2010, 2013) e o meu exemplar de “Estética da criação verbal”, de Bakhtin (2011).

*“Dan... Bia e eu precisamos ir, mas você **precisa** nos deixar ir...”*

“Como assim, Núbia?”

“Ouça, Dan! Núbia e eu separamos alguns trechos de Geraldi (2010, 2013) e Bakhtin (2011) que podem te ajudar nesse momento.”

De forma intercalada, ela foram lendo os trechos escolhidos anteriormente:

“[...] A consciência do autor é a consciência da consciência, isto é, a consciência que abrange a consciência e o mundo da personagem [...] O autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas [...] e nesse excedente de visão e conhecimento do autor, sempre determinado e estável em relação a cada personagem, é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo [...]” (Bakhtin, 2011, p. 11).

“[...] em realidade, também se cria o objeto no processo de criação, criam-se o próprio poeta, a sua visão de mundo, os meios de expressão [...]” (Bakhtin, 2011, p. 236).

“[...] na narrativa, o acabamento da história está no plano de seu criador [...] A obra terá o acabamento que lhe der seu criador [...]” (Geraldi, p. 19).

Respirei fundo entendendo a importância daquele momento. Bia e Núbia me acompanharam desde o início da narrativa, foram personagens tão carregadas de sentido que era difícil me desvencilhar delas. Mais uma vez Núbia pareceu ouvir meus pensamentos.

“Você sabe por que estivemos tão próximas de você, Dan?”

“Sei sim, Núbia... Você e Bia são partes de mim. Comecei a compreender cada uma como parte de mim enquanto escrevia a carta para a escola Odilon Corrêa. Bia, com seu sorriso contagiante, de quem acreditará sempre na educação, é a parte da professora Danubia que ainda persiste em fazer o que tem que ser feito, independente dos outros. Por outro lado, Núbia é a aquela faceta que, devido aos descasos das políticas públicas, aprendeu a ser mais ponderada na fala, mais observadora de atitudes. Por outro lado, vocês também são as minhas facetas de pesquisadora. Bia, a

que ainda inventa, que cria, que se atualiza. Núbia, a que analisa, que carrega a sabedoria dos conselhos das palavras alheias, seja de quem chegou pelo grande tempo, como o próprio Bakhtin, seja de quem ainda está por aqui, como a Chalh. Núbia e Bia... vocês são a própria DaNuBia!”

Assim que conclui minha fala, elas desvaneceram-se lentamente. Foram meu plano de criação dessa obra, construindo “com” a professora-pesquisadora as potencialidades formativas do sarau na escola, mas agora, quem encerra toda a obra, esteticamente acabada, sou eu, Danubia, a autora-criadora.

Fim

Referências

- ARAÚJO, J. M. P. **O desafio pedagógico de formar leitores: análise do Projeto “Sarau Literário”**. 2017. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2017.
- ARAÚJO, J. M. P; TASSONI, E. C. M. Os desafios para a formação de alunos leitores: a análise de uma experiência na escola. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v. 36, n. 73, p. 155-171, 2018.
- ARENDT, H. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERTAGNA, R. H. Avaliação escolar: pressupostos conceituais. In MEYER, J. F. C. A.; BERTAGNA, R. H. **O ensino, a ciência e o cotidiano**. Campinas: Editora Alínea, 2006.
- BEZERRA, M. D; GOMES, R. H. S. F. Sarau do João Cabral: abordando identidade e diferença através das artes na escola. **LAV – Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais**, Santa Maria, vol. 12, n. 2, p. 231 – 250, mai./ago, 2019.
- BEZERRA *et al.* Comunidade e escola: reflexões sobre uma integração necessária. **Educar**. Curitiba, n. 37, p. 279-291, maio/ago, 2010.
- BRANDE, C. A. **Professores em período de inserção na carreira: contribuições de uma proposta de acompanhamento**. 2021. 222 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, 2021.
- BRANDE, C. A.; CHALUH, L. N. A dialogia no processo de escrita: pesquisa, criação e literaturização. In: CHALUH, L. N. *et. al.* (org). **Modos de fazer pesquisa narrativa: aproximando vida e cultura**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.
- CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- CARVALHO, A. P. T. **Adolescência(s) – apropriação e usos de espaços/tempos escolares externos aos espaços/tempos de sala de aula: um estudo de caso em uma escola pública da Rede Municipal de Contagem/MG**. 2008. 210f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, 2008.

CASSÃO, P. A. **Trabalho de parceria**: encontros, palavras, experiência e alteridade nos tempos da formação docente. 2019. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, 2019.

CHALUH, L. N. Futuros professores: um processo coletivo de formação. *In*: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso [GEGe]. **Questões de cultura e contemporaneidade: o olhar oblíquo de Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 161-174.

CHALUH, L. N. **Formação e alteridade: pesquisa na e com a escola**. 2008. [s.n]. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2008.

CHALUH, L. N. *et. al.* (org). **Modos de fazer pesquisa narrativa: aproximando vida e cultura**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

DAYRELL, J. Juventude e escola. **Juventude e escolarização**. Série Estado do conhecimento. P. 67-93. 2003.

EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V (orgs). **Escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FIALHO, A. D. **Ensino-aprendizagem de dança na escola**: construindo significados e espaços. 2016. 89f.:il. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P; **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. *In*: GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO – GEGe – UFSCar. **Palavras e contrapalavras**: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

GERALDI, J. W. Bakhtin tudo ou nada diz aos educadores: os educadores podem dizer muito com Bakhtin. *In*: FREITAS, M. T. (org). **Educação, arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONÇALVES, A. S. Reflexões sobre educação integral e escola de tempo integral. **Cadernos Cenpec**. n. 2, p. 129-135, 2006.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 2003.

LACERDA, N. A. R. **O sarau como experiência de diálogo entre comunidade escola: fazendo arte, clube da leitura e quintal de brincadeiras**. 2016. 90f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNISAL, São Paulo, 2009.

LAJOLO, M. **Meus alunos não gostam de ler: o que eu faço?** Campinas: CEFIEL, Unicamp/MEC, 2005.

LIMA, M. E. C. C.; GERALDI, C. M. G.; GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em Educação. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 31, n. 01, p. 17-44, Jan-Mar. 2015. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0102-4698130280>. Acesso em 01 de julho de 2022.

MIOTELLO, V.; MOURA, M. I. Alargando os limites da Identidade. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso - GEGe/UFSCar. (Org.). **IV Círculo - Rodas de conversa Bakhtiniana: nosso ato responsável**. 1ªed.São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2012, v. 1, p. 555-556.

MOURA, L. C. N. **Formação como escritura: um estudo bakhtiniano com coletivos de professoras**. 2021. 215 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

NETO, L. G. S; CORREIO, A. W. S. L; OLIVEIRA, M. G; NEVES, R. F. Estágio curricular interprofissional: uma proposta de sequência didática na educação em saúde. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 421-433, jan./jun, 2019.

PERES, D. F. Z. **Diários pessoais na aula de Língua Portuguesa: artesanato com a constituição da autoria e da intimidade**. 2017. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, 2017.

PERES, D. F. Z; CHALUH, L. N. Atravessamentos do paradigma indiciário no processo de escrita da pesquisa. In: CHALUH, L. N. *et. al.* (org). **Modos de fazer pesquisa narrativa: aproximando vida e cultura**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

PESSOA, L. G; TEIXEIRA, G. L. B; MUNIZ, A. D. A. Sarau: a arte como processo da construção identitária do adolescente. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 5, n. 4, p. 4066-4077, apr, 2019.

RIBEIRO, E. L. L; OLIVEIRA, S. F. P. Pedagogia de projetos no ensino interdisciplinar de linguagens e arte: o caso do Sarau do Curso de Letras do Uni-FACEF. **Revista Eletrônica de Letras (Online)**, v.10 , n.1, edição 10, jan-dez, 2017.

SILVA, E. T. **Letramento literário, EJA e poetas na escola: fruição e conhecimento que ultrapassam os limites da sala de aula**. 2017. 168f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural de Pernambuco, Garanhuns, 2017.

SILVA, M. W. **Ciência e poesia**: uma abordagem na formação inicial de professores de física. 2018. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

SILVA, F. K. R. S. Protagonismo juvenil na gestão democrática da escola: reflexões e possibilidades. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-12, 2022

SILVEIRA, M. C.; HORN, M. G. S. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Grupo A, 2008.

SOARES, L. F; CANDA, C. N; OLIVEIRA, O. A. M. Arte, interdisciplinaridade e infância: experiências estéticas, artísticas e brincantes no sarau Toda Criança é um Poema. **Revista entreideias**, Salvador, v. 8, n. 2, p.211-232, maio/ago, 2019.

TENINNA, L. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. **Estudos Literários Brasileiros Contemporâneos**. Brasília, n. 42, jul./dez. 2013. P11-12.

VARANI, A. **Da constituição do trabalho docente coletivo**: re-existência docente na descontinuidade de políticas educacionais. 2005. [s.n]. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas. 2005.

VENTURA, F. C. **Literatura infantil e juvenil na escola**: encontros e encantos. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, 2016.

VIEIRA, A. (coord.) **Currículo do Estado de São Paulo**: Linguagens, códigos e suas tecnologias/Secretaria de Estado da Educação. 2. ed. São Paulo: SE, 2011.

VILANOVA, M. S. **A experiência estética literária no Ensino Fundamental pela prática do Sarau Literário**. 2018. 104f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2018.

WEINHEIMER, G. **Rastros de governamentalidade e contraconduta neoliberais na escola pública contemporânea**. 2019. 176f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

XAVIER, R. S. S. **Sarau poético**: caminhos para uma experiência teatral. 2018. 130f.:il. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

Anexos

Carta completa de Ana, da 3ª série A, de 2016

Rio Claro, 31 de agosto de 2016.

Dona Danubia,

Só de pensar que essa será a última carta avaliativa sobre o Sarau, já me dá um enorme aperto no coração. Pra quem acompanha o Sarau desde sua primeira edição, sabe como e quanto progrediu, sabe como sua mente é bem criativa e organizada, também sabe o trabalho que dá toda essa criatividade.

Porém, creio que foi um dos melhores em critérios de apresentação, com grande número de poesias e músicas. Em critérios de decoração, achei fofo, mas não superou a decoração do ano passado que pegou todo o corredor, porém despertou em mim o desejo de querer realizar meus sonhos verdadeiros.

Fui bem participativa, nesse sarau, fiz o que sempre planejei fazer desde o primeiro sarau que foi dançar. Também cantei, algo que jamais imaginei fazer na frente de tanta gente.

Apesar de não ter tido a nossa homenagem com direito a textão, Deus sabe o quanto agradeço por ter uma professora igual a você, amiga, conselheira, quase uma mãe para seus alunos. Você sabe o carinho que tenho por ti e o quanto quero continuar essa amizade e fortalecer esse laço, assim como está se fortalecendo com o Rafael!!

Bom, finalizo aqui porque se não vou acabar chorando dentro da sala.

Um grande abraço e um beijão, dona! rsrs

Ana

Carta completa de Apolo, da 3ª série A, de 2016

Rio Claro/SP, 31/08/2016.

Olá, professora Danubia! Para mim, o sarau é um grande projeto, muito bom e inovador, nele podemos ter um momento diferente dentro da escola e mostrar nossos talentos e até descobrir o que sabemos fazer e não sabíamos, importante para expandir os conceitos escolares além da sala.

Minha participação no sarau foi legal, fiz apresentações musicais e leitura de poema, além de participar do teatro, que foi inovador, que me ajudou muito para desenvolver melhor o lado artístico que tenho.

A professora Danubia foi a parte mais importante existente dentro do sarau, com sua criatividade e inovação para criar diferentes temas do projeto e colocar todos os nossos sonhos e dela para fora, assim nos fazendo realizados. Além de ser uma pessoa gentil e doce com todos os que ajudam durante o projeto, dedicando horas e horas do seu tempo para nos fazer mais felizes e satisfeitos com todo o trabalho feito.

Não tenho muito a citar de negativo do projeto, pois nos faz interagir uns com os outros, além de nos juntarmos por uma única causa. Já de positivo, quase tudo, pois esse é o melhor projeto que já dentro de uma escola. A única sugestão que tenho a dar é que esse projeto seja sempre levado à frente.

E assim, depois de dois anos dentro da escola participando do sarau e tendo aulas com, além de uma professora, uma amiga e uma pessoa que aprendi a gostar muito, com seus choros de emoção durante as aulas de poesia e, principalmente, durante o sarau, com esse sorriso encantador e meigo, a professora que mais me conquistou. Obrigado, professora Danubia, por ter sido essa grande professora e amiga, e que nossa amizade não acabe com o final do terceiro ano, pois não ganhei só mais uma professora, mas uma amiga.

Apolo

Carta completa de Newton, da 3ª série A, de 2016

Rio Claro, 06 de outubro de 2016.

Professora Danubia,

O sarau deste ano foi bem legal. Teve muitas apresentações, comparado aos outros, além de participantes externos. Eu participei fazendo as flores que decoraram o cenário. Houve alguns problemas com o som e a homenagem aos professores que não saiu como esperávamos, mas imprevistos acontecem. Obrigado por se importar e organizar esse evento tão bom na nossa escola.

Até mais,

Newton

Carta completa de Matias, da 3ª série A, de 2016

Rio Claro, 05 de outubro de 2016.

Professora Danubia,

Hoje vim contar sobre o sarau, o evento desenvolvido pelos alunos da escola Odilon Corrêa. Eu ajudei com a organização do cenário (flores). Uma das apresentações que eu mais gostei foi o teatro, e também das poesias.

O evento foi planejado para trazer experiência novas, aprendendo com os conhecimentos adquiridos pelos professores e alunos.

Pena que este é o último ano que eu pude participar, as apresentações que pude observar levarei para o resto da minha vida. Muitas risadas, brincadeiras, para podermos nos divertir.

Um dos aspectos negativos foi a conversa paralela entre as apresentações, fora isso, tudo correu bem.

Agradeço desde já por proporcionar esses eventos.

Um abraço de seu aluno

Matias

Carta completa de Paula, da 3ª série A, de 2016

Rio Claro, 7 de outubro de 2016.

Sra. Peres,

O sarau deste ano foi muito interessante, não apenas por ser meu último sarau, mas também pelo tema – sonhos. As apresentações foram muito legais e a preparação muito interativa, participei da produção de flores e cartazes que decoraram o cenário da escola.

Agradeço pela dedicação e esforço que a “sora” dá para esse “movimento cultural” tão importante para nossa escola.

Hasta la vista, baby!

Paula

Carta completa de Moisés, da 3ª série A, de 2016

Rio Claro – SP. 31/08/2016.

Olá, “sora”! Pra mim, o sarau é um ótimo projeto, ele estimula os alunos a mostrarem seus dons. Esse projeto também faz com que os alunos ajudem na preparação, confeccionando todos os materiais presentes no sarau.

Minha participação no sarau é apenas na parte de ajudar com os materiais ou fazendo cartazes.

Ah! É o que dizer da grande criadora do Sarau!! “Sora”, não tenho nem palavras para dizer o quanto você é importante para o sarau e para todos os alunos. Nunca vi uma professora se esforçar tanto por um projeto, você organiza e pensa em tudo e cuida para que tudo saia o mais perfeito possível, e na hora do sarau mesmo não tem nem o que falar, parece apresentadora mesmo. E para resumir e te avaliar, parabéns, você é a melhor.

E por fim me despeço do melhor projeto escolar que já vi e da melhor professora de português que tive.

Moisés

Carta completa de Eva, da 3ª série A, de 2016

Rio Claro, 5 de setembro de 2016.

Professora Danubia,

O que posso dizer do meu último sarau? Nem sei por onde começar, bom acho melhor eu começar do começo: a preparação.

Foi muito bom ficar várias aulas para fora da sala, apesar de ter que colocar o caderno em ordem. Na verdade, esse ano, nem participei tanto da preparação, mas cortei vários papelões e, claro que como uma pessoa responsável fiquei tomando conta da sala de informática algumas vezes. Obrigada por me fazer me sentir um pouco útil. Foram várias risadas ao longo das preparações, principalmente com o pessoal do teatro, era muito engraçado.

O sarau propriamente dito foi muito bom, ao contrário do ano passado, acho que o pessoal colaborou bastante. No geral, todas as apresentações foram boas, o pessoal estava bem preparado. O que foi o “sor” Alessandro cantando? Sem palavras!! A apresentação das bailarinas também foi muito legal, ver aqueles meninos vestidos de legging e tule foi muito engraçado. Mas, na minha opinião, a melhor parte é sempre a que você chora! A penúltima apresentação foi a mais linda de todas, aquela menina te homenageando... Espero que tenha gostado! Sabe o que ela me disse? Que ela te ama muito!!

Mas quer saber? Não quero e não vou me despedir de você!! Te amo demais para isso! O que posso dizer com toda certeza do mundo é que vou sentir muito a tua falta quando terminar o ano. Vou sentir falta do seu riso e de suas lágrimas, de meus desabafos, de minhas confusões com apenas algumas palavras. Acho que vou sentir falta até dos seus trabalhos complexos, com formatações universitárias. E claro, vou sentir falta do Sarau... Por um lado me orgulho muito de mim, por ter abraçado o projeto desde o primeiro, de ter feito várias apresentações, de ter participado de todas as edições! Me orgulho também de você, de você ter trazido esse projeto maravilhoso para nossa escola. Sem você, nossa escola com certeza seria bem diferente.

Já falei demais, como sempre... Mas só mais uma sugestão: ano que vem não deixa a Adriana no som não rsrs. Ano que vem mando recado pela minha irmã para te lembrar. Acabei me despedindo!!

Vou terminando por aqui! Beijos de sua aluna querida, linda e preferida, claro!!

Eva

Carta completa de Lana, da 3ª série A, de 2016

01-09-2016

Prof,

Já esperava algo fabuloso no sarau como foi ano passado, no meu primeiro sarau. Mas não é à toa que saiu tudo perfeito, graças à professora Danubia.

Só mesmo essa professora cheia de ideias fabulosas como a Alice no seu mundo de maravilhas para fazer esse mundo de sonhos no mundo real.

Apesar da minha antiga escola ter sarau, não chegava nessa magnitude. Ver todos os alunos se empenhando para realizar aquele festival foi inspirador. Dava vontade de participar de tudo!!

É triste saber que esse foi meu último sarau, amei o que vi, foi mágico.

Não sou muito boa em falar o que sinto, mas foi dividido adequadamente, não foi tão cansativo, quanto da última vez e teve ótimos poemas. Ainda mais que músicas, diferente do ano passado que teve tão poucos poemas na minha opinião.

Gostaria muito de participar de outros saraus, eu e a Livia poderíamos fazer um especial!!

Confesso que não gosto muito de alguns alunos, mas gosto da forma com eles tratam com seriedade esse projeto tão perfeito.

Continue assim, com esses sonhos loucos e essas ideias mirabolantes, porque torna esse dia especial para todos os alunos.

Então, tudo o que tenho pra dizer a você é: Muito obrigada!!

By Lana!!

Figura 4 – Esquema organizativo sobre “o que é sarau” nos artigos

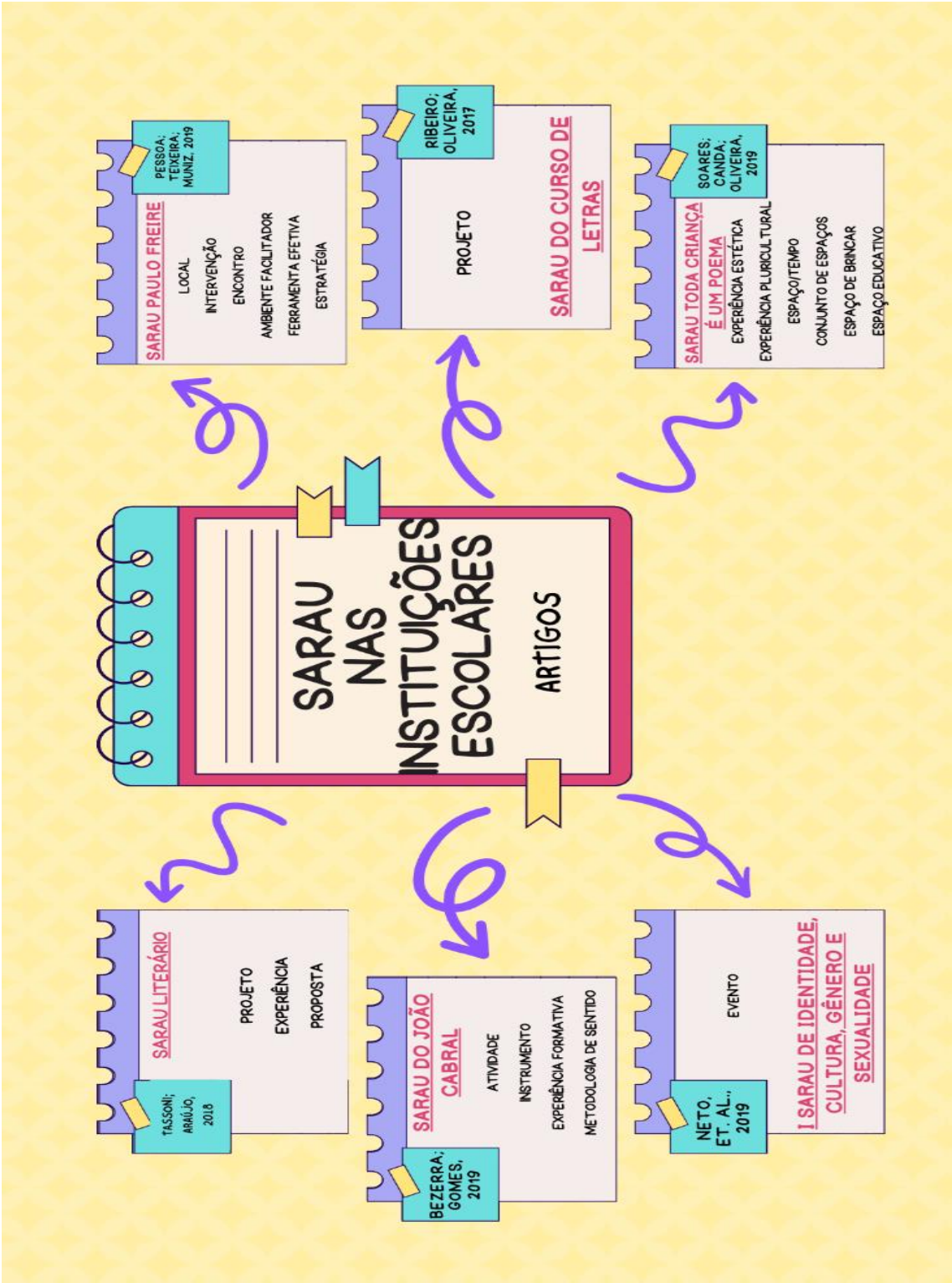


Figura 5 – Esquema organizativo sobre “o que é sarau” nas teses e dissertações

